

A stylized illustration of a person's profile, facing right. The person has dark skin and is wearing a red garment. They are adorned with multiple strands of beaded jewelry, including blue, white, and orange beads. The background is a solid blue color.

**ADRIENNE
BENSON**

**O SOL
MAIS
BRILHANTE**





**ESTA EDIÇÃO FOI FEITA COM CARINHO
PELA TAG PARA SEUS ASSOCIADOS.**

ADRIENNE BENSON

O SOL MAIS BRILHANTE

TRADUÇÃO
Elisa Nazarian



RIO DE JANEIRO, 2020

Copyright © 2018 por Adrienne Benson
All rights reserved.

Título original: *The Brightest Sun*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Copidesque: *Thaís Lima*

Revisão: *Marcela Ramos e Thaís Carvas*

Capa: *TAG – Experiências Literárias*

Diagramação: *Abreu's System*

TAG – Experiências Literárias

Bruno Miguell Mesquita

Gabriela Heberle

Paula Hentges

Produção de ebook: [S2 Books](#)

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

B418s

Benson, Adrienne

O sol mais brilhante / Adrienne Benson; tradução Elisa Nazarian. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020.

320 p.

Tradução de: *The brightest sun*

ISBN 9786555110173

1. Ficção americana. I. Nazarian, Elisa. II. Título.

20-62928

CDD: 813
CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza – Bibliotecária CRB-7/6439

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

www.harpercollins.com.br

Meus pais, que abriram o mundo para mim a fim de que as histórias pudessem jorrar. Meu irmão, que, de certa forma, fez com que todas elas parecessem divertidas. E as TCKs, crianças que existem em todo lugar, criadas em uma cultura que não lhes é inata, e que crescem livres nos espaços intermediários. Este livro é para vocês.

Sumário

Capa

Folha de rosto

Créditos

Dedicatória

Parte I

De uma tribo diferente

Uma mulher igual a uma região selvagem

Água em um lugar seco

Narok

Juju

Deus é a chuva, Deus é o céu

Os filhos se tornam eles mesmos

Solai Valley.

As crianças são a lua clara

O baobá em solai

Parte II

Hamsá

Correnteza

Nakuru

A floresta da criança perdida

Jacarandá

Búfalo

Menina no formato da África

Parte III

A esposa de Moffat

Uma zebra leva suas listras para onde quer que vá

Cativeiro

Um pai descoberto

Por trás do livro: como a nostalgia deu vida a o sol mais
brilhante

Agradecimentos







PARTE I

DE UMA TRIBO DIFERENTE

UMA DAS VELHAS MULHERES CORTOU O CORDÃO UMBILICAL E PASSOU o corpo minúsculo, escorregadio e quente para os braços de Leona. A sensação de segurar o bebê não foi natural; de certo modo, ele parecia pequeno demais, quase sem peso. Leona virou de lado com cuidado, e o acomodou junto a ela. As mãos se abriram e se esticaram no ar turvo. Partículas de poeira flutuavam no fecho de luz que entrava por uma janela do tamanho da palma da sua mão, cortada na parede de barro. Leona observou a poeira rodopiar. Desejou uma janela maior. Ansiou por luz e ar. Pela primeira vez nos quase doze meses em que estava no Quênia, desejou coisas deixadas em casa, nos Estados Unidos. Quis lençóis limpos e superfícies brilhantes, enfermeiras com sapatos adequados e o conforto da aparelhagem hospitalar zumbindo, estalando e gotejando à sua volta. Por um minuto, chegou a querer a própria mãe.

O corpinho se retorceu ao seu lado e um *staccato*, como o balido de um cabrito recém-nascido, se fez ouvir. Foi um som tênue, hesitante, uma tentativa de resultado incerto. Os lábios minúsculos se contraíram na antecipação de algo que apenas Leona poderia dar. Ela viu que era uma menina. Apertou os olhos para segurar as lágrimas e tentou se virar de bruços. Queria enterrar o rosto na escuridão. Estava cansada demais. Sentiu um soluço na garganta, e, então, um ruído preencheu o quarto escuro. Era o grito dela, percebeu, embora não tivesse sentido a boca abrir ou a reverberação do ar. Ouviu apenas o lamento enchendo o espaço ao redor de si e viu Simi e as empregadas massai erguerem a cabeça de repente e olharem para ela, depois se entreolharem, preocupadas. Simi estendeu o braço por cima das costas da recém-nascida para segurar a mão de Leona, mas a mulher se soltou da

amiga e cobriu o rosto. Tentou tampar a boca com força suficiente para impedir o som. Suas entranhas eram vidro se estilhaçando na casca da sua pele. Aquela menina nascera da solidão, o tipo desesperado de solidão que aflora em pessoas que vivem em meio a estranhos, sem compartilhar sua língua ou seus costumes.

LEONA CHEGOU À MANYATTA EM UM PEQUENO RENAULT 4 AMASSADO, COMPRADO À VISTA DE UM EXPATRIADO francês que estava de partida, que conheceu na sua primeira noite em Nairóbi. Dirigiu da cidade até Loita com medo. Era a primeira vez dela na África, e aquele carro minúsculo não parecia servir de proteção contra leões, elefantes ou qualquer outro animal selvagem que pudesse estar à espreita na pradaria amarela da savana, por onde dirigia. A viagem aterrorizou de tal forma que prometeu a si mesma ficar na *manyatta* e só usar o carro em emergências. No entanto, após algumas semanas, a poeira seca lhe deu coceira na pele, e o pequeno afluente do rio Mara, que era a fonte de água mais próxima, estava baixo e denso, enlameado demais para um banho. Leona não sentia muita falta do seu país, mas com certeza tinha saudade da sensação de uma ducha, da água ensopando o cabelo e o corpo. Não conseguia suportar o toque da sua pele, a maneira como fedia. Queria um banho quente. Queria se afundar em água e sabão, esfregar o cabelo e as unhas, lavar os espaços entre os dedos dos pés. Sua vontade de estar limpa era visceral.

Assim, apenas seis semanas depois de chegar, arrumou uma mala de mão, e dirigiu até Narok para passar a noite no Chabani Guest House. Era um hotel pequeno e barato, usado sobretudo por guias de safári, alguns turistas de orçamento apertado ou voluntários do Corpo da Paz. Entretanto, era limpo, tinha eletricidade, água corrente e um colchão de verdade, ainda que velho. Aquilo tudo pareceu um luxo para Leona. O céu escurecia e o tempo estava fresco quando ela chegou. Os crepúsculos de cor violeta no Quênia eram curtos e a noite logo surgiu. Ela acendeu todas as luzes do quarto, e riu ao ver a facilidade com que as lâmpadas produziram claridade. A *manyatta* não tinha luz elétrica. Depois de esfregar a sujeira da pele e do couro cabeludo, e de ficar debaixo da água morna até esfriar, ela vestiu roupas limpas, um conjunto que ainda não tinha usado, guardado no fundo da mala. Até então, apenas havia sentido o seu cheiro de vez em quando. O

aroma do sabão americano permanecia nas fibras e a fazia se lembrar de casa.

De certo modo, sentiu-se mais leve e renovada, livre do seu casulo empoeirado. Com o perfume do xampu floral ainda no cabelo, desceu para o bar do hotel para pedir uma bebida.

O local era escuro, revestido de madeira. A única luz vinha de um fio de lâmpadas coloridas de Natal — daquelas grandes, que as pessoas nos Estados Unidos colocam ao redor de galhos de árvores ao ar livre — e de um globo espelhado que girava devagar sobre um espaço central, onde as pessoas podiam dançar. Naquela noite, ninguém estava dançando. Talvez ainda fosse cedo.

Leona escolheu o banquinho mais afastado dos únicos outros clientes, um casal branco, ambos com idade próxima à dela, talvez um pouco mais velhos. Ela não gostava de conversa fiada, então evitou contato visual com eles, mas, como fazia semanas que não via pessoas brancas, não conseguiu deixar de analisá-los. Os dois estavam limpos e usavam roupas boas, o que a levou a pensar que poderiam ser turistas. Porém, a mulher se virou ligeiramente, e Leona reconheceu, na frente da sua camiseta, o símbolo de uma famosa fundação contra a caça ilegal. A mulher era bonita, pequena e loira, com o nariz e as faces rosadas, queimadas de sol. Ela observava o homem enquanto ele falava, gesticulando os braços com movimentos fluidos, dramatizando a história que contava a ela. Ele era atraente, de ombros largos, loiro, as mãos grandes e bronzeadas. Leona se obrigou a desviar os olhos e se concentrou em juntar as palavras certas em suaíli para pedir uma cerveja. Sentiu a súbita leveza de alegria quando o barman deslizou uma garrafa suada e escura de cerveja na sua direção. Não se deu nem ao trabalho de pedir um copo.

Depois de tanto tempo sem consumir álcool, a cerveja fez com que se sentisse viva e livre. O casal riu alto, e Leona tornou a olhar para os dois. A loira estava se levantando, estendendo uma nota, que o homem dispensou. Ele se virou para o barman e disparou algo em suaíli. Depois, voltou-se para a mulher e riu mais uma vez. Leona o ouviu dizer: “Agora, você vai ter que se encontrar comigo de novo. A próxima é por sua conta.”

Leona percebeu o homem observando a mulher enquanto ela deixava o bar. Perguntou-se se alguém já a teria olhado com tal intensidade.

A meio caminho da segunda cerveja, percebeu não se importar quando o homem loiro arrastou o banquinho para mais perto do dela e se ofereceu para pagar o próximo drinque. Enquanto conversavam, a facilidade do inglês depois de semanas e semanas de apenas um maa rudimentar deixou Leona inebriada. Em geral reservada e quieta, ela quase se sentiu bêbada com as milhares de palavras que conseguia arrancar da cabeça e lançar por ali, como confete.

— Você é um galinha — disse ela. — Sua namorada mal saiu daqui.

— Sou — concordou ele, sorrindo. — Mas você está enganada. Ela não é minha namorada. A gente se conheceu aqui, hoje mesmo. Mas é uma mulher interessante. Trabalha contra caça ilegal, proteção de elefantes.

Deliberadamente, os dois evitaram nomes. Isso não veio à tona; no início, nomes não importavam, e, de qualquer modo, após semanas como uma curiosidade entre os massai, Leona queria anonimato. Sendo antropóloga, precisava estudar, observar e fazer perguntas sempre. Agora, com aquele homem, queria manter as palavras, a curiosidade e a conversa em suspenso. Mais tarde, o álcool apagou o interesse por nomes, e, na manhã seguinte, com o pensamento lento e dor de cabeça, Leona se sentiu exposta. Sexo não era uma novidade para ela, tivera alguns namorados durante a faculdade e a pós-graduação, mas eles entraram e saíram da sua vida como fantasmas. No entanto, nunca dormira com alguém que acabara de conhecer e, sob a pressão da dor de cabeça e da náusea, sentiu vergonha. Teve vontade de sumir. Sexo era uma coisa tensa. Era difícil para ela se permitir isso, uma mescla desconcertante de prazer e medo.

A respiração do homem ao seu lado era pesada e compassada, e foi preciso deslizar com cuidado para se desvencilhar do braço dele e deixar a cama. Achou as roupas e se vestiu rápido. Só que a porta rangeu quando foi aberta, e ela escutou a voz dele, sonolenta e rouca:

— Vai sair sem se despedir?

— Tenho que voltar — sussurrou ela.

— Você quer dizer que tem que voltar para a cama — falou ele, dando tapinhas no lado vazio do colchão.

Leona se virou e agarrou o trinco novamente, abrindo a porta. Depois de fechá-la com um estalido, atravessou o corredor às pressas até o próprio quarto e jogou na mala o xampu, a lâmina de depilação e as roupas do dia anterior. Tinha planejado passar mais um tempo em Narok: queria que o hotel lavasse sua roupa, e também gostaria de se dar ao luxo de um bom café da manhã. Tinha mudado de ideia, no entanto. Estava constrangida. Detestava se sentir fora do controle e considerava um vexame ter permitido que isso acontecesse. Vivia segundo o mantra de que era melhor ficar sozinha: menos dificuldade, menos complicações. Não queria ver aquele homem nem encará-lo nos olhos de novo. Achava que veria ali o reflexo da vergonha que sentia.

A rua do hotel estava quase deserta pela manhã, mas o ar já recendia a fumaça de lenha, massa frita e hortaliças podres. Abriu o porta-malas do carro e jogou a mala lá dentro.

— É por minha causa ou você está fugindo para não pagar a conta do hotel? — gritou alguém, e, quando Leona se virou, lá estava ele, completamente vestido, os pés enfiados em botas desamarradas. — Tenho que ir para Solai hoje. Não posso adiar. Mas vou até a *manyatta* assim que terminar aqui. Eu encontro você.

Leona sentiu o borbulho de terror no seu âmago. Era sempre assim. Mesmo na faculdade, na pós-graduação, o que mais a apavorava não era o sexo, mas o depois. A primeira vez em que consultou um terapeuta, foi preciso apenas trinta minutos de conversa sobre o seu histórico para que ele dissesse: “Parece que você não é frígida, mas emocionalmente bloqueada.”

Ela nunca mais voltou para outra consulta.

— Não — respondeu —, não precisa se preocupar. — Ela inspirou conscientemente. O pânico tornou a respiração curta, as paredes imaginárias que se fechavam à sua volta deixavam seus pulmões tensos e ineficazes. O homem estava parado, olhando para ela. Seus olhos estavam calmos, e o rosto, contraído. Dava para sentir o cheiro, a pele quente e o hálito de sono dele.

— Não, eu quero — falou ele. — Eu me diverti com você ontem à noite. Não tem motivo para a gente não voltar a se ver, tem?

Esse medo surgia toda vez que um homem queria conhecê-la. Sob aquele aspecto, ela não era normal. As outras mulheres da sua idade queriam namorar, casar. A ideia disparou um alarme na sua mente. Sempre disparava. Podia compartilhar certa intimidade física, mas a noção de se permitir alguma coisa a mais, de ficar vulnerável de outra maneira, dividia-a em duas: desejo e repulsa. Queria ser normal e permitir que alguém a amasse, retribuir o amor, mas o medo era muito grande — e jamais tinha perdido.

Leona não conseguiu olhar para o rosto dele ao responder. Em vez disso, desviou o olhar, fingindo observar um cão sarnento que rolava na poeira.

— Não estou interessada em um relacionamento.

Era sua frase típica, já gasta de tanto uso. Especulou se aquilo parecia tão implausível para ele quanto para ela.

— E quem está falando em relacionamento? — perguntou o homem, abrindo um sorriso que acelerou a pulsação dela. — Só estou falando em ver você de novo, talvez repetir a nossa noite. — O homem levantou as sobrancelhas sugestivamente. Estava flertando. Leona sentiu aquela dor oca, tão comum para ela em momentos assim; a dor de querer algo que a aterrorizava demais para lutar por ele.

— Eu tenho namorado. — Aquilo sempre funcionava. Mesmo assim, ela não esperou para ver se a expressão dele tinha mudado ou se sua voz havia endurecido com a compreensão.

Virou-se, entrou no carro e bateu a porta. Talvez tenha ouvido ele chamando, mas não conseguiu ter certeza. Saiu o mais rápido possível em direção à *manyatta*. Não olhou para trás. Não espiou pelo retrovisor para vê-lo parado ao lado da caminhonete, observando-a partir. Não quis pensar em como se sentiria se ele de fato nunca aparecesse, procurando por ela.

NAQUELE MOMENTO, COM A MENININHA AO SEU LADO NA MINÚSCULA CABANA de barro, Leona não tinha vontade de falar. Chorou de cansaço e terror, enquanto as mulheres negras se agachavam por perto, murmurando e passando os dedos ásperos pelos seus braços e pela cabeça da recém-nascida.

— Você precisa deixar ela mamar — disse a parteira massai.

A mulher estendeu o braço, levantou a camiseta de Leona, livrou o seu seio dolorido e o agarrou com firmeza, esfregando o mamilo na boca da sua filha.

— Agora está vazio, mas ela vai puxar o leite.

Leona teve vontade de se encolher perante os dedos desconhecidos no seu seio e a coisinha chorosa nos braços. A pequenina se agitava às cegas, a boquinha aberta, esperançosa, tentando afundar na carne dela como um bicho-do-pé. A nova mãe fechou os olhos. Só queria dormir. A parteira voltou a agarrar o seio dela, achatou-o na mão e o enfiou com firmeza na boca da criança. Leona teve uma sensação estranha e abriu os olhos. A filha estava ligada a ela, e sua boquinha desesperada puxava sua carne. Um arrepio de alarme percorreu a espinha, e Leona mordeu o lábio, contendo o grito que queria voltar à boca. Não podia ser mãe.

No início, quando notou a falta da menstruação, ficou aliviada. A função de encontrar água e privacidade suficientes para se lavar — isso sem falar em dirigir até Narok para comprar provisões — era algo que temia. Quando o sangramento não veio como deveria, ficou feliz. Deduziu que tinha acontecido por causa de todas as mudanças na dieta e a sincronização com as outras mulheres. Só que não veio no mês seguinte e também no outro.

Ao perceber que estava grávida, foi como se tivesse recebido o diagnóstico de uma doença fatal. Seus pensamentos se voltavam obsessivamente para o fato, sem parar. Não conseguia dormir ou se concentrar no trabalho. Todas as vezes em que fechava os olhos, era invadida por uma onda de medo e nervosismo. Passava horas folheando o compêndio médico que trouxera consigo, em uma busca desesperada por um remédio. O livro não apresentava uma maneira de expelir a coisa. Quando procurou o *laiboni*, o médico feiticeiro e líder espiritual da comunidade, já não descansava fazia quase uma semana.

O *laiboni* era um velho encarquilhado, que chupava os poucos dentes que lhe restavam. Ele nunca parecia entender o massai hesitante da americana. Como médico da aldeia, o homem tinha um papel especial ali, e Leona morria de vontade de incluir seu conhecimento sobre as medicinas tradicionais na pesquisa que fazia. Mas o *laiboni* era um entrevistado resistente, e ela

desconfiava de que estivesse ressabiado com sua presença na aldeia. Tentava, aos poucos, conquistar a confiança dele, ainda sem lhe fazer muitas perguntas, esperando que os outros moradores o tranquilizassem quanto às suas intenções. Se fosse direta demais com o ancião, poderia solidificar a opinião desfavorável do líder. No entanto, naquele momento, estava desesperada.

— *Sopa* — disse ela, cumprimentando-o com a palavra “olá” em maa e abaixando a cabeça em sinal de respeito. O homem estava sozinho, sentado debaixo de uma acácia, logo depois do cercado da aldeia. Agitava de forma letárgica um rabo de vaca com cabo de contas em frente ao rosto para impedir que as moscas pousassem nos seus olhos. Cumprimentou-a de volta com um murmúrio, nada além disso. Leona se abaixou no chão em frente a ele e cruzou as pernas. Espantou algumas moscas indolentes e tentou decidir o que fazer. Seu livro de frases estava sobre seu colo, e ela o folheou. Onde estavam as palavras de que precisava?

— Oi, minha amiga.

Uma voz acima dela a arrancou do livro. Simi estava de pé, junto a ela, sorrindo. Era a terceira e a mais nova esposa do filho do líder não religioso da aldeia. Tinha estudado na escola local até o sexto ano, e era a única mulher da aldeia que falava inglês. Embora não fosse fluente, conhecia o bastante da língua para conversas básicas e, mais importante, era curiosa e se dedicava a interpretar as explicações e os gestos manuais de Leona. Simi sabia o que a americana precisava aprender para viver na *manyatta*, e nunca ficava constrangida em ensinar. Foi ela que, no começo da estadia de Leona, agarrou sua mão e a levou para fora da aldeia, até o leito raso do rio, indicando que ela deveria ir ali quando precisasse se aliviar. Simi ajudou Leona a comprar os poucos utensílios de cozinha de que precisava: o caldeirão, ou *suféria*, para ferver água, a frigideira, as latas de açúcar e chá. Ela também lhe ensinou como manter as chamas acesas o dia todo no braseiro. Era com Simi que Leona conversava como amiga. Mas, naquele momento, Leona não suportava ser sincera. Não sobre esse assunto. Especialmente sobre esse assunto.

— *Sopa*, Simi — respondeu. Usou a palavra maa, ainda que Simi preferisse falar inglês sempre que possível. — Hoje estou

pesquisando o trabalho do médico. Pode me ajudar na tradução?

Simi se abaixou e falou rápido com o velho. Ele assentiu e acenou o rabo de vaca em maior velocidade.

— O que você quer saber?

Simi retransmitiu a pergunta de Leona sem nem piscar. A antropóloga ficou surpresa. Os massai pareciam desaprovar o sexo antes do casamento, e Leona sabia que sua situação poderia lhe custar os relacionamentos que havia construído ali.

— É para o meu livro — garantiu a Simi.

Depois, pediu que traduzisse as perguntas detalhadas que tinha sobre a planta, onde era encontrada e a quantidade a ser usada. Era ingerida ou tóxica?

Mais tarde, quando o velho se levantou e foi arrastando os pés até sua casa, para o chá, Simi se virou para a amiga. Leona tentou perceber se os olhos dela mostravam raiva ou tristeza, e, em caso positivo, para quem aqueles sentimentos eram direcionados.

— Você deveria ter perguntado só para mim. Eu poderia ter dado essa informação. Agora, é possível que outras pessoas na aldeia descubram o seu segredo.

— Simi, não é para mim — cochichou Leona, de repente à beira de lágrimas exaustas. — É para o livro.

Porém, o rosto de Simi estava sério, e ela se inclinou para perto do ouvido de Leona e cochichou:

— Você tem um bebê... dentro?

Leona teve um sobressalto, como se a amiga tivesse dado um tapa na sua cara. Olhou para os dedos magros de Simi, pousados no braço dela. Observou de relance seu rosto, e depois voltou a desviar o olhar. O que deveria dizer? Saber que Simi poderia desaprovar ou, pior, que seria lembrada da própria dor deixou Leona frenética de constrangimento e ansiedade.

— O homem — cochichou Simi, os olhos sérios e firmes — forçou você?

Leona não conseguiu mais conter as lágrimas. Os olhos se encheram, e ela os pressionou com a base das mãos.

— Sinto muito, Simi. Sinto muito mesmo.

A americana considerou duas coisas: não era aceitável que mulheres solteiras tivessem filhos fora do casamento e, por causa

desse tabu, seu status como estrangeira seria a única coisa a impedi-la de ser banida da comunidade. Pensou na situação precária da própria Simi: casada havia três anos e sem filhos. Será que o desespero e a ironia da situação deixariam a mulher zangada? Era um risco. O trabalho de Leona ali estava indo bem, e não suportaria a ideia de ir embora. Também não conseguiria alegar estupro, mas poderia mentir.

— Foi meu marido — falou Leona. Não era incomum as esposas massai viverem longe.

— Você nunca me disse que era casada — declarou Simi.

Ela falou em um tom tranquilo, mas, para Leona, pareceu uma corrente quente em meio à água fria. Simi sabia que ela não era casada. Sabia que o bebê não pertencia a ninguém, mas não trairia o seu segredo.

— Seu marido deve ser um homem forte. — Simi deu um sorrisinho triste. — Está lá longe, na América, e, mesmo assim, consegue colocar um bebê em você!

— Simi, não posso ter esse filho. — Leona procurou um motivo que a amiga pudesse entender, uma mentira que encobrisse uma verdade que ela jamais conseguiria entender de fato. — Meu corpo não é bom. É perigoso para mim parir uma criança. — Este era um motivo que uma massai acharia razoável, ao contrário do outro, da escolha feita por Leona de dormir com um estranho.

Mais tarde, quando a aldeia estava em silêncio e escura, e a maioria das famílias tinha se acomodado em cabaninhas ao redor das suas fogueiras, Simi se esgueirou pela porta de Leona. Trazia uma sacola de plástico azul, cheia de folhas.

— Encontrei isso perto do rio para você. Coloque algumas dentro, onde o bebê está. — Em seguida, saiu furtivamente.

As folhas eram ásperas e desconfortáveis, e Leona teve medo de que, de alguma maneira, elas a deixassem doente ou a envenenassem por sua estupidez. Porém, enfiou algumas dentro de si várias vezes por dia, e esperou pelo alívio do sangue, o que nunca aconteceu. Em vez disso, seus seios começaram a doer, sentia bastante sede e seu jeans foi ficando mais e mais apertado. Era tarde demais.

Pensou em dirigir até Nairóbi e se internar em um hospital para o parto, mas era mais fácil forçar o esquecimento, e ela acabou perdendo conta dos dias. Havia trabalho a fazer ali. O ano tinha sido seco, assim como o anterior. Os massai em Loita estavam preocupados: os bois e as cabras começavam a emagrecer. Alguns cabritinhos já tinham morrido, com as mães definhadas demais para produzir leite suficiente. Em épocas passadas, os massai eram livres para ir aonde quer que houvesse pasto bom. Em tempos de seca, levavam seus rebanhos a quase trezentos quilômetros de distância, para Nyeri, no planalto central, onde o pasto permanecia verde e as chuvas eram mais comuns. No entanto, sob o regime britânico, o governo limitou seus movimentos e, com os colonos estabelecendo suas fazendas, a terra massai ficou ainda menor. O fim do modo de vida tradicional dos massai foram as reservas de vida selvagem. Na década de 1970, alegando a necessidade de terras e de conservação da natureza, grandes faixas do território massai foram designadas como áreas de proteção. A pastagem foi proibida.

O foco do trabalho de Leona estava na descoberta e mitigação dos efeitos restritivos impostos pelo governo ao povo tradicionalmente nômade do oeste do Quênia. Ela imaginava que, se conseguisse provar que a cultura massai estava mudando e que essas mudanças impactariam de modo negativo todo o país, poderia argumentar que o governo deveria permitir maior mobilidade aos massai, que teriam mais chances de manter seus rebanhos saudáveis e, assim, de sobreviver. Seu estudo era fundamental, caso de vida ou morte, e era dessa maneira que Leona o via. Sem a opção de outros pastos, essa cultura poderia desaparecer tão rápido e fácil quanto os rios e córregos da região.

Não fazia ideia do estágio em que estava na gravidez. Pensar em quanto tempo havia se passado a deixava em pânico, então se forçava a não pensar no assunto e menos ainda a fazer planos. Não havia consultado um médico ou feito os exames. Passou os meses tentando ignorar a barriga que só crescia, forçando os pensamentos sobre o futuro a deixarem sua mente. Sentiu-se doente quando os movimentos começaram; os puxões e deslizamentos das suas entranhas pareciam um castigo. Observou Simi vendo-a crescer, e,

quando a deixou pôr a mão na barriga que se mexia, desejou, fervorosamente, que os papéis estivessem invertidos.

Depois de um tempo, as outras mulheres à sua volta notaram, e foi um alívio. Ofereceram-se para ajudar a carregar água e mandaram os próprios filhos buscar lenha para o fogo de Leona. E assim ficou estabelecido, o silêncio, a ignorância forçada.

Leona trabalhava sem parar, observando as pessoas ao redor e anotando tudo com cuidado. Os moradores da aldeia sabiam que ela estava ali para estudar sua cultura e seus costumes, para escrever sobre eles e, talvez, ajudá-los no problema das pastagens. Sabiam que sua pesquisa significava que ela os analisava e registrava o que via no caderno que sempre levava consigo, e que também fazia muitas perguntas. Leona começou a esboçar o que planejava transformar em livro um dia: um estudo acadêmico sobre a mudança das normas culturais dos massai de Loita, provocada por leis que limitavam sua herança nômade. Concentrou todos os esforços em olhar para fora e afastou o que acontecia dentro de si.

Foi por esse motivo que sua filha nasceu à maneira dos bebês massai, na sombria *inkajjik*, a cabaninha feita de galhos finos cobertos com barro e estrume. Apenas as brasas do fogo iluminaram o nascimento, e, quando os olhos da criança se abriram, foi para um círculo brilhante de fumaça. O primeiro rosto que ela viu era negro e enrugado, enfeitado com cordões de contas costurados em tiras de couro. Os primeiros sons que ouviu foram os de mulheres ululando quatro vezes para comunicar à aldeia o nascimento de uma menina, seus gritos ecoados pelos mugidos das vacas.

Três dias após o nascimento, Leona estava encolhida na cama, ao redor da criança. Ainda se sentia muito cansada. Deve ter cochilado, porque o som de um motor de carro e os gritos de pessoas se cumprimentando do lado de fora invadiram seu sono. Ficou imóvel, esquecida de tudo por um instante, e se agarrou à sensação de paz. No momento em que reconheceu uma das vozes lá fora, isso acabou. Quando o homem alto e loiro abaixou os ombros e o pescoço para passar pela portinha, Leona não ficou totalmente surpresa. Se ele tivesse ouvido a história de uma americana que dera à luz, saberia de quem se tratava. Uma mulher

branca tendo um bebê em uma aldeia massai seria um acontecimento. Não poderia ser outra pessoa. Mas Leona ficou chocada por ele ter vindo. Deduziu que o homem evitaria aprofundar o contato, fugiria à responsabilidade. Porém, lá estava ele, e, por um instante, ela ficou calada e perplexa.

— Como você está? — perguntou ele.

Suas palavras inglesas, embora niveladas pelo sotaque britânico-queniano, surpreenderam pela familiaridade. Leona tentou perceber na voz a reação dele ao nascimento, se estava zangado ou não. Concentrou-se bastante, mas sua visão pareceu difusa e seus pensamentos mudavam com excessiva rapidez para que pudessem ser retidos e considerados. Ele era muito bonito, e ela se lembrou de como, naquela noite, seu corpo se esticou sobre ele como se fosse uma planta precisando de luz. Mesmo agora, parte dela se movia na direção daquele homem. Pensou na sensação do corpo dele pressionando o dela, em como sua cabeça rodopiara com o álcool e a vontade, e como o desejara, e como ele também a desejara. Só que a pessoa que ela foi naquela noite no Chabani Guest House, a mulher que usou xampu floral e seu jeans mais apertado, que não se afastou quando o desconhecido loiro falou com ela... Aquela não era a verdadeira Leona. Não era ela, lembrou a si mesma, enquanto levantava os olhos para o homem. Suas faces coraram, e desejou, pela milionésima vez, poder apagar os meses anteriores, apagar aquela noite, apagar aquela versão rara e idiota de si mesma.

O homem se inclinou e analisou a bebê, que dormia.

— Uma menina? — sussurrou, e estendeu a mão como se quisesse tocar na criança com as pontas dos dedos para verificar se ela era real, mas parou antes que o indicador encostasse na face. Encarou Leona por um instante e desviou os olhos. Ela não conseguiu decifrá-lo. O homem dobrou seu corpo esguio e se ajoelhou no chão de terra, ao lado de onde ela estava deitada, um leito suspenso de couro cru, esticado e seco para ficar rígido em uma estrutura de varas.

Observando-o agora, ali, na sua casa, Leona percebeu que, embora não fizesse ideia do nome dele, sabia várias outras coisas a seu respeito. Ele havia crescido em uma fazenda de gado em Solai, perto da região dos massai, e tinha um conhecimento profundo

sobre eles, uma fluência sobre seus costumes. Conhecia vários dos anciões da *manyatta* de Leona. Fora isso que impressionara a antropóloga na noite em que se conheceram e despertado aquele desejo estranho. Ele fez com que ela se sentisse confortável, assim, Leona não hesitou quando o rapaz pegou sua mão gentilmente, levou-a para fora do bar e pediu que o acompanhasse até o quarto. Ela gostou do seu cabelo loiro volumoso, dos braços bronzeados e descamados que a envolveram à noite, dos dedos largos e calejados, ásperos nos seus seios. Enquanto estava escuro e eles respiravam juntos, Leona se permitiu pensar em como poderia ser ter um homem para chamar de seu, um que ela quisesse, com quem dormisse toda noite. Jamais desejara isso antes, mas, sob a escuridão da noite, a ideia era tão excitante quanto assustadora.

Nas semanas depois do encontro, embora soubesse que havia sido clara com ele, talvez até de um jeito grosseiro, Leona se viu aguardando notícias nos dias quentes e parados. Não conseguiu se livrar da suspeita de que algo estava diferente. Nos finais de tarde dourados, quando o sol extraía cores do céu e deixava a paisagem suave e azul, ela percorria o horizonte em volta da *manyatta*, esperando ver as nuvens de poeira que um Land Rover faria na estrada, se estivesse vindo desabalado naquela direção.

Detestou-se um pouco mais a cada dia, quando escurecia e ele não vinha. E detestou-o por fazê-la ter esperança de que ignoraria a maneira como fora dispensado em Narok e iria atrás dela mesmo assim. As células que se multiplicavam no seu útero, a filha dele, não tinham nada a ver com os sentimentos confusos em relação ao homem em si. Era a dor costumeira de Leona: querer ser vista e amada, mas também ser incapaz de se permitir isso. Aceitava a solidão, gostava dela, mas havia a especulação ocasional. Como seria compartilhar a vida com um homem? Talvez com *aquele* homem? Qual seria a sensação de vê-lo e se permitir ser vista? Toda noite, quando ele não aparecia, a mulher acalentava sua decepção listando os motivos de ser melhor ficar sozinha. Conhecia-os de cor, e sabia que, por mais itens que listasse, havia apenas um motivo real: seu próprio medo. Isso fez com que também odiasse a si mesma.

A poeira se entranhou no seu cabelo e lhe deu coceira, mas ela não voltou para outra ducha em Narok. Aprendeu a conviver com aquilo, assim como os massai. Convenceu-se de que estava se adaptando à vida de uma antropóloga em campo. Quando entendeu que estava grávida, já havia passado muito do ponto em que algo poderia ser feito, e se sentiu paralisada demais para descobrir quem realmente era aquele homem e avisá-lo. Não conseguia imaginar a conversa que os dois teriam que ter ou as decisões que precisariam tomar. Era demais. Repetiu a si mesma, sem parar, que não queria se envolver com ninguém, preferia estar em um lugar onde todos fossem diferentes dela, onde pudesse restringir seus relacionamentos e ser apenas uma observadora. O homem, o pai da criança, não admitiria que ela se limitasse. Exigiria mais do que Leona sentia que saberia dar. Mais do que queria dar. A intimidade era algo arriscado.

Agora, lá estava ele.

Uma massai, agachada nas sombras ao lado das fracas brasas da fogueira, estendeu a ele uma caneca esmaltada e lascada de chai. O homem aceitou e agradeceu em maa. Parecia bastante relaxado, até mesmo feliz em estar ali. Leona ficou aliviada por Simi ter ido até o rio. Com certeza ela teria notado o seu desconforto. Com certeza encaixaria as peças do quebra-cabeça. E depois? De repente, Leona sentiu uma raiva queimando no peito; ali estava outro homem que tinha entrado sem permissão na sua vida, acomodando-se no seu espaço sem se preocupar se ela o queria ali ou não.

— Você ia me contar? — perguntou ele.

Leona fechou os olhos com força. Respondeu em maa:

— Vá embora. Ela não é sua filha.

— Isso é mentira, e nós dois sabemos. — Ele fez uma pausa, depois falou tão baixinho que Leona mal conseguiu ouvir: — Eu mesmo não tive um bom pai, mas acho que gostaria de tentar ser um. — Sua voz vacilou de leve. — Você pode querer ou não um homem na sua vida, mas a menina merece um pai na dela.

— Você teve um pai de merda? Bom, eu também — respondeu.
— O que leva você a pensar que seria melhor?

Ela viu o homem se encolher. Sua expressão endureceu. Percebeu que tinha tocado em um ponto fraco, que o machucara. Não ficou feliz com isso, mas sentiu uma mudança na sua atitude, e ficou aliviada. Se fosse preciso ferir os sentimentos do homem para que ele a deixasse em paz, que fosse.

Para a sua surpresa, ele tornou a falar:

— Me dê uma chance de ser um pai melhor do que o meu ou, ao que parece, do que o seu.

Ela se sentiu encurralada, sufocada. Por que ele não ia embora? Como um animal em uma armadilha, foi com força à isca.

— A última coisa que essa menina precisa é de um pai. Não contei porque não queria que você soubesse, porque não quero que ela sofra uma infância terrível como aconteceu comigo. E não vai me fazer mudar de ideia.

LEONA CRESCERAM ASSISTINDO À CHUVA CAIR NA GRAMA INTENSAMENTE VERDE do jardim da casa dos pais, em Beaverton, Oregon. Seu pai era cirurgião, ausente durante todo o dia, e a mãe era apenas uma presença obscura, menos uma mãe e mais uma lufada de perfume em outro quarto, sempre saindo, sempre se despedindo. Leona era deixada em casa com uma empregada que aspirava os tapetes persas de forma desleixada e se fechava no terraço dos fundos com o uniforme azul, fumando cigarros em segredo e soltando anéis de fumaça no céu úmido. Leona não tinha irmãos, e nunca era incentivada a levar amigos para casa ou ir a festas, então era ignorada na escola. Não sofria bullying, mas também não era requisitada. Em suma, era invisível.

Caso lhe pedissem para sintetizar sua infância em uma palavra, teria dito *silenciosa*. O silêncio lhe era imposto. A presença inconstante do pai era algo sombrio, encoberto pela noite e uma casa adormecida. O estalido da porta do quarto se abrindo e a lembrança da pele áspera pressionada contra o seu rosto, o cheiro desagradável do hálito e os lábios úmidos sibilando no seu ouvido: “Não conte nada para a sua mãe. Não diga nada disso para ninguém. Você vai estragar tudo... Vai acabar comigo.” Naquelas noites, Leona mordida o interior das bochechas até sangrar, para evitar soltar qualquer som.

Apenas uma vez tentou romper o silêncio com a mãe. Seu pai sempre saía cedo, e, certo dia, no café da manhã, Leona destravou

a voz. A mãe sorriu para ela por cima da torrada, e a filha sussurrou uma frase escolhida a dedo, seu canário na mina.

— Papai entrou no meu quarto ontem à noite.

O café borbulhou alto na cafeteira, e Leona descobriu que, dali por diante, aquele barulho a deixaria sempre ansiosa.

A pausa da mãe durou uma eternidade. Leona arrastou o garfo das gemas de ovo que estavam no prato, com medo de levantar o olhar.

— Seu pai está sob muita pressão no trabalho — respondeu a mãe, enfim, e quando Leona ergueu a cabeça para explicar o que queria dizer, para soltar tudo como um líquido jorrando de uma garrafa quebrada, viu os olhos da mãe. Havia uma centelha mínima ali, uma vela acesa, e, em seguida, uma cortina deslizou rápido sobre eles, fechando-se com firmeza. Uma veneziana bem fechada contra uma possível tempestade.

Depois disso, Leona manteve o segredo guardado a sete chaves. Durante o dia, assistia às aulas na escola com grande concentração, encontrando a resposta certa todas as vezes. À noite, fazia a lição de casa sentada à mesa da cozinha, enquanto a empregada passava roupas. Sua mãe ia e vinha, ia e vinha, saindo para encontros do Ladies Auxiliary ou da Junior League. Leona se petrificou por dentro e nunca se perguntou se a mãe notava que o pai não encarava a filha nos olhos.

A invisibilidade e a pressão para não falar se tornaram hábitos. Elas a acompanharam durante o ensino médio e a faculdade e, mais tarde, no seu doutorado em antropologia sociocultural. Leona cultivou um espaço recortado, uma porção interrompida bem no fundo do seu ser. Aprendeu que não podia confiar nas pessoas, sobretudo nas que lhe eram mais próximas.

Especializou-se em antropologia porque sentia que nunca tinha aprendido a entender os humanos; sua infância não lhe deu uma grande noção de como a sua própria espécie funcionava. Ficou desesperada para se afastar o máximo possível dos pais. Com habilidade e convicção, escreveu para a Fulbright pedindo uma bolsa de estudos e sua inscrição foi aceita. Três meses depois, estava em uma *inkajjik* feita de barro e excremento de vaca, do tamanho de um banheiro, em uma *manyatta* cheia de *inkajjiks*

idênticas. Todas elas circundavam o curral central, e estavam protegidas de leões e elefantes por ramos de acácia espinhosos, empilhados ao redor de todo o agrupamento. Nas raras cartas aos pais, Leona se referia à sua nova casa como uma “comunidade fechada”.

Empoeirada e apinhada, a *manyatta* era barulhenta com os resmungos do gado que vivia dentro do círculo e o som que vinha de fora, gemidos das hienas, dos gnus e, de vez em quando, de um leão. Como todas as outras, a pequena porta da sua cabana ficava aberta, e ela amava as vozes que quase sempre podia ouvir, ainda mais nítidas à noite, vindas das minúsculas cabanas à sua volta. Amava o aroma constante de outros seres humanos, e como o gado fazia o ar ter um cheiro penetrante. De início, ficou surpresa por até gostar da falta de espaço físico na cultura massai, de como uma criança subia no seu colo todas as vezes em que se sentava e de como as outras mulheres incluíam-na na sua vida diária, sem questionamento. Pela primeira vez, sentiu que era reconhecida. Por fim, percebeu que seu conforto vinha do fato de ser estrangeira. A barreira da língua e as diferenças culturais lhe davam a desculpa perfeita para fingir não ter entendido alguma coisa, ajudavam Leona a manter as pessoas a uma distância administrável, talvez não física, mas emocional. No seu país, não podia se esconder daquele jeito. Sua resistência a se ver vulnerável era óbvia, um sinal que as pessoas liam como uma defesa incomum. Ali, seus dias eram preenchidos com o som e a presença de humanos, e ela se sentia acalentada, relaxada, totalmente no controle da profundidade e da frequência de qualquer troca emocional.

No entanto, em tudo — nas refeições compartilhadas com os moradores, nas longas caminhadas até a nascente para pegar água, nas raras tempestades em que se via lado a lado com as outras mulheres da aldeia batendo barro fresco e excremento bovino úmido no telhado gotejante da *inkajjik*, enquanto a chuva escorria pelas suas costas —, lembrava-se da principal regra do antropólogo (“Participar apenas para observar”) e refreava a única coisa que podia: ela mesma.

Ali, em Loita, as pessoas demonstravam curiosidade em relação a Leona. Mulheres e crianças se apinhavam dentro da sua *inkajjik*

para observá-la. Queriam saber sobre o pai, a mãe e a antiga vida dela. Não lhe passou despercebido que sua primeira experiência de vínculo com outras mulheres foi em uma língua que ela não falava com fluência e em um lugar a meio mundo de distância de onde vinha.

Gostava das perguntas que as mulheres faziam e de como queriam conhecê-la; era inusitado e agradável. Acima de tudo, amava poder escolher suas respostas e saber que elas jamais conseguiriam ver o que Leona não revelava. Elas não poderiam forçar uma intimidade contra a sua vontade. Quando conversava com as mulheres da tribo sobre si mesma, escolhia as palavras como se estivesse apanhando frutas de uma árvore, selecionando-as com sensatez, concentrando-se em contar coisas que não as deixariam magoadas. Retratou sua vida até então como simples e tranquila, uma vida que não a entristecia. Mãe, pai, escola e trabalho. Desviava a conversa quando era necessário. Era fácil se afastar de lembranças perigosas, mudando o assunto para as diferenças entre uma casa massai e uma casa americana, ou como os americanos se vestiam e o que comiam.

A única que pressionava era Simi. A curiosidade da mulher era incansável, e ela fazia inúmeras perguntas sobre a vida fora da aldeia. Sua breve educação lhe dera uma rara visão do mundo, e ela consumia as histórias de Leona como se fossem água. Simi era diferente das outras. Não perdia tempo na beira do rio fofocando ou provocava as outras mulheres para fazê-las rir. Tinha vários livros, compêndios infantis, na verdade, dos seus dias de estudante. Uma vez, mostrou-os a Leona. Ergueu-os, orgulhosa, de uma cestinha enfiada debaixo da cama. Sabia ler, contou, envaidecida. Nenhuma das outras mulheres da aldeia sabia.

Depois disso, Leona escolheu alguns clássicos queridos que trouxera consigo. O favorito de Simi foi *O chamado da floresta*. Ela mergulhou de cabeça no livro. Sentava-se sob uma acácia e lia durante horas, indiferente à perturbação das outras mulheres, que a chamavam de preguiçosa e orgulhosa. Sua inteligência inata a impedia de fazer julgamentos precipitados. Pediu a Leona que explicasse as palavras que não entendia, como *neve*. Disse que gostava da maneira como o cachorro tinha assumido o comando, a

lealdade que demonstrara. Contou que nunca havia pensado que até os americanos poderiam ser cruéis uns com os outros. No Quênia, os Estados Unidos eram vistos como um lugar perfeito, onde só coisas boas aconteciam.

Para Leona, era bom estar emocionalmente destacada da comoção ao redor e ter a liberdade de olhar as coisas de fora. Ali, ninguém esperava dela nada além disso. No seu país, quando outra pessoa fazia algo que Leona não compreendia, algo que a magoava ou a confundia, ficava com uma sensação terrível de desorientamento, de entrar debaixo da terra, em um lugar onde não conseguia respirar. Era o medo de não entender o que sentia que devia ter entendido. Ali, essa sensação de pânico sumira. Não queria cruzar essa linha, voltar a se sentir confusa e mal interpretada sem motivo.

Leona sabia que na terra dos massai os bebês não eram reconhecidos até os três meses de idade. As crianças são amadas, mas também usadas, e essa utilidade pode ser traiçoeira. Ela tinha visto bebês morrerem de doenças antes de darem os primeiros passos, observado os ritos fúnebres para adolescentes mordidos por cobras, criancinhas que caíram nas fogueiras de cozinhar e o corpo ensanguentado de uma criança de 7 anos massacrada por uma hiena enquanto cuidava das cabras do lado de fora da aldeia. O prudente, Leona pensou, era manter os filhos sempre por perto quando se levava a vida dura dos massai. Afinal de contas, qualquer coisa poderia acontecer. A vida ali era frágil; era preciso ser forte. Foi isso que ela disse a si mesma quando sua filha nasceu. Eram esses os seus pensamentos. Convenceu-se de que era bom manter distância entre ela e a bebê. Amarrou seus seios que vazavam com um pano comprido e deixou que uma ama de leite da aldeia alimentasse sua criança. Deu permissão a Simi para levar a pequena para dormir na sua casa e deixou-a levar a bebê nas costas, durante as caminhadas até o rio. Foi esta a linha traçada por Leona, entre ela mesma e sua filha.

Simi amava a criança. Sem filhos, estava livre para adotar uma que, por qualquer motivo, não pudesse ser cuidada pela própria mãe. Leona sabia que Simi era mais mãe para sua filha do que ela mesma. Também sabia que a posição de Simi na aldeia, como

esposa sem filhos, era ruim. Quando Simi lhe pediu que tornasse aquilo oficial, Leona concordou. Consentiu em uma cerimônia de adoção; o *laiboni* sacrificou um carneiro, e as duas mulheres comeram a gordura. Aquele era o processo tradicional. Na sua mente, Leona sabia que sua filha jamais seria uma massai; que, por causa do seu DNA, teria direito aos privilégios de cidadã americana, mas, de uma maneira inesperada, se sentiu melhor. Agora, sua filha tinha duas mães.

Os anciãos massai deram à bebê seu primeiro nome, o sagrado, aquele que só era usado pelos pais e mais ninguém. *Nalangu*, cochicharam para Leona, que significava “de uma tribo diferente”. E era isso que a pálida criança parecia. De uma tribo diferente, um ser alienígena que Leona viu rolando sobre uma manta de couro cru, mamando no seio de outra mulher, dando seus primeiros passos na poeira vermelha e no estrume seco da *manyatta*. Leona assistiu ao crescimento da filha da mesma maneira que fazia com o crescimento de todos os bebês da aldeia. Deixava que a criança procurasse Simi para aconchego, e não ela. Conversava com a filha em inglês, mas conversava com todas as crianças da aldeia em inglês, pois os pais queriam que elas aprendessem o idioma. Convenceu-se de que nada tinha mudado, de que os nove meses da sua gravidez nunca aconteceram de fato, e de que o terror que sentira durante tudo aquilo não passava de um pesadelo.

À noite, porém, Leona frequentemente acordava, suada e apavorada, os pesadelos vivos na sua mente. Sonhava que a filha desaparecia em uma baforada de fumaça, ou que era levada na boca de um leão, os ombros largos e fulvos do animal se erguendo ao saltar a cerca espinhosa, a juba desgrenhada e loira enrolando-se de leve sobre os olhos frios e amarelos. Em noites assim, levantava-se para confirmar que a sua bebê estava ali, mas nunca a encontrava. Ao acordar propriamente, Leona sentia ódio da versão que via de si nos pesadelos. Não era a fumaça ou o leão que provocava o bater frenético do seu coração e a respiração sufocante, era a visão dela mesma, parada, observando, mexendo devagar o chai na xícara de esmalte lascado com sua colher de metal, em círculos concêntricos, repetidas vezes, enquanto a

criança desaparecia diante dos seus olhos. Que tipo de mãe não fazia nada além de assistir?

Leona encontrava paz e liberdade ao se concentrar no trabalho. Aquilo era importante não apenas para ela, mas para a comunidade. Quando um membro massai do parlamento discursou em Narok, Leona o puxou de lado e lhe contou sobre a sua pesquisa, sobre a ideia de convencer o governo a permitir privilégios de pastagens, ao menos durante a época da seca. O homem tentava encaminhar uma proposta semelhante e pediu para Leona que lhe enviasse o trabalho. Isso a obrigou a focar ainda mais profundamente em observações específicas: os padrões de pastagens correntes *versus* aqueles conhecidos pelos mais velhos, antigas maneiras de lidar com a seca em comparação com as novas. Leona começou a visitar outras *manyattas* da região, reunindo notas e histórias da mais ampla amostragem que podia. Essas viagens para longe da filha não perturbaram a mãe ou a criança. Nalangu estava perfeitamente satisfeita com Simi e com sua ama; Leona estava perfeitamente satisfeita com o fato de não ser mãe.

Quando Nalangu fez um ano, chegou a hora de receber um nome que pudesse ser dito em voz alta, um nome que ela mantivesse como seu. Leona permitiu que Simi escolhesse esse nome, e, quando o cabelo da menina foi lavado com leite e água e depois raspado, a americana observou a cerimônia com caderno e caneta na mão. O novo nome escolhido por Simi foi *Adia*: “dádiva” em maa. Assim como todas as crianças da *manyatta*, ela era filha de todos, livre para comer e dormir com qualquer uma das mães. Dessa forma, a ligação de Leona com Adia permaneceu a mesma que tinha com todos os bebês à sua volta: afetuosa, mas distante, vista através de um telescópio, detalhada, mas remota.

Uma vez que os pais massai desempenhavam um papel insignificante na vida dos filhos, a falta do de Adia era um detalhe que mal merecia consideração. Quando a criança fez 3 anos, Leona não pensava muito no pai da menina. Tinha conseguido mantê-lo longe. E estava verdadeiramente aliviada de se livrar dele.

Era fácil para ela se concentrar no trabalho com tantas mães disponíveis para a sua filha. Por causa disso, foi fácil os dias virarem meses e, então, anos. De vez em quando, dirigia até Nairóbi para

um encontro com o seu contato do governo. Fornecia-lhe as informações reunidas, e ele as divulgava pelos corredores do parlamento. Leona gostava dessas viagens à capital. Começava a desejar de novo uma cidade, o estímulo intelectual de pessoas parecidas com ela. E passou também a ser respeitada. Era procurada por outros antropólogos locais, estava se tornando conhecida no seu campo. Adia quase nunca passava pela sua cabeça. Sabia que a filha estava em segurança na *manyatta*, sob os olhares atentos de Simi e das outras mulheres.

Durante uma dessas viagens, foi apresentada ao chefe do departamento de antropologia da Universidade de Nairóbi. Ele pediu uma reunião com ela e, depois de conversarem por um tempo, ofereceu-lhe um cargo no corpo docente. Leona ficou exultante. Agora que tinha provas para sustentar sua teoria de que a imposição de limites de pastagem era danosa demais às comunidades massai, poderia levar o assunto para o saguão de conferências. Poderia conversar com os estudantes sobre como sua própria sociedade estava mudando e talvez estimular uma nova geração a se comprometer com o trabalho de ajudar os povos nômades.

Ela pensou na filha e considerou as decisões que teria que tomar. Poderia cuidar da menina sozinha, em Nairóbi, sem a assistência das mulheres da aldeia. Relembrou os pesadelos que tivera, e como, vez ou outra, seu eu no pesadelo assistia ao desaparecimento da bebê sem alarde algum. Como era uma mãe inadequada! Ocorreu-lhe que poderia deixar Adia na *manyatta*, e ir sozinha a Nairóbi. Afinal de contas, a *manyatta* era o lar de Adia, e ela tinha Simi.

Leona acalentou uma visão não muito clara de Adia adolescente, debruçada sobre livros em uma escola de verdade. Compreendeu que essa visão necessitaria do seu envolvimento como mãe. Só que aquele era um problema distante. Adia ainda era pequena para ir à escola, e estaria segura e feliz na *manyatta*, ao menos por um tempo. Mal tinha feito 3 anos, era muito cedo para Leona se preocupar com a educação da filha.

A ideia martelou na sua mente e fez o coração dela acelerar no peito. Disse ao chefe do departamento que precisava de tempo para

pensar, para acertar alguns detalhes na pesquisa, mas sabia que a sua decisão já estava tomada. Durante toda a viagem de volta para Loita, imaginou como seria a sensação de lecionar, de estabelecer mais contatos nas altas esferas do governo queniano. Podia sentir a agitação no sangue. Daria conta. Poderia usar seu trabalho e conhecimento para ajudar o povo que passou a amar tanto que praticamente dera a eles sua primeira filha.

Parou para abastecer a algumas horas de carro da *manyatta*, e, em um impulso, resolveu não esperar. Gostava de agir depois de tomar uma decisão. Enquanto o frentista lavava seu para-brisa, Leona pediu para usar o telefone. A ligação tinha bastante interferência, mas o chefe de departamento entendeu. Ela aceitou o cargo e se mudaria em breve para Nairóbi. Faltavam poucas semanas para o novo semestre e, enquanto dirigia os últimos quilômetros até o lugar a que chamara de lar por mais de quatro anos, listou as coisas de que precisaria na nova vida: um lugar para morar na cidade, roupas para usar como professora (seu jeans velho e rasgado e as blusas de algodão não serviriam), uma conta bancária, uma sala com um computador decente.

Esses pensamentos a distraíram enquanto estacionava fora do cercado da *manyatta*. Registrou a presença de mais pessoas circulando por ali do que o normal, mas não considerou o motivo. Sua mente estava cheia de outros pensamentos. Na sua *inkajjik*, olhou ao redor. Provavelmente não levaria quase nada. Simi poderia usar aquelas coisas, e também Adia. Distraída, ela pegou uma pequena pilha de correspondência que alguém — Simi, com certeza — deixara em cima da cama. A correspondência vinha de Nairóbi, via Narok, e depois ia até uma loja que servia como agência de correio da região. Em geral, quando recebia as cartas destinadas a Leona, o dono da loja mandava o filho entregá-las em mãos. Aquela correspondência devia ter vindo enquanto ela estava fora.

Quando Leona escrevia aos pais, escolhia bem as palavras. Não manteve Adia em segredo, mas também não falava muito sobre ela. Nas cartas, explicou apenas que criaria a criança sem o pai e que a neta deles estava feliz e segura. Conforme Adia crescia, as cartas que Leona recebia dos pais passaram a ser mais insistentes. Eles tinham aberto uma conta no banco para a menina e reescreveram o

testamento. O pai, em particular, não conseguia imaginar uma vida na *manyatta*. Não suportava a ideia da única neta crescer na sujeira, como dizia, sem a civilidade de médicos próximos e coisas como eletricidade e água corrente. Leona se forçava a abrir e ler todas as cartas, mas cada vez que um envelope gordo e branco, quase todo coberto de selos, aparecia na *manyatta*, sentia sua respiração acelerar e via pontos de luz em frente aos olhos. Era como se estivesse afundando. Perguntou-se por que se dera ao trabalho de lhes contar sobre Adia.

Ao ler as cartas que eles lhe escreviam, a dor da infância voltava como se fosse a sensação de um membro fantasma ou as lembranças rápidas dos seus pesadelos. No entanto, algo também a surpreendeu. Sob a raiva e o ressentimento que sentia dos pais, havia um ciúme inesperado. A noção de eles se preocuparem com Adia, quando nunca haviam demonstrado preocupação alguma com ela, era algo que a machucava. Planejou jamais deixar que conhecessem a criança. Planejou nunca voltar para o silêncio úmido dos céus do Oregon ou para a sensação mortal de estar sozinha em uma casa onde só o tique-taque dos relógios e o zumbido da geladeira a faziam lembrar de que estava viva.

“E quem é o pai?”, a última carta perguntava. “Você deve saber. Uma menina merece ter um pai.” Foi isso que forçou uma fresta na convicção havia muito tomada por Leona, de manter distância do queniano branco. A piada cruel de que o próprio pai dela, um homem ao mesmo tempo brutal e ausente, pudesse insinuar que a neta dele precisava de algo que nunca proporcionara a Leona, provocou um arrepio em um local escondido do seu cérebro. A mulher empurrou o pensamento para longe e tentou enterrá-lo. Disse a si mesma que Simi e a aldeia eram tudo de que Adia precisava, pelo menos por ora. No entanto, a ideia ganhou força na sua mente.

Sua mãe e seu pai fizeram de Leona quem ela era: uma pessoa silenciosa e isolada. Nos momentos torturantes, quando não conseguia escapar da preocupação, Leona se perguntava se estaria tendo com a filha a mesma relação que seus pais tiveram com ela, distante e fria. Detestou essa ideia e a culpa que lhe trazia, mas não sabia como ser diferente. O fato de saber que estava fadada ao

fracasso era o principal motivo de nunca ter desejado ser mãe. Então, ficava dividida. Ao ver Adia com as crianças massai, rindo e brincando, jamais sozinha e jamais calada, ficava feliz. Adia sempre contaria com Simi. Leona disse a si mesma que a infância da filha era melhor do que a sua tinha sido. Cresceria com amigos da mesma idade e o olhar atento de toda a aldeia. Isso a ajudou a perceber que, se Adia crescesse ali, não seria nem um pouco parecida com ela. Tentou se convencer de que dar a filha uma comunidade, uma sensação de pertencimento, era mais importante do que lhe dar uma mãe.

A carta mais recente, lida por Leona depois de aceitar o cargo na universidade, não era diferente das outras. Amassou-a o máximo que conseguiu, atirou-a no fogo e foi procurar Simi.

Ao passar pela porta e entrar na claridade, voltou a notar o número de pessoas na *manyatta*. Lá estava o *laiboni*, o líder espiritual, cercado pelos jovens *moran*, os guerreiros, na área central entre as casinhas. Guerreiros recém-iniciados enchiam a *manyatta*. Seus rostos e suas longas tranças estavam besuntados de uma mistura de terra vermelha e gordura de carneiro. Leona se sentiu tonta ao perceber que, nos rostos daqueles garotos que mal alcançaram a adolescência— a maioria tinha apenas 13 ou 14 anos —, reconhecia os rostos redondos dos menininhos que vira pela primeira vez quatro anos antes. Agora eram homens. Ela tinha vivido ali por muito tempo. Não pensara na dor que sentiria ao deixar todos para trás. Deixar Simi. A ideia lhe deu vertigem, e ela foi se sentar com os mais velhos, à sombra de uma acácia desgrenhada.

— O que está acontecendo? — perguntou a uma mulher encarquilhada.

— *Emurata* — respondeu ela.

Ao chegar à *manyatta* pela primeira vez, Leona se obrigou a assistir a tudo, todos os rituais e cerimônias, sem exceção. Seu trabalho era observar, sem tecer julgamentos, a vida cotidiana e os acontecimentos que refletissem as crenças do povo sobre o qual escrevia. O ritual que menos apreciava era o de iniciação das meninas, a *emurata*. Achou impossível não se encolher perante o corte da carne e se viu incapaz de não condenar com dureza o

conceito daquilo. Sua decisão de observar tudo sem críticas era testada sempre que presenciava uma *emurata*. Depois de assistir a três, convenceu-se de que já tinha toda a informação necessária sobre a prática e deixou de ir às cerimônias.

A cerimônia tinha começado, e os *moran* se puseram a dançar. Formaram um círculo, absurdamente altos e magros, as costas tão retas quanto as lanças que carregavam. Então, deram início à cantoria, entoando *uh-uh-uuuu-huh*, e os saltos faziam as tranças baterem nas costas, o ferro na ponta das lanças reluzindo ao sol. Leona sabia que a circuncisão estava prestes a começar. Levantou-se e passou pela dança dos *moran*. Queria ficar longe da aldeia, distante o suficiente para que o vento nas acácias enchesse os seus ouvidos, e não o som dos ritos.

Ao passar pela multidão, procurou por Adia. Era raro ficar sozinha com a menina, mas queria fazer isso agora. Ocorreu-lhe que sentiria falta da interação diária com a filha, por menor que fosse. Um arrepio de preocupação mordiscou-a em algum lugar profundo e escondido. A carta dos pais e a culpa que provocou nela se forçaram em sua mente. Quis sair às pressas, mas se viu presa entre o desejo de ir e a sensação estranha de responsabilidade maternal. Onde estava Adia?

Leona sabia o momento em que a faca encontrava a carne pelo grito lancinante que saía da estrutura acachapada de pau a pique e pairava no ar. Uma imagem de Adia estendida e sangrando relampejou na sua mente. Sabia que não podia ser a sua filha. Com 3 anos de idade, ela era jovem demais, mas a imagem da menina sendo cortada, agora ou anos depois, fez seu coração martelar. Um dia, Adia teria 13 anos. Um dia, se Leona de fato a deixasse ali, Adia consideraria o corte normal, até mesmo necessário. Seu mundo seria esse. Talvez o pai dela tivesse razão. A ideia de dar algum crédito àquele homem em conselho de como criar os filhos fez Leona sentir enjoo, mas era difícil ignorar aquele fato. Afinal de contas, tratava-se da filha dela. E então um broto indesejável de uma planta venenosa fincou raízes na sua mente, um pensamento que não queria ter. Por mais que os detestasse, havia uma parte em Leona que ansiava desesperadamente pela aprovação dos pais. Os

dois estavam felizes por ter uma neta. Aquela era a primeira coisa que ela fazia que lhes inspirava orgulho.

O coração da mulher palpitou, e ela sentiu o suor descendo pelas costas. Agora, seu coração batia rápido demais. Quis se sentar, acalmar a respiração e devolver os pensamentos para um lugar onde pudesse contê-los e controlá-los.

Então, a menina voltou a gritar. É óbvio que sim. É óbvio que se contorcia para escapar da faca. E Leona, atenta e enlouquecida de pânico, atravessou, abalada, o picadeiro empoeirado.

A rápida ausência de luz, quando se curvou para dentro da *inkajjik* em que a cerimônia ocorria, fez com que parasse e apertasse os olhos, mas, ao abri-los em meio ao ambiente esfumaçado, viu sua filhinha loira, sentada reta como uma vara, em um grupo de meninas da sua idade, observando intensamente a adolescente que sangrava, curvada de dor sob a lâmina cintilante. Os olhos de Leona se encheram de lágrimas, a fumaça densa tomando o ar. Através das lágrimas, pensou poder ver sangue na poeira e pequenas tiras de carne macia jogadas por lá.

Em um momento fluido, Leona se inclinou sobre as brasas da fogueira e pegou a filha, trazendo-a para a luz, sussurrando em meio à fumaça que a sufocava:

— Você não pode ver isso... Não é para você... Não é para você. Não é para nós.

Tomada pelo pânico, Leona não percebeu Simi se aproximando, preocupada. Quando Adia se virou de costas, a menina se jogou na direção da outra mulher, que agarrou o seu braço. Leona reagiu puxando com mais força. Lampejos da infância pipocaram na sua mente. Nem tudo era ruim. Havia o acampamento de verão, que ela adorava, a vizinha idosa que tinha comprado todos os seus cookies de bandeirante quando Leona admitiu para ela ser tímida demais para ir de porta em porta, o caminhão de sorvete, o cheiro da árvore de Natal em dezembro e os jantares de Ação de Graças que os pais compartilhavam com amigos, que sempre lhe traziam presentinhos. Estaria roubando essa vida de Adia?

— Você não é massai — disse Leona. Então, viu Simi, e as duas se encaram, ambas agarrando a criança que chorava na poeira entre elas.

— Eu adotei ela — falou Simi.

Leona se lembrou do carneiro e da gordura que tinha comido, do alívio que sentira ao saber que não era a única responsável pela criança. Simi a ajudara, mas com certeza não podia esperar que aquilo iria durar para sempre. Simi sabia que Leona não teria que obedecer às tradições de uma cultura que não era a dela.

— Você é a segunda mãe — respondeu Leona, observando com cuidado o rosto de Simi. Só havia alarme naqueles olhos. Adia se retorceu, tentando se soltar, e, em vez disso, tropeçou. — Eu sou a principal. Ela tem uma família nos Estados Unidos.

Pensou na carta, na preocupação dos pais de que Adia fosse educada, que vivesse como americana. Leona desejou que não houvesse uma minúscula parte dela que concordasse com eles. Odiava saber que, até certo ponto, eles estavam certos.

Adia deu um puxão para trás e caiu. Leona continuou a segurá-la, mas Simi, por puro instinto, inclinou-se para a frente e amparou a queda da menina. Nesse segundo, Leona puxou Adia para longe do alcance da mulher.

— Simi, ela não pode ser massai. Não posso permitir que seja cortada.

Então, a voz da própria filha, forte, rouca e histérica, alçou por sobre a *manyatta* como o canto de um pássaro exótico, deslocado, longe de casa. Leona não soube dizer se ela gritava de dor pelo aperto no braço, de humilhação por ter sido arrastada para fora da cerimônia ou de medo pela presença súbita e descontrolada de uma mãe que mal conhecia. Não se incomodou. Suspendeu Adia e a segurou junto ao quadril. Sabia que teria que tirar a filha dali logo, enquanto sua convicção ainda estivesse forte. Caminhou com dificuldade o mais rápido que pôde, até onde o carro estava estacionado.

— Essa não é a sua verdadeira vida, Adia — repetiu Leona, inúmeras vezes. — Você não é massai. Você é como eu. Você é como eu.

O carro de Leona estava amassado e enferrujado a ponto de não ser mais possível adivinhar a cor original. Abriu a porta de trás, aliviada por estar destrancada — suas mãos trêmulas jamais conseguiriam manejar uma chave. Empurrou Adia para o banco e

travou o cinto de segurança. Não se despediu do povo com quem vivera por tanto tempo e nem deixou Adia se despedir. Estava louca para ir embora, tomada pela ideia de que, se não partisse naquele momento, seu próprio medo a forçaria a mudar de ideia, e ela acabaria deixando a filha para trás. Simi gritava sem parar, ajoelhada na terra. Outras mulheres se juntaram ao redor, e uma delas começou a correr na direção do carro. Leona bateu a porta do motorista com tanta força que a janela escorregou para dentro da porta, tornando-se inútil. Conseguiu colocar a chave na ignição e dar partida. Engatou a marcha e pisou no acelerador. Adia gritava e gritava, chamando Simi, enquanto o carro sacolejava pela estrada acidentada e empoeirada. A menina batia no vidro com sua mãozinha e chutava as costas do banco de Leona.

Leona se sentia como uma sequestradora.

Já escurecia quando as luzes de Narok surgiram no horizonte. Leona detestava dirigir à noite. Havia muitos riscos: caminhões quebrados na estrada, impossíveis de serem vistos até ser tarde demais; elefantes vagando; antílopes paralisados de medo bem na sua frente, cegos pelos faróis do carro. Ela ficara sabendo de tantos acidentes que não conseguia encarar aquilo levianamente, então, ao chegar no agrupamento de prédios que constituía a cidade de Narok, parou o Renault com um solavanco em frente ao Chabani Guest House.

Não havia pisado ali desde a noite da concepção de Adia. Sentiu uma palpitação nervosa. E se o homem estivesse no hotel? O que ela diria? O saguão estava vazio, porém, e, quando o funcionário levou Leona ao melhor quarto, um dos únicos três com banheiro privativo e mais de um abajur, o corredor também estava deserto.

Naquela noite, Leona evitou o bar. Em vez disso, levou uma Adia lacrimosa até um restaurantezinho na mesma rua. A menina perguntava repetidamente por Simi.

— Quero ficar com a minha mãe — falou uma vez. — Não com você.

Leona mentiu para a menina, dizendo que ela logo voltaria para casa. Pediu batata frita para Adia, carne grelhada e sorvete. A novidade do sorvete funcionou. Isso são férias, falou para a filha. De volta ao hotel, Adia aceitou tomar uma ducha e riu com a sensação

da água escorrendo pela cabeça e pelas costas. Ao subir na cama, o cabelo molhado esticado junto ao pescoço, tão pequena e pálida quanto uma larva, perguntou a Leona para que serviam os lençóis e o travesseiro.

Sua própria filha nunca tinha dormido em um colchão. Isso não deveria ser uma surpresa, mas Leona ficou chocada. Apagou a luz e ficou deitada no escuro. Lembrou-se da casa de sua infância, o pai distante e silencioso, com as mãos duras, duras. Lembrou-se da sensação de quando era criança, uma estranha na própria vida. Pensou no homem que lhe dera Adia, um presente que a entorpecera de pavor por muito tempo. A menina estava deitada ao seu lado, tão perto que dava para sentir o subir e o descer do peito dela, os pulmões minúsculos, o ar quente que saía do seu nariz.

Quando Leona conseguiu adormecer, foi com o cabelo macio de Adia debaixo do seu queixo e o braço ao redor dos ombros da filha. Naquela noite, não houve pesadelo; o sono da mãe foi calmo. Sonhou com o céu, claro, tranquilo e infinito. O tipo de céu de que se lembrava de um verão distante no passado, antes de a escuridão florescer dentro dela, antes de a chuva sem fim ter começado.

Ao acordar, a luz se insinuava. Uma centopeia se arrastou pelo chão encerado, e Leona a viu desaparecer e reaparecer em meio às sombras. Voltou a acariciar, distraída, o cabelo de Adia. Agora, estavam em Narok. Ela sabia que o queniano branco frequentava o lugar. Que vivia por perto. Era só esperar, fazer as perguntas certas às pessoas certas, e poderia achá-lo. Sentiu uma pontada dentro de si, em algum lugar, um lugar tão profundo que quase se esquecera dele, silencioso e parado, mas enfim estremecendo com o potencial. Lá fora, o céu clareava, e havia quadrados de luz na parede do outro lado da cama. Leona se virou para a filha. Percorreu o dedo ao longo do narizinho parecido com o dela, das orelhas que lembravam as da sua mãe. Depois, reconheceu o sentimento minúsculo e profundo no seu âmago. A esperança era uma semente dentro dela.

UMA MULHER IGUAL A UMA REGIÃO SELVAGEM

A LEMBRANÇA MAIS ANTIGA DE SIMI ERA TAMBÉM A QUE ELA MAIS desejava esquecer. Na maior parte do tempo, empurrava-a para os confins da mente e a mantinha lá, presa no escuro. Mas, às vezes, sobretudo quando dormia, a lembrança escapava e flutuava, como um fantasma, na consciência dela.

Os detalhes já não eram claros. Na sua memória, a *inkajjik* estava gelada. Isso não fazia sentido, Simi sabia, porque a mãe dela era uma boa massai que sempre mantinha brasas ardentes no braseiro. Ela jamais permitiria que o fogo se apagasse ou que o ar ficasse gelado. Haveria fogo. Ainda assim, na mente adulta de Simi, a lembrança era fria. Era uma noite típica, alegre e calma. Ela, a mãe e o irmão estavam sentados junto ao fogo. Simi e o irmão contavam à mãe sobre o seu dia na escola. A mãe adorava ouvir sobre a escola, e tinha orgulho de mandar os dois filhos para lá, não apenas o menino.

A família de Simi era rica em gado e filhos. Sua mãe era a quarta esposa do pai. Isso foi uma sorte para Simi porque, ao nascer, o pai dela já estava acostumado às necessidades dos filhos quanto a tempo e dinheiro. Na maioria das vezes, ele se mantinha longe das crianças, e só visitava a casa da mãe de Simi quando precisava de alguma coisa. Passava seu tempo com outros adultos, sob a sombra de uma acácia. Uma das esposas dele fazia cerveja de mel, da qual ele gostava, então o homem passava a maioria das noites na cabana dela. Às vezes, bebia tanta cerveja de mel que sua fala ficava confusa e seu caminhar, errático. Antes da noite em que tudo mudou, Simi achava o pai divertido quando bêbado. Depois, aquilo fez com que o odiasse.

A mãe de Simi era calada e pensativa. Não passava muito tempo com as outras mulheres. No seu tempo livre, sentava-se sozinha e fazia complexos adornos de contas. Suas criações eram delicadas e diferentes, tão lindas que as pessoas de outras *manyattas*, algumas a dois ou três dias de distância a pé, começaram a procurar seus trabalhos. Às vezes, trocavam uma cabra por uma peça, outras, tiravam um maço desbotado de xelins das suas vestes. A mãe de Simi deixava que os animais vagassem com os outros da tribo, não fazia segredo deles. Mas o dinheiro, ela escondia. Guardava-o em uma velha lata de tabaco, que mantinha no espaço escuro debaixo da cama. Quando Simi fez 7 anos, sua mãe comprou um uniforme de estudante usado e a mandou para a escola. Seu pai não percebeu, ou não se incomodou, que Simi deixava a *manyatta* todas as manhãs, vestida com um uniforme que mantinha impecável, lavando-o no rio toda semana e pendurando-o para secar sobre um pequeno arbusto sem espinhos.

Com o passar dos anos, a mãe ganhou dinheiro suficiente para lhe comprar um uniforme novo, e lhe providenciava um caderno em branco sempre que começava uma série nova. Em todos os seus 8 anos de escola, Simi não faltou um dia. Caminhava em meio à chuva ou à poeira, e sob a torrente de provocações e nomes que os meninos lhe atiravam. Nos primeiros anos, ia com outras meninas, mas, aos poucos, todas pararam de frequentar a escola. Foram circuncidadas, casadas e mandadas para viver nas aldeias dos maridos. Cada vez que uma menina saía, Simi lutava contra o medo de ser a próxima. Mas a mãe continuou mandando-a para as aulas. Todos os finais de tarde, quando escurecia e as pessoas se retiravam para suas casas, Simi e o irmão mostravam as letras que tinham feito para a mãe, ensinavam como as palavras eram escritas. Ensinar-lhe a somar, a subtrair e também a tabuada. Na memória de Simi, aqueles foram os anos mais felizes. Porém, do mesmo jeito que a luz do dia sucede-se à escuridão da noite, a escuridão também dá lugar à luz do dia.

Simi já não conseguia mais recordar os detalhes. Quando seu pai entrou, o irmão estava no meio de uma fala. Que história ele estaria contando? Simi só se lembrava de que ele parou a palavra no meio

quando o pai invadiu a cabana. Era aí que a memória passava de uma sensação de alegria para medo.

— Cadê o dinheiro? — A voz do pai estava zangada e urgente. — Você anda roubando dinheiro. — O bafo fedia a cerveja de mel.

A mãe de Simi era uma boa esposa, Simi sabia disso. Nunca tinha visto a mãe discordar do pai. Mas então ela se virou para ele e disse, baixinho:

— Não peguei o seu dinheiro. Dei muitos carneiros e cabras para você.

Simi se lembrava de ter se aproximado da mãe. Lembrava-se do calor da pele dela e de como, de repente, esse calor desapareceu quando o pai se inclinou e levantou a mãe.

— Você é uma mentirosa, esposa!

Simi viu o pai arrastar a mãe para fora da cabana. Não conseguiu se mexer. Seu irmão deu um pulo e desapareceu pela porta. Houve luta lá fora. Simi ouviu a mãe soltar um som gutural e depois escutou um baque. Então, o pai estava de volta, partindo para cima dela. Seus olhos vermelhos, o hálito pestilento e o tremor furioso dos lábios o faziam parecer inumano, como um monstro ou um animal selvagem.

Ele se inclinou devagar e, quando seu rosto estava a centímetros do rosto de Simi, rosnou:

— Você, menina, encontre o meu dinheiro.

Mais tarde, ela choraria, perguntando-se por que fizera o que fez. Contudo, naquele momento, seu pai monstruoso arrancou todos os pensamentos da cabeça dela, que virou apenas uma caverna vazia.

— Está ali — sussurrou, apontando para debaixo da cama de couro de vaca.

O pai deu meia-volta, ainda inclinado, e estendeu um longo braço no espaço debaixo da cama. Seu rosto mudou instantaneamente quando os dedos sentiram a lata. Abriu um sorriso largo, levantou-se, enfiou o objeto debaixo do braço e saiu.

Simi deixou a cabana sem fazer barulho. Pensava que a mãe poderia estar lá fora, mas não a encontrou. Mal dava para ver o gado adormecido por causa da escuridão. Nem as estrelas brilhavam. Simi manteve a fogueira acesa e, sabendo que a mãe iria querer algo quente para beber quando voltasse, colocou uma

panela de água no fogo para fazer chá. Acrescentou açúcar e leite e, ao ferver, tirou a panela dali. O chá esfriou, o leite criou uma fina nata em cima, e, mesmo assim, a mãe não veio. Por fim, sem conseguir manter os olhos abertos, Simi se enrodilhou na cama e dormiu. Acordou quando a mãe voltou e se deitou ao seu lado. Por um bom tempo, escutou a respiração dela. Sentia vergonha do que havia feito.

Na manhã seguinte, ela se levantou cedo. Sua mãe mexia o chai na panela e lhe serviu uma xícara quente. O rosto estava calmo.

Simi observou a expressão da mãe com atenção, desesperada para saber se ela estava zangada, ou se — como esperava — tinha entendido a sua escolha. Descobriu ser impossível recusar algo ao pai. Com certeza a mãe entenderia.

— Era o dinheiro para a sua educação, Simi.

A vergonha subiu até a boca da menina. Foi impossível tomar o chá.

— Eu queria que você estudasse; assim, quando se casasse, poderia ser mais esperta do que o marido. Um marido pode bater na esposa, pode tomar tudo que ela tiver, mas nunca vai poder tirar as coisas que ela sabe.

Simi se levantou. Estava quase na hora de ir para a escola. Olhou de relance para o gancho onde o uniforme ficava pendurado e viu que estava vazio.

— Seu pai também o quis. Entreguei a ele.

A perda foi um soco no estômago. Simi lutou para conseguir respirar.

A mãe continuou:

— Ele também disse ao *laiboni* que você vai ser cortada.

Como as coisas mudaram rápido depois disso. Simi tinha 15 anos. Muitas das meninas da sua idade já eram mulheres: circuncidadas, casadas, indo morar fora da *manyatta*. Os últimos anos foram de seca. Os rebanhos do pai de Simi emagreceram, e a terra ficou dura. Os arbustos e as árvores que as mulheres cortavam para fazer lenha e construir cabanas foram ficando cada vez menos abundantes. Elas precisavam caminhar cada vez mais para consegui-los e, sem árvores e raízes de capim para conservar o solo, quando chovia, a terra simplesmente virava lama. Todas as

sementes e gramíneas minúsculas sumiram. Era mais difícil conseguir dinheiro e, assim, o alimento ficou mais escasso. Como noiva, Simi traria um dote ou, no mínimo, duas vacas e duas cabras, e seria uma boca a menos para alimentar.

Sua mãe mudou. No final do dia, não perguntava ao filho o que ele tinha aprendido na escola. Simi também não. Sentia amargura todas as vezes em que pensava nele escrevendo no seu caderno e aprendendo coisas, enquanto ela cortava lenha e lavava roupas no fio d'água que costumava ser um rio. Em vez disso, eles se sentavam calados, contemplando o fogo e tomando chá.

Na noite anterior à *emurata* de Simi, no entanto, sua mãe pegou-a pela mão e disse:

— Fui uma esposa fraca. — Depois, tirou seu colar preferido do pescoço. Era uma peça deslumbrante, larga, chata e reluzente de contas em tons de azul e verde. Simi se lembrava de ter visto a mãe fazendo aquele colar, escolhendo com esmero a conta perfeita para ser costurada. Era a única peça que ela se recusava a vender. Simi sentiu as mãos grossas da mãe colocarem o colar em volta do seu pescoço e prender o fecho. — Você é minha filha — disse a mãe. — E agora é uma mulher, e logo será uma esposa. Sua vida será como a minha, mas talvez não a dos seus filhos. Talvez eles possam ter um horizonte mais vasto.

Simi olhou para os pés. Sabia que a mãe ainda estava decepcionada com ela por arruinar o seu sonho de mandar a filha para a escola e adiar o casamento. Aquele tinha sido um gesto que a mãe talvez tivesse perdoado, mas jamais esquecido.

Simi se conformou com o casamento. Até com a falta de escolaridade. Era inconcebível que não seguisse o caminho de todas as mulheres antes dela. Tivera sorte de ter sido escolhida pelo filho do ancião da aldeia, um homem respeitado por todos, cuja opinião era sempre ouvida. Seu marido era agradável, de relacionamento fácil com todas as esposas e os filhos. Simi era a sua terceira esposa.

Estava casada havia um ano quando o marido começou a perguntar, com compaixão nos olhos, se ela era malfadada. Uma mulher sem filho é sinal de caos, uma desordem na maneira como o mundo funcionava. Afinal de contas, que importância tem uma

mulher sem filhos? A mulher foi feita para produzir crianças; se não conseguir gerá-las, o que poderá oferecer?

Providências poderiam ser tomadas. Uma semana de rezas para N'gai, ingerir carneiros, visitar a árvore *oreteti* na floresta, sacrificar um boi, banhar-se com leite e ingerir gordura. Por dois anos, Simi se consultou com o médico da aldeia. Esperou quatro vezes, e, em todas, os bebês a deixaram antes de nascer. As outras mulheres, especialmente as outras esposas, observavam ela com olhos laivados de suspeita. Uma mulher malfadada poderia trazer sua maldição para toda a aldeia. E havia algo mais infeliz do que uma mulher que não podia ter filhos? Deus só fazia coisas perfeitas; as imperfeições eram dadas em vida apenas às pessoas que as mereciam. Uma esposa sem filhos era uma imperfeição do mais alto grau, uma negligência surpreendente da parte de Deus. Alguns maridos expulsavam as esposas estéreis para se salvar da pecha de má sorte que ela poderia trazer para a família. Algumas aldeias recusavam a permanência de mulheres assim.

O marido de Simi não lhe contou que a americana estava a caminho. Ela descobriu pela primeira esposa, Isina, quando todas estavam reunidas no rio para lavar roupas.

— Por que a *muzungu* vem para cá? — perguntou alguém. — Para roubar os nossos homens?

As mulheres riram.

— Como ela vai morar aqui se não consegue falar com a gente? — indagou outra mulher.

Nalami, filha de Isina, se virou para Simi. Suas mãos estavam cobertas de lixívia, as palmas vermelhas e rachadas. Ela fez uma pausa e depois disse, devagar:

— Simi, você será a única que vai poder conversar com ela.

As outras mulheres assentiram e murmuraram em concordância.

— Ah, Simi — falou Loiyen.

Loiyen era a segunda esposa. Embora muitas vezes fizesse as mulheres rirem com suas piadas e sua interação atrevida com os homens, ela tinha uma maldade que podia irromper do nada. No começo, Simi tinha medo de Loiyen, mas não agora. Mesmo assim, não gostava da mulher. Comparava-a a uma cobra, só que mais perigosa porque o golpe era, com frequência, inesperado.

— Ah, Simi. — Loiyan se levantou toda e esticou o corpo, jogando a cabeça para trás. — Você vai ficar importante. Vai virar americana. — Loiyan se pavoneou sem sair do lugar, imitando uma mulher branca.

— Você não está parecendo uma americana — disse Simi. — Está parecendo um hipopótamo passando mal.

Todas as mulheres riram. Loiyan fez um muxoxo e se acocorou de novo para lavar sua pilha de roupas no rio de fluxo lento.

Simi ficou animada com a notícia da *muzungu*. Na noite seguinte, quando o marido veio procurá-la, ofereceu a ele uma xícara de chai e indagou sobre o motivo da vinda dela.

— Ela quer estudar a gente, a maneira como fazemos as coisas.

Simi ficou surpresa. Não conseguia imaginar por que alguém teria curiosidade pela vida na *manyatta*. Não conseguia imaginar por que uma americana viria de tão longe só para observá-los.

Simi já tinha visto gente branca, mas nunca de perto. Em geral, via-as atrás do vidro da janela de um carro, através de uma camada fina de poeira que se erguia com a passagem lenta dos pneus, enquanto estava parada no acostamento da estrada. Os rostos brancos do outro lado do vidro também a viam, os olhos tão arregalados e curiosos quanto os de Simi. Às vezes, se as janelas estivessem abertas, as pessoas brancas levantavam as mãos e gritavam “Olá”. Quando isso acontecia, Simi sempre ficava animada. O inglês fora sua matéria favorita na escola, e tornar a ouvir palavras que praticara vezes sem fim, vindas da boca de estranhos, era empolgante. Amava como saber uma língua diferente a fazia se sentir livre, como se tivesse uma chave para uma nova vida. Quando acenava e gritava “Olá” à passagem do veículo empoeirado, sentia-se importante. O inglês era sua conexão com o mundo exterior, e, embora seus dias de escola fossem coisa do passado, orgulhava-se do seu conhecimento. Sua mãe estava certa: ninguém poderia tirar as coisas que ela sabia.

Nos primeiros dias, a americana mal falou. Vagava como um fantasma pela poeira da *manyatta* e levava sustos com os movimentos do gado. Simi a observava com atenção. No início, sentia vergonha demais para conversar com a mulher branca, mas também tinha receio de que a americana acabasse indo embora se

continuasse amedrontada e deslocada. Queria muito que ela ficasse. Via como as outras massai se apinhavam em sua casinha, construída para a mulher no dia da sua chegada. Elas ficavam ali, sentadas, observando a mulher estranha e cochichando entre si. Por fim, certa tarde, Simi se esgueirou para dentro com elas, e viu a mulher branca tentando acender o fogo no braseiro. Não havia brasas ali, então Simi logo se levantou, foi até a própria casa, pegou um carvão ardente e o levou de volta. Peneirou-o no braseiro da americana, acrescentou alguns galhos e mato seco, e soprou até pegar fogo.

— Você precisa manter um pouco do fogo aceso o tempo todo — disse, baixinho. — A gente deixa queimando, só um pouquinho, até durante a noite. Temos sempre que ter o nosso próprio fogo, moça.

A mulher branca sorriu.

— Você fala inglês! Graças a Deus! Estava precisando de você!

Simi sentiu seu rosto corar, sabendo que as outras mulheres estavam olhando com atenção. Pensou ter ouvido Loiyen chupando os dentes.

— Por favor — disse a americana —, me diga o seu nome. Eu me chamo Leona.

A partir daquele momento, Leona estava sempre perto de Simi. “Me ajude, Simi”, dizia ela, e as perguntas que fazia eram de amplo escopo, indo de quantos punhados de chá é preciso jogar na água fervente para o chai até a forma como um homem escolhe sua esposa. Simi ficou mais ousada no inglês e perdeu a timidez com a estrangeira. Repreendeu-a quando ela se esqueceu de inclinar a cabeça ao cumprimentar um ancião e preveniu-a para nunca se afastar da *manyatta* no final do dia, quando as sombras ficavam compridas e as hienas e os leopardos saíam das tocas. Com Leona ao seu lado no rio, lavando as roupas, Simi descobriu que Loiyen a deixava em paz. Já não era divertido provocá-la quando ela tinha uma amiga com quem conversar em uma língua que não podia entender.

Simi acabou entendendo que, nos Estados Unidos, a vida de Leona era bastante diferente da forma que eles viviam ali. Leona lhe mostrou fotos de prédios muito altos, extensões de grama tão verdes que os olhos quase doíam ao vê-los.

— Cadê o gado? — perguntou Simi, ao ver a grama. — Eles devem ser gordos demais até para caminhar!

As imagens eram de tirar o fôlego. Simi mal conseguia acreditar que fossem reais. Leona explicou que não apenas os Estados Unidos pareciam bem diferente de Loita, mas que a vida lá — tudo, do vestuário à fala, passando pelos próprios pensamentos — não se parecia em nada com a deles. Simi sabia que algumas das outras mulheres, as que nunca tinham ido à escola e visto uma foto em um livro, não entendiam como captar as imagens e as ideias que Leona expunha para elas; suas mentes estavam tão arraigadas ali que não conseguiam ver as coisas de outra maneira. Simi, no entanto, conseguia. Lera sobre pessoas diferentes dela, e sabia que o modo de vida dos massai não era único. As imagens nas fotos e as histórias contadas pela americana eram como sonhos. Reluziam na mente de Simi e lampejavam contra a realidade que ela via à sua volta. Eram dois mundos: um dentro dela, e outro fora, como chamas ardentes que queimavam azul, laranja e vermelho, todas ao mesmo tempo.

No final do dia, Leona ia à casa de Simi. Seu maa progredia. Frequentemente, as duas praticavam juntas. Leona procurava nos cadernos e fazia perguntas sobre coisas que vira naquele dia, anotando as idades e os nomes das pessoas da aldeia. Em troca, ensinava a Simi gírias americanas. Simi adorava a sensação que as novas palavras provocavam na sua boca, e começou a apimentar seu maa com “That’s cool!” e “For real?”. Em outras noites, elas bebiam chá e ficavam apenas contemplando o fogo, em silêncio.

Certa noite, depois de já estar na *manyatta* havia várias semanas, Leona se sentou em um banquinho ao lado de Simi, que enfiava contas em uma tira de couro, fazendo um bracelete. Estava escuro e frio lá fora.

— Você não tem filhos — declarou Leona.

Simi ficava relaxada na presença da americana, mas essa afirmação, dita de maneira tão clara e objetiva, chocou-a. Era inesperada, ousada demais para ela se sentir à vontade. Sobressaltou-se e derramou um pouco do chá no colo. Estava quente e ardeu. Seus olhos marejaram, e ela olhou além das brasas reluzentes no fogo, e viu Leona a observando. Não havia maldade

no rosto da estrangeira. Em parte, Simi queria enterrar o assunto para sempre, mas outra parte sua estava desesperada para conversar sobre a dor, compartilhá-la com alguém de uma maneira que não podia fazer com as mulheres da sua tribo. A expressão de Leona era firme, os olhos desarmados.

— Há quanto tempo está casada?

Simi escutou a pergunta e se mexeu, desconfortável.

— Três anos.

— É um problema uma esposa não ter filhos?

Leona falava como se estivesse com um caderno e uma caneta nas mãos, mas Simi viu que ela não segurava nenhum dos dois.

Simi respondeu em inglês. As palavras ditas na sua língua doíam mais ao sair.

— Nós dizemos que uma mulher que não pariu é igual a uma região selvagem. Uma mulher ou um homem com filhos que se lembrem deles nunca morrem. Mas uma pessoa como eu? Quando eu me for, ninguém se lembrará de mim.

— Nos Estados Unidos, as pessoas podem escolher ter filhos ou não — disse Leona. — Mas, mesmo assim, algumas pessoas querem e não conseguem ter. Isso acontece em todo lugar, Simi. Você já se consultou com um médico?

Ela não respondeu. Formigava de desconforto. Não havia como explicar tudo a Leona. Sua dor não era algo para um caderno, algo para ser anotado com caneta no papel. Sua frustração amarga por não ter filhos e seu medo da repercussão não eram coisas que ela, algum dia, deixaria às claras. Tentava até mesmo evitar pensar no assunto. E, afinal, como dividir essa história poderia explicar o desapontamento e o terror que sentia pela traição de seu próprio corpo? Ficou grata quando, após um longo silêncio, Leona sorriu e disse que estava cansada, levantando-se para ir embora.

COM LEONA NA MANYATTA, O COTIDIANO DE SIMI MUDOU. SUA HABILIDADE com o inglês era o elo entre a americana e os outros. Havia um certo poder que nunca sentira antes. Até os homens percebiam isso. Aproximavam-se dela com cuidado, fazendo perguntas sobre Leona, e todas as conversas que a americana tinha com os moradores aconteciam com Simi por perto, traduzindo não apenas as palavras, mas as ideias e os sentimentos por detrás delas. Pela primeira vez desde que se dera

conta da infertilidade, sentiu o medo afrouxar. Leona era sua âncora. Mesmo sendo malfadada, não poderiam expulsá-la enquanto precisassem dela. Agora, sentiam-se agradecidos pela educação que teve. Na aldeia, havia homens instruídos que falavam inglês, mas como Simi era mulher, tinha acesso mais fácil a Leona. Um homem não poderia passar tanto tempo com uma mulher que não fosse sua esposa sem que algumas sobranceiras se erguessem.

Leona se juntava às mulheres todo dia no rio, e elas lhe ensinaram a bater suas roupas nas pedras e esfregar a barra de sabão até fazer espuma. Quando Leona estava lá, o tempo de bater, esfregar e enxaguar as roupas passava mais rápido. Simi ficava triste por não ser mais a única mulher que pudesse ter cumplicidade com Leona — ela começou a fazer amizade com várias outras moradoras da aldeia. Mas Simi sentia-se agradecida por Leona parecer feliz ali, satisfeita. Queria que a americana ficasse por um longo tempo.

— Simi — cochichou Leona um dia quando as duas estavam descansando as mãos ensaboadas. — Acho que Loiyon está grávida.

Simi já sabia disso; ainda assim, deu uma olhada na segunda esposa. As dobras dos panos da mulher se esticavam um pouco na elevação da barriga. Simi engoliu as brasas quentes do ciúme. Loiyon já tinha três filhos, sendo que dois eram homens.

— Não é verdade que uma mulher sem filhos pode adotar o bebê de outra? — cochichou Leona em inglês, não em maa. Simi entendeu que ela queria manter a conversa em segredo.

— É — respondeu. A possibilidade já passara pela sua cabeça milhares de vezes. Para ser considerada mãe, não era absolutamente necessário que a mulher tivesse parido o próprio filho. — Acontece com frequência.

Leona abriu a boca, mas Simi já tinha entendido a pergunta que seria feita, e respondeu antes que ela pudesse falar:

— Mas, a menos que o motivo da adoção seja pela morte da mãe, as mulheres precisam ter uma proximidade de irmãs.

Mais tarde, as ideias de adoção e sua aparente impossibilidade encheram a cabeça de Simi como o tumulto do gado no pasto, recusando-se a deixá-la dormir. Seu marido era rico em filhos, três

com Loiyan e sete com a primeira esposa, Isina. Agora, vinha mais um, e ela ainda não tinha nada.

Alguns meses depois da chegada de Leona, Simi a encontrou agachada ao lado do *laiboni*, lutando para estabelecer uma conversa. Ofereceu-se para traduzir e, quando ouviu as perguntas da amiga, começou a tremer. Sua pele ficou gelada, e sua visão, turva. Reconheceu um sentimento de raiva, mas havia algo mais, uma sensação de traição também. N'gai a havia traído, e agora Leona, conseguindo com tanta facilidade, sem nem ao menos querer, a única coisa que Simi desejava com fervor.

Naquele final de tarde, Simi deixou o cercado. Caminhou até não conseguir ver a cerca da acácia ou ouvir o som de gente. Anoitecia e era perigoso ficar ali àquela hora, mas ela não queria ser vista. Precisava de um tempo sozinha, e não queria conversar. Ficou em um lugar onde a terra descia em direção a um riacho, agora seco, onde os arbustos e o capim eram mais fechados. Viu uma família de zebras mascando calmamente, e se sentiu mais segura; elas não sentiam a presença de um predador.

Perto de onde estava, viu um arbusto novo e verde, cuja planta seu povo usava para dores de estômago. Como sempre precisavam de mais, Simi começou a arrancar as folhas, amarrando-as na ponta das vestes. Apenas mais tarde, quando voltou para casa para esquentar o chá, foi que teve a ideia. Leona não aprendera a diferenciar uma planta da outra, então Simi jogou um punhado em uma sacola plástica amassada e foi até a casa dela. Sabia que as folhas não teriam efeito algum. Enquanto as entregava a Leona, imaginou o bebê firmemente agarrado nas entranhas escuras do seu corpo. Os músculos de Simi se contraíram perante a ideia dessa plenitude. Se ao menos... Se ao menos...

Foi bem cedo em uma manhã, antes de clarear, quando até os bois e as cabras ainda dormiam, que o grito de Leona rasgou o céu escuro em dois. Simi o escutou. O grito a tirou do seu sonho e fez com que um arrepio corresse pela sua espinha. Chegara a hora. Colocou o tecido em volta dos ombros para se proteger do ar frio e foi até a casa dela. A parteira já estava lá, assim como outras mulheres. Todo mundo adorava participar de um nascimento. Lá estava Loiyan com o novo bebê — mais um menino — dormindo

profundamente, aconchegado em uma tira amarrada com firmeza às costas da mãe.

Leona teve sorte. O parto foi fácil, e a parteira não teve dificuldade em libertar o recém-nascido do corpo da mãe, trazendo-o ao mundo. O cordão foi cortado, e a menininha minúscula e pálida foi colocada nos braços da mãe.

HAVIA MULHERES QUE NÃO SE AFEIÇOAVAM AOS SEUS BEBÊS. SIMI JÁ PRESENCIARA isso, mas sempre nas pessoas que tinham o olhar alucinado dos amaldiçoados. A reação de Leona a amedrontou. Depois que a bebê foi colocada nos braços da mãe, ela soltou um uivo animalesco. Sua boca se abriu, os olhos se fecharam, e o grito veio de um lugar profundo que Simi nunca suspeitou de que Leona tivesse dentro de si.

A americana tentou amamentar a criança, mas em poucos dias afastou-a e amarrou um pano bem forte em volta dos seios para que o leite parasse de sair. Não era incomum ter mães que não conseguiam amamentar; acontecia de vez em quando, e sempre havia outra mãe que poderia se oferecer para ajudar. Só que Leona podia amamentar. Nas poucas vezes em que tentou, o leite desceu forte e farto. Simi percebia que a bebê conseguia mamar e que os seios de Leona estavam cheios e prontos. Nunca ouvira falar de uma mulher que, embora pudesse, não quisesse amamentar. Sentiu uma sensação aguda no ventre ao ver como Leona tratava a filha.

Quando começou a cuidar da criança e arrumou uma ama de leite, Simi disse a si mesma que estava ajudando Leona. A ama de leite tinha outras cinco crianças, uma delas apenas alguns dias mais velha do que Nalangu, então não se incomodou quando Simi lhe passou aquela bebê rosada para ser alimentada. Algumas semanas depois, quando o interesse de Leona pela filha não aumentou, Simi pediu ao marido um carneiro para tornar a adoção oficial. Era uma boa coisa a esposa adotar o bebê de Leona, e, embora ele achasse a cor da criança desagradável, ficou feliz em providenciar o animal. Todas as suas esposas deveriam ter filhos, isso traria sorte para Simi e para a comunidade, mesmo que a criança tivesse a cor de um porco-da-terra pelado. Simi dividiu a gordura do carneiro em duas porções. Leona ainda estava abatida e calada, e Simi lhe

contou que a gordura deixaria o seu corpo forte de novo, depois do esgotamento da gravidez. Afinal de contas, era verdade. Leona nunca perguntou por que ela se desfez da outra porção de gordura. Simi falou a si mesma que Leona devia conhecer os procedimentos de adoção. Já estava ali havia muito tempo, anotando tudo. Com certeza haviam falado a respeito disso para ela.

Simi adorava ser mãe. Seu lugar na aldeia estava cimentado. Loiyan não a provocava mais, e o marido já não parecia preocupado quando a procurava à noite. Ela agora estava protegida da selvageria de uma vida sem filhos.

Simi não escolheu o nome Nalangu, mas parecia que a mão do destino se estendia para lhe dar o que ela queria havia tanto tempo. Até então, ela mesma se sentira como um membro de uma tribo diferente. Agora, ela e essa nova pessoa estavam juntas, tinham uma à outra, e isso permitiria que ambas fossem incluídas. Simi sabia que Leona a observava junto da criança com alívio. Sua pele voltou a ficar rosada, e os olhos já não estavam mais tão escuros. Parecia feliz. Quando Nalangu fez 1 ano, e era hora de receber um nome de verdade, Simi não perguntou a Leona o que ela achava. A mãe podia decidir isso, e Simi escolheu Adia, “dádiva”, porque era o que a criança era.

MAIS TARDE, SIMI SE PERGUNTOU POR QUE AS NUVENS SE FECHARAM naquele determinado dia e o que ela fizera para merecer um castigo redobrado. Era uma boa pessoa, uma boa mãe para Adia. Tomava todas as providências necessárias para assegurar que N’gai estivesse satisfeito com ela.

Nos últimos tempos, Leona ia com frequência a outras *manyattas*. Também viajava bastante para Nairóbi. Simi percebia que a ligação da amiga com a aldeia diminuía. Envergonhou-se por sentir alívio ao pensar em Leona indo embora. Havia vezes em que Simi se perguntava se Adia pareceria mais dela se Leona fosse embora. A ligação que elas tinham — Leona e Adia — apenas pela cor da pele era óbvia. Pessoas de fora da aldeia, pessoas que não sabiam, faziam a ligação errada. Quando Leona fosse embora, seria melhor.

Era um dia como outro qualquer, quente, claro e empoeirado. Precisavam de chuva, mas sempre precisavam de chuva. Só que também era um dia especial. A *emurata* era um momento de felicidade para a aldeia, e os *moran* estavam se reunindo. Não

haveria como Simi saber que a ânsia pela maternidade de Leona, há tanto tempo morta, escolheria aquele dia para levantar a cabeça e agir.

Passava do meio-dia, e o sol estava rigoroso, contemplando a aldeia com o rosto incandescente, quando, de repente, Simi ouviu o grito de Adia. Reconheceu a voz da sua menina como se fosse sua e, com o coração galopando no peito, pulou de onde estava sentada com algumas mulheres e disparou pela aldeia. Esperava ver uma cobra, um leopardo ou alguma criatura terrível machucando a sua filha. Em vez disso, viu Leona arrastando a criança — a *sua* criança — da cabana da *emurata*. O rosto da estrangeira, em geral apático, era um tumulto de nuvens como a mais escura das estações chuvosas. Seus olhos estavam vidrados, olhos de uma mulher amaldiçoada, e iluminavam Adia como chamas. O inglês de Leona foi rápido, áspero e furioso demais para que Simi pudesse entendê-lo, mas a intenção dela era clara. Estava levando Adia embora.

Por instinto, como qualquer mãe faria, Simi tentou puxar a filha de volta do abismo. Adia gritava o seu nome:

— Yeyo! Mãe! — berrava, agarrando a mão de Simi.

Adia gritava para Leona:

— *Tung'wayeni!* Não encoste em mim!

A criança tentava se livrar de Leona. Simi viu pavor nos olhos da filha e tentou fazer a americana olhar para ela, tentou fazê-la se acalmar, falar de uma maneira que conseguisse entender. Mas, quando o fez, suas palavras ecoaram o medo mais sombrio de Simi:

— Adia, você é minha filha! — disse em um tom frio e calculado, enfim compreensível para Simi. — Você é minha. Você é minha.

Adia tropeçou, e os músculos de Simi ficaram frouxos com o choque. Ela acabou soltando o braço da filha.

E assim a menina se foi. Simi caiu no chão. As outras mulheres se juntaram ao seu redor, mas ela não conseguiu responder às perguntas delas.

Simi viu o rosto angustiado de Adia em meio a uma nuvem de poeira e depois através da janela suja do carro de Leona, se afastando. À medida que o carro diminuía, Simi juntou forças e se levantou. Correu atrás do automóvel, chutando poeira e cortando os pés nas pedras afiadas. Seguiu o carro de Leona até não aguentar

mais. Depois, caiu como uma pedra. Levantou os olhos uma vez para ver o pequeno veículo se afastar. Depois, como todas as outras pessoas brancas que Simi já vira na vida, as duas desapareceram.

Quando a poeira assentou e a terra debaixo dela ficou fria, Simi ergueu a cabeça. A noite vinha chegando, e ela podia ouvir, ao longe, os sons da aldeia lá atrás. A *emurata* terminara, e as crianças traziam as cabras, os bois e as vacas de volta do pasto. Sem conseguir explicar o motivo, porque todas as suas células queriam morrer, algo forçou Simi a se levantar e a se arrastar de volta para o cercado e para a casa. Era perigoso ficar fora da *manyatta* à noite. Poderia ser atacada e devorada por um leopardo ou um leão. Foi uma parte mínima sua que a impeliu a evitar isso. Inclinou-se para entrar na sua cabana e caiu na cama. O fogo precisava ser atizado, mas ela não conseguiu se importar com aquilo. O desejo de Simi pela filha veio em ondas dolorosas que davam a sensação de que o seu corpo queimava por dentro. Como aquilo poderia ter acontecido? Viu-se desesperada para reviver o último momento em que segurou o braço de Adia e observava sem reação enquanto a menina apavorada era arrancada das suas mãos. Como foi deixar aquilo acontecer? Como uma mãe poderia deixar a filha, a única filha, ser levada? Deus tinha razão em não abençoar o seu corpo com filhos. Ela não servia para ser mãe.

Nos dias seguintes, Simi continuou devastada. Só conseguia ficar largada na cama. As outras mulheres, inclusive Loiyan, vieram até a sua cabana para ver como ela estava. Fizeram vigília, ferveram chai na *suferia* e tentaram fazê-la abrir a boca para beber, engolir, ingerir a pequena substância que o açúcar, o chá e o leite poderiam lhe dar. As mulheres sussurravam entre si enquanto a observavam. Simi não falava. Não abria a boca para responder a elas ou beber o chá. Mal conseguia abrir os olhos.

Lembrou-se do tempo depois do nascimento de Adia e de como Leona havia se recolhido em si mesma, quase sem falar, quase sem comer. Um pensamento cruzou a sua mente de que esta fosse a marca da menina, que as mães dela estivessem destinadas a compartilhar uma espécie de trevas. E então, lembrou-se que Adia fora arrancada dela; Simi não era mãe de ninguém, não mais. Foi esse pensamento que fez o seu estômago se contrair, então ela se

inclinou e vomitou. Como não comia havia dias, não expeliu nada além de uma espuma amarga e pegajosa. Olhou enquanto aquela coisa desaparecia, sendo absorvida devagar pela terra do chão. As mulheres na cabana estalaram e chuparam os dentes.

Simi acordou naquela mesma noite, de madrugada. A cabana estava vazia, as outras mulheres tinham ido embora. Foi um alívio. Seu estômago roncou. A boca ainda não queria comida, mas a barriga clamava por alimento. Estendeu as pernas fracas e escorregou para fora da cama. Ainda que mal tivesse tomado água nos últimos dias, sentiu uma vontade desesperada de urinar. O gado no cercado da *manyatta* mugiu baixinho quando passou por eles. Simi notou que havia menos animais do que de costume. A seca era cruel. Parecia que o padrão estava mudando: um ano de chuvas boas e esperança, seguido por vários de terra seca, céus claros, animais morrendo de fome e pessoas famintas. Simi se deu conta, então, de que nada era garantido. Jamais. Nem mesmo a continuação da vida que sempre levava. Mais e mais homens massai abandonavam o pastoreio de gado e se mudavam para Nairóbi à procura de trabalho. Havia *manyattas* onde nenhum homem morava, apenas mulheres e crianças, tendo todos os maridos e filhos partido em busca de novas oportunidades. Tudo estava mudando.

Simi se agachou e sentiu o alívio de esvaziar a bexiga. Era uma sensação boa estar do lado de fora, respirar o ar frio noturno e olhar para as estrelas. A noite estava clara, nenhuma nuvem para provocá-la com a possibilidade de chuva, mas também nenhuma para obscurecer o universo acima dela. Era lua nova, um gume curvo, afiado e nítido como uma foice. O mito massai dizia que o sol e a lua eram casados. Olapa, a lua, irritava-se com facilidade e, um dia, durante uma briga, feriu o marido. Para cobrir o seu ferimento, ele começou a brilhar com mais força do que qualquer outra coisa. Para punir a esposa, arrancou um dos seus olhos. Agora, Simi pensou, enquanto se levantava devagar, o corpo fraco pela falta de comida, o sol estava punindo todos eles, com um brilho violento demais, sem permitir que as nuvens se formassem.

A lua, a esposa ferida, tinha sorte, pensou. Só haviam lhe levado um olho. Lembrou-se de que a mãe sempre dizia que ninguém

poderia tirar a educação dela. Isso era verdade, mas sua mãe nunca a avisara de que tudo o mais poderia ser levado: uma parte do corpo, pastagens para o gado, um estilo de vida e uma filha.

ÁGUA EM UM LUGAR SECO

NAIRÓBI SE LOCALIZA EM UM PLANALTO, MAS NAROK FICA NO FUNDO do Rift Valley, e quando o avião de Jane cruzou o limite do vale e a terra despencou em uma grande fenda, ela olhou pela janela, procurando os elefantes. O Quênia era vermelho. A região era ferruginosa e vulcânica, sua poeira feita de camadas e camadas de lava antiga, seca até formar uma crosta, triturada pelo tempo. A terra se parecia com vastas extensões de pele vistas através de uma lente: marrom-acinzentadas e esburacadas, com os afloramentos sarnentos de pedra e o sangue seco de leitos de rios apenas úmidos.

O Quênia era uma novidade para Jane. A África era uma novidade. Seu voo tinha saído havia menos de 24 horas de Washington e se preparava para uma aterrissagem aos solavancos no aeroporto de Jomo Kenyatta, em Nairóbi. Ela estava prestes a entrar em contato com a sua nova terra. Os olhos ardiam de cansaço e a pele parecia seca e encardida. Encostou o rosto na janela do avião minúsculo e procurou não piscar. Não queria perder nada dessa primeira apresentação à sua nova terra. Não sabia o que a aguardava. Havia lhe contado que a seca estava bastante severa, que o leste da África estava morrendo. Os rios estavam baixos, e a água era preciosa.

Todo o interesse de Jane por elefantes remontava a um dia no zoológico. Ela tinha 6 anos e o irmão, Lance, 4 meses. O bebê estava preso em um canguru aninhado junto ao peito da mãe, que andava devagar por causa do peso. Jane queria correr, correr de um animal para o outro, assimilando tudo ao mesmo tempo. Sabia que, se Lance não estivesse lá, elas poderiam caminhar mais rápido, e isso a deixou irritada com o irmão. A mãe conduziu Jane pelos caminhos sinuosos do zoológico e, quando chegaram ao cercado

dos elefantes, deixou Jane subir no elo mais baixo da cerca de metal. Os animais tinham acabado de ser alimentados e, com a tromba, escavavam os fardos de feno e capim. Balançavam as enormes orelhas lentamente, como a cauda dos peixes tropicais que o pai mantinha no aquário do escritório. Jane ouviu a mãe suspirar de prazer. O movimento suave da tromba para cima e para baixo, entre o feno e a boca minúscula, e o movimento giratório do maxilar conferiam-lhes uma delicadeza que fez Jane rir e bater palmas. Sua mãe passou o braço ao redor dos seus ombros, e o hálito dela estava quente e doce junto ao ouvido da menina. Jane podia sentir a alegria da mãe ao ver os animais.

— Eles não são lindos? — perguntou ela. — Li em algum lugar que são muito maternais. — Ela se inclinou e beijou o alto da cabeça de Jane. — Muito maternais, que nem eu.

A mãe de Jane ficou doente durante um longo tempo antes de morrer. Jane tinha 10 anos quando o diagnóstico foi dado; Lance, 4. No início, nada mudou. Havia consultas com o médico e dias em que a mãe estava cansada demais para preparar o jantar. Então, o pai trazia comida do McDonald's. Porém, na maioria das vezes, tudo continuava igual a como sempre tinha sido, e Jane começou a acreditar que assim seria. Nos dias de cansaço, Jane voltava da escola, se aconchegava no sofá ao lado da mãe e fazia a lição de casa. Lance ficava deitado no tapete, assistindo à TV e comendo cereal um de cada vez, de uma vasilha plástica.

No entanto, quando Jane tinha 12 anos, os dias de cansaço foram aumentando. A mãe ficou mais magra do que qualquer adulto que a garota já vira e sentia frio constantemente. Começou a tossir e cuspir sangue em uma bandana verde-bandeira, que trazia enfiada na manga do suéter marrom encaroçado que sempre usava. O som das tosses líquidas assustava Jane, e ela passou a evitar a mãe; em vez de se sentar ao lado dela no sofá, ficava no quarto no período entre a volta da escola e o jantar. Uma vez, escutou o chamado da mãe com aquela voz fina, fraca, agonizante. Quando desceu a escada, encontrou-a parada junto ao primeiro degrau, agarrada ao pilar do corrimão, para se equilibrar.

— Entendo que seja difícil olhar para mim, Jane. E sei que você me ama. Se precisar desse tempo sozinha, fique à vontade. Mas

precisamos conversar sobre Lance. Você é irmã dele. Isso lhe dá uma certa responsabilidade.

Jane não escutou o que a mãe falou a seguir, porque já tinha se virado e corrido escada acima. Bateu a porta do quarto com toda a força e, depois disso, sempre fingia não ouvir quando a mãe chamava.

O funeral foi com o caixão aberto. O pai de Jane deixou Lance com uma babá. Ele também queria deixar Jane em casa, mas ela implorou e chorou, então ele cedeu. O corpo da mãe tinha sido devastado pela doença, mas alguém passara base no seu rosto e blush nas faces. Jane a achou bonita, e pensou que ela gostaria do blush e do batom rosa que haviam aplicado. Contudo, ficou surpresa ao perceber que, abaixo dos pós e cremes, o rosto da mãe tivesse sumido. Quer dizer, o rosto estava intacto, e ela podia vê-lo por inteiro: olhos, lábios e a curva familiar das orelhas, trazendo nos lóbulos os solitários que usava todo dia. Mas nada daquilo fazia mais efeito nela. Sua mãe era uma casca vazia, como as que as cigarras deixam no final do verão; só que esta se parecia com a pessoa que Jane mais amava no mundo. A injustiça daquele momento, a trapaça, fez Jane irromper em soluços tão altos e incessantes que a vó precisou levá-la embora.

Depois da morte da mãe, a casa ficou silenciosa. Jane detestou aquilo. Sentia falta dos sons dos movimentos da mãe, da maneira como ela subia a escada e arrastava os pés nos chinelos, ao longo dos corredores. Sentia até falta dos barulhos horríveis de tosse. Porém, acima de tudo, sentia falta da sensação de antes de começar a se odiar. Repensou em todas aquelas últimas tardes, quando evitava os sons feitos pela mãe e fechava a porta do quarto. Faria qualquer coisa para recuperar aquele tempo. Não se preocupou com a lição de casa, mas retomou o velho lugar no sofá, cochilando ali depois da escola e mais uma vez depois do jantar. O sono era a única maneira de desligar a sua mente.

O pai deve ter notado que Jane não fazia nada além de dormir, e, certa noite, alguns meses após o funeral, olhou para ela do outro lado da mesa de jantar, e disse:

— A vida continua, filha. Ela ia querer que fôssemos felizes. —
Até onde Jane conseguia lembrar, aquela foi a última vez em que

discutiram o luto no qual ambos se debatiam, sozinhos.

Lance começou a ficar calado. Muito mais calado do que um menino da sua idade deveria ser. Passava horas largado na poltrona da sala, assistindo à TV. Mal conversava com Jane.

O pai começou a fumar e a passar as noites no escritório, contemplando o seu aquário e soprando anéis de fumaça para o teto.

— Você não pode ficar perto de toda essa fumaça — dizia ele quando Jane se sentia sozinha depois do jantar, e queria ficar perto do pai. — Depois vou até você, coloco você na cama. Aí a gente conversa. — Mas ele quase nunca se lembrava daquilo, e Jane acabou desistindo de tentar. Sentia-se como uma sombra, visível, mas incorpórea, e isso a assustou. Era como estar desaparecendo. Em alguns dias, ela pensava que poderia sumir do nada.

Dois anos depois, o pai se casou de novo, e as únicas coisas que restaram da mãe foram uma pilha de fotos e alguns móveis antigos e feios que percorriam a trajetória da linhagem materna, remontando a várias gerações.

A nova esposa do pai era boa com Jane e Lance, mas odiava “chafurdar”, segundo o próprio termo usado por ela, nas lembranças da vida que eles tiveram antes, da outra esposa do pai.

Quando o pai voltou a se casar, os dois filhos perderam a mãe mais uma vez, pensou Jane. Ao escolher uma nova esposa, ele apagou a mãe dela ainda mais. A nova esposa se mudou para a casa deles, abriu as janelas, acabou com o aquário e arejou o escritório enfumaçado, transformando-o em um quarto de hóspedes, e arranjou um cachorro que não parava de latir. Logo, todas as fotos que incluíam a mãe de Jane sumiram, empilhadas em caixas no sótão, com os seus livros e a mobília antiga que Jane herdaria ao crescer e ter uma casa só sua.

Era verdade que o pai parecia mais feliz e que a nova esposa era gentil e engraçada, e preparava o jantar todas as noites, de modo que pudessem todos se sentar em volta da mesa “como era normal em uma família”. Lance assistia menos à TV, sorria mais, e tudo isso deixava Jane agradecida. Só que ela não conseguia superar a ideia de que aquela mulher era uma invasora na sua casa, na vida deles,

e que essa nova família que haviam formado não passava de uma cópia desbotada do que deveria ter sido.

Jane estava na pós-graduação quando Lance começou a apresentar sinais da própria doença. A especialização dela em biologia de conservação ambiental era difícil. Lutava com a matemática, as estratégias das estatísticas e das probabilidades a deixavam confusa. Tinha que se esforçar muito, e isso lhe dava uma desculpa para ignorar as ligações do pai, para escutar — sem responder — suas mensagens dizendo que Lance estava vendo coisas que não existiam e conversando com cantos vazios. Em uma delas, pareceu que o pai estava prestes a chorar, a emoção de uma profundidade que Jane não tinha visto nele nem após a morte da mãe. Era a mensagem em que dizia que Lance tinha sido mandado da faculdade para casa, por causa de um surto de violência, e que estava sob cuidados psiquiátricos.

Ela nunca mencionara a conversa que a mãe tentou ter a respeito de Lance, aquela em que se esperava que Jane concordasse em ser uma boa irmã mais velha. E, agora, jamais seria. Ser uma irmã responsável para um garotinho normal era uma coisa, mas Lance era adulto e tinha problemas psicológicos. As chamadas e a urgência na voz do pai a deixaram com uma vontade desesperada de fugir.

Poucos dias depois de defender a sua tese, Jane se inscreveu na Elephant Foundation. Seu orientador conhecia o diretor da organização, e ela foi contratada. Pela primeira vez em meses, Jane foi para casa para contar a novidade ao pai. Na ocasião, Lance estava lá, mas ela se lembrou da mensagem que o pai havia deixado pouco antes de apresentar a tese, dizendo que talvez tivessem que colocá-lo em uma instituição psiquiátrica e como ela apagou o áudio logo depois de ouvi-lo apenas uma vez. Agora, viu que o rosto do pai estava atormentado. Ele parecia mais velho do que deveria. Certa noite, ao jantar, enquanto a nova esposa estava na cozinha, colocando sobremesas nas travessas, Jane contou ao pai que partiria para o Quênia.

— Uau — disse ele, assentindo. — É bem longe... Mas você vai ficar feliz.

A atitude indiferente irritou Jane. Era escolha dela ir embora, ir para tão longe de casa quanto possível. Era ela quem estava deixando Lance, ele e a nova esposa para trás. Ele deveria ter ficado zangado ou triste, mas não pareceu se importar e não pediu para ela ficar. Jane sempre tinha sido apenas uma sombra pequena e irritante no seu escritório cheio de fumaça ou uma criança tão triste que deixava a nova esposa dele desconfortável. Não ficou surpresa com a reação dele, mas a forte precipitação de raiva e o gosto de luto na boca a chocaram. Tinha quase esquecido que aquilo estava lá, um material inflamável secreto que mantinha escondido.

— Há um ou dois anos, aqui era verde... — disse Muthega, o guia quicuio contratado pela Elephant Foundation, ao estacionar a Land Rover e procurar as chaves para a nova porta de entrada. Tinha esperado na pista do minúsculo aeroporto de Narok, enquanto o avião dela aterrissava, e quando Jane desembarcou, lá estava ele, em uma camisa cáqui com o emblema da fundação estampado no bolso do peito, segurando um cartaz com o nome dela escrito a mão. Aquilo fez Jane rir; havia apenas mais um passageiro no aviãozinho.

— Tem certeza de que veio aqui por minha causa? — brincou ela, mas Muthega apenas assentiu solenemente, e colocou a mala sobre os ombros.

A casa de Jane em Narok era uma construção de dois cômodos, baixa e grossa, feita às pressas com concreto cinza e áspero. Ao sul, havia as ruas empoeiradas e a aglomeração de outras construções recobertas de concreto com o telhado reto típico do local. Ao norte, no entanto, não havia nada além de uma savana com o mato seco, limitando a reserva de caça conhecida como “Masai Mara”, e a fila distante de árvores que se agarravam à margem do rio Mara. A área de quintal ao redor da casa era de terra, com um pequeno arbusto seco e uma solitária primavera-rosa, que subia pela parede ao lado da porta de entrada e se agarrava à terra debaixo em uma constante luta por água.

Jane olhava ao redor da porção seca de terra que era o seu novo quintal. O muro alto de concreto que cercava seu pedaço de terra a

distraiu. Tinha pelo menos um metro e oitenta de altura e a beirada reluzia com cacos de garrafas quebradas.

— É por causa dos ladrões — falou Muthega, acompanhando o olhar dela. — Aqui pode ser perigoso para você.

Jane pensou na cidadezinha miserável que atravessaram para chegar àquela casa. Parecia tranquila e charmosa com seu aspecto empoeirado, não perigosa. De qualquer modo, ela manteria o portão trancado, disse a si mesma. “Melhor prevenir do que remediar.” Porém, não se demorou muito naquele pensamento; estava desesperada para entrar no mato.

O trabalho de Muthega era levá-la de carro para o lugar onde estivessem os elefantes. Ele fazia o possível para rastrear os movimentos dos animais. Os elefantes são criaturas de hábitos, e, na estação seca, seu percurso diário é, de certo modo, limitado. Depois que Jane os tivesse acompanhado por tempo suficiente, poderia calcular as especificidades de grupos diferentes. Com esse conhecimento, ela e Muthega colocariam câmeras de controle remoto nas áreas em que as várias manadas tinham maior probabilidade de se reunir. O tempo era da maior importância; com a chegada da estação chuvosa, os grupos de elefantes migrariam para mais longe e seria quase impossível rastreá-los.

Muthega fumava cigarros que cheiravam à borracha queimada, mas Jane ficava feliz em tê-lo por perto, porque ele observava os elefantes naquela região havia anos e também porque ele levava um rifle pendurado no ombro. Era para pessoas, não para caça, informou a Jane. As pessoas é que a deixavam inquieta; Jane estava ali para combatê-las. A presença da arma de Muthega era reconfortante.

A batalha da fundação contra a caça clandestina era travada de três maneiras: coleta de amostras de DNA de excrementos de elefantes, o que ajudaria outros estudiosos a indicar origens ilegais de marfim; o registro em um GPS de armadilhas, da localização de caçadores clandestinos e de elefantes abatidos; e a instalação de câmeras nas áreas de uso mais constante pelos animais. A fundação ainda não experimentara as câmeras ali, mas havia um programa inicial bem-sucedido em Sumatra, onde os rostos de três caçadores clandestinos foram registrados com tanta clareza que,

poucos dias após a colocação de cartazes prometendo recompensas em dinheiro para quem os encontrasse, eles já haviam sido presos.

Jane trouxera dos escritórios da fundação, em Washington, dez câmeras de controle remoto. Era responsabilidade dela zelar por aquele dispendioso equipamento, pois, caso fossem roubadas e vendidas, as câmeras conseguiriam um preço elevado. Portanto, a arma de Muthega era necessária.

Ele e Jane seguiam os elefantes acompanhando as pegadas na poeira. Com frequência, viam os animais à beira do rio Mara, onde a água estava baixa e fraca, correndo grossa, mais sólida do que líquida. As margens do rio estavam cinzentas de limo, e os elefantes precisavam se mover com esforço para cada vez mais longe, tentando encontrar locais com profundidade suficiente onde entrar e beber durante as horas mais quentes da tarde. Isso facilitava o trabalho de Jane de contá-los e estudá-los, mas também os deixava expostos aos caçadores ilegais.

Cursos menores, afluentes e nascentes distantes do rio tinham secado, reduzindo-se a gotejamentos. A última boa estação chuvosa fora dois anos antes, e, agora, bandos de elandes, gazelas, zebras e girafas migravam das suas áreas costumeiras de pastagem para longe dos seus habituais olhos-d'água. O rio fervilhava de animais, em uma quantidade que não era possível sustentar, e, todo dia, Jane e Muthega viam os mortos: gazelas caídas nas trilhas, esqueléticas e famintas, atacadas por hienas e comidas vivas, os ossos e as cartilagens desprezados, alimentos apenas para os abutres e marabus, que não arredavam pé nem quando eles passavam de carro.

Jane e Muthega não conversavam muito. Ele fumava constantemente e esquadrihava o horizonte. Isso mantinha o homem ocupado, e Jane percebia que uma conversa o distrairia. Disse a si mesma que ele precisava manter o foco nos sinais de elefantes e de caçadores clandestinos. Jane colocava os pés no painel do carro e analisava a paisagem estrangeira. Quando os dois falavam um com o outro, era para tecer breves comentários sobre a terra, os bichos, a falta de água e como isso afetava os animais selvagens e os mortos. Os mortos, sempre os mortos, em pequenos

amontoados de couro, cascos e ossos, as sobras depois do banquete e do sol incessante.

Jane tinha uma cisterna em casa, abastecida a cada duas semanas por um caminhão-pipa. Não fazia ideia de onde vinha aquela água, e nunca se perguntou. Conservava-a o máximo que podia, tomando banho apenas a cada dois dias. Nunca lhe ocorreu perguntar a Muthega sobre a família dele, se tinham o suficiente, ou se as pessoas na cidade se preocupavam com a seca interminável. Jane pensava apenas nos animais esqueléticos e famintos.

Via as mulheres de Narok agrupadas todo dia junto ao rio que secava, lavando roupas e enchendo latas, baldes e cabaças para levar para casa. Muitas vezes, quando atravessavam o rio pela ponte baixa de madeira mais próxima da cidade, Muthega diminuía a velocidade do Land Rover por causa das mulheres aglomeradas ali. Elas se reuniam em grupos, as cabeças sob o peso das bacias de roupas para esfregar com barras de lixívia e depois enxaguar no rio vagaroso. Sempre havia criancinhas com elas, que se esbaldavam na água e reluziam na lama. Muthega cumprimentava as mulheres em suaíli, com um sorriso escancarado e a língua estalando nos dentes para pontuar as palavras. Jane se sentia desconfortável com as mulheres ao redor do carro. Elas a observavam durante as conversas e, às vezes, apontavam para ela, e Jane sabia que Muthega estava respondendo a perguntas sobre quem era aquela mulher e o motivo de estar ali. Nenhuma delas falava com Jane. Apenas a observavam.

Veza ou outra, quando atravessavam o rio no final da tarde, voltando para a cidade, Muthega parava e deixava algumas mulheres subirem no banco de trás com as bacias de roupa lavada com cheiro de sol e os baldes que haviam enchido. Nessas ocasiões, o carro ficava entulhado. As mulheres se empurravam e riam atrás de Jane, os joelhos machucando-a por detrás do banco e as vozes cantadas e divertidas dizendo coisas que a estrangeira não entendia. Queria dizer a Muthega que não oferecesse mais carona para elas, mas não sabia como fazer isso sem soar como uma pessoa grosseira. Como poderia explicar que elas a faziam parecer invisível mais uma vez ou que assistir às criancinhas voltando para casa sob os cuidados dos irmãos mais velhos a

deixavam doente de remorso? Ver aquelas crianças pequenas cuidando umas das outras foi o que fez reavivar a sua culpa. Tinha voado meio mundo para escapar da sua família, da sua obrigação de cuidar do irmão.

Certa manhã, menos de um mês após sua chegada em Narok, Muthega tocou a buzina do Land Rover em frente ao portão de Jane. Ele sempre chegava cedo e, naquele dia, não foi diferente. O sol ainda nem nascera. Era uma madrugada azul-escura, fria e clara.

— Os caçadores clandestinos estiveram aqui perto ontem à noite. O animal morto está bem do lado do rio. Vou mostrar para você — disse Muthega.

O céu clareou conforme foram entrando com o carro no matagal, em silêncio, na margem oposta do rio. Mesmo assim, quando Muthega acenou para indicar que o corpo estava por perto, Jane viu apenas uma pedra cinzenta e arredondada. Parecia uma rocha na pradaria plana. Então, ela percebeu a carniça. Abutres circulavam no céu e marabus aguardavam, firmes como mourões de cerca, exceto pela maneira como jogavam a cabeça para trás para engolir as porções de carne. Eles não se dispersaram quando o veículo roncou ao lado deles, apenas recuaram alguns passos com as suas pernas de joelhos voltados para trás, mais irritados com a presença de humanos do que amedrontados. Os abutres suspensos no céu recuaram para os galhos altos das acácias mais próximas. Muthega parou o Land Rover e pegou o rifle no banco de trás. Voltou a verificar se estava carregado e desceu. Jane deduziu que o homem desconfiava de que os caçadores ainda pudessem estar por perto.

— Você vem? — perguntou, batendo a porta. — Precisamos reunir provas.

A carne que saía dos buracos sangrentos da face do animal era de um rosado vivo. Junto ao marrom soturno da terra, ela parecia irreal, plástica. O elefante morto era jovem, Jane percebeu na mesma hora, no auge da vida. Era provável que tivesse acabado de deixar o clã familiar para encontrar uma companheira. Primeiro levava um tiro e depois fora picotado com facões para a retirada das partes que os caçadores poderiam vender: presas, rabo e patas. O restante foi deixado para as hienas, os chacais e os cachorros-do-

mato, que se esgueiravam para fora do matagal, e os abutres e marabus com seus bicos fétidos, que chegavam flutuando de onde quer que estivessem espreitando, para se banquetear com carne fresca.

Muthega subiu no ombro do elefante e puxou uma das suas orelhas enormes, buscando alguma identificação.

— Acho que é o Twiga — disse.

Eles tinham visto Twiga apenas dias antes, alimentando-se da casca de um baobá, alguns quilômetros ao norte dali. Naquele dia, quando Muthega contou o nome do animal a Jane, ela riu.

— O nome dele é “girafa”? — perguntou.

Muthega a elogiou por ter aprendido outra palavra em suaíli e disse que, quando Twiga era mais novo, ainda no clã materno e sem nome, fora visto esticando a tromba o mais longe que pudesse ao lado de uma árvore quase desfolhada, para puxar as poucas folhas que restavam.

— Como uma *twiga*! — explicou ele.

Jane fechou os olhos e puxou a bandana do bolso da bermuda. Amarrou-a ao redor do nariz e da boca. As feridas estavam frescas, o sangue no chão ainda estava pegajoso e o cheiro de ferro da carne crua pairava no ar.

Muthega pousou a mão calejada, de dedos largos e chatos, no braço de Jane.

— Srta. Jane — falou devagar, como se ela não tivesse aprendido isso àquela altura —, você precisa fotografar o corpo para os registros, recolher amostras para o DNA e medir ele.

Então, soltou o braço dela e a deixou parada e atordoada ao lado do corpo. Ela o viu se afastar e entrar no matagal próximo. Deduziu que seria para procurar pistas ou provas das pessoas que tivessem matado Twiga. Mas, em vez disso, o homem colocou a arma sob uma acácia e se acocorou. Puxou um cigarro do bolso da camisa.

Jane olhou para o lugar em carne viva onde costumava ficar a cara de Twiga, e pareceu que encarava o rosto de um amor antigo. Já havia visto fotos de elefantes caçados, é claro, e tinha trabalhado na coleta de amostras de DNA em fragmentos de excrementos e presas, durante um estágio feito em Sumatra. Mas isso, a realidade de um animal lindo e saudável em meio a uma seca que matava

tantos outros, abatido pela força bruta dos humanos, chocou-a mais do que pensou ser possível. Uma raiva cresceu dentro dela.

— Puta que pariu! — murmurou. — O que essa gente tem de errado? Que tipo de calhorda sub-humano faz isso?

Jane se abaixou para pegar uma lasquinha de presa cortada no chão. Colocou-a com cuidado em um frasco plástico. Coletou uma raspagem de pele e uma porção de excremento do tamanho de uma bola de gude. Tirou medidas para determinar a idade aproximada do animal e o tamanho que as presas poderiam ter. Em suma, fez o seu trabalho. Podia sentir que o rosto estava retorcido e quente, e que lágrimas e muco ensopavam a bandana. Moscas, despertadas pelo sol nascente e atraídas pelo cheiro de sangue, zumbiam em nuvens ao redor da sua cabeça, pousando nos braços e no rosto de Jane, lambendo, sedentas, as lágrimas que pendiam nos cantos dos seus olhos. Ela abanou os braços em vão. Estava ficando quente e o corpo do animal morto começava a feder. A fumaça do cigarro de Muthega se infiltrou em uma lufada de brisa e se mesclou ao cheiro da carne. O estômago de Jane se revirou, e ela mordeu o lábio, impedindo o vômito. O suor escorria pela testa, e quando ela a esfregou com a mão, um pouco de terra caiu no seu olho. Aquilo doeu, então ela xingou e gritou. Muthega continuou agachado, fumando, observando-a. Naquele momento, ela odiou o homem. Odiou a maneira como ele ficava parado ali, sentado, insensível. Ele não se importava, pensou, e quis bater nele, vê-lo sofrer, chorar. Sentiu o lampejo daquela brasa furiosa que esquecera ter dentro de si e a raiva jorrou como sangue.

— Puta merda, Muthega! Pelo menos levanta essa bunda para ir buscar a porra da fita métrica! Tem uma na minha maleta, no porta-malas. E pega uns frascos de coleta também. Meu Deus!

— Tudo bem, srta. Jane, tudo bem — respondeu ele, laconicamente.

Jane pegou a pequena câmera digital do bolso da bermuda e tirou fotos em meio às lágrimas. Primeiro, fotografou Twiga, ou o que restava dele, para os registros da fundação. Depois, voltou as lentes para Muthega, enquanto o homem remexia no porta-malas do carro, procurando a fita métrica. Colocou-a em cima da pata traseira de Twiga e depois foi se sentar novamente. Ela falaria com o chefe em

Nairóbi. Faria com que Muthega fosse demitido por nem tentar rastrear os caçadores, por fugir à responsabilidade de ajudá-la a obter as informações de que eles precisavam. Jane tirou foto atrás de foto dele agachado ali, na poeira, com uma expressão calma no rosto, a fumaça circulando em volta da sua cabeça.

Ele sorria para ela, enquanto Jane fotografava e chorava. Com uma voz tão calma que a bióloga teve vontade de matá-lo, ele falou:

— A raiva não vai trazer Twiga de volta, srta. Jane. — Em seguida, enfiou a guimba do cigarro em um formigueiro e se levantou. — Se já terminou o seu trabalho, podemos ir.

Jane olhou o corpo enquanto eles iam embora. Os abutres e os marabus voltaram voando e começaram o banquete. “Logo não vai restar mais nada”, pensou Jane.

— Me leve para casa, Muthega — ordenou ela. — Preciso cuidar das amostras.

Ela queria ficar sozinha, não queria ter que conversar com Muthega ou vê-lo pitando os seus cigarros. Não queria que ele a visse chorando.

Naquela noite, ela foi se deitar cedo. Queria dormir para apagar o dia da sua mente. Era madrugada quando o cheiro deles a acordou, o cheiro africano de lenha e carne, poeira e suor. Ficou imóvel, mas entreabriu um olho. A porta da frente estava aberta e Jane podia ver o céu, um tom mais claro do que a escuridão do seu quarto. Ouviu o murmúrio de vozes no escuro. Pensou que tinham vindo à procura das câmeras. Ela as mantinha em um baú de metal, fechado com cadeado. Seu coração a sufocou e ela foi tomada pelo pânico. Desejou ter a arma de Muthega.

Em um movimento rápido, Jane saiu de debaixo dos lençóis e correu. Não pretendia lutar ou defender as poucas coisas que mantinha na casa; nem mesmo as câmeras valiam a sua vida. Correu para o espaço aberto sob o céu. Pensou que o ar ou a terra poderiam salvá-la. O muro em volta do seu jardim era alto e liso demais para escalar. Virou-se e correu para o portão.

Jane já havia atravessado metade do quintal quando foi pega. Mãos secas e calejadas agarraram o seu braço e ela caiu. A voz ligada às mãos rosnou e disparou em suaíli e, então, Jane sentiu dedos ao redor da nuca, pressionando o rosto dela contra o chão.

Não conseguiu entender o idioma. Era rápido demais, e seu vocabulário, muito reduzido. No entanto, pensou haver uma familiaridade na voz, um rosnado, um traço de fumaça na garganta.

Parecia que horas tinham se passado até os homens irem embora. Ela os ouviu remexendo pela casa, revirando as suas coisas. Escutou o barulho de vidros quebrando no chão de concreto, sabendo que eram as câmeras. Por que fizeram isso? Ocorreu-lhe, então, que elas não teriam valor de revenda. Sendo assim, o que queriam? Não havia mais nada para roubar. Por fim, eles atravessaram o quintal para ir embora. Uma voz falou com Jane em um inglês inseguro:

— Na próxima vez, matamos você também.

Ela ficou deitada ali por um bom tempo, apavorada, pensando que, caso se mexesse, eles voltariam, ou caso erguesse os olhos, não veria nada além do brilho de uma lâmina vindo na sua direção.

A claridade chegou à maneira queniana: rápida, como se uma persiana tivesse sido levantada. Finalmente, Jane se sentou. O corpo inteiro dela doía. Imaginou se estaria ferida. Havia uma poça de saliva na terra, onde o homem tinha pressionado o seu rosto. Sentiu terra na língua.

Levantou-se, os joelhos estalando conforme se esticavam. Concentrou-se apenas no seu próximo passo, sem pensar em mais nada. Estava paralisada e com medo de que, se aticasse a mente em qualquer direção, o que tinha acontecido acabaria com ela.

Por sorte, havia um assento disponível no voo da tarde de Narok para Nairóbi. Quando o avião aterrisou, ela pegou um táxi no aeroporto direto para a sede da Elephant Foundation, em Wayaki Way. Focou em denunciar Muthega ao diretor regional, um queniano enorme chamado Johnno, famoso pela sua dedicação de toda uma vida aos elefantes e pelos processos duros contra os caçadores clandestinos.

Jane odiou ter chorado ao contar a história para Johnno.

— Foram Muthega e os amigos dele — disse Jane entre soluços.

Ela descreveu o cheiro dos corpos, as mãos ásperas e a familiar voz de fumante. Mostrou a Johnno as fotos na tela minúscula da câmera. Lá estava Muthega, culpado, sem dúvida nenhuma! Simplesmente ali, sentado.

— Só pode ter sido ele — disse Jane. — Está na cara que Muthega não dá a mínima para os elefantes e que está mancomunado com os caçadores. Ele queria que as câmeras fossem destruídas.

— Não podemos ter criminosos trabalhando para a gente — responde Johnno. — Sinto muito, muito mesmo, por isso ter acontecido.

Jane pensou que se sentiria mais forte após denunciar Muthega, quando pusesse em movimento a engrenagem que o puniria pelo que fez a ela e aos elefantes. Johnno lhe contou que aquilo já tinha acontecido antes: caçadores clandestinos subornando protetores para fazerem vista grossa. O marfim era um comércio lucrativo e compensava distribuir propinas para um acesso mais fácil aos animais.

— Mas Muthega — disse ele —, isso me surpreende. Há anos ele vem sendo um empregado excelente e confiável. Acabamos de lhe dar um aumento substancial. Mas esta seca... Estão todos desesperados. As crianças estão morrendo.

Ele sacudiu a cabeça, decepcionado, tão traído quanto Jane.

Horas depois, naquela mesma tarde, Johnno levou Jane de carro até a embaixada dos Estados Unidos para prestar queixa. O fuzileiro que examinou o seu passaporte era familiar. Os corredores atapetados, os retratos sorridentes dos presidentes e os sotaques conhecidos que ouvia à sua volta deixaram Jane atordoada de saudades. Como queria voltar para casa!

Um homem com idade próxima à sua a ajudou a preencher a papelada da queixa. Era alto, tinha cabelo escuro, e, quando ela lhe contou o que tinha acontecido, ele franziu o cenho e estremeceu. Jane até pensou tê-lo ouvido xingar baixinho. Quando os papéis estavam preenchidos, o homem tirou um cartão de visitas de uma gaveta e o estendeu para ela. Sob a chancela dos Estados Unidos, estava o nome dele em letras douradas: Paul O'Reilly.

— Não sei se estava planejando voltar para Narok a fim de trabalhar ou se queria retornar aos Estados Unidos, mas vai ter que ficar no Quênia por algumas semanas, talvez alguns meses — disse ele. — As autoridades vão querer interrogá-la. Não se preocupe,

vou ajudar você. Me ligue. — Ele sorriu, e Jane voltou a se sentir atordoada. Guardou o cartão de visitas na mochila.

Naquela noite, ela ficou em um hotel em Nairóbi. Tomou uma ducha até a água esfriar, esfregando-se repetidas vezes, querendo se virar do avesso para conseguir livrar cada centímetro seu da lembrança daqueles homens. Depois, foi para a cama, dormiu e sonhou com a mãe. No sonho, Jane era um elefante e a mãe corria atrás dela, e todas as vezes em que Jane se virava para ver se a mãe-elefante estava ali, via o lampejo de um facão em meio à poeira que ela levantara enquanto corria.

O telefone do hotel a acordou.

— Muthega — disse Johnno de imediato. — Tem certeza de que ele estava entre os homens do assalto? Viu mesmo que era ele?

— Eu ouvi a voz dele — respondeu Jane. — Achei que sim.

Jane se lembrou do cheiro dos homens, de carne e fumaça. Perguntou-se se Johnno algum dia teria cheirado daquele jeito.

— Existe alguma possibilidade, mesmo que mínima, de que você esteja enganada? — perguntou ele em um tom de quem pede desculpas. — Veja, a polícia de Narok encontrou um corpo. Eles acham que pode ser Muthega, mas está mutilado demais para saber, retalhado com um facão da mesma maneira que os caçadores fazem com os elefantes: rosto, pés e mãos.

Jane escutou tanto Johnno quanto o seu coração golpeando no peito. Ele continuou falando, a voz baixa e incisiva ao telefone, uma agulha no seu cérebro.

— Alguns moradores de lá disseram que Muthega estava visado. Nos últimos tempos, fizera dos caçadores seus inimigos jurados; em vez de ficar longe, como fazia antes, deixando-os livres para executar os negócios deles, andava observando-os, tirando fotos de suspeitos na cidade enquanto bebiam cerveja. E anotava os seus nomes.

Jane pensou em Muthega no dia em que os dois observaram Twiga através das árvores desfolhadas, em como a voz dele ficou suave ao contar o nome que dera ao animal e o motivo daquele nome. Jane pensou em como ele sempre falava baixinho e fazia pequenos estalidos quando andavam de carro juntos, devagar, em meio aos rebanhos das gazelas-de-thomson, porque elas estavam

cansadas demais para se mover como deveriam e ele não queria assustá-las. Pensou no seu sorriso e nos seus gracejos descontraídos com as mulheres do rio, nos pedaços de rebuçado duro que, às vezes, dava para as crianças. Pensou em uma possível esposa, e como nunca havia perguntado se ele era casado ou se ela poderia conhecer sua família. Nunca tinha tratado Muthega como um colega, não como as pessoas com as quais trabalhara em escritórios nos Estados Unidos.

Então, lembrou-se de uma palavra crucial: *também*. Jane ouvira um dos homens dizer “também” como se cuspsse um caroço nela. “Na próxima vez, matamos você também.” Jane não tinha esquecido aquela palavra quando contou a história a Johnno. Mas tivera certeza de que ela se referia a Twiga, o elefante. “Na próxima vez, matamos você também, como fizemos com o elefante.” Foi assim que ela a explicou para Johnno. Não tinha considerado nenhum outro ângulo. Estava zangada e com medo, e queria que Muthega fosse punido.

A chuva chegou naquela noite. Bateu nas janelas e turvou as luzes da rua. Quando ela se foi, deixando para trás árvores pesadas e gotejantes, ar fresco e poças nas ruas, os cupins alados saíram das suas cavernas subterrâneas e giraram no ar em nuvens frenéticas e claras. Bateram na janela de Jane em uma atração desesperada pela luz de cabeceira que ela tinha acendido. Jane os viu tremular e mergulhar, tremular e mergulhar, até enfim sumirem quando o céu começou a clarear.

Pela manhã, telefonou para o pai. Não tinha ideia de que horas eram em casa, mas o telefone tocou apenas duas vezes até a nova esposa atender, sonolenta, mas feliz em ouvir a voz de Jane.

— Jane? Seu pai estava se perguntando quando você daria notícias! Estamos morrendo de vontade de saber de tudo. Espere um segundo, vou chamá-lo... ele está no banheiro.

Jane ouviu o que pareceu ser o som do telefone caindo das mãos da madrasta, e uma voz chamando pelos corredores da casa que ela conhecia tão bem.

— Querido, é Jane! Venha cá!

Então, a voz do pai, baixa e tranquila, disse:

— Janie! Estou tão feliz em ouvir a sua voz! Estamos com saudades. Andamos juntando as suas coisas para mandar para você, só que ainda não terminamos. O endereço que você deu para gente ainda vale?

Jane imaginou a casa. A cozinha aquecida com a velha mesa azul onde ela sempre tomava o café da manhã: cereais de segunda a sábado e waffles nos domingos, que Jane e Lance afogavam com melado.

Jane tentou não deixar as lágrimas transparecerem na voz quando falou:

— Também estou com saudades, pai. De vocês dois. Como Lance está?

Dessa vez, quando o pai descreveu o progresso do filho, como o novo medicamento ajudava nas suas variações de humor e como o novo psiquiatra era brilhante, Jane escutou. Na sua mente, viu Lance aos 5 ou 6 anos, sentado à mesa de jantar sozinho, comendo o sanduíche de creme de amendoim que ela tinha feito às pressas para o jantar dele, tão às pressas que as fatias de pão não estavam nem alinhadas. Pensou em como ele tinha erguido os olhos naquela noite e lhe pedira para ela ler para ele. Será que Jane tinha ao menos se preocupado em dar uma resposta antes de deixá-lo ali, sozinho, fechando-se no próprio quarto? Mesmo naquela época, quando ele era apenas um garoto normal, ela fora uma irmã horrorosa. Tinha feito de Lance uma sombra, um incômodo vago, como achava que o pai tinha feito com ela. Como aquilo era injusto!

— Pai — disse Jane, quando o pai se calou. — Eu liguei para pedir uma coisa para você. É importante. Você fez um testamento, certo? Você me fez guardião dele, se alguma coisa acontecer com você, não é? Eu sou a próxima da fila. Ele é meu irmão, e quero ajudar.

Naquela tarde, Jane voou para Narok. Estava apavorada de voltar para o lugar onde tinha sido vítima e infratora, mas precisava fazer aquilo mais uma vez.

Tirou o cartão de visitas da mochila e estudou-o mais uma vez. Paul O'Reilly. Deduziu que ainda teria que ser interrogada sobre o caso. Teria que voltar a Nairóbi e encontrá-lo de novo, contar a história toda e talvez ajudar a encontrar as pessoas que fizeram

aquilo com Muthega. Não havia como acusar os homens sem rosto, mas faria o possível para encontrá-los.

O avião minúsculo cruzou o limite do Rift Valley, e a terra despencou abaixo. A região se desenrolou sob Jane, vazia e pálida. As chuvas haviam enchido o rio, e suas margens estavam escuras de umidade. O avião se inclinou abruptamente, e, de repente, a terra oscilou para fora da visão de Jane, substituída apenas pelo céu, que escurecia com o entardecer e com a chegada de outra tempestade. Quando o avião voltou a se nivelar, Jane olhou para baixo de novo. A terra estava escura demais e não dava para perceber os detalhes. Tinha virado sombras e formas compridas, sem definição, onde antes estava o rio. Jane pensou nas mulheres locais, paradas nos seus quintais enlameados, com os rostos e os baldes voltados para o céu. O avião era um cupim alado, livre da terra seca e comprimida. E Jane também era, arremessando-se para o céu que escurecia, desesperada pela terra macia e pela luz.

NAROK

LEONA MENTIRA PARA O QUENIANO BRANCO, MAS AGORA ERA O MOMENTO de contar a verdade e pedir ajuda a ele. Detestava precisar de qualquer tipo de apoio, e a cada respiração, lutava contra o instinto de desistir, de voltar para a *manyatta* e deixar Adia levar a sua antiga vida, sem se importar com o que aquilo significava para o seu futuro.

A expressão no rosto de Simi naquele dia, quando deixaram a *manyatta*, faiscava na mente de Leona. Que diabo ela havia feito? Era Simi que tinha cuidado de Adia todos aqueles anos, era ela quem protegia a menina. Leona se sentiu fraca. Não importava o que acontecesse, ela voltaria e pediria desculpas, faria com que a mulher soubesse que sempre seria uma mãe para Adia, mesmo que a menina vivesse em Nairóbi, em Solai ou qualquer outro lugar. Jurou manter viva a ligação entre a filha e Simi.

De certo modo, agora que decidira deixar a *manyatta*, Leona se sentia paralisada. Não era massai, e o queniano branco também não. Leona pensou na família branca do queniano e, na sua imaginação, a infância dele havia sido perfeita: um pé nos hábitos da herança europeia e o outro plantado nos costumes daquele lugar. A americana não conseguia pensar em uma solução melhor para a sua menina, mas os pensamentos dela estavam inquietos, confusos. Sentia-se incapaz de tomar uma decisão maior do que a escolha do que comer no jantar ou quando fazer Adia tomar banho. Narok era uma cidade pequena; a maioria das pessoas se conhecia de vista, mas era bem maior do que a *manyatta*, e isso conferia a Leona a ilusão de anonimato. Por enquanto, era um alívio.

Na *manyatta*, Leona era secundária para Adia. A menina crescera com um cardume de crianças em constante movimento, todas com idade entre 2 e 7 anos, rodopiando para dentro e para fora das

inkajijiks como fazem as marés. Lá, todas as mães estavam afinadas com o conceito de uma negligência benéfica. Era o costume massai.

Leona sabia que, sob esse aspecto, sua versão de uma nova maternidade era muito diferente e talvez até oposta à da própria mãe, que lhe dera à luz em um hospital iluminado de Portland, enquanto o pai tomava café no saguão. Os avós maternos de Leona moravam a uma hora de distância de carro, mas ela soube, mais tarde, que eles nunca vieram passar uma noite na casa deles depois que ela nasceu, nunca ajudaram a mãe dela a se adaptar aos primeiros dias com a nova filha. Ser mãe foi, de imediato, algo solitário. A mãe de Leona não se acostumou com o papel ou com o isolamento. Assim que pôde, contratou uma babá e uma empregada. Nunca teve outro bebê. As semelhanças que Leona começava a ver entre ela e a mãe a feriram por dentro. Nunca tinha desejado essa comparação. Era por esse motivo que não queria ter filhos. Vinha de uma longa linhagem de mães que não apresentavam nenhum traço maternal. E agora, lá estava ela.

Em Narok, pela primeira vez, a maternidade se tornou central para Leona, um estilo de vida solitário e estranho. Sentia-se desconfortável ao controlar cada movimento de Adia e não estava acostumada a ser a única fonte de diversão da menina. O tempo se estendeu, diáfano e lento, e até o corpo de Leona pareceu se mover como se estivesse atravessando águas profundas. O ritual diário era o seu trabalho, enquanto o cargo em Nairóbi ficava em suspenso. Ela não partiria até tomar uma decisão quanto ao pai de Adia. Tinha telefonado para o chefe do departamento e garantido que ainda queria a vaga, mas mentiu sobre o motivo de adiar o começo. Estava rastreando novos dados, histórias antigas da época em que os massai iam até a Tanzânia em busca de pastagens. Não sabia se ele tinha acreditado, mas o homem disse que seguraria o cargo por um semestre. A universidade podia esperar.

Desde que tinham chegado em Narok, havia menos de duas semanas, os dias eram iguais. A primeira coisa era o café da manhã na cafeteria ao lado do hotel. Adia comia pilhas de massa doce, sob a forma de *mandazis* fritos e gordurosos, e Leona tomava várias xícaras de chai quente. Esperava que, se tomasse uma boa

quantidade daquele chá, a cafeína acabaria trazendo-a de volta à vida, aceleraria o seu sangue mais uma vez, atiraria uma faísca nas cinzas úmidas em que ela se transformara. Sem o trabalho, ela não se reconhecia, e podia sentir que a ausência de propósito estava deixando-a deprimida e vazia. Porém, precisava largar tudo isso. Tinha que encontrar o pai de Adia. O resto poderia ficar para depois.

Nas primeiras duas semanas em Narok, Leona ia todo dia ao bar. Descrevia o quanto conseguia se lembrar do queniano branco para quem quisesse ouvir. Em geral, essas pessoas estavam completamente desarmadas, cansadas do seu dia, querendo apenas beber uma cerveja, e, quando ela puxava a manga das suas camisas ou cutucava os seus ombros, olhavam para ela de lado, desconfiadas. Leona sabia que acabaria encontrando alguém que conhecesse quem descrevia; sabia também que o seu comportamento seria comentado, mas mantinha a voz baixa, murmurava como um espião. Os rumores circulavam como poeira por lá, e ela não queria que o queniano branco soubesse de nada até poder olhá-lo nos olhos.

Especulava se reconheceria o homem caso o visse. Afinal de contas, só o encontrara duas vezes: na noite suada e bêbada da concepção de Adia e poucos dias após o nascimento da filha, três anos atrás, quando estava exausta e apavorada, mentindo para que ele desaparecesse. Imaginou se Adia seria parecida com ele, e se, quando o visse, a menina perceberia isso.

Foi o motorista de um assistente humanitário quem, finalmente, lhe deu a dica de que ela precisava. Certa manhã, no final da segunda semana delas em Narok, Leona viu uma caixa de lápis de cera e um caderno de folhas pautadas na vitrine da única papelaria da cidade e, por impulso, tirou um pequeno maço de xelins e comprou-os. Não sabia o que era normal para uma americana de 3 anos, mas sabia que Adia sentia falta dos amigos da *manyatta*. A pequena nunca tinha estado sem um bando de crianças da mesma idade em volta dela, e Leona esperava que os lápis e o papel, coisas que Adia nunca havia usado, ajudassem a tornar a espera indefinida mais suportável. De volta ao bar, a menina, orgulhosa, mostrou ao barman os novos presentes e, no momento em que

Leona ensinava à filha a segurar um lápis, sentiu um tapinha no ombro.

— Madame, a senhora está procurando pelo sr. John? — A voz era rude e vinha envolta em cheiro de cerveja.

Leona se virou com tanta rapidez que o lápis que estava segurando voou pela sala, rolando para debaixo de uma mesa distante. Adia soltou um grito, pulou do seu banquinho e se arrastou pelo chão para recuperá-lo. O homem era alto e musculoso, e Leona achou que tinha mais ou menos a sua idade. Tinha marcas de escarificação nas faces, o que indicava que não era massai. Talvez quicuiu, pensou. Usava um conjunto safári cáqui, com um crachá que dizia *Alojamento Mara — Motorista*.

— Sr. John? — Leona tentou manter o rosto impassível. De repente, sentiu medo. Talvez fosse um erro encontrá-lo.

— É, o sr. John, de Solai. Wilson — o homem indicou um frequentador do bar, jogado em uma cadeira em um canto escuro —, Wilson me falou que a senhora estava procurando pelo sr. John. Eu conheço ele.

— Ele está aqui? — perguntou Leona com a voz alta.

— Não. Eu também sou de Solai. Posso mostrar para você como ir.

Ele acenou para o barman, pediu mais uma cerveja e, quando ela foi deslizada para ele pelo balcão lustroso do bar, inclinou o chapéu empoeirado na direção de Leona. Ela pagaria.

Usou um lápis de cera azul de Adia para desenhar um mapa tosco no caderninho. Depois, arrancou a página e entregou-a para Leona.

— Você leva um dia para ir de carro até lá. Mas a estrada é ruim, então, se estiver chovendo, nem adianta tentar. — Ele deu um longo gole na cerveja.

Leona se sentiu agradecida pelos cheques que os pais mandavam nas cartas. A bolsa dela tinha acabado havia muito, e o único dinheiro que ganhava agora era a ninharia recebida pelos seus artigos, quando estes eram publicados, e a promessa de um adiantamento pelo livro. Na *manyatta*, o dinheiro não importava. Não havia onde gastá-lo. Mas, em Narok, tudo tinha um custo. Tirou da carteira uma nota de duzentos xelins do dinheiro do pai e a entregou

para o homem empoeirado ao seu lado. Ele respondeu com um solene aceno de cabeça, e, com cautela, enfiou o lápis de cera azul de volta na caixa. Leona dobrou o papel com o mapa e guardou-o com cuidado.

De vez em quando, Kamau, o guia que havia desenhado o mapa, voltava para o bar, que ela ainda frequentava. No entanto, Leona não perguntou mais sobre o queniano branco, John. Tinha o que precisava, e agora só faltava decidir o que fazer com a informação. Naqueles dias, observava Kamau do outro lado da sala, e, quando ele olhava, Leona sempre acenava. Não queria conversar com ele, não se sentia atraída por ele em nenhum sentido, mas a presença do homem lhe dava a conexão com John. John. O nome dele. Ela podia segurá-lo nos lábios e escrevê-lo no papel, se quisesse. Poderia dá-lo a Adia. Só que parecia artificial dizê-lo em voz alta, até mesmo um pouco desconfortável, como usar um casaco em um dia quente. A tênue ligação com Kamau era o único tipo de relacionamento que ela poderia administrar no momento. Seus pensamentos estavam irregulares demais, e sua indecisão era algo vivo dentro dela, como câncer.

Certa tarde, Kamau a pegou pelo braço enquanto ela ia até o banheiro.

— Seguiu o meu mapa, madame? Foi até Solai?

— Não — mentiu Leona com facilidade. — Meu carro está na oficina. Vou ter que esperar.

Então, sentiu um arrepio de terror quando ele respondeu:

— Posso levar você até lá. Vou visitar o meu pai. Posso pegar o carro do meu chefe.

Kamau se virou e acenou para um amigo do outro lado do bar. Ao se afastar, gritou para Leona:

— Encontro você aqui em dois dias, e podemos ir para Solai.

Era tarde, naquela noite, quando uma batida na porta acordou Leona de um sono profundo.

— Senhora, tem uma ligação para você — disse o atendente noturno, bocejando.

Anos antes, quando tinha acabado de chegar, dera o número do telefone do hotel para os pais. Era apenas para emergências, dissera, e deduziu que eles jamais telefonariam ou, se o fizessem,

que ela nem receberia o recado. Enquanto Leona ia sonolenta até o saguão, se deu conta de que aquele telefonema era o primeiro que recebia naquele lugar.

Não ouvia a voz da mãe desde que deixara os Estados Unidos. A familiaridade, mesmo depois de tanto tempo, surpreendeu-a a ponto de quase não escutar o que ela dizia.

— Eu não estava com ele. — A voz da mãe ecoou pelo telefone, soando metálica e estranha com a diferença de horário e a péssima qualidade da ligação. Era como se estivesse ligando de um planeta distante.

— Por que não me falou que ele estava morrendo? Você escreveu cartas, manteve contato... Só resolveu me contar agora? — perguntou Leona, imaginando se a voz dela soava estranha para aquela mulher com quem não falava havia quase quatro anos. Ela se perguntou se deveria estar chorando. Não tinha vontade. Não sentia nada, a não ser distância.

— Ele não queria especular se você viria ou não — respondeu a mãe, indo direto ao assunto. Caso não tivesse sido clara, acrescentou: — Ele achava que não viria de jeito nenhum e não quis passar os últimos dias com esperança.

Leona ficou na dúvida sobre o que deveria responder.

— Seja como for, ninguém estava com ele na hora que aconteceu. Era pouco depois das duas da manhã. Ele tinha me mandado para casa. Ou queria morrer sozinho, ou não esperava que fosse acontecer tão rápido. Não sei.

Leona imaginou como seria morrer sozinha. Se, com o último suspiro, sabendo que as trevas estavam chegando, a pessoa teria vontade de estender o braço, sentir a própria mão tocando a mão de alguém, ter o rosto de um ente querido como última visão. Imaginou se o pai sentia remorso e se teve vontade de se desculpar no leito de morte. Mas talvez tivesse apenas afastado a lembrança do que costumava fazer com ela para um canto tão no fundo do cérebro que já não conseguia acessá-la. Leona sentiu uma terrível explosão de alegria ao perceber que a ausência dela no leito de morte do pai significava que não estava lá para perdoá-lo. Não conseguiria olhar nos olhos dele e ver remorso — ou, pior, não ver nada.

— De qualquer forma, precisamos preparar um funeral. Ele vai ser cremado, então não há pressa. Queremos agendar isso quando você puder vir. Você e a menina. É hora de voltar para casa, Lee.

Por um segundo, Leona ficou chocada com o uso do seu apelido de infância.. Ninguém a chamava daquela forma havia muito tempo. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas. Aquele lugar não era a sua casa. Nunca fora. Pensou na cama onde a filha estava agora, dormindo profundamente. A pele de Adia era acastanhada, o cabelo, uma auréola de nós e cachos dourados. Não se parecia em nada com Leona. Usava apenas roupa de baixo de menino. Um bracelete de pele de cabra envolvia o seu pulso fino. Seus pezinhos nus eram grossos, cheios de calo e sujeira. Leona tinha comprado calçados com solado de borracha para ela no mercado de Narok, mas Adia odiava usá-los, e quando o sapato esquerdo sumiu sob circunstâncias misteriosas, ela não se preocupou em substituí-lo.

Da forma que Leona lembrava, a casa da sua infância era um lugar frio, cinza e silencioso. Um lugar de tapetes, livros encadernados em couro, refeições em volta de uma mesa com o som do raspar de talheres de prata. Tentou visualizar Adia descalça, na sua velha escola, seguindo regras. Tentou ver Adia, com os cabelos desgrenhados, à mesa de jantar da mãe, comendo com garfos e facas antigos, bebendo em um copo de cristal. Impossível. Especulou se, talvez, o lugar onde a pessoa nascia transformava as suas células ou se o ar que a mãe respirava enquanto você nadava dentro dela contribuía para o seu corpo, para a sua mente. Talvez o lugar onde a concepção ocorria desencadeava a própria história singular daquela pessoa. Se fosse isso, Adia era uma criança de poeira e cheiro de lenha e gado. Leona jamais poderia fazê-la se esquecer disso.

Então, ela desligou e voltou para o quarto. Deitou-se na cama dura do Chabani Guest House com a filha ao seu lado. Teve a sensação de girar para longe.

Leona não dormiu depois da conversa que teve com a mãe. Adia acordou no momento em que o sol irrompeu no horizonte, mas Leona sentia a cabeça pesada e difícil de manejar. Quis, desesperadamente, permanecer na cama com os olhos fechados. Estava exausta, cheia de pensamentos contraditórios em relação ao

pai, e também estava desconfortável em ir ao bar, agora que Kamau se oferecera para levá-la de carro até a fazenda de John. Não queria vê-lo, ter que dispensar a oferta dele de carona ou, pior ainda, criar coragem para contar a verdade, que estava com muito medo de encontrar John. Mas Adia havia se acostumado à programação diária, feito amizade com o barman e as cozinheiras, e insistiu, depois do café da manhã, em passar o dia como sempre faziam. Leona tentou despertar o cérebro e o corpo com um banho gelado, mas, de certa maneira, continuava se sentindo escorregadia, gordurosa, tanto por dentro quanto por fora. Também estava triste, algo inesperado. Perguntou-se se sentiria falta do pai, da presença dele no planeta, ainda que fizesse tanto tempo que não o via, mesmo reconhecendo não sentir ternura ou amor por ele. Porém, percebeu que agora era órfã de pai.

Quase nunca chovia naqueles dias. O fundo do Rift Valley estava desolado e seco. Ouvia-se o som do vento através do capim áspero e amarelo, e havia uma constante película de poeira sobre a pele suada. Naquele ano, no entanto, a seca estava pior do que o normal, estendendo-se demais. As duas estações chuvosas anteriores haviam sido esparsas. Os profundos lençóis freáticos não chegaram a encher por completo, e o rio Mara e os seus afluentes se arrastavam baixos e densos, a costumeira linha d'água quase esquecida. Uma tempestade caíra uma semana antes. As crianças dançaram, riram e se encharcaram. Ao observá-las, Leona pensou que aquilo significava esperança. Mas foi uma tempestade isolada. Pesada e sólida, extremamente forte, a água levou a superfície do solo e deixou pouca coisa para trás. Então, voltou a desaparecer, a lama virou pó de novo e os rios, por alguns dias perigosos com as inundações repentinas, encolheram-se a um fio d'água. No entanto, esperava-se outra tempestade. Logo, era o que diziam. Leona deduziu que não passava de pensamento positivo, porque, para ela, o céu parecia sempre igual. Os moradores, entretanto, diziam ver algo diferente, um peso, talvez, um ligeiro aprofundamento na cor nas nuvens, que parecia promissor. As pessoas esperavam. Ao longo dos esforçados rios, as mulheres avançavam cada vez mais para dentro para lavar as roupas, as gazelas e os elefantes

chegavam mais e mais perto, o medo dos humanos mitigado pela sede desesperada.

Quando Leona saiu do chuveiro, vestiu-se e juntou energia para levar Adia até o bar do Chabani, notou que havia mais pessoas nas ruas do que o normal. De certo modo, a cidade parecia mais cheia, mais movimentada. Os transeuntes chamavam uns aos outros das portas abertas das lojas e as crianças passavam zunindo com determinação.

— Vai ver que hoje é o dia da chuva — disse Leona, inclinando-se para pegar a mão de Adia. — Talvez o povo esteja animado.

Leona nunca tinha visto a filha com medo. De repente, ocorreu-lhe que Adia também estava só. Sem pai, assim como ela estava agora ou, pensou de forma sombria, “com o pai perdido”, no caso de Adia. Nada havia entre a menina e o mundo, a não ser ela mesma, a mãe relutante. A enormidade disso foi um choque maior do que a morte do pai.

— Lee, ele deixou tudo para você.

Mais uma vez o telefone, tarde da noite. Sua mãe. Pelo relógio de Leona eram 3h35 e a batida na porta a tinha arrancado de um sono obscuro e tenebroso. Piscou e esfregou os olhos.

— Posso mandar o dinheiro para as passagens. Quando você vem? Temos que seguir em frente com as providências. Sinto muito, Lee — murmurou a mãe quando Leona começou a chorar. Deduziu que entendia as lágrimas da filha. — Deve ser difícil estar tão longe da família em uma hora dessas.

A cerimônia fúnebre do pai seria formal, todos de preto. O padre estaria com o manto branco luminoso, em meio às enormes coroas de flor. Leona se lembrou do cheiro da cerimônia fúnebre da avó. Jamais esqueceria as urnas cheias de lírios e rosas. Antes daquele dia, adorava essas flores, mas o cheiro enjoativo e forte do seu perfume na igreja deixou-a tão nauseada que ainda não suportava ficar perto delas.

— Não vou poder ir.

Leona só conseguia falar sussurrando. Sentia que se, dissesse aquilo bem baixinho, poderia imaginar que não tinha nem chegado a dizer. Poderia imaginar essa conversa distante, este corte de laços. Se fosse para os Estados Unidos agora, aqueles céus chuvosos

ficariam agarrados nela. Duvidava de que conseguiria escapar e voltar para o Quênia. Ficaria presa. Adia seria uma estranha lá, estranha e órfã de pai.

— Lee. — A voz da mãe endurecia como lama debaixo do sol quente. — Vai se arrepender se não vier. Não importa o que aconteceu entre vocês dois. Por favor.

Quando Leona desligou o telefone e voltou descalça para o quarto, não tentou dormir. Sabia que não conseguiria. Em vez disso, foi até a janela. As palavras da mãe a deixaram chocada. Significavam que ela sabia. Sabia o tempo todo que a filha estava sendo violentada pelo marido. Sabia e nunca tinha feito nada para impedi-lo. Leona mordeu o lábio para não gritar e acordar Adia. Queria abrir a janela, gritar, chorar e sacudir a noite com a sua raiva e o seu desespero. Agora, jamais conseguiria puni-lo. A morte cortou a língua dela, forçou-a ao silêncio.

A janela tinha grades do lado de fora para impedir a entrada de ladrões e macacos. Do lado de dentro, venezianas de vidro podiam ter as lâminas fechadas para proteger da chuva ou da poeira. Tiras de tecido cor de vinho pendiam de uma barra de madeira, o pano mole fazendo as vezes de cortina. Leona os puxou para o lado e virou a maçaneta enferrujada que escancarava as venezianas. Precisava de ar. Lá fora, o vento agitava os galhos da árvore-de-fogo e as pétalas da primavera flutuavam. A lua, clara e perfeita, fazia com que tudo — o mato seco, as paredes das construções, os telhados e os carros — adquirisse um tom cinza fúnebre. Não prateado, mas a matiz cinzenta de um filme em preto e branco, esvaziado de cor, mas tudo tão visível e claro quanto ao meio-dia. Leona sentiu uma mudança no ar e notou um gume gelado na noite. É, a chuva estava mesmo chegando, pensou. Ela viria e tornaria o ar úmido, pesado e delicioso para as plantas e as pessoas, mas a estrada para Solai ficaria intransitável. Seu carro não conseguiria passar por estradas alagadas ou sulcos profundos de lama. Tinha que ser agora. O tempo era curto.

Pegou o jeans na cômoda e colocou-o às pressas. Amarrou o cabelo com uma bandana e foi até o banheiro lavar o rosto e escovar os dentes. Colocou os produtos de higiene pessoal que tinha comprado em um saco plástico, juntou os lápis de cera e o

caderno de Adia e algumas poucas peças de roupa compradas em Narok, para substituir as que acabou deixando para trás.

Logo clarearia, e elas precisariam partir. Sua bolsa estava na cadeira ao lado da cômoda, e Leona a pegou. No maior silêncio possível, esvaziou o conteúdo na ponta da cama, e conferiu tudo, colocando as coisas de volta uma por uma: sua carteira, suas chaves, um prendedor de cabelo, uma pequena agenda. Não era muita coisa. Então, percebeu o pedaço de papel. Estava dobrado repetidas vezes, e ela foi até a janela para vê-lo melhor ao luar. Agora, as linhas desenhadas não pareciam azuis, o lápis de cera usado por Kamau poderia muito bem ter sido preto, mas ali estava, o mapa que o homem desenhara com tanto cuidado.

Leona o colocou no bolso e se sentou na cama com as pernas esticadas para a frente. Quando a lua baixasse e o sol nascesse, as linhas do mapa voltariam a ser azuis. Ela conseguiria segui-las. Seria rápida e venceria a chuva.

JUUU

A LIBÉRIA FICA NA CURVA DA ÁFRICA OCIDENTAL. CORRENTES OCEÂNICAS se dobram e giram ao redor da costa que se estende das matas tropicais do Congo até as areias secas do deserto do Marrocos. No ano anterior, indo em sentido contrário a essas correntes, em um voo noturno que saía de Washington, Jane e Paul se mudaram para lá. Monróvia era o segundo posto de Paul no serviço diplomático.

A Libéria era clara, com o sol pressionando tudo abaixo dele, um sol que queimava em um instante, que deixava Jane tonta e chegava até mesmo a assustá-la, caso ficasse muito tempo sob ele. A Libéria era o suor rolando pelas costas, grudando a camiseta na pele, enchendo os ouvidos e invadindo os olhos. A Libéria era tempestades tropicais que surgiam no céu de uma hora para a outra com nuvens enormes e negras, para transformar o que tinha sido um dia normal e quente em um dilúvio, que pararia da mesma maneira repentina. A Libéria era o gosto constante do ar salgado do oceano, vindo da arrebentação que agitava a areia do outro lado do muro do jardim, o incessante zumbido do ar-condicionado. Era o movimento constante de coisas vivas: mofo, centopeias, besouros e plantas que cresciam encorpadas e verdes, tão rápido que Jane quase podia vê-las se movendo, nutridas pelo sol e pela chuva. Era ficar sentada, dia após dia, esperando Paul chegar em casa. A Libéria também era mistério. Era magia maléfica e *juju*, coisas que soavam como ficção, mas que eram tão verdadeiras quanto um dedo no gatilho, tão verdadeiras quanto sangue.

Ela deveria ter sabido. Houve tempos, logo no começo do namoro, em que Paul e Jane mal se viam. Os dois começaram a sair no início da carreira dele no serviço diplomático, quando ela estava terminando o seu trabalho na Elephant Foundation, treinando

os substitutos, uma equipe de marido e mulher, para assumir as funções que ela e Muthega tinham. Quando a nova designação de Paul chegou — Washington —, Jane se mudou de volta com ele. Seu pai a levou até o altar e a madrastra foi a madrinha. Até Lance compareceu ao casamento, o tempo todo sentado em silêncio, com uma expressão aturdida no rosto.

Jane se lembrava do momento específico em que se apaixonou por Paul. Sempre lembraria. Depois do assassinato de Muthega, foi Paul quem a ajudou a preencher o relatório, foi ele quem a ajudou a esvaziar a casa em Narok. No entanto, não foram essas coisas que a levaram a amá-lo. Aconteceu no dia em que ele a levou para ver o casebre da família de Muthega, construído com tijolos de barro e um reluzente telhado novo de zinco. Ao estacionar o carro, Paul mencionou que aquela construção, mais bonita do que as outras do local, se devia, provavelmente, ao salário ocidental, sem fins lucrativos, de Muthega. A aparência arrumada da casa contradizia a confusão de cachorros, vegetação rasteira e crianças com nariz escorrendo que lutavam por atenção à sua frente.

— *Baba Muthega ni wapi?* — perguntou Paul, quando uma mulher idosa se arrastou para fora da casa para cumprimentá-los.

Jane ficou impressionada com a maneira como o suaíli simplesmente fluía da boca de Paul. Nervosa, cutucou a poeira com o sapato e mudou a bolsa de um ombro para o outro.

O interior da casa era escuro e quase não havia móveis. Um velho estava curvado em uma esteira no canto, e a mulher convidou Paul e Jane para se sentarem em dois banquinhos baixos sob a janelinha vazia.

Jane brincou com a xícara quente de chai que a mulher — ela deduziu que fosse a mãe de Muthega — lhe entregou. Paul esvaziou a sua e começou a falar. Jane o observou, sua linguagem segura e fluente. Ela tinha aprendido o suficiente de suaíli para acompanhá-lo na narrativa, notando as reações do velho casal. Eles assentiram e se encolheram, sussurraram agradecimentos e enxugaram as lágrimas.

— Eles já sabem. Alguém mandou avisá-los na semana passada.

Paul sabia que Jane se sentiria aliviada por não ser ela a comunicar a terrível notícia.

— Na verdade, a mulher e os filhos de Muthega estão agora em Narok, juntando as coisas dele e inscrevendo a filha mais velha em uma bolsa de estudos na escola de lá. Uma escola melhor do que a que tem aqui, em Solai. Ao que parece, ela é inteligente e eles querem que a menina estude.

— Paul, diga a eles que eu tenho dinheiro. Ela não precisa de uma bolsa de estudos. Posso dar dinheiro para eles.

— Dinheiro?

— É o dinheiro que a fundação paga em... situações como esta. O salário retroativo dele e algum seguro de vida. Além disso, há um tanto que vou doar. Quero que a família de Muthega fique bem... Sei que contavam com ele.

Paul se virou para a velha mulher:

— *Yeye ana fedha kwa ajili yenu. Katika benki katika Narok.*

— Não está no banco, Paul. Eu trouxe... aqui. — Jane pegou a bolsa e remexeu dentro, tirando, enfim, um maço de dólares.

— Jane, é demais — disse Paul, baixinho. — É mais dinheiro do que Muthega conseguiria ganhar para eles a vida toda. Tem certeza de que quer fazer isso?

— É a política da fundação — disse ela em uma bravata, mas a expressão no rosto de Paul lhe mostrou que ele sabia que a maior parte do dinheiro era dela.

A mãe de Muthega estendeu o braço e arrancou o dinheiro da mão de Jane, depois se virou e o atirou para o homem deitado de bruços na esteira.

Os dois saíram da casa de Muthega e viajaram em silêncio.

— Você sabe que o assassinato dele não tem nada a ver com você, certo? — disse Paul, enfim. — Ele não é o primeiro a ser morto por aqui, e não será o último.

— Eu deveria ter me esforçado mais para conhecê-lo — respondeu Jane. — Não deveria ter gritado com ele, acusado ele... Deveria ter sido mais esperta. Fui tão... — Ela começou a chorar. — É muito injusto. Agora, a família inteira dele tem que sofrer.

Paul, então, parou o carro e se virou para ela. Estava sério.

— Não carregue essa culpa. Você não pode viver na África ou em qualquer lugar do mundo em desenvolvimento se for se sentir culpada em relação ao que você tem e o que as pessoas à sua volta

têm. Não vai dar certo. — Ele estava quase zangado. — Este trabalho, o meu e o seu, exige força. Se for se sentir culpada por tudo, vai acabar esgotada.

Jane adorava a voracidade de Paul no seu apetite pelo trabalho. Aceitava toda missão de curto prazo que o Departamento de Estado oferecia, sobretudo aquelas que ninguém queria. Era um diplomata maravilhoso. Conversava com qualquer um. Consequia fazer qualquer pessoa se sentir importante e adorava divertir grupos.

— Mande-me para o sétimo círculo do inferno que faço o diabo comer na minha mão em um instante — dizia nos eventos, entre goles de cerveja. Naquela época, a valentia dele era atraente para Jane. Não se incomodava que as viagens fizessem com que ela fosse a jantares sozinha e, na verdade, adorava contar para os amigos onde ele estava.

— Paul? Ah, está na Síria.

Jane e Paul mal tinham voltado da lua de mel quando ele aceitou um tour de um ano, desacompanhado, por Angola; depois, foi para Moçambique, onde minas terrestres ainda cravejavam o solo, e Jane se preocupava a cada dia que passava sem um telefonema dele. Eles trocavam cartas. Ele tinha folgas que passava na Espanha e ganhava o suficiente para comprar passagens para Jane ir até lá, reservar hotéis quatro estrelas e pedir vinhos caros no jantar.

Nos intervalos entre as visitas, Jane se concentrava na sua carreira incipiente como professora de biologia em uma escola particular e nas amizades que fazia. Passava longos finais de semana com o pai e a madrasta, e se revezava nas visitas a Lance. Na verdade, sua vida não mudou muito. Sob certos aspectos, ela preferia a maneira como o casamento estava estruturado e os longos períodos em que tinha que viver sozinha. Seu trabalho tomava tempo, e, com frequência, ela corrigia provas noite adentro, sentindo-se aliviada por não ter ninguém ali para interrompê-la. O casamento era algo teórico nessa fase da sua vida, um devaneio. Até a aliança no dedo não parecia real.

Paul tinha se formado em história da arte, focando em entalhes sagrados africanos. Quando lhe ofereceram o posto em Monróvia, onde Jane poderia, enfim, juntar-se a ele, a primeira reação foi de

empolgação por ter a chance de ver exemplares de entalhes da região.

— Você pode conseguir um trabalho lá, se quiser — falou a Jane.
— A gente vai conhecer pessoas, oferecer e ir a jantares.

Paul fez com que aquilo parecesse uma parceria, mas, nos jantares que davam em Monróvia, enchia a mesa com intelectuais locais e funcionários estrangeiros, que bebiam vinho e comiam os queijos importados caros que ele mantinha escondidos na geladeira.

Jane se sentava à cabeceira da mesa, pacientemente, enquanto ele era o alvo das atenções, entretendo os convidados com histórias que aprendera ao estudar arte sagrada, contos da Leopard Society e das máscaras que usavam para amedrontar outras tribos, as máscaras que queria ver e as que estava desesperado para comprar. Ela achava difícil levar os assuntos para áreas em que era especialista, onde poderia participar da conversa. Ninguém dava importância para o fato de que era bióloga ou uma professora excelente. Paul e os outros eram apaixonadamente mundanos e poderiam passar horas falando sobre política internacional e os problemas de trabalhar em países do terceiro mundo. Jane pouco sabia sobre esses assuntos.

Ela deduziu que encontraria um trabalho na Libéria. As pessoas lhe diziam que escolas internacionais estavam sempre procurando professores e que seria fácil encontrar uma vaga. Chegou até a contatar uma ONG de preservação de elefantes, que combatia a caça clandestina no Sapo National Park. Porém, de algum modo, depois de chegar lá, sentiu-se consumida. Dirigiu até a escola americana uma vez, para se encontrar com o diretor, só que os dois tiveram uma conversa estranha. Ela estava se sentindo mal naquele dia, mas se obrigou a ir mesmo assim. O tempo todo em que esteve na sala, falando sobre futilidades e tentando parecer capaz e preparada, sua cabeça latejava, e a vaga sensação de precisar vomitar permaneceu dentro dela. Mais tarde, o diretor telefonou para dizer que, embora não existissem vagas em tempo integral, ela seria a primeira na lista de potenciais substitutos.

— Não se preocupe — disse ele. — Aqui é a África tropical, os professores faltam por doença o tempo todo.

Já fazia dois meses que a escola estava em atividade e ela não tinha sido chamada nem uma vez. Queria ter se importado com isso, mas não conseguiu. O calor ali a deixava abatida, sugava a sua motivação. Pensava, de vez em quando, no Quênia, lembrando-se de como o ar matinal era fresco quando ela e Muthiga começavam o dia e da maneira como as rolas-carpideiras arrulhavam o despertar do céu pouco antes do amanhecer. Guardou os detalhes de Narok, do Mara, na sua mente, buscando-os para analisá-los vez ou outra. Sob certo aspecto, percebeu que, quando tinham vindo para a Libéria, esperava que o país fosse mais parecido com o Quênia. A diferença profunda foi uma decepção dolorosa, e a esperança que sentira antes de chegar ali transformou-se em letargia. Quando sua menstruação não veio duas vezes seguidas, sentiu-se justificada. Tinha que ser esse o motivo da exaustão.

Guardando segredo, Jane passava os dias lendo e caminhando ao longo da praia em frente à sua casa. De vez em quando, vestia o maiô e se sentava em uma toalha sobre a areia, contemplando a arrebatção. Nos finais de tarde, depois de uma chuva e da troca de roupas, perfumava-se atrás das orelhas e esperava Paul voltar. Nunca estava sozinha. Mohammad também estava ali, limpando em silêncio a poeira dos retratos emoldurados na parede, organizando a cozinha ou picando coisas para o jantar que prepararia para eles. A hora preferida do dia de Jane eram as noites. Quando Paul estava em casa, sempre ligava o som, e a casa se enchia de jazz. Os dois se acomodavam para jantar, e Mohammad acendia as velas e colocava os pratos à frente deles. O jantar também era um momento de expectativa, porque Jane sabia que era sempre naquele momento, já dentro da noite, que os Charlies chegavam.

Os “Charlies” eram grupos ambulantes de vendedores de arte folclórica que fascinavam Paul. Jane nunca descobriu o significado do nome e Paul também não soube explicar. Eles compravam os produtos a baixo custo nas aldeias no meio das selvas do interior do país. Embalavam tudo em sacolas e vinham para a capital vendê-los de porta em porta para estrangeiros. Traziam a África Ocidental e todos os seus segredos obscuros das matas para a varanda dos fundos de Paul e Jane, batendo de leve na porta de trás.

Quando os Charlies chegavam, Jane e Paul saíam pela porta da cozinha, deixando-a bem fechada para manter o ar-condicionado funcionando. Os vendedores colocavam banquinhos de madeira no chão de concreto encerado da varanda. Os objetos das sacolas eram novos para ela, a maioria deles desinteressante, na sua opinião.

— Quero uma máscara passaporte — disse Paul certa noite, e os Charlies remexeram nas sacolas até tirar algumas esculturas pequenas, escuras e delicadas, tão compactas quanto conchas.

— Para que elas servem? — perguntou Jane.

O Charlie mais próximo dela se virou e disse:

— O *juju* pode vir até você quando estiver dormindo.

Ele era alto e tinha dedos compridos. Segurava um cigarro em uma das mãos, e inclinou a cabeça para soltar a fumaça branca na escuridão acima deles, que pairou ali como um fantasma.

O homem continuou:

— Se você conseguir ver o espírito da floresta, Gle, quando estiver dormindo, pode dizer para o entalhador como ele era, e ele vai entalhar para você como se estivesse fazendo uma foto. Quando você sonha, o *juju* pode vir. Pode contar coisas que você precisa saber.

Jane olhou para as máscaras que Paul segurava; eram pouco maiores do que a palma de sua mão. Uma delas era o rosto de uma mulher, encimado por um cabelo esculpido em uma trança intrincada. A outra era a face de um homem com um desenho de cortes tribais espalhados pela testa de madeira. Jane gostaria de saber o que esses sonhos sussurrariam para os seus donos e onde estariam as pessoas que haviam encomendado as máscaras.

Paul foi direto para o coração das trevas. Não se virou quando os Charlies mencionaram que uma imagem de madeira fora posta sob um cadáver para conduzir o espírito do homem a um lugar melhor nem se perturbou quando lhe contaram que a máscara que estava segurando tinha sido imersa no sangue de um bode sacrificado e que por isso era escura e estranha. Sob esse aspecto, Jane era diferente do marido; gostava das coisas novas. Teria escolhido as peças recém-esculpidas, que não pareciam ter sido usadas. Tinha medo da escuridão.

Na maior parte do tempo, os Charlies se concentravam em Paul. Sua autoridade e masculinidade tornavam Jane invisível. Mas naquela noite, um deles também deu algo a ela.

— Madame, dê só uma olhada. — Ele colocou um colar feito de sementes macias e marrons na mão dela; depois, uma boneca esculpida em madeira, que uma menininha teria carregado, vestido e lhe dado um nome. — É bonita, não é?

Jane correu o dedo pelo rostinho de madeira, e sentiu as mechas de cabelo de pano.

Paul olhou para a boneca e soltou uma risadinha.

— Querida, isso não passa de uma Barbie de aldeia. Nem é antiga.

Jane sorriu, pedindo desculpas para o Charlie que lhe havia oferecido a boneca e a devolveu para ele.

Nas noites em que ela se sentava ao lado de Paul, observando-o trabalhar, sentia que não o entendia em nada. Quando ele parou de viajar sem ela, quando enfim se acomodaram em um casamento onde ficavam mais tempo juntos do que separados, Jane deduziu que solidificariam a cumplicidade que sentiam no começo do namoro. Naqueles primeiros dias, haviam esboçado um futuro juntos, construído os alicerces de um casamento, e ela esperava que ambos fossem grandes amigos, companheiros e amantes. De algum modo, porém, depois da chegada à Libéria, continuaram se perdendo um do outro. Cada um deles era visível para o cônjuge, mas também intocável, como as imagens de um filme para a plateia: ela conseguia vê-lo, ouvi-lo, mas ele não a via de volta. Esperou o momento certo para lhe contar que ia ser pai. Sabia que aquilo mudaria tudo, as coisas se arranjariam e Paul voltaria a enxergá-la.

Os dias eram silenciosos e compridos e, quando Paul voltava para casa no começo da noite, ela sempre estava ansiosa para vê-lo. Não tinha nada para lhe contar sobre os dias tranquilos e bombardeava-o com perguntas. Ficava desesperada por atenção e isso a envergonhava. Nunca tinha sido assim, e não queria contar a ele sobre o bebê enquanto se sentisse tão frágil. Se contasse, Paul poderia ficar preocupado e, dessa forma, Jane poderia ficar para sempre como uma esposa dependente e frágil moldada no âmbar aos olhos dele.

À noite, tinha sonhos com Narok, com elefantes que caminhavam com pernas mutiladas e sangrentas, bebês estendendo as trombas para mamar sem conseguir sugar nada além de sangue. Acordava desses pesadelos suada e apavorada. Tudo que queria era proteger aquele bebê, o seu bebê, da maneira que não tinha conseguido proteger Twiga, Muthega ou a própria mãe.

Na Libéria, havia histórias de tribos que viviam de acordo com as regras de magia maléfica e maldições. Havia histórias de como os tocadores de tambor podiam falar uns com os outros pelo ar, a quilômetros de distância através da selva, batendo os seus tambores. Havia os mascarados em pernas de pau, que dançavam pelas ruas e paravam os passantes para pedir dinheiro. Se a pessoa não desse o que eles queriam, usariam o *juju* contra ela. Na Libéria, era impossível não acreditar nessas histórias. Era impossível não acreditar em magia. Jane sentiu que o *juju* a machucaria.

Certa noite, sentada no escuro ao lado de Paul, ela o ouviu dizer baixinho:

— Ah, essa peça é linda!

Observou o que ele tinha nas mãos e fechou os olhos com força, mas aquela máscara não poderia ser esquecida. Duas órbitas escavadas de uma forma grosseira perfuravam um pedaço de madeira cinza, escura. O nariz era largo e reto, e a testa se abria um pouco, de onde descia uma cicatriz pelo cenho de expressão severa e zangada. A abertura fora remendada com pedaços de arame, o que dava o efeito de pontos dados de qualquer maneira. Sob o nariz, havia o talho de uma boca, uma abertura rígida como se o rosto de madeira estivesse tentando gritar, e, incrustados na boca, viam-se seis ou sete dentes amarelados e quebrados.

— *C'est les vrai, vrai dents de gents, quoi* — murmurou com orgulho um dos Charlies.

Jane notou outro vendedor se afastar do rosto de madeira, recusando-se a olhar na direção do artefato.

— É uma máscara Dan — cochichou para Jane, em uma voz que a fez estremecer. — Para quando o curandeiro precisa pôr uma maldição. Aquela é a máscara usada para matar alguém.

Paul não viu o homem se inclinando para longe da máscara. Não a colocou e provocou o homem com ela ou lhe disse que não

deveria acreditar naquelas coisas.

Jane odiou a máscara. Odiou o marido por comprá-la. Perguntou-se como ele podia dizer quando as máscaras e as esculturas tinham sido feitas, por quem e até mesmo por que depois de apenas um olhar. Podia tecer histórias das cerimônias do interior, que faziam os amigos dele à mesa de jantar perder o fôlego de alegria e repulsa. Ultimamente, no entanto, quando olhava para Jane, ela não sabia o que Paul via. Sabia que ele sentia falta da sua personalidade independente, da cientista forte e curiosa por quem se apaixonara. Mas não sabia como recuperar aquela versão antiga de si mesma. O fato de Paul não ter mais curiosidade sobre ela a assustava.

Na manhã seguinte à compra da máscara, Paul, animadíssimo, instalou-a em um gancho na parede entre o banheiro e o quarto de hóspedes. Afastou-se para ter certeza de que estava centrada e reta. Dessa vez, não perguntou a Jane se ela achava que combinaria com o ambiente.

À noite, quando Jane se levantou para usar o banheiro, passou pela máscara com os olhos fechados. Durante o dia, evitava-a o máximo possível. Não queria que aqueles olhos vazios a seguissem, não queria ver os dentes reais daquele objeto. Pensava na máscara sempre. Perguntava-se se os dentes teriam sido arrancados de um morto ou, pior, se teriam sido tirados de alguém vivo, alguém cuja boca teria se enchido de sangue e espaços vazios.

O PRESIDENTE FOI BALEADO ENQUANTO DORMIA, POUCO ANTES DO AMANHECER, e desmembrado pelo próprio exército do país. Quando a estática nos alto-falantes melhorou, o rádio anunciou o *coup d'état* com gritos e cantos, o exército com a vitória declarada.

— Em nome do povo — gritavam as vozes no rádio da cozinha —, a revolução continua!

Depois do assassinato do presidente e do golpe, os Charlies pararam de vir. O exército impôs um toque de recolher que ia do crepúsculo ao amanhecer, com pena de morte para quem desobedecesse. Do terraço com vista para a praia, Paul e Jane observavam soldados, com calças camufladas e camisetas rasgadas, dormindo na areia. Até durante o dia, quando ia para o trabalho, Paul aconselhava Jane a não caminhar na praia.

— Não é que eles queiram ferir americanos — disse ele. — Esse é um problema local, não tem nada a ver com a gente. Mas eles estão bêbados e não dá para confiar.

A intenção dele era fazer com que ela se sentisse mais segura. Sorriu ao dizer aquilo, até segurou a sua mão. Mas a fala fez com que Jane se sentisse ainda mais estrangeira, como um fantasma que coisa alguma — nem o *juju*, nem o marido — pudesse ver. Ela era uma intrusa, tão alienígena e deslocada quanto uma conta quebrada no chão da floresta.

Uma semana depois do golpe, treze ministros e membros do gabinete do velho partido governista foram condenados. As acusações eram gritadas no rádio, e a voz animada do locutor dizia: “Justiça será feita.” A notícia fez correr um arrepio pela coluna de Jane, e ela pediu a Mohammad para desligar o rádio. Não queria más notícias naquele dia, não queria ficar triste ou ansiosa. Fora ao médico da embaixada, que confirmou a suspeita de Jane. Não estava sozinha no seu corpo. Guardava um segredo. Queria pensar em uma maneira especial de dar a boa notícia a Paul. Queria que aquele fosse um momento que o fizesse voltar a enxergá-la como a sua esposa, como a mãe do seu filho a nascer.

Na escuridão da madrugada seguinte, os gritos dos soldados na praia acordaram Jane. Ela foi na ponta dos pés até a janela do quarto e espiou. Pela varredura das luzes das lanternas, viu uma fileira de homens descendo da traseira de um caminhão. Eram conduzidos em fila indiana pela areia cinzenta por um homem musculoso, usando óculos escuros espelhados, embora o céu estivesse totalmente escuro. Acenando com uma arma pesada, gritou para que se calassem e se ajoelhassem para o lugar em que estava apontando.

O sol nasceu e o telefone tocou. O chefe de Paul precisava dele no escritório, era necessário proteger documentos, resolver questões pendentes. A situação política tinha mudado, o comando do exército estava furioso e dissidentes eram assassinados nas ruas. A qualquer minuto poderia haver uma ordem de evacuação para os americanos.

— Pode não ser nada — disse Paul a alguém ao telefone. Ela implorou para o marido não sair de casa. O dia transcorria repleto

de perigos à sua frente, longo demais para ela ficar sozinha com o terror que sentia e o caos lá fora, os soldados bêbados e as armas. O portão de ferro e o guarda idoso que ficava sentado em frente a ele o dia todo pareciam uma linha de defesa frágil demais.

— Fique no corredor — falou Paul a Jane, antes de sair. — Longe das janelas. Balas perdidas! — Não queria que ela olhasse para a praia ou fosse se sentar no terraço, onde poderia ficar exposta.

Ela escorregou para o chão e se encostou na parede sem janela. Podia ouvir o rádio na cozinha. Mohammad estava, mais uma vez, escutando o noticiário. Ele também tinha medo, e isso deixava Jane ainda mais assustada. Respirou fundo e esfregou o lugar onde, dentro dela, imaginava células se dividindo e multiplicando. Ficou feliz por não ter contado ao marido. Ainda não queria a ideia do bebê propagada pelo mundo. Pensou que, por enquanto, era melhor manter as palavras escondidas, na segurança da sua mente.

Jane se sentou no corredor, esperando Paul voltar para casa. Fazia calor e não havia luz suficiente para ler. Seus músculos doíam por causa da quantidade de tempo em que ficou imóvel, e sua pele estava grudenta. A máscara também estava ali, no corredor interno e escuro. Sentiu que ela a encarava. Não queria a máscara perto do bebê, não queria os olhos vazios transpassando a sua barriga. Era uma coisa demoníaca. A raiva a surpreendeu. O sentimento viajou como água pelas raízes de uma árvore, enchendo as suas veias de calor, acelerando o seu coração e afogando o seu rosto.

Depois de tanto tempo no corredor sombrio, o sol atingiu seus olhos em cheio. Ela piscou, forçou a vista e rastejou até a porta que levava ao terraço no maior silêncio e lentidão possíveis. Manteve o corpo rente ao chão. Não queria ser notada por ninguém na praia. Os soldados estavam por toda parte. Alguns deitados na areia, outros fumando em grupos. Quando a brisa mudou, Jane pôde sentir o cheiro da fumaça acre. Alguns homens se revezavam puxando o que pareciam grandes galhos de árvores da traseira de um caminhão.

Nenhum deles dava atenção aos treze homens ainda ajoelhados em silêncio. Estavam na mesma posição desde o amanhecer, e agora a areia branca brilhava como gelo sob o sol quente. O mar

tinha passado do preto profundo do início da manhã para verde-jade. Os treze homens esperavam, agachados e suando.

Jane escorregou de bruços para longe da porta de correr do terraço, passando pela poltrona de vime, onde adorava se sentar para ler. Não queria que Mohammad entrasse por ali e a visse. Avançando o corpo sob as folhas farfalhantes de uma palmeira plantada em vaso, observou os homens na praia pelas aberturas decorativas do muro de tijolos do terraço.

Enquanto esperava, treze galhos grossos de árvores foram tirados do caminhão e transformados em traves, que foram colocadas em pé e fincadas profundamente na areia. Os homens ajoelhados receberam a ordem, em voz alta, de despir suas camisas. Foram amarrados às traves com uma corda de plástico verde. Nenhum deles tentou escapar, gritar ou implorar piedade. Apenas ficaram ali, com as mãos amarradas às estacas. Pareciam cansados, até entediados. Jane imaginou o terror que sentiam e como isso poderia deixá-los apáticos.

Ficou chocada com o súbito disparo de treze balas, uma depois da outra, *BAM, BAM, BAM*, em intervalos regulares de frações de segundos. Os tiros soaram distantes para ela, deslizando bem acima do barulho da maré alta, e logo terminaram. Cada bala atingiu o alvo. Os corpos caíram um a um, encolhidos sobre si mesmos, em poças de sangue que se espalharam na areia e foram absorvidas por ela. Jane não conseguia respirar ou se mexer. Ficou ali, ao sol, o coração se estilhaçando no peito. Seu corpo tremia, a respiração era curta e insuficiente. Apertou as palmas das mãos sobre o começo do bebê na sua barriga, e sentiu uma nova sensação física de medo, que forçou a passagem dentro dela, correndo espessa pelo sangue. Sentiu-a enroscando-se ao redor dos seus órgãos, como uma cobra sem cabeça se retorcendo.

Deve ter gritado. Foi encontrada por Mohammad. Foi ele quem passou o braço ao seu redor e a ajudou a voltar para dentro, com as pernas trêmulas. Parou no corredor sombrio e abafado. Foi ele quem lhe trouxe também um cobertor e um copo d'água, quem deixou o seu segredo bem escondido, para que nunca visse a luz.

Quando Paul enfim chegou em casa naquela noite, Jane estava no chão, enrolada como um caracol, de olhos bem fechados. Sentiu

o marido se agachando ao seu lado e ouviu a respiração suave dele se afastando na ponta dos pés. Gostaria que ele tivesse se sentado perto dela, ficado ali, que tirasse o cabelo suado do seu rosto e lhe dissesse que tudo ia ficar bem.

Naquela noite, na mesa da sala de jantar, Jane e Paul mal tocaram na comida fria feita de sobras dos dias anteriores. Mantiveram a luz apagada e acenderam velas. Ao longo de toda a refeição, o medo esteve presente na barriga de Jane. Ela se sobressaltou a cada som alto e evitou fazer barulho. Uma parcela sua ouviu o que Paul dizia, a outra escutou o silêncio além das paredes, além do portão trancado, além dos sons da arrebentação na praia, lá fora, onde o sol estava se pondo no horizonte em uma poça de luz que ia desaparecendo, enquanto a escuridão se desdobrava.

Jane contou a Paul sobre o bebê alguns dias depois; simplesmente deixou aquilo escapar no café da manhã, nada de especial. Ele ficou empolgado, mal podia esperar para ser pai. No entanto, continuou sem ficar em casa com ela, depois do jantar, para assistir a um filme ou conversar.

Nas semanas seguintes, o governo se estabilizou, o toque de recolher foi suspenso e os Charlies voltaram. Subiram os degraus e esperaram. Mohammad cochichou:

— Senhor, eles estão aqui.

Dessa vez, porém, Jane não se juntou mais a Paul na varanda dos fundos. Ficou sentada na sala de visitas, fingindo ler, tapando os ouvidos e se obrigando a respirar quando achava ter ouvido o som do zunido de balas na praia. Antes de cair no sono, à noite, não pensava mais na máscara. Em vez disso, via a si mesma observando em silêncio, pelas traves, enquanto aqueles homens de calças frouxas, peles brilhantes e olhos desnorreados eram abatidos.

Ela não foi mais à praia. Nos sábados de céu aberto, Paul procurava convencê-la a ir nadar no mar, fazer piqueniques na areia, empinar pipa. Ela nunca aceitava. Usava a gravidez como desculpa — não se sentia bem, queria ficar dentro de casa. Ele não sabia o que ela sabia: que o oceano lambia o sangue da costa, que o sangue, agora, rodopiava na água; havia balas e carne

apodrecendo debaixo da areia. A praia era algo deteriorado, marcado pela violência, e Jane não queria que nada, nenhuma molécula do mar ou da areia, nem mesmo o ar que se desprendia das ondas, penetrasse na sua pele ou nos seus pulmões, e se dissolvesse no bebê. Ela tinha que ser um muro entre o bebê que carregava e o mundo trágico onde viviam.

DEUS É A CHUVA, DEUS É O CÉU

O

AR ERA MAIS FRESCO NAS COLINAS, MAIS FÁCIL DE RESPIRAR.

SIMI se concentrou nisso, no ritmo da sua respiração. Mantinha os olhos baixos, tentando não pensar na distância percorrida desde a *manyatta* ou na duração da viagem de volta. Caminhava o mais rápido que podia, mas ainda estava fraca e vazia. As pernas pareciam pesadas e lentas. A perspectiva de uma noite fora, sozinha na mata, não era algo que lhe agradasse, então não parou para descansar as pernas ou tomar água. O caminho era cheio de pedras, e uma chuva antiga havia formado uma trilha profunda na terra. Era estreita demais para caminhar por ela, então Simi tentava andar com um pé de cada lado. De vez em quando, um pé escorregava, fazendo-a tropeçar.

À sua volta, o mundo mudava. Seu caminho a levava para cima, para as colinas Loita, longe da savana amarela que se estendia abaixo. Aos poucos, o mato foi ficando mais alto e verde, a vegetação mudou. Depois de um tempo, Simi reparou que não podia mais ver a savana. Agora, as árvores ao longo da trilha eram grossas e altas. Até o sol se escondia atrás delas. Bem acima, galhos de árvores farfalhavam e se sacudiam com o peso de macacos colobus, que pulavam entre si, silvando alertas, conforme Simi seguia sob eles. Uma vez, a mulher ergueu os olhos e viu uma mãe colobus se lançar de um galho para o outro, as longas faixas brancas da pelagem nas laterais e na cauda, enquanto um bebê se agarrava bravamente ao seu peito. Mesmo quando os galhos estavam parados, Simi podia sentir os olhos dos macacos à sua volta. A floresta respirava, e o coração dela batia. Era um corpo único que vivia e se movia, suas células, as inúmeras criaturas e plantas que a constituíam, as pedras, a terra e o ar.

A parte do organismo da floresta que Simi procurava era a grande árvore *oreteti*, que visitara seis anos antes, quando tinha acabado de perceber que poderia ser estéril. Naquela vez, fora com outras mulheres. Elas comeram gordura e se lavaram com leite. Dançaram e cantaram, e então, cada mulher deixou uma oferenda ali. Algumas delas deixaram cabaças com leite; uma deixou uma lata de açúcar. Simi não conseguia lembrar se, depois, todas as outras mulheres tiveram filhos, mas sabia que algumas sim.

Mesmo depois de seis anos, foi fácil achar a árvore. Tinha a largura da cabana de Simi e era tão alta que, mesmo colocando a cabeça bem para trás, ela não conseguia ver os galhos tocarem o céu. Era uma árvore velha. A *oreteti* começa como uma semente jogada nos galhos de outra árvore por um pássaro ou um macaco. A semente se rompe e crescem raízes minúsculas. À medida que as raízes obtêm nutrientes da hospedeira, ficam maiores, mais compridas e abundantes, do tamanho de uma serpente, envolvendo a hospedeira e parecendo descer do próprio céu. A hospedeira luta para sobreviver ao abraço da *oreteti*, mas acaba morrendo e apodrecendo, deixando um rendado enorme e intrincado de raízes grandes, que se curvam e se arrastam umas sobre as outras, enquanto se impulsionam para se afastar cada vez mais da terra, em direção ao céu.

Simi se ajoelhou na terra macia na base da árvore. Acalmou a respiração e lambeu os lábios secos. A *oreteti* exigia respeito e veneração. Era através das suas raízes que N'gai entregava o gado do paraíso aos cuidados dos massai. As raízes também podiam levar orações a N'gai, que compartilha um nome com a chuva e o sol. Anos antes, Simi colocou sua fé naquela árvore. Dançou, cantou e fez a própria oferenda. No entanto, a *oreteti* não levou a prece dela a N'gai ou então N'gai não quis lhe dar o que pedia. Ele apenas a atormentou, enchendo seu útero para depois esvaziá-lo repetidas vezes, como água despejada de uma cabaça. Aí, uma bebê chegou. Não que tivesse crescido dentro do seu próprio corpo, mas, mesmo assim, chegou. No entanto, aquilo também foi uma provocação, e, agora, assim como todos os outros, ela se fora.

Simi se levantou. A árvore lhe assomava, seus incontáveis braços serpenteando uns sobre os outros, enrolando-se, penetrando-se. A

mulher sabia que, em meio às raízes entrelaçadas, havia um espaço escuro e vazio onde a árvore hospedeira costumava ficar. Na última vez em que estivera ali, seu desespero lhe encheu de coragem. As outras mulheres imploraram para que ela não fizesse aquilo; com certeza haveria cobras escondidas ali, disseram, talvez até um leopardo. Mas ela se enfiou por entre as raízes e adentrou o espaço do meio da árvore. Agora, lembrava-se da sensação de paz que sentiu. Naquele dia, não teve medo. As outras mulheres conversavam por perto, e as vozes eram reconfortantes. Sentiu que estava segura no ventre da árvore sagrada. Abaixou-se e se sentou sobre as coxas, rezando ali, no escuro. As vozes das mulheres foram ficando mais distantes, e ela passou a ouvir apenas o som das folhas bem acima dela naquele buraco escuro. Quando terminou de rezar, levou a mão ao pescoço, desatarraxou o colar de contas azuis e verdes que a mãe lhe dera de presente, e o colocou no chão. Seis anos antes, tinha oferecido seu bem mais precioso na esperança de que N'gai fosse abençoá-la com filhos. Tinha colocado o colar diretamente no coração da *oreteti*. Mas N'gai não a abençoara. E, agora, Simi queria a oferenda de volta.

Desde que havia estado ali, a árvore tinha produzido muitas outras raízes sinuosas. O espaço que Simi passara antes agora estava atravessado por novas ramificações que a impediam de entrar. Simi examinou a árvore com atenção. O lado que dava para a trilha estava bem fechado, e, do outro lado, um emaranhado de plantas rasteiras escondia a base da árvore. Simi tirou seu facão da tira de couro ao redor da cintura. O coração batia dolorosamente no peito. A floresta estava cheia de animais, e qualquer um deles poderia estar escondido no meio do mato. A coragem que ela sentia com as outras mulheres agora havia sumido.

Devagar, foi contornando a árvore, tirando os galhos e as folhas da frente com a lâmina do facão. Analisava a árvore ao se mover, procurando uma abertura que pudesse lhe dar acesso. Não levou muito tempo para encontrar, mas não estava na altura do chão. Teria que se aproximar com cuidado das grandes raízes, esgueirar-se pela abertura e cair de volta no meio da árvore. Não seria de uma altura que a machucaria, mas poderia ser difícil subir de volta.

A imagem que a deixara chocada, do carro levando a sua filha e desaparecendo em uma nuvem de poeira, passava pela cabeça de Simi. O que teria a perder, afinal? Quem sentiria a falta dela? Não tinha contado a ninguém que sairia naquele dia logo depois do amanhecer. Não tinha contado a ninguém para onde estava indo. Não importava. Agora, mais uma vez sem filho e sem qualquer esperança de que fosse conceber um, não faria falta. Na verdade, desconfiava até de que o marido fosse dispensá-la. Uma mulher malfadada, amaldiçoada como ela.

Simi se agarrou à árvore, uma raiz serpentina em cada mão, e se içou. Estava fraca por causa dos dias sem comer, e os braços mal a sustentaram. No entanto, encontrou apoio em uma raiz mais baixa e se ergueu. A abertura que queria estava logo acima da sua cabeça. Depois de ter agarrado a raiz que formava a base do espaço, foi fácil para os seus pés descalços encontrarem pontos firmes, e, aos poucos, conseguiu abrir caminho até o peito encostar na parte inferior do espaço aberto. Inclinou-se e espiou dentro da árvore. Estava silencioso. Nenhum som de respiração de algum animal. Nenhum ruído de cobra deslizando abaixo dela. Uma luz tênue entrava pelas frestas entre a filigrana de raízes, mas havia espaços sombreados, que Simi não conseguia ver. Desejou ter fogo para iluminar o lugar, mas não queria perder tempo procurando madeira para fazer uma faísca. Sabia que, se achasse o colar e voltasse logo pela floresta, poderia descer a escarpa antes de escurecer. Poderia pedir para pernoitar na *manyatta* mais próxima.

Assim, moveu-se rápido, erguendo-se e deslizando o corpo para a frente, depois agarrando a borda superior da abertura e levantando as pernas para se sentar na beirada, as costas para a floresta e os pés balançando na escuridão. Escorregou adiante e se jogou no espaço. Seus pés deram com um terreno sólido, e ela se preparou para presas afiadas mordendo o seu tornozelo ou o rastejar de uma centopeia nos dedos dos pés. Nada. Ficou parada por um segundo, deixando os olhos se ajustarem à mínima claridade que vinha em raios fracos, ecoando as formas que o emaranhado de raízes fazia à sua volta. Jogou a cabeça para trás e olhou para cima. A árvore era mais alta do que ela se lembrava. Não dava para ver o topo. As raízes originais, nascidas em um galho superior da árvore

hospedeira, eram mais grossas do que na base e estavam tão entrelaçadas que não permitiam a passagem de luz.

Esperou para ver se a sensação de calma sentida na primeira vez em que escorregara para dentro daquela árvore a invadiria de novo. Sua cabeça rodava, leve pela falta de comida ou pela longa subida da escarpa naquele dia, ou ainda pelo efeito vertiginoso da luz através da árvore. Ajoelhou-se na terra para se firmar e respirou fundo. A tontura diminuiu, e Simi olhou em volta, esperando os olhos se adaptarem à pouca luz. Não achava que seria difícil encontrar o colar. Tinha apenas colocado o objeto no chão, não em um buraco ou em alguma cavidade do tronco que tivesse crescido e levado o colar junto. Simi se inclinou para a frente e esticou os braços, tateando o chão com cuidado à sua volta. Seis anos de pó haviam se acumulado ali. Como uma jovem esposa esperançosa, fora até lá em um ato de fé. Deduzira que a oferenda funcionaria e que seu ventre vazio estaria cheio de crianças em pouco tempo, e sua vida se estenderia da maneira que ela, sua mãe, seu pai e todos os outros esperavam que acontecesse.

Recordar aquela esperança, e como, aos poucos, ela foi substituída pelo desapontamento, fez Simi voltar a se sentir fraca. Tinha sido bastante perturbador não conseguir gerar uma criança, mas arcar com as expectativas de gerações de antepassados que esperavam que a vida dela se desenrolasse de certa maneira tornou aquilo pior. Não era simplesmente a ausência de um bebê, mas também a ausência de um lugar.

Antes de Adia, Simi vivia em uma constante sensação velada de medo. Nunca sabia se seria forçada a ir embora, se os outros começariam a ver o seu azar como contagioso, uma maldição para todos. E quando Adia chegou para ela, o medo sumiu. Tinha uma filha para amar e lugar garantido na comunidade. Era apenas outra mãe, não alguém para ser observada pelo canto do olho e alvo de conjecturas. Adia. Simi se lembrava do peso do corpo dela nos seus braços, de como a menina se enroscava ao seu lado enquanto dormia, de como a sua voz soava.

O pesar rolou sobre Simi com a força do ataque de um animal. Sentiu o peito desmoronar no chão. Por um instante, pensou que fosse mesmo um grande felino, e imaginou sentir o hálito fétido e

quente da criatura no pescoço, as garras rasgando a pele. Não conseguiu respirar. Os pulmões se contraíram, e ela foi tomada pelo terror. Uma luz estourou atrás dos seus olhos e fogo correu pela sua pele. Pensou que estivesse morrendo. Dobrou o corpo e segurou a cabeça entre os braços, o instinto de autopreservação forte demais para ser ignorado.

Deve ter caído no sono, porque, ao abrir os olhos, estava bastante escuro. Toda claridade tinha esmorecido em trevas. Agitou os dedos dos pés, e a sensação se estendeu pelas pernas. Esticou os braços. Tudo funcionava perfeitamente. Simi estava cansada. Cansada demais para fazer o esforço de se levantar. De qualquer modo, se a escuridão havia chegado, não poderia arriscar uma caminhada de volta pela floresta. Deixou o corpo voltar a relaxar. Cada pedaço seu ficou imóvel. Não fez nenhum movimento a não ser o subir e descer da respiração. Agora, o pânico sumira; já não tinha mais medo. Sentia-se apenas resignada. Sua vida não havia saído conforme o planejado. Os filhos não viriam. Adia fora embora. Não podia fazer nada quanto a isso. Seu marido poderia, ou não, rejeitá-la, e ela poderia, ou não, ser atacada por um leão um dia, quando fosse até o rio. O tempo todo aconteciam coisas que estavam fora do controle de todos.

Lembrou-se da lua que tinha visto na noite anterior e como, sob ela, notou que os animais estavam recomeçando a morrer. A seca os matava devagar. As mulheres também precisavam ir cada vez mais longe para pegar lenha e os homens estavam abandonando as tradições em busca de trabalho e dinheiro em Nairóbi. Sua vida não era a única que não seguia o padrão de todas as vidas anteriores. Ninguém podia escrever o futuro a partir do passado. Lembrou-se da chegada de Leona, quando disse a Simi que queria ajudar os massai a se aterem às tradições, descobrindo maneiras de apascentar os animais em lugares onde a seca não tivesse chegado.

Pensar em Leona era uma ameaça de desespero, e, para reprimir esses pensamentos, Simi mudou um pouquinho a posição do corpo, aliviando, assim, a dor nos ossos do quadril, causada pelo chão frio. Ao se mexer, seu braço esquerdo, ainda esticado, também se moveu. Os dedos da mão esquerda se mexeram, e, sob eles, Simi

sentiu algo que não era terra. A escuridão estava densa demais para que se vissem as cores, mas ela sentiu os detalhes. Todas as contas estavam ali. O fecho ainda parecia funcionar. Simi se sentou e prendeu o colar ao redor do pescoço. A mãe tinha desejado que a vida dela tivesse sido diferente. Por isso trabalhara tanto para Simi frequentar a escola. Não poderia imaginar a filha sem se casar ou ser cortada, mas queria que ela tivesse uma mente moderna, que desse um passo além das mulheres da própria geração. Que estranho que uma *muzungu* estivesse se esforçando tanto para tentar preservar a maneira de vida deles, quando a própria mãe tinha injetado mudança nela, ainda que pequena.

Simi se sentia agradecida pela visão da mãe. Pensava que, se tivesse tido uma filha, teria dado um passo ainda maior em direção ao futuro. A filha dela, aquela que não teve, estudaria, e Simi faria questão que fosse até o fim. Era assim que transmitiria a visão materna para o futuro.

Simi puxou o *shuka* para junto dos ombros, e, dentro dos limites seguros da *oreteti*, enrolou-se em uma bola. Um último pensamento lhe ocorreu antes de adormecer: se tivesse tido aquela filha e se a encorajasse a terminar a escola secundária, quando a menina seria cortada? O corte significava a aptidão de uma garota para se casar e, em geral, ela ficava noiva em seguida. Ela ainda seria cortada aos 13 anos, mas esperaria para se casar? Um marido estaria disposto a aguardar esse tempo? Ou a menina seria cortada depois de terminar o colégio? Isso resultou em uma imagem extraordinária na mente dela: uma menina mais velha, de 17 ou 18 anos, estudada, tendo uma *emurata*. Não fazia sentido; era o mesmo que um homem amamentar um bebê ou uma velha se tornar um *moran*.

De manhã, o sol lento reencontrou seu caminho através do desenho das raízes. Simi abriu os olhos, e os pontinhos de luz eram como estrelas. A floresta à sua volta já estava acordada, os macacos colobus buscando afoitamente o seu café da manhã, e os pássaros se chamando entre si, bisbilhotando no ar gelado. As costas de Simi doíam por causa da posição em que dormira, mas ela estava descansada. Sentiu um vazio que não sentira nos dias anteriores. Ou seja, não é que estivesse contente, mas sentia a falta do grande pesar que a partida de Adia lhe causara. Sabia que aquilo

continuava lá, mas a emoção se assentara em um lugar mais profundo, como uma pedra jogada na água, acomodando-se no fundo do rio sem deixar traços de si após as ondulações se acalmarem.

Subir de volta e sair do espaço no interior da árvore não foi tão difícil quanto Simi esperava, assim como começar a retornar para a sua *manyatta*. Depois de ter ultrapassado o limite externo da floresta, voltar para céu aberto, com a ampla savana estendendo-se abaixo dela, parou e se sentou em uma grande rocha. Desatarraxou o colar e o analisou. As contas estavam sujas — todos aqueles seis anos de sujeira incrustados nos espaços entre elas —, mas, assim como pensara na noite anterior, estavam todas lá. Simi usou a beirada das suas vestes para esfregar as contas, retirando a sujeira pouco a pouco. Esfregou até poder ver as cores, azul para o céu e para a chuva que deveria vir, verde para o aspecto que a terra teria se isso acontecesse. Depois de limpar o colar, prendeu-o ao redor do pescoço e começou a longa caminhada de volta para casa.

OS FILHOS SE TORNAM ELES MESMOS

HAVIA UMA ESPÉCIE DE DESCONFORTO PERSEGUINDO **J**ANE, CUJA BARRIGA crescia mais a cada dia. Não conseguia decidir se deveria culpar a máscara, os assassinatos que tinha presenciado ou o próprio histórico familiar. Era assombrada por pensamentos sobre Lance e a doença dele. Era genético, e a ideia de que aquilo pudesse infectar as células do seu bebê a aterrorizava. A sensação pulava nas suas costas sem aviso, cravando as garras, um animal selvagem munido de músculos e dentes e movido por um instinto de não desistir nunca. Jane não sabia como lutar contra aquilo e começou a se esconder o dia todo no quarto escuro, as cortinas puxadas para impedir a luz, o ar-condicionado chacoalhando na potência máxima, para abafar os sons da arrebentação e do mundo que acontecia lá fora — sem Jane.

Por semanas, Mohammad se esgueirou para dentro do quarto a fim de colocar vasilhas de sopa e garrafas de água filtrada, fervida e gelada na mesa de cabeceira. Jane comia as coisas que ele preparava. Confiava nele e na sua meticulosa adesão às regras de limpeza. No entanto, comia pouca coisa além disso. Nada fresco, nada cru. A probabilidade de deixar o bebê doente por comer algum produto estragado ou ingerir ao menos uma gota de água não tratada, sempre pairava sobre ela. Até o seu desejo de tomar uma ducha acabou sendo superado pelo pavor de que a água não potável do chuveiro, de algum modo, passasse pelos seus lábios. Nos finais de tarde, Paul voltava do trabalho, e, quando ele estava em casa, Jane saía da cama e se sentava com o marido à mesa de jantar, beliscando a comida. Tentava ficar calma e feliz perto de Paul, mas o medo vivia escapando. O dia todo, Jane contava

quadrados no calendário, calculando o dia da concepção e o dia em que deveria parir. Imaginava como estaria o bebê semana a semana, obcecada com o seu crescimento e com medo de perder o controle. Checava compulsivamente os dias. Com 32 semanas, a embaixada a mandaria para os Estados Unidos, para esperar até o nascimento de Grace. Só precisava aguentar até lá. Em casa, as coisas estariam limpas e seguras, e ela conseguiria respirar o ar e beber a água de novo.

— Estou preocupado — disse Paul certa noite. — Você não anda bem. — O rosto dele parecia assustado, e a preocupação que Jane viu ali funcionou como uma talhadeira para os seus sentimentos, e escancarou tudo.

— Eu estou apavorada! — exclamou Jane. — Não consigo deixar de sentir medo, e fico pensando que foi assim que o meu irmão começou. — Ela não conseguiu parar de chorar, e a descarga emocional manteve-a em lágrimas até Paul convencê-la a voltar para a cama. Ele se aninhou ao lado dela, acariciando o seu cabelo até ela pegar no sono.

Jane se recusava a deixar a casa e perdeu duas consultas com o médico da embaixada. Por fim, Paul lhe arrumou uma passagem para os Estados Unidos. Sabia que o peso de uma esposa sofrendo o tipo de esgotamento mental de Jane teria um impacto na sua carreira. O Departamento de Estado restringiria sua escolha para postos futuros, e ele seria um funcionário bem menos atraente para os embaixadores, caso descobrissem. Sem querer correr esse risco, Paul falou ao seu chefe que Jane queria a ajuda da mãe nos preparativos para o nascimento. De qualquer modo, sua passagem pela Libéria estava quase no fim. Ele se juntaria a ela pouco antes da data esperada para o parto. Seu próximo posto já estava designado: Washington. Por um tempo, eles estariam acomodados.

— DE VOLTA DA ÁFRICA! — FORAM ESTAS AS PRIMEIRAS PALAVRAS DO seu pai, quando ela saiu da alfândega e o avistou. Parecia bem mais velho do que a última vez em que o tinha visto. Mais velho e, de certo modo, mais frágil também. Jane o abraçou, e ele disse: — E grávida! Tem certeza de que não é um bebê vodu? — Ele riu.

Jane ainda podia sentir o cheiro do ar salgado da Libéria no cabelo, e, mais tarde, quando abriu a mala, subiu um aroma da sua casa em Monróvia, o leve cheiro de mofo com o qual se acostumara e que não tinha percebido que era tão penetrante.

Naquela noite, Jane acordou suando e com a respiração pesada. Ficou imóvel, os olhos fechados, escutando com atenção. No seu sonho, tinha alguém ali no quarto com ela. A pessoa espiava de um canto enquanto ela dormia. A respiração do intruso se misturava com a dela na escuridão do quarto. Aos poucos, juntou coragem para abrir um olho, depois o outro. As cortinas eram leves, e, como ela tinha deixado as janelas abertas para entrar ar, ondulavam um pouco com a brisa noturna. A luz da rua, algumas casas abaixo, emitia um brilho frio e branco para o interior do quarto. Ainda imóvel, Jane levou alguns minutos para se lembrar de onde estava: no quarto de hóspedes da casa dos pais, em Fairfax. Entre as duas janelas, havia a cômoda pesada de madeira e a poltrona revestida de chita, empilhada com coisas que ela começara a desempacotar. Lá estava o gato, curvado e silencioso como uma vírgula, ao seu lado na cama. Os dois não se tocavam, mas Jane sentia o peso daquele corpinho, o ligeiro calor que o bicho emanava.

Jane tentou livrar a cabeça do sonho, mas ele a deixou sem fôlego, com pequenos abalos de terror que irrompiam nas suas veias como febre. Desejou que seu pai não tivesse feito aquela brincadeira sobre um “bebê vodu”. Os genes de Jane estavam infectados, ela sabia disso. E o pai também. Não era assunto para brincar. O bebê deslizou dentro dela, e aqueles movimentos eram um conforto.

— Meu filho vai ser ótimo — sussurrou Jane para si mesma. Seu irmão era seu irmão, não ela, e os demônios dele não a contaminariam e não contaminariam o bebê. Jane repetiu isso várias vezes em um mantra particular. Por fim, se virou, e o gato esticou as pernas, ronronou e se acomodou em uma bola peluda. Jane apertou a mão direita na abóboda esticada da barriga. Foi assim que segurou o bebê por nascer, e afastou o pesadelo, voltando a dormir.

Acordou com um céu encoberto e a promessa de chuva. Considerando que era junho, estava fresco na Virgínia. Dava para

ouvir alguém na cozinha, no andar de baixo, e Jane foi surpreendida por uma lembrança súbita da infância. Quando a mãe ainda estava saudável, toda manhã preparava para ela um bule de chá e uma pilha de torradas com canela. Jane se sentava à mesa azul da cozinha e comia. Seus amigos achavam esquisito ela tomar chá. Nenhuma das outras crianças tomava. Mas a mãe de Jane preparava-o doce e com leite, e Jane tinha uma caneca favorita, que usava sempre. Não conseguia se lembrar do que tinha acontecido com aquela caneca azul-escura com vinhas de flores brancas se estendendo por toda volta.

Mais tarde, naquela primeira manhã, Jane se juntou ao pai e à madrasta na cozinha. Serviu-se de uma xícara de café.

— Se eu puder pegar o carro emprestado, acho que vou hoje — falou. Tinha tomado uma ducha e se vestido, mas ainda se sentia vaga e atordoada por causa do jet lag e do sono agitado. Esperava que o café ajudasse. — Ver Lance.

O pai de Jane não respondeu. Seu rosto mudou um pouco, a boca se transformou em uma linha e o queixo travou apenas o suficiente para que a filha percebesse. Jane quis forçar a conversa, provocar o pai a falar. Agora, aquele era o abismo entre eles. Seu pai e sua madrasta mantinham um esquema rígido de visitas a Lance. Explicaram uma vez que precisavam estabelecer limites para se proteger da dor. Jane sabia que, em teoria, isso era verdade, mas, no seu coração, nunca entendeu como o pai podia dar as costas para o único filho. Embora ela tivesse passado a gostar da madrasta, até mesmo a amá-la, também a culpava, em silêncio, pelos limites erguidos entre Lance e o pai. Sua verdadeira mãe teria feito qualquer coisa pelo irmão de Jane.

Era desconcertante dirigir por ruas largas, limpas e vazias, tão diferentes das ruas entulhadas e coloridas de Monróvia. Lá, ela teria precisado navegar entre poças de água oleosa e cachorros de rua lutando por restos de comida, além de dividir o espaço com crianças vendendo cigarros e mulheres mascateando vegetais ou pacotes empoeirados de biscoitos e macarrão. Em todo sinal de trânsito, alguém se apressaria a bater um trapo molhado com sabão no para-brisa do veículo, na esperança de ganhar alguns trocados. Havia uma solidão nas ruas vazias americanas. Jane ficou chocada por

perceber uma onda de nostalgia dentro dela. Nunca pensou que sentiria falta de algumas coisas de Monróvia.

Visto de fora, o lugar onde o irmão vivia se esforçava para parecer acolhedor. Havia flores coloridas em uma larga varanda na entrada e alegres venezianas verdes em todas as janelas. Mas era necessário se identificar na recepção, onde um homem ficava atrás de uma dúzia de monitores mostrando câmeras diferentes. Ali, viam-se corredores, gente arrastando os pés em um preto e branco granulado. As pessoas pareciam fantasmas. Jane assinou o livro que o homem indicou e então teve acesso a um dos corredores, através de uma porta de metal. Pensou que, provavelmente, o homem da recepção agora a observava também. Jane agora era um fantasma como todos os outros.

Depois de dois anos longe, ela ficou chocada com a aparência do irmão. Magro, pálido e curvado em uma cadeira dobrável de metal, ele olhava uma tela de TV fixa em um canto alto da sala comunitária. Mal conseguia diferenciar as mulheres dos homens, de tão largados e curvados que estavam, vestidos de forma quase idêntica, em roupas largas de algodão. Mas conhecia o irmão, conseguiu identificá-lo mesmo de costas. Algo a ver com as linhas do seu corpo, como ele se sentava, o formato da cabeça. Tudo isso o constituía, o irmãozinho com quem crescera, ressentindo-se dele e adorando-o nos anos antes da morte da mãe.

Ele fora uma distração naqueles primeiros dias, quando tudo que ela queria era ter a mãe para si mesma. Mais tarde, fora um símbolo da realidade de que a mãe estava mesmo morrendo, uma verdade da qual se esquivava, evitando o desejo da mãe de conversar sobre a sua responsabilidade em relação a Lance. Mas as coisas mudaram mais uma vez quando o pai de Jane se casou de novo. Naquela época, Jane viu o irmão como aliado, a única pessoa restante a conectá-la direto com a mãe. Conforme foi crescendo, ele a fazia rir e a desafiava a subir em árvores, ajudando-a, aos poucos, a ultrapassar o peso do seu luto. Era inteligente, divertido e atlético. Também era bonito. Quando, no meio do seu segundo ano da faculdade, teve o primeiro episódio de esquizofrenia, toda a família ficou chocada. Vasculharam as lembranças em busca de sinais, esquisitices ou manias, períodos de silêncio, breves momentos de

confusão profunda. Nunca chegaram a concordar se os sinais estiveram lá ou não, e, depois de alguns anos, já não importava mais.

— Lance está bem, pode ir falar com ele — disse um enfermeiro de uniforme verde intenso a Jane.

Ela tentou ignorar o olhar dos outros pacientes na sua direção, enquanto atravessava a sala e se ajoelhava no linóleo, ao lado da cadeira do irmão.

— Oi, Lance, sou eu. Voltei.

Não esperava por uma resposta e não recebeu uma. Em geral, seu irmão ficava calado. Os remédios mantinham as alucinações afastadas, mas também o conduziam para outra direção, em um mundo interno. Depois do primeiro colapso, Lance voltou para casa e começou um tratamento rígido de medicamentos e terapia. O pai o observava com atenção, contratando os melhores psicólogos e procurando por tratamentos inovadores, pesquisando sem parar.

O pai e a madrasta despenderam tempo e dinheiro com ele, exatamente em uma época em que queriam um novo tipo de liberdade. Durante anos, a doença de Lance dominou por completo a vida dos dois. Não podiam deixá-lo sozinho, não podiam viajar, não podiam confiar que ele fosse cuidar de si mesmo. Nem sempre Lance respondia à medicação, e, quando se esquecia de tomá-la ou ela deixava de fazer efeito, podia ficar violento de repente. Jane estava longe, na faculdade, então. Um dia, não muito depois de ter voltado para casa para dizer ao pai que estava indo para a África, presenciou Lance passando de um almoço que comia tranquilo para uma gravata apertada no pai, soltando apenas quando Jane e a madrasta pularam em cima dele, arranhando, gritando e puxando-o. No dia seguinte, o pai voltou a internar o filho.

— Não podemos sujeitar você a esse perigo — disse ele. — Você não deveria ficar com medo na sua própria casa.

Jane não tinha medo de Lance, no entanto. Nunca teve. Em vez disso, sentia apenas raiva. Lembrava-se da briga que tivera com eles depois da internação do irmão. As acusações que lançou contra os dois, de usá-la como motivo para enfim se livrarem de Lance.

Ela se sentou com o irmão na sala comunitária, enquanto os outros pacientes os observavam, por várias horas silenciosas. Em certo momento, quando sentiu o bebê se mexendo, agarrou a mão do irmão e a encostou na sua barriga.

— Este é o seu sobrinho ou a sua sobrinha — falou, olhando para o rosto dele.

A expressão de Lance não mudou em nada.

— Ele não conversou — disse Jane naquela noite, durante o jantar. — Não disse uma palavra.

Mencionou isso apenas para dizer alguma coisa; sabia que eles não queriam ouvir sobre Lance. Tinham-no trancado em um compartimento mental que só abriam nas visitas de uma hora, duas vezes por semana. Mas Jane queria falar. Continuava obcecada com a sua mente e os seus estados de humor. A ansiedade que a deixara deprimida nos últimos meses alimentava o medo arraigado de que o cérebro dela fosse tão doente quanto o do irmão. Ou, pior, de que o bebê herdaria a doença de Lance. Estava apavorada com isso, e mais apavorada ainda de que, se isso acontecesse, ela acabasse fazendo o que o pai fizera: mandar a criança embora sem nem olhar para trás.

PAUL VOLTOU BEM A TEMPO. TINHA EMBALADO A CASA DE MONRÓVIA E enviara tudo para os Estados Unidos. Estava exausto quando o avião aterrissou, e Jane deixou que fosse direto para a cama. Mas abriu a mala dele e tirou alguns livros que o marido trouxera, uma ou duas camisas e sua escova de dentes. Cheirou tudo bem de perto, querendo e, ao mesmo tempo, temendo um bafejo do lugar de onde ele viera.

Dois dias depois, Grace foi tirada de Jane sob fortes luzes e uma correria para a mesa de cirurgia. Não aconteceu conforme ela esperava e ficou tremendo de surpresa e terror quando os médicos a abriram. O rosto de Paul estava quase todo escondido atrás de uma máscara azul impecável, mas Jane reparou na expressão dos seus olhos; era como se, pela primeira vez, ele não entendesse o que estava acontecendo. Não havia nada que ele pudesse fazer, nenhuma maneira de controlar o resultado do parto. Em meio ao medo e ao frio no seu corpo, Jane o olhou nos olhos, e eles a fizeram sentir um rompante de empatia. Paul não estava no comando ali, aquele não era o seu lugar. E ainda que ela jamais

tivesse desejado que Grace nascesse daquela maneira — tinha imaginado um parto natural, sem drogas, bisturis e medo —, sentiu-se estranhamente aliviada por ver o marido em um momento de vulnerabilidade. Não cabia a ele administrar isso, nada disso. Paul não estava no comando, e, pela primeira vez no relacionamento, Jane sentiu o medo vindo da pele do marido como calor. Nunca o tinha visto tão exposto. De certo modo, sentiu-se vingada. “Agora você sabe como é”, pensou. “Agora você sabe.”

Quando Grace veio para os seus braços, molhada e vermelha como um pedaço de carne, Jane ficou eufórica. Paul se inclinou e beijou a têmpora da esposa, o medo nos olhos substituído por admiração. Não olhava para Jane com aquela expressão havia muito tempo. Ela estava renovada para ele, forte e capaz. Grace já tinha chegado mudando tudo.

Durante as seis primeiras semanas da vida dela, a nova família viveu com os pais de Jane. Paul passava os dias no Departamento de Estado, adaptando-se ao seu novo posto. De vez em quando, Jane deixava Grace com os pais para visitar Lance. Ele nunca falava com ela. Era uma concha; a criatura escura que respirava no seu cérebro, seu verdadeiro eu, estava tão escondida que não conseguia sair.

Certa tarde, alguns dias antes de eles estarem prontos para fazer a mudança até a casinha alugada em Arlington, Jane e o pai colocaram Grace no carrinho e foram caminhar em um parque da vizinhança. Juntos, olharam as crianças pequenas cavando buracos na areia e gritando por entre as barras de um trepa-trepa. Mães sentadas em bancos observavam atentas, oferecendo de vez em quando caixinhas de suco, pacotes de pretzels ou biscoitos de queijo às crianças, que zumbiam para lá e para cá por entre elas, como abelhas em flores.

— Sinto saudades desses dias — falou o pai de Jane. — Quando você e Lance eram pequenos e as coisas eram mais simples! Tudo muda tão rápido. Não dá para prever.

Jane não respondeu. Estava surpresa que o pai tivesse dito o nome do irmão. Fazia muito tempo que não o ouvia vindo da sua boca. As rodas do carrinho estalavam nas juntas da calçada, e o homem respirou fundo.

— Não é perfeito, nada nunca é. No fim, as crianças não são propriedade sua, Jane. Não dá para controlar todos os resultados. Tentei abrir um espaço para Lance, mas não deu. Era difícil demais. Tivemos que aceitá-lo da maneira que ele é. O Lance que você conheceu? O Lance que nós amávamos? Ele se foi para sempre. Nosso presente para ele é finalmente reconhecer isso. Os filhos se tornam eles mesmos. Não podemos forçar um resultado só porque temos vontade.

Alguns meses depois, Paul e Jane levaram Grace para tirar a sua foto de passaporte. Não sabiam quando, mas seriam designados de novo para o exterior, e até o bebê precisava de documentos oficiais. Como Grace não podia se sentar ou ficar em pé para a foto, Jane teve que segurá-la em pé. O fotógrafo a instruiu a ficar atrás de uma grossa cortina azul, e estender as mãos, ainda cobertas, para erguer o bebê para a câmera. Atrás da cortina escura, Jane segurou com firmeza o corpo inquieto de Grace. Várias semanas depois, Paul chegou do trabalho com o passaporte. Quando Jane olhou para ele, viu o lindo rosto redondo da sua adorada filha. Era um bom retrato, e Jane guardou o passaporte junto com o seu e o de Paul, e não voltou a pensar nele.

Meses depois, quando estavam arrumando a mudança para o novo posto, Paul pegou os três passaportes e colocou-os sobre a cômoda, onde não seriam esquecidos. Dessa vez, quando Jane abriu o de Grace, seus olhos foram atraídos para o espaço além da cabeça macia e redonda da filha, para a forma indefinida, quase fantasmagórica, atrás da cortina azul. Por um segundo, pensou que não era ela lá atrás, erguendo o corpo da filha. Não poderia ser Jane quem concordara em levar aquela coisinha nova e delicada para tão longe. E teve a sensação de estar escorregando no gelo, sem controle e correndo perigo; não havia como evitar a queda. Por um instante, nem mesmo se reconheceu.

SOLAI VALLEY

LÁ ESTAVA ELA MAIS UMA VEZ, A LUFADA DE POEIRA.

O coração de Ruthie disparou. Ela lambeu o lábio inferior e se perguntou se deveria tornar a calçar as botas. Se fosse John quem estivesse voltando, queria encontrá-lo na bifurcação. O sol estava se pondo, um simples borrão branco no céu azul-claro. O crepúsculo se aproximava. Deveria pôr uma chaleira para ferver. John iria querer chá.

Seus olhos avistaram algo além da porta de tela, além do caminho pavimentado com pedras, que ia da casa até os dois pilares de concreto que marcavam a entrada da propriedade. A pastagem dianteira se estendia nessa direção, mas agora mal merecia aquele nome, já que a seca tinha, aos poucos, acabado com o capim e os arbustos, restando apenas os ossos e o couro das vacas que costumava ajudar a cuidar.

Sabia o que aquela nuvem de poeira significava. Ao longe, antes que tudo desse errado, os caminhões aceleravam os motores para subir a última colina em direção aos currais, onde abasteceriam as suas carrocerias com leite fresco e carne. Já fazia muito tempo que os caminhões não vinham.

Abriu a porta de tela e saiu para o pátio. As pedras eram arredondadas e estavam quentes sob os seus pés com meias. Quanto tempo Martin e os quicuios tinham levado para fazer aquele pátio! Ruthie se lembrava das filas intermináveis de trabalhadores suados, curvados sob o peso de cestos cheios de pedras catadas no rio, que Martin os fizera cavar e depois colocar no cimento que preparara com cuidado. A cada dia o projeto avançava. De início, Ruthie concordara em ter um pequeno pátio ali, apenas o suficiente para abrigar os visitantes, enquanto eles esperavam à porta. Mas

depois, imaginou-os sentados em espreguiçadeiras de vime, em um grande pátio de pedra, bebendo Pimm's Cup nos finais de tarde, enquanto as crianças brincavam no jardim e o sol se punha — todas as cores que eles viam naquele céu gigante, onde o entardecer era rápido e maravilhoso.

As espreguiçadeiras já não existiam, tinham apodrecido havia muito, e nunca foram substituídas. Assim, em vez de se sentar, Ruthie passou os braços ao redor de si, e contemplou a esburacada estrada de terra, onde a nuvem de poeira tinha se transformado em um pequeno carro.

Cinquenta anos antes, quando Martin a pediu em casamento, o Solai Valley era auspicioso. Ruthie não vacilou quando ele fez o pedido e se mudou para a fazenda que o homem havia comprado. Nairóbi e o Clube, sua vida na casa dos pais, tudo aquilo a tinha cansado. Ansiava pela terra ao norte e pela maneira como o espaço e o céu imenso faziam a pessoa se sentir pequena e livre. Estava no seu sangue, argumentou com os pais, uma vez que ambos eram filhos de fazendeiros, criados por *émigrés* britânicos nas vastidões do Rift, e a própria Ruthie passara os verões da sua infância nas fazendas em Loita e Nyeri, onde os dois casais de avós ainda trabalhavam, lutando em um modo de vida que os sustentara até a morte. E então, as fazendas foram vendidas. Os pais não quiseram nenhuma das duas e não havia ninguém mais para ficar com elas. O dinheiro herdado por Ruthie por cada fazenda vendida foi, na verdade, o investimento inicial para a casa atrás dela, para os estábulos, o tanque de desinfecção de carneiros e a escola quicuio que eles construíram no fundo da área. Agora, tudo estava vazio, o tanque revestido de concreto e a estrutura da escola seca e rachada como a terra.

Como ficaram esperançosos naquela época, imaginando uma vida maravilhosa voltada para a terra, cheia de vacas, leite e filhos, que voltariam para a fazenda durante as férias escolares e trabalhariam lado a lado com Ruthie, Martin e os quicuios!

Eles tiveram alguns anos bons. No começo, Ruthie era forte, e tinham a paciência para esperar que a terra desabrochasse com o milho, as bananas e os feijões plantados, além, é claro, das margaridas, das ervas e da trepadeira de maracujá que ela conduzia

por uma treliça nos fundos. Tiveram essa paciência, os rostos descontraídos, os olhos claros, que faziam ser tão fácil a conversa entre eles.

Sabiam que teriam que se esforçar nos primeiros anos. Também esperavam que, com o tempo, as coisas acabassem ficando mais fáceis, a chuva não parasse por tanto tempo e que, então, quando ela enfim viesse, não seria em dilúvios tão grandes que levariam a superfície do solo e as mudas. Não previram a escuridão que tomaria conta de Ruthie depois do nascimento do seu primeiro filho. Como ela olharia para o corpinho adormecido nos seus braços e teria visões de abandoná-lo sob um arbusto para ser comido por uma hiena ou a culpa que a torturaria quando essas visões passassem.

— Mais uma morreu na pastagem da frente — disse Ruthie, baixinho, para si mesma. — Outra vaca morta. Esta seca será a morte de todos nós.

Estava tão imersa nas próprias lembranças, que levou um susto quando ouviu a porta de um carro batendo.

— Olá? — O cumprimento veio de uma mulher parada ao lado de um carro amassado e enferrujado. Ruthie percebeu que o sotaque dela era americano, e o cabelo escuro estava puxado para trás em um longo rabo de cavalo, mas a cabeça e o rosto, bom, toda ela estava coberta por um véu de poeira ocre que as estradas secas tinham levantado à passagem dos pneus. A mulher vestia jeans e camiseta, também cobertas de poeira, e as mesmas sandálias feitas de pneus de carro usadas pelos massai.

— Olha, você está péssima!

Ruthie não conseguiu pensar em outra coisa para dizer. Fazia muito tempo, anos, que não via uma estranha *muzungu* nas suas terras. Engoliu o súbito gosto amargo de decepção que subiu à boca. Não era John voltando para visitá-la. Não era John, era apenas alguma assistente social ou uma turista perdida.

— A senhora é mãe de John? — perguntou a mulher, começando a se aproximar do pátio de pedra.

As palavras faziam sentido. Ruthie entendeu cada uma separadamente, mas, encadeadas daquele jeito, elas a deixaram

confusa. Deixou a pergunta assentar. Ela tinha um filho. O nome dele era John? Era.

— Sou.

De repente, Ruthie se deu de conta do quanto estava sozinha. Não podia mais arcar com os empregados da casa, muito menos com os lavradores. Só restava Samuel, portanto. Ele era tão velho quanto ela e, durante os anos em que trabalhara como empregado deles, casara-se com três esposas, uma atrás da outra, e construíra uma pequena casa nos fundos da propriedade. Ruthie ficou satisfeita com isso; agora, ele e o filho eram os únicos que a ajudavam com a casa, durante algumas horas por semana. Samuel também ainda fazia compras para ela no mercado, mas Ruthie não podia esperar que eles a ouvissem se ela gritasse, não daquela distância.

— Meu nome é Leona. O seu filho está? Conheci uma pessoa em Narok que me disse que eu poderia encontrá-lo aqui.

Por um momento, Ruthie sentiu o cérebro zumbindo, tentando encontrar a tração para organizar a tempestade de pensamentos que rodopiava, como folhas em um vendaval. “Que filho?”, Ruthie se perguntou, depois lembrou, e então a confusão diminuiu.

— Ele não está mais aqui — respondeu Ruthie, com uma voz que vacilou um pouco, e depois limpou a garganta: — O que você quer com ele?

A mulher não respondeu na hora. Só ficou ali parada com o jeans empoeirado e os calçados de borracha de pneu, parecendo tão perplexa quanto Ruthie. Depois, se virou e caminhou até o carro. A idosa pensou que talvez ela fosse entrar nele e partir sem dizer mais nada, mas abriu a porta traseira e se inclinou. Quando se virou, Ruthie viu que, nos seus braços, havia uma criança adormecida.

Embora estivesse coberta com a mesma poeira da mãe, e vestida apenas com uma *shuka* vermelha e vários cordões de contas, Ruthie pôde ver que era uma criança pequena, com cerca de 3 anos.

— O que tem aí? — perguntou Ruth. — Por que essa criança está vestida como uma nativa?

Ruthie sabia que crianças eram frágeis. Quantas vezes vira crianças quicuo sucumbirem à malária e à disenteria? Era comum.

Mas uma criança branca? Sentiu o pescoço pinicando de suor. Fechou os olhos bem apertados. Isso não poderia acontecer de novo.

— Não, não, não! — ralhou consigo mesma, empurrando para longe o pensamento diabólico. — Isso não é aquilo. Isso não é aquilo.

Abriu os olhos e viu o rosto consternado da mulher mais jovem. Teria falado em voz alta? Era difícil lembrar o que estava na sua cabeça e o que tinha saído. Passava os dias falando com o vazio, e, às vezes, as palavras escapavam da sua mente, voando pelo mundo como pássaros escapando da sua boca.

— Ela não está doente — disse Leona. — Só está dormindo. O dia foi longo. Viemos de Narok. A estrada é pior do que eu imaginava. Não trouxemos comida para a viagem, só um pouco de água. Agora acabou. Vim aqui... — Ela fez uma pausa, refletindo. Ruthie viu os olhos dela se fecharem e voltarem a se abrir, desviando-se para observar a grama. — Vim falar com o seu filho. Queria que ele conhecesse a filha dele.

O coração de Ruthie poderia ter parado naquele momento. Sua mente parou. Podia sentir os seus pensamentos, as suas listas, as lembranças que percorria, até a sua capacidade de se mover, falar, se esvaírem dela. Transformou-se em algo paralisado, deixou de ser algo vivo. Esqueceu-se de respirar.

A americana se virou para olhar para a estrada atrás delas. A poeira assentara, e o horizonte estava claro e vazio. O céu diurno desaparecia, ocultando as últimas dobras de luz e retirando as cores da terra.

Este corpo estava fora do seu controle, pensou Ruthie. Tão rápido quanto tinha sido esvaziada de vida, ela se recuperou. Contra a própria vontade. Queria permanecer uma pedra, morrer, desaparecer dali.

A mulher recomeçou a falar, como se não tivesse percebido que Ruthie tinha morrido e ressuscitado bem na sua frente.

— Desculpe, mas existe algum povoado por aqui? Ou alguma cidade? Não vi nenhuma na estrada de Narok, mas talvez seguindo adiante? Por perto? — Ruthie viu que ela parecia preocupada. — Não vou conseguir dirigir de volta para Narok hoje. Está escuro

demaís, minha filha está com fome. Precisamos achar um lugar para comer e dormir.

— É melhor entrarem — disse Ruthie, dando uma olhada no rosto suave da criança. Era uma menina. Não conseguia se lembrar da última vez em que vira uma criança branca daquela idade. Teve vontade de estender a mão e tocar na bochecha e no cabelo da neta.

Leona reacomodou a criança nos seus braços, de modo que a cabecinha loira ficou aninhada na curva do seu pescoço, e as mãos se fecharam sobre as pernas da filha. Ruthie se virou, e Leona a seguiu pelo pátio de pedra, subindo os degraus para dentro da casa.

Havia anos que Ruthie não recebia visitas, e se viu corando de nervosa ao olhar em volta e perceber o que uma estranha pensaria da aparência da sua casa. O vestíbulo apertado, as cadeiras desbotadas na sala de visitas, e as teias de aranha que assinalavam os cantos superiores das paredes. Teve um lampejo de irritação em relação a Samuel e seu filho. Como tinham ficado preguiçosos, hein? Não se davam ao trabalho de fazer o máximo que podiam por uma velha.

— Sente-se — disse Ruthie, seca, transferindo a irritação para a estranha. Quem era ela e por que tinha vindo? — Vou fazer um bule de chá. É uma pena que — Ruthie sabia que a mentira estava vindo, e não fez nada para impedi-la — hoje os empregados estejam de folga.

Martin tinha projetado a casa de modo que todos os cômodos do fundo dessem para o jardim. Ruthie queria muito um jardim. Na casa dos pais dela, em Nairóbi, sempre havia vasos com flores da estação, ervas recém-colhidas penduradas para secar na cozinha, jacarandás enormes e árvores-de-fogo, que explodiam em flores e enchiam as janelas com lavanda e carmesim. Quando ela se mudou para aquela casa, sua prioridade foi criar um jardim nos fundos. Tinha tudo na cabeça. Usou o tempo para esquematizar um plano, rotulando com cuidado os desenhos com os nomes corretos das plantas, usando giz pastel para planejar onde ficariam as cravinas, os gladiólos, as rosas e as ervas. Queria que ficasse perfeito. Naquele ano, porém, a seca tinha enfiado as suas garras, uma a uma, na terra.

No começo, Martin lhe falou que seria melhor não molhar as primaveras que ela tentava fazer subir pela frente da casa, entre as janelas, ou os suportes de gladiolos, que ela tinha transplantado com cuidado do jardim da mãe, para suavizar a aparência da entrada. Como ficou triste ao ver aquelas plantas morrerem! Depois, ele disse que ela deveria esquecer o jardim por completo. “Não temos os recursos, nem mão de obra, nem água. Precisamos colocar tudo na fazenda, no gado.”

Agora, Ruthie estava na cozinha. O chão encerado de concreto estava frio sob os seus pés, e a janela dava para o mato. Uma acácia solitária ao longe era um borrão chapado contra o céu que escurecia. Uma ou duas estrelas surgiram. A noite seria clara.

Ouviu sons vindos da sala de visitas, um roçar e depois vozes, uma pequena e fina, e a outra, uma voz de mulher. A criança tinha acordado, e isso fez correr um arrepio por Ruthie. Sentiu-se apavorada e empolgada pela oportunidade de se sentar de novo perto de uma criança pequena, de ver suas mãozinhas se movimentarem.

Restavam apenas dois saquinhos de chá, mas Ruthie usou ambos. Samuel teria que ir ao mercado no dia seguinte. Também usou um pouquinho de leite. As crianças gostavam de leite. Ficou na dúvida se deveria colocá-lo no bule ou em um copo para a menina. Decidiu guardá-lo para a criança e encontrou um pacote de biscoitos doces em um armário que não abria havia dias. Quando os tinha colocado ali?

A menina era uma coisinha suja, enrolada como um animal ao lado da mãe, na cadeira de Martin. Elas não deveriam se sentar ali, Ruth pensou. Era a cadeira de Martin, e ele não ia gostar. Mas se controlou.

— Então, posso saber onde John está? — A mulher levantou os olhos e tomou o chá.

A xícara de Ruthie tremeu na sua mão, quase virou.

— É importante que eu fale com ele. — Leona olhou para a criança ao dizer isso, tocando na sua cabeça. — Ele precisa saber.

Ruthie ficou calada. A beirada da sua xícara roçou o lábio inferior e, por um segundo, ela não conseguiu se lembrar do que estava

fazendo, segurando-a ali, tão junto do rosto que dava para sentir o vapor. Para que era aquilo?

Às vezes, Ruthie sabia que estava resvalando para o esquecimento. Notava que havia deixado a torneira aberta, a água preciosa escapando pelo ralo. Então, tomava consciência de onde estava e desligava a torneira, ou fechava a porta da geladeira, ou tirava a manteiga coberta de formigas do guarda-louça, onde a havia deixado dias antes, pois esquecera que a manteiga precisava ser mantida fora do alcance das formigas. Tinha visto isso acontecer com o pai, e não ficava surpresa com seus lapsos de memória, com a confusão. Esforçava-se para pensar apenas em uma coisa por vez, concentrar-se no que estava fazendo. Mas nem sempre era possível, e os momentos de distração estavam aumentando.

O espirrar de leite do copo da criança interrompeu os seus pensamentos. Ela tinha deixado cair o copo e pulado para longe, enquanto a mãe reclamava:

— Tome mais cuidado!

— Tudo bem, menina, tudo bem. Tem um trapo na cozinha, é só seguir pelo corredor — indicou a Leona. — Ela é uma criança, não precisa dar bronca.

Só muito mais tarde, depois de ter levado Leona a um quarto vazio e ter dado à menina alguns cobertores para se aninhar na poltrona, foi que percebeu que não tinha respondido à dúvida da mulher.

Às vezes, Ruthie se perguntava quando as coisas tinham mudado. Teria sido na época em que o jardim morreu? Ver a terra ressecada sugar a vida de cada ser vivo que ela pudesse tocar? Lembrava-se, claramente, de que tinha sido por volta desse período que a vida, os sorrisos e as brincadeiras sumiram de seu Martin. Ele tinha mudado da mesma maneira que a terra, naqueles primeiros anos. Porém, mesmo depois que a chuva veio, após três anos, e as coisas voltaram a ficar verdes, Martin não se recuperou. Àquela altura, seu rosto estava definido. Os olhos cansados, os braços queimados, cor de terra, e a raiva do campo, de tudo e de todos, nunca se foi. De qualquer modo, Ruthie sabia que a raiva voltaria, assim que a seca voltasse. Tiveram dois anos de chuvas normais, e depois diversas estações secas como ossos. Estavam condenados

desde o começo naquela fazenda; o tempo nunca voltou a se estabelecer nos padrões dos quais eles dependiam.

Assim, quase nunca se sentavam no pátio nos finais de tarde, bebendo e olhando as crianças. Martin se sentava na poltrona da sala de visitas, tomando uísque, e não Pimm's, e Ruthie aprendeu a ficar calada ao lado dele, a não deixar os bebês chorarem. Aprendeu a observar como ele fechava e abria as mãos, como os novos músculos nos seus antebraços subiam e desciam como que respirando.

Ruthie acordou cedo. As janelas do seu quarto estavam densas de escuridão e, bem ao longe, em algum lugar, escutou o grito de uma hiena. Como detestava hienas! Depois do nascimento do primeiro bebê, o sangue dela engrossou com o medo constante e os pensamentos terríveis que se infiltravam no seu cérebro como minhocas na terra.

Era sempre uma hiena. Uma hiena que farejava a terra em busca do cheiro do novo bebê, e andava de lado, até onde, na mente de Ruthie, estava o seu filho, nu e exposto, inocente e totalmente desprevenido. No início, ela não tinha controle. As imagens faiscavam na cabeça dela, a hiena chegava cada vez mais perto, e Ruthie a via parar, cheirando a cabeça e o cabelo macio do bebê. Com o tempo, aprendeu a expulsar as imagens com gritos. Deixava a raiva assumir, e isso encurtava a duração das visões. A hiena parava onde estava, virava de costas e fugia para dentro do mato. Porém, a raiva dela também fazia os seus filhos fugirem. Olhavam para ela, desconfiados, fechavam a boca e choravam. Como ela detestava a si mesma, então. Como gostaria de encontrar as palavras para explicar que seu ataque era a única maneira de deixá-los vivos.

Por fim, não era mais uma hiena. Só que o som delas, mesmo depois de todos aqueles anos, ainda enfiava uma estaca de desespero no seu coração.

LEONA ACORDOU DEPOIS DE O SOL NASCER. A CAMA ESTREITA, QUE RUTHIE havia indicado na noite anterior, era dura, e o mosquiteiro tinha buracos. Passara a noite toda ouvindo zumbidos e agora podia ver vários mosquitos no interior da tela. Estavam gordos de sangue. Virou a cabeça e esticou os braços e as pernas. Seus músculos doíam por ter ficado,

um dia antes, debruçada sobre o volante todas aquelas longas horas, lutando contra os solavancos da estrada. Sentou-se e puxou o mosquiteiro inútil de debaixo do colchão. Pelo menos, poderia prender as criaturas ali, torcer para que morressem antes que o mosquiteiro fosse usado de novo. E quando seria isso? A aparência da casa indicava que ninguém fazia visitas. Parecia que a mulher, Ruthie, quase nunca via outra pessoa.

Leona notou, ao colocar os pés no chão e se levantar, que o quarto estava quase vazio. Só havia a cama e o mosquiteiro, uma mesinha com um abajur e, em frente à cama, uma cômoda branca. A cômoda parecia absolutamente deslocada no quarto de decoração espartana daquela casa abandonada. Fez com que Leona se lembrasse do tipo de móveis que os pais tinham, em Oregon. Era bem branca, com cantos curvos, e puxadores de vidro redondos nas gavetas, ostentando flores pintadas na frente, desbotadas, mas ainda visíveis.

Curiosa, Leona foi até a cômoda e deslizou as mãos pela superfície vazia e lisa. As pontas dos dedos se lembraram da sensação daquele tipo de móvel, ainda que fizesse anos que não visse nada parecido. A lembrança lhe provocou algo. Abriu a primeira gaveta, esperando não encontrar nada além de poeira e traças, mas, em vez disso, descobriu que estava cheia. Roupas minúsculas de linho, todas dobradas em pilhas regulares, intercaladas com os menores pares de sapatos que Leona já tinha visto. Havia três pares marrons de couro macio e um par branco com fitas como laços.

Leona pegou cada par. Tocou no tecido macio das roupas e nos pontos delicados dos gorros e casaquinhos tricotados. Nunca tivera roupas como aquelas para dar à sua filha. Deixara tudo para trás quando se mudou para o Quênia. Leona fechou aquela gaveta e abriu a seguinte. Estava vazia, com exceção de uma grande fotografia, emoldurada em prata, virada para baixo. Não hesitou em pegá-la, virá-la e, ao fazê-lo, viu dois garotinhos. Um que julgou ter cerca de 3 anos, e o outro mais novo, que mal conseguia ficar sentado. Estavam vestidos com as roupas contidas na gaveta, os macacões de linho, os sapatinhos. Leona viu a filha em um dos rostos. “Deve ser ele quando era bebê”, pensou.

Virou a fotografia para baixo de novo e a guardou na gaveta. Lembrou-se de ter contado a verdade a Ruthie, que aquilo tinha escapado da sua boca sem ela perceber até ser tarde demais. E se perguntou se a mulher chegaria a lembrar.

RUTHIE FICOU DEITADA NA CAMA, IMÓVEL, ESCUTANDO O AR EM VOLTA. ERA estranho como até o silêncio mudava quando havia mais alguém na casa com ela. Imaginou poder ouvir a criança respirando. A criança. Puxou o fio de uma vaga lembrança no cérebro e, como a echarpe multicolorida de um mágico saindo de uma cartola, o pensamento se soltou e ficou livre. Sua neta.

Ruthie se sentou na cama e se virou para os pés poderem tocar o chão. Tinha que ver a criança.

Não se incomodou com as luzes. Vivia ali havia tempo suficiente para conhecer de cor cada alteração no chão de concreto. Seguiu de mansinho pelo corredor até a sala de visitas, onde a menina estava enrodilhada na cadeira de Martin, profundamente adormecida. Um conjunto de picadas de mosquitos cravejava o seu rosto. “Eu deveria ter providenciado um mosquiteiro para ela”, Ruthie ralhou consigo mesma. Agarrou a ponta do cobertor entregue a Leona para cobrir a menina na noite anterior e o puxou de volta até o queixo da criança. Parou com o cobertor nas mãos e ergueu um dedo para afagar o rosto da menina, logo acima das protuberâncias avermelhadas. Como era macio e arredondado! Em silêncio, puxou um banquinho do canto da sala, e se empoleirou nele. Observou as pálpebras da criança estremecerem com os sonhos.

Leona dissera que John era o pai, e era óbvio que era verdade. Óbvio. Mas bem lá no fundo, Ruthie reconheceu a marca do seu outro filho no rosto da menina: a disposição dos olhos, a posição singular das orelhas, as sobrancelhas curvando-se graciosamente para cima, no meio. Havia muitos anos não conseguia olhar para a única foto que restava de Thomas. Ver a criança adormecida era quase tão doloroso quanto isso. “Será que ele chegou a essa idade?”, pensou Ruthie. Não conseguia lembrar, não se permitia lembrar. Saiu do banquinho e foi até a cozinha esquentar água para o chá. Apenas depois de ter enchido a chaleira e acendido o fogo foi que se lembrou de que não tinha chá. Que vergonha. Teria que

pedir um pouco para Samuel. É claro que precisava alimentar as suas hóspedes.

Assim, saiu da cozinha para se vestir. Achou que podia ir até a casinha de Samuel e voltar antes que a garota acordasse, mas, ao atravessar a sala de visitas, avistou os dois olhos azuis, escancarados, perscrutando à volta, com curiosidade.

Não queria que a neta ficasse assustada, então sussurrou:

— Está quase amanhecendo, menina. Venha, vou mostrar para você onde eu vejo o sol nascer.

Sem uma palavra, a criança se livrou do cobertor e se levantou.

QUANDO LEONA CHEGOU À SALA DE VISITAS, ENCONTROU-A VAZIA. NA NOITE anterior, tinha deixado a filha aninhada na poltrona, dormindo profundamente. Ruthie lhe dera um cobertor para estender sobre ela e depois a acompanhara até sua cama. Mas a menina não estava lá, o cobertor estava dobrado ao lado e a poltrona vazia. Leona sentiu o medo percorrê-la como um líquido se derramando nas costas.

— Olá? — falou na direção onde deduzia que estavam os outros quartos. Não houve resposta. Leona só escutou o chiar da chaleira e, na cozinha, encontrou o fogão aceso, a chama tão alta que lambia metade dos lados da chaleira, chegando quase até o cabo. Desligou o fogo e dirigiu o olhar para onde a grande janela dava para a savana amarela. Ao longe, viu duas figuras caminhando devagar morro acima. Ruthie estava curvada na cintura, inclinada para Adia. Leona viu a filha estender o braço e pegar na mão da velha. “Graças a Deus”, pensou, enquanto olhava em volta na cozinha, procurando o bule, o chá e alguma coisa para comer.

Encontrou o bule no peitoril da janela, tendo ao fundo os sedimentos frios da infusão da noite anterior. Contudo, a caixa de saquinhos de chá estava vazia, e, quando Leona começou a abrir os armários em busca de mais, não encontrou nada. A embalagem do pacote de biscoitos que elas tinham comido à noite estava em um armário, ao lado de um quarto de saco de farinha, infestada de insetos. Em outro armário, havia um jogo completo de xícaras de porcelana delicada, pintadas com as mais suaves flores. Também havia um bule e um açucareiro nesse conjunto, e uma jarra de leite curva, de uma porcelana tão fina que Leona pensou poder ver através dela. Mas só. Os outros guarda-louças continham algumas

canecas de cerâmica grosseira, as que foram usadas na noite anterior — ainda sujas, Leona percebeu —, alguns pratos e talheres variados. A geladeira era quase tão ruim. No fundo, havia umas duas fatias de pão em um saco, e um vidro vazio de geleia.

Ela estava morrendo de fome. Tinham deixado Narok um dia antes, logo depois de um café da manhã de *ugali* e chai, e parado algumas horas depois em uma cidadezinha minúscula, sem nome, para alguns *mandazis* e mais chá. Depois disso, porém, além do chá fraco e dos biscoitos da noite passada, não haviam comido mais nada. Bom, Leona pensou, ela simplesmente encheria as garrafas de água e iria embora. Demoraria apenas uma ou duas horas até a próxima cidade ou aldeia, onde poderiam comprar comida.

Não dava mais para ver Ruthie e sua filha, mas, atrás da casa, encontrou o caminho para o alto da colina, onde as vira pela última vez. O ar estava fresco, e ela ouviu um poupa-pão grasnando em uma acácia próxima.

“Deus, como seria incrível morar aqui, ter este espaço aberto como quintal, as colinas como vista diária, os sons das criaturas à sua volta. Ninguém, nenhuma pessoa em quilômetros”, pensou Leona.

Ela caminhou por uma longa trilha que serpenteava da casa até uma colina, que subia aos poucos entre as gramíneas. Alguém tinha usado essa mesma trilha tantas vezes que a folhagem parara de crescer ali. Leona se perguntou de quem seriam os pés que a tinham gasto.

No alto do morro, viu a filha e Ruthie. As duas estavam sentadas em um banco de pedra, sob um baobá enorme, maior do que qualquer outro que Leona tivesse visto. Os galhos largos da árvore estavam cheios de folhas verdes, e a sombra que ele projetava era escura. Quando Leona se aproximou, as duas se viraram e, por um instante, ela viu uma na outra; a maneira como os lábios de Ruthie se curvavam nos cantos refletia-se no rosto da filha, a maneira como o pescoço das duas subia, longo e elegante.

Leona ergueu a filha e se sentou no lugar que ela ocupava no banco, com a menina no colo, os bracinhos ao redor do pescoço. Viu que havia lápides aos seus pés. Era isso que Ruthie estava mostrando para a menina.

— Quem são? — perguntou Leona a Ruthie, segurando a filha com mais força.

— É a família dela — respondeu Ruthie.

O coração de Leona deu um pulso. Era tarde demais para fingir. Ruthie tinha ouvido, ela sabia.

— Onde está John? — perguntou mais uma vez.

Na sua imaginação, iria até lá e o encontraria, os dois passariam tudo a limpo, e ele aceitaria, feliz, seu papel de pai. Na viagem do dia anterior, Leona tinha fantasiado um encontro alegre entre pai e filha, acomodando a menina na nova casa, onde John poderia criá-la como Leona esperava que ele tivesse sido criado, em uma família de fazendeiros felizes, ligados à terra e uns aos outros. E, então, ela estaria livre outra vez; livre para se acomodar na vida acadêmica em Nairóbi, sem precisar se preocupar com ninguém a não ser consigo mesma. Queria que Ruthie lhe dissesse que John estava voltando, que ele morava naquele lugar maravilhoso, e era só esperar mais um pouquinho que ele estaria lá.

Ruthie tentou responder. Esforçou-se para fazer a boca se mexer da maneira que diria a Leona o que ela precisava saber. Em vez disso, porém, escutou o som do animal fungando, sentiu o cheiro do hálito podre da hiena no rosto, viu o bebê debaixo do arbusto, desprevenido, ainda a amando, sua mãe, ainda instintivamente ligado a ela, ainda desconhecendo as maneiras como uma mãe poderia trair o filho.

Sua cabeça se encheu de imagens que não conseguiu organizar, entre elas, a que mais temia, o divisor de águas, quando tentou fugir de Martin e dos seus músculos pulsantes, do seu rosto petrificado, do seu uísque e dos seus punhos duros como pedras. Fugiria de casa naquela noite; ainda não estava escuro, mas para onde pensou que iria? Não conseguia lembrar, mas se lembrava de como ligara o motor da caminhonete da fazenda e acelerara com vontade. Lembrava-se da histeria que sentiu naquela noite, a necessidade desesperada de fugir para outro mundo, para longe da terra desolada e do homem taciturno com quem se casara. Lembrava-se de ter deixado as crianças para trás. Deu marcha a ré na caminhonete, apertou o acelerador, e só então olhou para trás.

O que não conseguiu esquecer foi o rosto do pequeno John no retrovisor. Sua boca aberta, o medo em seus olhos. Por um mínimo de segundo, Ruthie pensou que a sua figura se aproximando rapidamente fosse ele correndo atrás dela por não querer que ela o deixasse, não querer que ela se fosse. Ele mal tinha começado a andar, ainda inseguro e vagaroso nos seus pés. Mas Thomas era mais velho. Tinha se atirado atrás dela, quando a única coisa que ela conseguia ouvir era o silvo de desespero nos seus ouvidos, a necessidade de fugir.

Ela não o viu correndo atrás dela para socorrer John, não o viu. Viu os olhos de John, aqueles pires de terror, antes de sentir o solavanco debaixo do pneu.

Tudo mudou no dia em que Thomas morreu. Tudo mudou naquele dia, como um terremoto, e nada voltou a dar certo. Ela não tentou escapar de novo. Martin enfim sucumbiu à cirrose, e, embora ela se esforçasse, a fazenda morria. Àquela altura, John já havia se mudado para Nairóbi, e os empregados e colonos foram indo embora um por um, para trabalhos que dessem dinheiro.

Na sua mente, Ruthie abriu a boca para dizer a verdade a Leona. Ouviu a si própria dizendo:

— John está morto.

Leona sentiu aquilo fisicamente; a notícia atingiu-a no plexo solar. Encolheu-se com a dor e arfou. A porta que ela achava que seria aberta se fechou com força. John era a família que ela contava para Adia, e as tias, tios e primos que imaginava que ele teria. Mas não havia nada disso, apenas uma velha senil. Adia não poderia ficar ali. Leona quis perguntar como e quando John tinha morrido, se ele tinha deixado outros filhos ou uma esposa, mas não conseguiu articular as palavras. O rosto de Ruthie estava atormentado e triste. Leona não quis prolongar o sofrimento de fazer a senhora se lembrar. Que importância tinha, afinal?

— O que você vai fazer? — perguntou Ruthie. Queria segurar a mão da menina de novo, descer o morro com ela e levá-la para casa.

Leona sacudiu a cabeça devagar. Não sabia o que dizer. Não sabia o que fazer.

— Acho que vou para casa — respondeu, e uma página em branco se estendeu na sua mente. A facilidade de voltar para a *manyatta* a tentou. Poderia deixar a menina lá. Simi ficaria empolgada, seria uma mãe melhor para a sua filha do que ela mesma. Então, poderia esquecer tudo. Mas sabia que não faria isso, então a pergunta ficou sem resposta. Onde seria a casa?

— Para casa, nos Estados Unidos — afirmou Ruthie.

Era uma boa ideia. Lá, a criança estaria melhor, ela esperava.

DEPOIS DISSO, AS MULHERES NÃO FICARAM MUITO MAIS TEMPO DEBAIXO DO baobá. Leona ajudou Ruthie a caminhar de volta pela trilha em meio ao mato e lembrou-a de não deixar a chaleira no fogo com a chama muito alta.

A americana ficou dividida quanto a deixar uma idosa tão frágil sozinha em um lugar tão ermo, e pensou nisso várias vezes enquanto enfrentava a estrada de volta para Narok. Mas não podia ficar. Estava atormentada pela decepção e encurralada pelo hálito quente da indecisão. E agora? Tinha feito um plano e tentara executá-lo. Agora, havia um excesso de decisões novas a serem tomadas, um excesso de aspectos novos a serem considerados.

Ruthie viu a poeira baixar na estrada depois de Leona partir com a menina e ficou sozinha de novo. Permaneceu junto à janela muito tempo após o carro ter desaparecido e seu quadril começou a doer pela tensão de ficar em pé. Não conseguia concluir se o que havia dito era o que de fato pretendia dizer.

Samuel chegou no final da tarde com os mantimentos. Vinha quase todos os dias dar uma olhada nela, e, às vezes, trazia comida fresca. Disse a Ruthie para não tentar cozinhar sozinha; nas mãos dela, a comida acabava nos lugares errados, queimada ou apodrecendo, guardada ou preparada de maneira inadequada. Ele cozinharía. Assim, chegou naquela noite carregado de sacolas do mercado e colocou o leite e os ovos na geladeira, os biscoitos e o chá no armário. Estava tirando as formigas do balcão, quando Ruthie tomou a decisão de pegá-lo pelo braço. Ele se virou e olhou para ela, e a mulher percebeu a película sobre os olhos dele, as mechas grisalhas no seu cabelo, a voz fina e velha.

— Eu enganei ela, Samuel. A americana.

— Por favor, madame, sente-se — sussurrou Samuel. — A senhora está cansada. Não tem ninguém aqui, nenhuma americana.

Ruthie sabia que ele não vira Leona ou a garotinha, a sua neta. A casa onde Samuel vivia com a família ficava além da colina, fora de vista.

— Elas estiveram aqui, Samuel. Minha neta e a mãe. Eu disse para elas que John está morto. Ele é o pai da menina. Ela se parece com a nossa família, é exatamente como Thomas. — Ruthie respirou fundo. — Mas você precisa dizer para elas que eu quis dizer que meu Martin está morto, meu Martin e meu Thomas. São eles que se foram. Ela queria John, é claro. John, que está em Nairóbi. Não sei por que eu falei aquilo. Você tem que me ajudar. Precisa se lembrar de dizer a ela, se ela voltar, ou contar a ele. Você precisa.

Quando a noite caiu, Ruthie viu Samuel deixar a casa. Tinha feito chá, fritado um ovo para ela e o colocado com capricho em cima de uma torrada. A casa parecia mais vazia que o normal. Ela desejou que as duas tivessem ficado, sua neta e a americana.

Tarde da noite, olhou pela janela do seu quarto, enquanto a lua subia para o céu. Seria uma noite clara. A lua iluminaria o descampado atrás da casa e manteria as hienas nas sombras. Respingaria seu brilho sobre as lápides, debaixo do baobá, e resplandeceria nos rostos dos mortos.

Pensou em Samuel mandando o filho ir até o mercado no dia seguinte para telefonar para John, em Nairóbi. Precisava que ele viesse. John viria. Era um bom filho; o que viveu.

AS CRIANÇAS SÃO A LUA CLARA

LEONA DIRIGIU SEM PARAR. A POEIRA DA ESTRADA ENTRAVA EM ONDAS densas pelas janelas e cobria Adia, que dormia no banco de trás. A mulher olhou para as próprias mãos no volante. Pareciam de argila, como se ela fosse uma estátua imóvel, esculpida. Também era como se sentia: fixa, gelada, incapaz de pensar. Apenas dirigia. Nem mesmo os buracos, os solavancos e os sulcos da rodovia lhe diziam respeito. Deixou o carro balançar, afundar e bater, sem diminuir a velocidade até ver, ao longe, as construções da cidade de Nakuru. Desejou que não estivesse tão perto e se arrependeu de não dirigir mais devagar. Em Nakuru, a estrada se dividia: a via do sudeste seguia pela beira da escarpa do Rift Valley até Nairóbi, e a via do sul levava de volta a Narok e, além dela, para a *manyatta*. Nakuru significava uma decisão.

Leona tirou o pé do acelerador e deixou o carro parar. Tudo ficou muito silencioso quando o motor morreu. Assistiu à poeira baixar no ar ao redor, abriu a porta e saiu. Suas pernas pareciam de borracha, fracas pela combinação de ficar sentada por tanto tempo e as constantes vibrações do motor pelos músculos. Sacudiu uma perna, depois a outra, e deu alguns passos pela estrada. O céu estava limpo e claro, e ela teve a sensação de que poderia ser capaz de entrar nele. Poderia puxar o azul à sua volta, como se fosse um cobertor, e dormir. A imagem fez com que sorrisse. Quanto tempo fazia desde a última vez que tinha se sentido relaxada?

— Mãe? — A voz de Adia soou baixinho e sonolenta no espaço entre elas. Leona sentiu o coração dar um pequeno salto ao ouvir a voz. Era para as mães sentirem isso quando ouviam o chamado dos filhos? O que seria aquilo, desapontamento? Simi sempre parecera animada ao ver Adia. Leona fez um esforço, mas não conseguiu se

lembrar de algum dia ter visto a mulher parecer cansada ou irritada quando Adia precisava dela. Yeyo. Adia chamava Simi de “mãe” em maa. Embora Adia chamasse Leona de mãe em inglês, quando a menina dizia as palavras, elas soavam bem diferente aos ouvidos de Leona, embora tivessem o mesmo significado. Quando Adia dizia yeyo, a palavra era, de certo modo, mais suave, menos estranha aos lábios da menina.

Ela voltou para o carro e abriu a porta do passageiro para a filha sair.

— Vá fazer xixi, se estiver com vontade — disse Leona, e então a escolha foi feita sem ela chegar a perceber, as palavras apenas saíram, com tanta facilidade que a surpreenderam. — Vai demorar umas duas horas até ver Simi.

O rosto de Adia, ainda sonolento e recoberto com a poeira fina e vermelha da estrada, se iluminou da mesma maneira resplandecente. Agora, não poderia voltar atrás. Acomodou-se atrás do volante. Suas pernas ainda estavam rígidas, e o pescoço, dolorido, embora ela sentisse agora uma leveza no peito. Todo problema tinha solução.

Fazia apenas duas semanas que tinham partido. Pouquíssimo tempo, mas Leona achou que a *manyatta* parecia diferente. A luz começava a diminuir no céu quando elas chegaram, e as silhuetas das casas arredondadas e atarracadas pareciam frias e sombrias. Leona sabia que, dentro das cabanas, o fogo crepitava forte e um chá doce fervia, mas a imagem não fez com que ela se sentisse confortável e segura como antes. Em vez disso, pensou na fumaça densa que havia lá dentro e nos banquinhos baixos que faziam os seus joelhos doerem quando se abaixava para se sentar.

Adia, no entanto, foi ficando mais animada à medida que a aldeia se aproximava, e, quando Leona enfim parou o carro, a menina voou do banco de trás como um passarinho e se foi, apenas uma silhuetazinha contra o céu que escurecia, desaparecendo dentro da área cercada.

Leona ficou no carro. As janelas estavam abertas, e o ar, impregnado dos cheiros que ela tinha amado e com os quais convivera por tanto tempo: fumaça de lenha, gado, carne grelhando no fogo e, sob tudo isso, o cheiro pronunciado de poeira no mato e o

vento; um cheiro africano. A onda de emoção que sentiu pegou-a de surpresa. Era a exaustão, disse para si mesma, quando as lágrimas vieram. Quase nunca chorava. A sensação pesada no peito e as próprias lágrimas foram um choque, mas a surpresa maior foi a sensação de saudade. Perguntou-se como seria possível ter saudade de algo que ainda não tinha deixado. Nostalgia antecipada, decidiu. Estava pronta para partir, queria partir, mas sentiria falta dessa vida, dessa *manyatta*, desse povo, de inúmeras maneiras. Sentiria falta de Adia. Respirou fundo e enxugou os olhos na manga. A forte batida da porta do carro ao sair soou brusca demais para aquele lugar tranquilo.

Antes de tudo, Leona foi até a sua antiga casa. Não havia ninguém no curral central, apenas o gado com seus mugidos, ruminando. Os animais sacudiram a cabeça quando ela passou entre eles. É claro que não havia fogo na sua cabana. Não conseguiu lembrar se o havia apagado antes de sair ou se a fogueira se apagara naturalmente. De qualquer maneira, a cabana estava escura e gelada, e os carvões no buraco do fogo, cheios de fuligem e inertes. Pegou o seu chaveiro no bolso do jeans e nele encontrou pendurada a lanterna minúscula. Seu fecho de luz era pequeno demais para revelar muita coisa, mas ela o percorreu sobre o conteúdo do pequeno cômodo, na esperança de encontrar uma caixa de fósforos. Em geral teria alguma guardada, mas não conseguiu encontrá-la, nem na pequena prateleira de madeira onde guardava as xícaras e os pratos, nem na caixa virada de cabeça para baixo, que usava como mesa de cabeceira. Ficou ressabiada por remexer demais o local no escuro. Sempre existia a possibilidade de cobras e escorpiões, já que que o lugar não era habitado havia algum tempo. Engoliu o medo e virou a cabeça para o curral.

Foi difícil para Leona relembrar aquela tarde. Por um lado, acreditava que, pelo menos na sua mente, agira com as melhores intenções em relação a Adia. Tinha desejado proporcionar uma vida diferente para a menina, que os pais de Leona aprovariam e que poderia ser mais segura. Agora, porém, seu peito estava tomado pela vergonha. A expressão no rosto de Simi assombrava Leona. Simi, que tinha sido amiga e confidente — na verdade, sua única

amiga e confidente. Simi, que amava Adia de uma maneira que Leona não conseguia. Como pôde magoar a amiga daquela maneira? Temendo algum confronto, mas precisando de fogo e querendo acabar com aquilo, foi até a casa de Simi e entrou, abaixando a cabeça. Lá dentro, o ar estava acre e parado. Era óbvio que Simi não andara cuidando do fogo ou cozinhando muito. As chamas reluziam diminutas e alaranjadas bem no fundo do buraco de fogo e logo apagariam. Porém, no brilho pálido que emitiam, Leona pôde discernir duas figuras entrelaçadas na cama de couro cru à frente. Uma mulher magra, enrolada em uma *shuka*, aos soluços, e uma garotinha loira.

Leona se ajoelhou no chão de terra e assoprou nos carvões; jogou sobre eles alguns gravetos que encontrou por perto e esvaziou o balde de água de Simi dentro da *suféria*. Pôs-se ao trabalho sem falar nada; encontrou a lata de chá de Simi, o açúcar embrulhado em um pedaço de jornal e uma jarrinha de leite deixada por alguém nos últimos tempos.

Quando o chá ficou pronto, despejou-o em três canecas. Só então, limpou a garganta e falou:

— Fiz chá. Simi, precisamos conversar.

Estendeu uma caneca para cada uma e depois bebeu da sua. Gostaria de saber o que dizer.

— Simi, eu sinto muito. — Era um bom começo, um começo necessário. — Adia te ama, eu te amo, e você é uma mãe excelente para ela. Bem melhor do que eu.

Simi permaneceu calada. Leona reparou em como a filha parecia confortável no colo de Simi, segurando a caneca com cuidado. Pela centésima vez, Leona se perguntou como se permitira fazer o absurdo de separar as duas.

— Mas também sou mãe dela. E embora Adia viva como uma massai e pense que é uma massai, ela não é. O fato é que... — Leona se aferrou ao que dizer em seguida. — O fato é que ela é americana, e isso traz oportunidades boas. — Nesse ponto, sua voz passou a implorar: — Não tenho sido uma mãe para ela, não como você. Só posso, na verdade, dar duas coisas a Adia: educação e uma chance de ser americana, se ela quiser. Provavelmente, nunca serei uma mãe tão boa quanto você, Simi. É por isso que espero

que possamos concordar em sermos nós duas uma mãe para ela. Você aqui, e eu em Nairóbi, e talvez, um dia, nos Estados Unidos.

Simi olhou para Adia, que tinha esvaziado a caneca e agora estava com a cabeça deitada no seu colo, as pernas esticadas para o lado.

A queniana estava quieta. Leona sentiu um perpassar de pânico. Se ela recusasse, o que faria?

Mas, então, Simi tirou Adia do colo e se levantou. Ajoelhou-se e puxou uma caixa de debaixo da cama. De lá, ergueu um colar largo, tradicional. As contas cintilaram e brilharam à luz do fogo. Era lindo. Mesmo o olhar leigo de Leona podia perceber que aquele era um trabalho delicado e perfeito.

— Quando eu soube que não poderia ter o meu próprio bebê, dei isso pra N'gai. Esperava que ele aceitasse e me fizesse engravidar, mas não foi o que fez.

Ela levantou os olhos, e Leona viu que tinha o olhar límpido e sem remorso.

— Dei folhas a você que eu sabia que não iriam funcionar para fazer sangrar e perder o bebê. Eu sabia que ela viveria dentro de você. Quis ela aqui mais do que você.

Leona odiava chorar, e a ameaça de um soluço fez com que quisesse fugir de volta para a escuridão da própria cabana. Simi jamais tinha falado de forma tão dura com ela e, talvez antecipando o instinto de Leona de fugir, pousou a mão no seu braço.

— Peguei o colar de volta. Menti para você e roubei a minha oferenda de volta, tudo por essa criança.

Leona não gostou da sensação de vergonha na pele, como uma erupção cutânea que não parava de coçar. Mas se obrigou a ficar ali, a suportar as palavras que sabia serem verdadeiras.

— Você me pergunta se nós duas podemos ser mães dela? Eu sempre fui mãe dela. Se quiser que a minha filha vá para a escola em Nairóbi ou na América, descobrirei uma maneira de deixar ela ir.

Leona não respondeu. Estava exausta. Sentia o corpo fraco e acabado. Tomou o último gole de chá e tentou não encarar Simi ao se levantar. Não queria que ela visse o quanto estava perturbada.

Só que Simi estendeu o braço de novo e tocou na perna da calça de Leona.

— Olhe para ela — falou. Quando Leona ergueu o rosto, Simi tinha um olhar gentil. — Duas mães podem ser melhores do que uma. — Leona suspirou e tentou afastar a tristeza. — Olhe para a nossa filha. — disse Simi, no tom mais orgulhoso que Leona já ouvira dela.

A americana observou a cabeça loira da filha.

— Está dormindo profundamente. — Ficou surpresa ao perceber que a própria voz estava amável e esperançosa.

No dia seguinte, acordou na sua cabana fria e sem fogo, ao som de crianças brincando, e escutou a risada de Adia. Leona se espreguiçou, esfregou os olhos e analisou a casa onde a filha tinha nascido. Depois, vestiu o jeans e saiu. Não sabia quando voltaria.

Simi estava acordada e muito diferente da sombra que fora na noite anterior. Leona também tinha uma sensação de calma que não sentia havia semanas. Estava aliviada por ter tomado aquela decisão. Simi já tinha ido buscar água no rio, e uma panela de *ugi* fervia no fogo.

— Coma — falou Simi, estendendo uma vasilha do mingau quente para ela. — É uma longa viagem até Nairóbi.

Leona não demorou muito para ir embora. Encontrou Adia brincando fora da *manyatta* e lhe deu um abraço. O corpo da garotinha zumbia de energia, e Leona sabia que ela estava desesperada para voltar para a sua brincadeira. Soltou a filha e ficou olhando, enquanto a menina sumia de vista. Simi acompanhou Leona até o carro, e as duas ficaram caladas por um longo tempo.

— Eu vou voltar em todos os finais de semana que conseguir e nas férias. Quando ela fizer 6 anos, levarei ela comigo e vou matriculá-la em uma escola de lá. Uma escola em que ela conheça outras crianças americanas — disse Leona. Precisava ver Simi concordando com aqueles termos à luz do dia. Precisava ter certeza absoluta de que a outra mulher compreendia. — Assim, quando fizer 6 anos, Adia vai morar comigo.

Simi concordou com um gesto de cabeça.

— Leona, você sabe que eu queria terminar a escola. Jamais impediria a minha filha de ter uma educação.

— E não quero que ela faça a *emurata* nunca. Não quero nem que ela presencie. — Isso era o mais importante. — Mesmo que eu

a leve para Nairóbi nova, ela vai ficar indo e vindo para cá muitas vezes ao longo da infância, e não quero que Adia pense que terá que ser cortada. Ela jamais poderá querer isso ou achar que é necessário.

Leona precisava confiar que Simi não incutiria a ideia na mente de Adia. A menina precisava saber desde sempre que nunca participaria daquela cerimônia com as outras garotas da sua idade.

— Simi, você vai ter que deixar isso claro, não apenas para Adia, mas para os anciãos também.

A mulher maa não tinha previsto a imagem de uma menina mais velha que frequentaria a escola e não teria sido cortada. Não fazia ideia de como aquilo transcorreria, nem se conseguiria impedir Adia de sentir o peso da tradição. Mas abriu a boca e disse o que precisava dizer.

— Juro para você, Leona, ela nunca vai pensar que isso vai acontecer com ela. Nunca vai pensar que precisa disso.

Leona entrou no carro e fechou a porta. A janela continuava quebrada, sempre abaixada, então ela estendeu a mão e agarrou a de Simi. As mulheres se encararam, e Simi falou:

— Às vezes, uma criança precisa de duas mães.

Leona não respondeu. Estava tomada pela tristeza, mas também sentia alívio. Fez o melhor possível com o que tinha. Adia precisava de uma família, e agora tinha uma. Simi precisava de uma filha, e agora tinha uma. Leona precisava do seu trabalho, da sua liberdade e da sua solidão. No mínimo por mais um tempo.

Ao engatar a ré, inclinou-se mais uma vez para fora da janela e acenou para Simi, que continuava ali, a mão sombreando os olhos, a prata nos seus colares de contas reluzindo ao sol da manhã. Era um sol queniano, do tipo que ela mais gostava, o sol mais brilhante que Leona já vira. Virou o carro em direção à estrada e partiu.

O BAOBÁ EM SOLAI

JOHN NÃO ESPERAVA NADA ALÉM DA ATUALIZAÇÃO SEMANAL DE SEMPRE.

— Como ela está, Daniel? Ainda levando?

No entanto Daniel, o filho do empregado, não confirmou que a mãe de John estivesse bem — ainda esquecida, ainda confusa, mas bem. Em vez disso, suspirou ao telefone e estalou a língua.

— Sua mãe anda contando histórias agora, sr. John. Meu pai está preocupado. Ontem, ela disse para ele que uma *memsahib* americana esteve na casa. Que ela foi com uma garotinha. Disse que era sua filha.

John abaixou a xícara de café. Sua mão tremia.

— Uma americana esteve na fazenda, Daniel? Em Solai? — A voz saiu rouca. — Com uma menina?

— Sr. John, foi isso que a sua mãe contou para o meu pai ontem à noite, quando ele foi preparar o jantar. Ele disse que ela estava muito firme e foi bastante clara. *Diga a John que a americana veio. Diga a John que ela trouxe a filha dele.* Mas não pode ser verdade, sr. John. Acho que a cabeça da sua mãe está quase no fim. A gente não viu nada nem ninguém. — A linha telefônica estalou. Apesar de ficar a menos de trezentos quilômetros de distância, a ligação telefônica de Solai para Nairóbi era sofrível.

— Não se preocupem. — John conseguiu esconder o nó na garganta. — Vou dar uma olhada na minha mãe. Vou ver se ela está bem.

Quase quatro anos antes, ele estava prestes a ficar bêbado quando a americana entrou no bar. Era um lugar escuro, com paredes revestidas de madeira, iluminado, sobretudo, por luzes de Natal estendidas por toda volta e entrelaçadas no teto. A mulher parecia confortável, como se já tivesse estado lá. Não era turista,

John podia ver isso pela maneira familiar como cumprimentou o barman e a discreta mescla de suaíli que salpicava no seu inglês.

Gostou da aparência das suas pernas esguias no jeans desbotado e de como o cabelo castanho e liso dela estava afastado do rosto, em um rabo de cavalo apertado, mas com uma mecha, um pouco mais curta do que o restante, caindo de volta na testa. Gostou do olhar direto e firme que deu ao barman ao pedir cerveja e de não mostrar um pinga de constrangimento por estar em um bar, uma mulher sozinha no meio do sudoeste do Quênia.

Acima de tudo, porém, teve que admitir, foi atraído por algo mais, o ar que ela passava, como se portava, como o seu rosto era tão explícito e comum e, no entanto... Reconheceu alguma coisa nela, um parentesco dos despedaçados. De certo modo, ela não estava inteira. Ressoava com ecos dos espaços vazios dentro dela, que ele conhecia muito bem. Não era linda, com certeza não era o tipo de mulher pelo qual em geral se atraía, mas fazia o seu tipo. Reconheceu-a sem dizer uma palavra.

Quando a americana loira com quem estava flertando voltou do banheiro e ficou ao seu lado, deslizando os braços bronzeados ao redor dos seus ombros e pressionando os seios nas suas costas, ele se soltou e se virou para encará-la.

— Agora, você vai ter que se encontrar comigo de novo. A próxima é por sua conta.

O modo como o rosto dela desabou castigou-o um pouco. Não gostava de ferir os sentimentos das mulheres, mas deduziu que seria melhor arrancar o Band-Aid o mais rápido possível. Levantou-se e caminhou até onde a morena estava sentada. Escorregou para o banquinho ao seu lado.

— *Nipe bia ya Tusker, Matthew.*

Ela não fez qualquer movimento que acusasse a presença dele, nem mesmo quando ele aproximou o seu banquinho do dela. Não deu uma viradinha para que os joelhos roçassem nos dele, não olhou de lado enquanto levava a cerveja aos lábios. John nunca tinha conhecido uma mulher tão alheia à sua presença. Passou os dedos da mão direita pelo seu volumoso cabelo loiro. Mantinha-o apenas um pouco comprido, encaracolando sobre as orelhas e a nuca. As mulheres adoravam brincar com aquele cabelo, puxando

com delicadeza os cachos nas têmporas e tirando-o dos olhos, como se ele fosse uma criança. Gostavam de sentir como se o estivessem ajudando, cuidando daquele belo e indefeso homem que era mais como um menino.

Mas aquela não. Não moveu um músculo quando ele passou os dedos pelo cabelo ou quando pousou a mão no balcão do bar, a apenas centímetros do círculo molhado que o copo dela deixara ali. Em vez disso, ela acenou para o barman e pediu outra cerveja.

— Por minha conta, Matthew — disse John em voz alta. — Traga uma bebida para a moça.

Foi então que ela se virou para olhar para ele. Tinha o rosto magro e não usava maquiagem. Os olhos eram claros, e o olhar totalmente firme, sem malícia, sem demonstração de nervosismo ou da necessidade de flertar.

— Obrigada — disse ela. — Mas você não precisa me pagar uma bebida.

— Não se preocupe. Vi você chegando. Não é turista, é? O que é... Corpo da Paz? Programa de desenvolvimento? Ei — ele fez uma pausa e inclinou a cabeça para trás, olhando-a com os olhos franzidos —, não vá me dizer que é uma droga de missionária! — Sorriu ao dizer isso.

As mulheres lhe diziam que, com a sua aparência, ele poderia chamar uma pessoa de filho da puta e aquilo soaria como um elogio se estivesse sorrindo. Ele registrou o mínimo movimento na testa dela, o leve relaxamento da boca. Tinha funcionado. Ela abaixou a cabeça e a mecha errante de cabelo escapou da orelha e escorregou para o rosto. Antes que ele pudesse pensar no que estava fazendo, ela ergueu a mão para colocar a mecha no lugar.

— Você é inglês? — perguntou ela.

— Há gerações que não. Na verdade, nasci em Nakuru. Queniano até os meus tataravós. Eles vieram da Inglaterra para cuidar de uma fazenda e trepar. A maioria das fazendas não deu em nada, mas eles beberam tanto que não se importavam mais. — Ele mostrou o sorriso de novo. — E você? Americana?

Ela assentiu.

— Noroeste do Pacífico. Oregon.

— Bom, estabelecemos que estou em casa e você, não. Então, qual é a sua história? O que traz você para esse fim de mundo?

— Vivo no sul de Narok, em Loita. Estou morando em uma *manyatta* lá. Sabe... — Ela fez uma pausa, e ele a viu brincando com o rótulo da garrafa. Despregando e grudando a mesma ponta, várias vezes. — Sou antropóloga. — Ela sorriu e se virou para olhá-lo de frente.

— Ah, então é você? Você é a “*muzungu massa*”? Ouvi falar de você.

Ele tomou um grande gole da garrafa e acenou para que Matthew trouxesse mais duas.

— Já estive na sua *manyatta*. Contratei um *moran* de lá. Anos atrás, antes de contratar uma equipe permanente de guias.

Ela sorriu.

— Tenho que admitir que é incrível falar inglês assim. Faz um século que não tenho uma conversa em uma língua que conheço fluentemente.

Ela corou, e ele viu uma luz minúscula se acender atrás dos seus olhos.

Ele podia dar conta do álcool sem problemas. Tinha puxado ao pai. Mas horas depois, quando segurou a mão da mulher, puxou-a do banquinho do bar, beijou seus lábios e se levantou, ele se sentiu tonto. Talvez tenha sido por isso que não pensou em proteção. No quarto de hotel abafado, aquilo nem lhe passou pela cabeça. Os dois eram apenas corpos sendo levados por algum rio ligeiro, agarrando-se um ao outro, tentando não se afogar. Eram só movimentos, sem pensamentos ou palavras. Não falaram nem uma vez, mas ele a sentiu debaixo de si, seu interior sombrio se movendo e subindo, virando-se do avesso e desvirando, procurando qualquer luz que ele pudesse verter para ela. O corpo dele também traía os espaços de sempre que gostava de manter entre si e as mulheres. Caiu sobre ela quando terminou, e se viu vagando para o sono, incapaz de tirar o braço que envolvia os ombros dela, sem se incomodar com a sua proximidade: seu cabelo sobre o rosto dele e um seio nu subindo e descendo, a noite toda, sob sua mão.

Eles nem mesmo sabiam o nome um do outro, ele e aquela mulher no bar. Jogaram uma espécie de jogo. Flerte. Ele perguntou

e ela respondeu com uma série de apelidos massai, palavras que a descreviam, mas não a denominavam. Ele riu, mas quando perguntou de novo, dessa vez a sério, ela falou que diria no próximo encontro que tivessem — se houvesse um. Naquela manhã, ele tinha que sair cedo para dirigir até Solai. Estava na hora de dar uma olhada na mãe, ter certeza de que ainda havia água na casa, que Samuel não tinha desistido e se mudado. Mas a mulher saiu ainda mais cedo. John acordou e a viu totalmente vestida, o rabo de cavalo apertado mais uma vez, tentando se esgueirar do quarto.

Ele a seguiu até o lado de fora, vestido apenas com o jeans e as botas desamarradas. O ar frio fez os pelos dos seus braços se arrepiarem. Impossível suportar ver a mulher indo embora. Queria beijá-la de novo. Disse que iria atrás dela e, pela primeira vez em relação a uma mulher, falou a sério.

Disse que ela seria fácil de ser encontrada; mesmo sem um nome, a mulher se destacava como a neve em Tsavo.

Agora, ao desligar o telefone e repetir o que Daniel tinha acabado de lhe contar, lembrou-se da expressão que o rosto dela assumira quando os dois se viram novamente. Ficou impenetrável, seus olhos se fecharam e, então, ela olhou para ele e disse com firmeza que não deveria tentar encontrá-la, que ela não queria isso. No caminho até Solai, ele acalentou a sensação de ter sido picado por um animal venenoso.

Então, não tentou encontrá-la. A rejeição sentida naquela manhã era algo que sempre procurava evitar nos relacionamentos. Era ele quem rejeitava, não o contrário. Porém, meses depois, estava de volta no bar do Chabani. Matthew passou uma cerveja para ele e riu.

— Ouviu falar naquela *muzungu* com o bebê em Loita? Um bebê massai branco!

Por um instante, o sangue gelou nas veias de John, e, em seguida, sentiu seu coração ficar mais lento, respirou com facilidade. Algo se abriu dentro dele como uma flor.

Não foi difícil encontrá-la, exatamente como soube que aconteceria. Foi movido pela curiosidade e pela desculpa fácil de precisar contratar mais *moran* para levar um grupo de turistas que chegava até a floresta Nguruman. Em parte, ele não conseguia

imaginar que fosse mesmo ela, que tivesse tido um filho. Um bando de crianças o conduziu pela planície empoeirada e então ele passou por uma minúscula abertura e entrou em uma *inkajjik* cheia de fumaça. O rosto dela o surpreendeu. Tentou ficar calmo, e aceitou com um sorriso agradecido a caneca quente de chai que uma massai lhe estendeu.

No entanto, teve medo. A mulher no catre de couro cru mal parecia a do bar. Seu cabelo estava escorrido e sujo, pendia atrás das orelhas como casca de eucalipto. A pele estava amarelada e encovada. Ela não parecia bem, ele pensou com certo alarme, e se perguntou o que deveria fazer. Sentiu-se responsável pelo seu estado.

O que mais o assustou foram os olhos. Assim que a encontrou, eles pareceram inexpressivos, sem vida, de certo modo. Mas, ao se dar conta da presença dele, encolheram-se e se tornaram duros e quebradiços como vidros. Ele olhou dentro deles e perguntou a única coisa que lhe passou pela cabeça:

— Você ia me contar?

Porque não havia dúvida de que aquela criança era dele. Seu corpo estava vivo com as vibrações do instinto. Seus nervos, suas veias e seus ossos se voltaram para a coisinha de rosto vermelho, embrulhada em uma tira de tecido larga e longa, e abrigada com firmeza ao lado das mulheres, na cama.

— Ela não é sua filha — falou a mãe, com frieza. Sua voz não estava apenas zangada, mas depreciativa.

John reconhecia aquele tom de voz. Era como o pai falava com ele. Então, percebeu que estava dando as costas, como aprendera a fazer. Sentiu uma dor física ao se recompor, mas se obrigou a ir embora, a sair de volta para a luz do sol.

Antes do nascimento de John, sua mãe era linda, esbelta e graciosa; tinha os olhos gentis e um sorriso delicado. O pai era alto e de boa compleição, sorriso largo e cachos loiros, como os do próprio John. Havia fotos na casa dessas versões mais novas dos pais dele. Só Samuel reparava nelas, e apenas para, toda semana, pegá-las, espaná-las com cuidado e colocá-las de volta no lugar. As pessoas nas fotos, jovens, felizes e bonitas, não se pareciam em nada com as pessoas que John conhecia como os seus pais. Seus

pais não eram felizes. Nunca os vira felizes. Também havia fotos de John, algumas pelo menos. Mas apenas uma do irmão, e esta estava escondida em uma gaveta. John encontrou-a uma vez, por acaso. Ele era muito novo quando Thomas morreu, e não lhe passou pela cabeça especular sobre o motivo de a foto não estar à mostra.

Com frequência, pensava se o fato de ser filho de pais tão infelizes era pior do que ser filho de pais indiferentes ou mesmo não ter pais. Suspeitava que ser órfão era mais libertador. Deduziu que órfãos podiam respirar. Ele não. Sua respiração era espremida para fora pelo triângulo sufocante que formava com os pais. Só encontrou espaço longe, na escola e na vastidão da fazenda arruinada, onde Daniel, o filho do empregado, lhe fazia companhia, e podia passar o dia fingindo que a casinha de concreto do amigo era dele, assim como as galinhas, as cabras e a roupa secando no varal. Podia fingir que a mãe de Daniel era sua, e que o amava como um segundo filho, um filho branco.

O período em que viveu em casa era cheio de regras. Sempre acordava cedo e se juntava à mãe para uma silenciosa xícara de chá na cozinha, o chão frio sob seus pés descalços e o céu lá fora de um cinzento que lembrava chumbo. Quando ouvia o movimento do pai, caminhando pelo corredor até o banheiro, limpando a garganta e tossindo enquanto mijava seu mijo comprido e abundante, nunca exatamente na bacia, John olhava para a mãe. Todos os dias, nesse momento, via a suavidade de seus traços sonolentos se solidificarem em algo duro, a casca cobrindo o corpo de um animal macio demais para o mundo.

— Tchau, mãe — sussurrava John, e saía pela porta, correndo descalço sobre a terra ainda fria, saltando sobre as sombras dos cupinzeiros. Corria desabalado, para não ouvir nada além da sua respiração, que ia se tornando mais e mais irregular com a corrida penosa, em direção às luzes faiscantes e ao cheiro de lenha na *shamba* de Samuel, longe, lá para trás, no limite mais distante da propriedade do pai.

Quando ficou mais velho, morando em Nairóbi e montando o seu negócio, o pai começou a morrer. Como bom filho, John voltou à fazenda para vê-lo. Parado ao lado da cama do pai, no final da

tarde, John assistiu à luta do velho para respirar sob lençóis molhados de suor e um véu de pele se acinzentando e afinando como uma cortina sobre ossos. Não soube o que dizer. Apenas escutou a respiração miserável, o som da luta do pai contra a morte.

Samuel contratou dois quicuios para cavar a cova na colina, debaixo do enorme baobá, mas John fez questão de pegar a pá de um deles, e ele mesmo forçou a terra vezes sem fim. Queria saber qual seria a sensação de cavar a sepultura do pai. Cavou até os ombros queimarem e os olhos arderem com o suor. Os quicuios se afastaram e assistiram à cena. Depois de um tempo, pousaram as outras pás no chão e se agacharam, cochichando entre si e fumando. Por fim, John endireitou o corpo, encostou a pá no tronco do baobá e limpou o rosto na camisa. A terra estava aberta, uma ferida que não cicatrizaria, e, ao lado da pilha sangrenta de terra vermelha, estava o montinho e a lápide em miniatura que assinalava o túmulo do irmão. John engoliu o desejo de se ajoelhar junto à pequena sepultura e sussurrar um aviso. Se os mortos pudessem se comunicar uns com os outros, Thomas deveria se preparar para a chegada iminente do violento vizinho de túmulo.

No funeral, a mãe, a família de Samuel e alguns fazendeiros locais ficaram com o padre no alto da colina atrás da casa. O dia estava nublado, e estava frio e úmido embaixo do baobá. Ninguém chorou. A cova foi coberta, flores foram colocadas e a lápide foi instalada. Agora havia duas: do pai e do filho.

Quando John era menino, por inúmeras noites ficou acordado na cama, ouvindo as batidas irregulares dos punhos na carne, pontuadas pelo choro baixinho da mãe. Uma vez, durante a adolescência, ela lhe contou que se esforçava para se fazer macia, para deixar o corpo absorver os golpes, relaxar o bastante para não fazer barulho. Sua maior preocupação era que os espancamentos não acordassem John.

Quando fez 13 anos, seus avós maternos morreram, e a mãe herdou uma casinha de pedra em Karen, no subúrbio de Nairóbi. Na época, ela lhe disse firmemente que jamais a venderia, pois queria que o filho ficasse com a propriedade quando fosse adulto. O lugar ficou vazio durante anos, mas repetidas vezes John tentou convencê-la a abandonar o pai, mudar-se para a casa de Karen e

deixar o pai apodrecer na fazenda, sozinho. A última vez em que tentou fazê-la ir embora foi durante um dos chás de manhã cedo. Era Natal, e, na noite anterior, o pai tinha atirado a árvore enfeitada na parede, estilhaçando no chão os delicados enfeites antigos.

— Por favor, mãe — disse ele, segurando as mãos dela sobre a mesa da cozinha. Nem ele nem a mãe haviam dormido, e estavam exaustos e nervosos pela falta de sono.

A mãe puxou as mãos de volta. Nos olhos dela, uma angústia que John nunca tinha visto. Parecia aterrorizada, como se, daquela vez, fosse ele que bateria nela.

— Tentei fugir uma vez, John. Isso matou o seu irmão. Jamais vou abandonar aquele bebê de novo, e ele não pode vir com a gente, pode?

Sua voz era cheia de segredos, e John teve medo de perguntar o que ela queria dizer com aquilo. Ela parou de falar, despejou mais chá, e os dois nunca mais discutiram a ideia de a mãe ir embora.

Depois que John terminou a escola, mudou-se para Nairóbi e deu início ao seu negócio de safáris fotográficos, o que lhe rendeu um bom dinheiro. Deixou uma ou duas mulheres ficarem por lá um tempo. Com duas delas, em particular, ele foi se arrastando. Ambas queriam se casar; fizeram insinuações, apresentaram-no aos pais e brincaram com as amigas, com ele por perto, que seria melhor ele não se acostumar com o leite, se não estivesse disposto a comprar a maldita vaca. No fim das contas, não era o casamento que o afugentava; era a expectativa de filhos. Tudo que ele sabia sobre maternidade vinha da própria mãe, e ele não poderia, não *iria*, transformar uma garota que amasse naquilo. Considerava mais generoso partir os seus corações do que os seus espíritos.

E, mesmo assim, acabou tendo uma filha. E a imagem da mulher acabada, deitada na *inkajijik* escura, com os olhos e a voz duros como vidro, o assustara. Será que ele a tinha envenenado com a presença dos seus genes? Não pensou em procurá-la depois daquele dia. Tentou tirar da cabeça o rosto terrível da nova mãe e o desejo que tinha de ver a filha. Evitou qualquer área próxima à *manyatta*. Contratou *moran* de lugares muito mais distantes. Com o passar dos anos, foi pensando cada vez menos na filha e na mulher. Quanto tempo havia se passado, três anos? Fez as contas na

cabeça — nossa, como passa rápido! A menina teria 3 anos. Não era mais bebê, era uma pessoinha que andava e falava. Imaginou qual seria o nome, se ela teria algo parecido com ele.

A ligação de Daniel deixou John ansioso e ele foi incapaz de dormir. No dia seguinte, bem antes do amanhecer, colocou a mala na cabine da caminhonete e deixou Nairóbi. Parou para almoçar em Narok, abasteceu o veículo na estrada principal e partiu para o Chabani. Precisava de uma cerveja. Disse a si mesmo que precisava de uma cerveja, precisava de comida, precisava esticar as pernas. Em algum lugar dentro dele, porém, ressoava um diapasão, baixinho, mas nítido. Não queria admitir que tinha parado ali na esperança de ter um vislumbre de uma menina loira, uma criança com o seu rosto, talvez, que chamasse a sua atenção e soubesse, por instinto, quem ele era.

— *Imekwuwa ni muda mrefu*, sr. John — cumprimentou Matthew, o barman, quando John se sentou no bar.

— Faz muito tempo, meu amigo — respondeu John. — Tempo demais.

John se perguntou se Matthew saberia o motivo de ele estar ali, se teria visto a sua filha. Não precisou esperar muito. Matthew abriu uma cerveja e a colocou sobre o bar.

— A menina, meu amigo, é a sua cara.

O coração de John bateu mais rápido. Não sabia se estava pronto para vê-la, para encarar o rosto da mulher que ele ainda não sabia o nome. Mas o sangue correu mais veloz nas veias e a pulsação ficou tão rápida que quase doeu.

— Matthew, elas ainda estão aqui? Em Narok?

— Não, sr. John. Ficaram aqui um bom tempo, duas, três semanas, talvez. Vinham aqui todos os dias. Só ficavam ali, sentadas. — Ele indicou uma cabina enfiada em um canto escuro dos fundos. — *Memsahib* tomava chá o dia inteiro, e a criança brincava. *Memsahib* estava procurando pelo senhor. Mas agora... — Matthew fez uma pausa e abriu outra cerveja — ... elas foram embora. Não vejo as duas há dias.

— Bom — falou John —, estou indo para Solai conversar com a minha mãe. Espero que ela me diga para onde foram.

As estrelas já brotavam no céu quando John enfim viu as luzes da casa da mãe no horizonte. Viu-se, de uma maneira um tanto imprudente, diminuindo a velocidade, apenas impelindo as rodas da caminhonete pelos calombos e buracos da estrada. Nos últimos anos, todas as vezes em que ia até lá, temia encontrar o corpo duro e frio da mãe no chão da casa. Em teoria, sabia que Samuel e Daniel davam sempre uma olhada nela, além de manterem a idosa alimentada e a casa limpa. Todos os meses, mandava dinheiro para eles de Nairóbi, para cobrir as despesas e pagá-los pelo tempo despendido, mas, no seu coração, não conseguia acreditar que eles ficariam.

A caminhonete estremeceu e parou em frente à casa. Ele tirou a chave da ignição, depois se recostou e fechou os olhos. Costumava lamentar a sua infância. Costumava desejar que aquilo tudo nunca tinha acontecido e que crescera em uma família onde todos sorriam uns para os outros, conversavam, uma família que não fosse marcada pela ausência.

Pensava na sua família como uma fotografia, todos eles um ao lado do outro, em roupas antiquadas, cabelos com cortes também antiquados e um grande espaço todo rabiscado de preto, onde Thomas teria estado. Uma exclusão permanente, cuja tinta manchava os outros membros da família, bem além do rápido momento que assinalou o instante em que essa união foi arruinada.

John abriu os olhos e suspirou. Depois, saiu da caminhonete e pegou a bolsa de viagem. A porta da frente estava aberta e viu luz através da tela. Mariposas e besouros zumbiam e batiam contra a porta. Afastou-os com a mão, enquanto se esgueirava pela porta, sabendo que, mesmo assim, a maioria deles encontraria uma maneira de entrar. As beiradas da tela estavam se soltando da moldura, e havia um grande buraco perto da parte inferior. Ele suspirou. Todas as vezes em que ia até lá, havia algo a ser consertado.

— Mãe? — chamou ele.

Ficou surpreso de não encontrá-la no corredor, esperando, ou dormindo na desbotada poltrona florida da sala de visitas. Deus, seria esta a vez que encontraria o corpo dela? Sua respiração ficou curta, e ele sentiu um arrepio subindo pelas veias.

— Mãe? — A voz saiu estridente, e ele respirou fundo. — Mãe!

Ela não estava em lugar nenhum. A cama estava feita, o banheiro, escuro e vazio. Apesar de a luz da cozinha estar acesa, também não havia sinal de que ela tivesse estado lá.

John bateu a porta de tela de novo, ignorando o grande besouro-rinoceronte que voou pela sua orelha e entrou na casa.

— Mãe! — chamou mais uma vez.

Talvez tivesse ido visitar Samuel. Não era incomum ela atravessar o campo de trás, subir a colina e ir até o pequeno complexo do empregado. Todos eles haviam lhe dito para não ir à noite, mas todos sabiam também que a sua mente estava falhando e não tinha como saber se ela se lembrava ou não dos avisos.

— Saco! — murmurou ele, abrindo a porta da caminhonete. Dirigiria até lá.

Os faróis se concentravam no chão poeirento, iluminando as gramíneas esparsas e as acácias encarquilhadas. De vez em quando, crostas altas de terra mascada se erguiam como torres — os cupinzeiros em que ele costumava pular e esmagar com os pés, tentando destruí-los antes que os insetos subissem pelas suas pernas e o picassem.

Logo à frente, estava o morro. O cemitério da família, com as duas lápides, uma pequena e a outra grande. A caminhonete pulou por causa de um sulco e a luz dos seus faróis saltaram por um instante, iluminando uma figura fantasmagórica e pequenina, sua mãe, o tufo branco de cabelo e o vestido caseiro claro. Estava muito pequena; curvada ali, no banco de pedra sob o enorme baobá, era apenas ossos, na verdade, ossos e pele debaixo daquele longo vestido florido. Quando tinha ficado tão velha?

John parou a caminhonete, mas deixou o motor ligado e os faróis acesos. Não queria perder tempo pegando a arma, e a luz ajudaria a manter as hienas e as cobras longe.

— Mãe, que susto! — Ele subiu atrás dela, que se virou para olhá-lo, o rosto uma luazinha branca.

— Matei vocês dois — disse ela.

John sabia que a mãe estava sofrendo de Alzheimer, senilidade ou qualquer coisa que ia apagando sua mente aos poucos. Era algo além do esquecimento incessante ou das conversas que ela tinha

com ninguém senão ela mesma. Sua mente estava se deteriorando; ele precisava enfrentar o fato de que a mãe não era mais capaz de cuidar de si ou de sobreviver apenas com as visitas diárias de Samuel. Mal conseguia suportar vê-la falando essa bobagem e agindo de modo que lhe parecia confuso e patético.

— Você não matou ninguém, mamãe. Está tendo uma alucinação.

— Você se lembra do seu irmão? Não, era muito novo.

— Não me lembro dele. E não existem fotos para me lembrar.

— Eu não suportava olhar para o rosto dele. Só guardei uma, escondida.

John ficou horrorizado, então, quando a mãe começou a chorar. Seu rosto se contraiu e lágrimas escorreram pelas suas faces. Será que já a tinha visto chorar? Mesmo quando o pai batia nela, mesmo nos piores dias, ela era uma pedra.

— Nunca contei isso para você, nunca contei isso para ninguém, o único que sabia era o seu pai. Era por isso que ele me punia. Eu merecia.

— O que você está dizendo, mãe?

— Agora você é pai. Sabe disso, não é?

O cérebro dela parecia lúcido. Seus olhos, apesar das lágrimas, estavam escancarados e não ostentavam as nuvens que em geral assinalavam seus momentos de confusão.

— Não faça o que eu fiz. Tentei fugir e matei Thomas. Ainda sinto o solavanco.

A respiração dela ficou mais difícil e ela soltou um grito que parecia o grasnado de um pássaro noturno, um grito tão arraigado nela que ele quase pôde vê-lo saindo do seu corpo. Ela apertou os dedos em punhos e socou os joelhos.

— Mãe, shhh! Está tudo bem...

Ele passou o braço ao redor dos ombros dela. Fazia muito tempo que não a tocava, e sua pele parecia papel, os ossos, gravetos. Tinha o rosto inclinado para as estrelas que, sem o obstáculo de qualquer luz ambiente, espalhavam-se pelo infinito.

Ela parou de chorar por um momento e depois sacudiu a cabeça, falando com calma — John sempre se lembraria da calma com que ela contou o segredo em voz alta. Era uma voz que nunca a ouvira

usar: firme, clara e cortante pela força necessária para colocá-la para fora.

— Tenho que confessar antes de morrer. Você precisa saber. Matei Thomas quando tentei fugir. Ele chegou perto demais do pneu... não vi. Era a caminhonete da fazenda, muito alta, não deu para eu ver... — Ela foi se calando, a voz exaurida e as lágrimas voltando a brotar.

John ficou paralisado, suando frio, tremendo. A morte do irmão sempre tinha sido algo misterioso e aterrorizante, um assunto jamais tocado. Nunca nem mesmo quis saber dos detalhes. Continuava não querendo. Como ela conseguira viver com aquilo?

Ele não disse nada. Seu coração vibrava no peito.

— Agora você é pai, e eu também matei você.

Atônito, ele olhou para o rosto dela. Nuvens minúsculas se formavam por detrás dos seus olhos. Ela estava sumindo de novo. Dessa vez, sentiu-se aliviado. Talvez, naqueles momentos, ela conseguisse esquecer ou imaginar outra vida, uma que não fosse tão dolorosa.

— A americana veio entregar a filha. Procurando você. Veio até aqui com a menina.

— É, mãe, e eu também vim. Quero que elas me encontrem. Me diga onde elas estão que eu vou para lá. Ou você pediu para elas voltarem? Disse que ia me avisar para vir me encontrar com elas?

— Sua voz estava esperançosa. Sentiu uma fagulha no peito, uma estrela caída para enchê-lo de luz.

— Não, é isso que estou dizendo. Eu também matei você. Disse para ela que você estava morto. Que ela não poderia achar você.

A estrela se transformou em gelo no seu pescoço. Olhou para a mãe, sem querer acreditar no que tinha ouvido. Será que ela tinha realmente dito para a mulher que ele estava morto? Não podia suportar a ideia de ter perdido para sempre a chance de conhecer a filha por causa da mentira da mãe. Porra! Quis acusá-la, gritar com ela, dizer que ela não tinha o direito de ter feito aquilo.

— Em que pé as coisas ficaram? Ela disse alguma coisa sobre para onde pensava em ir? — Ele sabia que a raiva na voz, a urgência, poderiam assustar a mãe e levá-la ao silêncio, mas,

mesmo assim, esse foi o tom das suas palavras. Nunca se sentiu tão desesperado por uma resposta.

— Para os Estados Unidos — sussurrou Ruthie. Tinha certeza de que a moça dissera isso. Tinha certeza de que estava certa.

— Certo. Ela me falou algo assim. Por acaso, ela contou o lugar exato?

No entanto, quando John voltou a olhar para a mãe, ela já tinha partido. O corpo ainda estava ali, a mãe frágil no vestido folgado, mas os olhos estavam toldados. Sumira para dentro de si mesma. Ele estava só.

John cometera erros na vida. Sabia disso. Não tinha tratado as mulheres com respeito, nem sempre fora um bom filho, e, na maior parte da infância, se viu tomado por uma lava agitada de ódio em relação ao pai e ciúme em relação ao irmão morto. Mas não conseguia se lembrar de se sentir pior do que naquele momento. Sentia um arrependimento brutal que estrangulava as suas entranhas e que o fez pular do banco de pedra e se atirar contra o paredão de cortiça do baobá. Antes de poder pensar, esmurrou o tronco da árvore com o punho direito. De certo modo, aquilo acalmou a dor, e então esmurrou de novo, e de novo. Por fim, recuou e fechou a mão direita na esquerda. Os ossos latejavam e a pele esfolada estava manchada de sangue. Mas estava cansado demais para se importar.

Sentou-se no banco até o horizonte exibir uma linha cinza que aos poucos se infiltrou na noite, fazendo a escuridão do céu se transformar em amanhecer. Uma rola-carpideira gritou dos galhos do baobá. Uma brisa agitou as folhas sobre as suas cabeças. A mãe estava calada ao seu lado, o corpo recostado no dele, a cabeça no seu ombro. A certa altura da noite, ela adormecera e o rapaz tinha consciência de que o seu vestido estava molhado de orvalho. Precisava levá-la para casa, deixá-la aquecida e com roupas secas.

Percebeu que não poderia mais deixá-la ali sozinha, nem mesmo com Sam e Daniel cuidando dela. Ela precisava dele. Pensou na sua casa em Karen, ela poderia ter um quartinho lá, para se sentar no jardim e relaxar em um lugar longe o bastante das feias lembranças do seu casamento e, assim, poder esquecer.

John se levantou e a carregou nos braços. A cada movimento, sua mão latejava de dor. Ignorou aquilo. Como ela era leve! Igual a uma criança. Agora, os faróis da caminhonete estavam apagados, a bateria morta. Não poderia levá-la de carro para casa. Teria que carregá-la. Parou por um segundo, acomodou-a nos braços, e começou a andar, a seguir seu caminho devagar, com cuidado, descendo o morro.



PARTE II

HAMSÁ

ENQUANTO A LIBÉRIA SE ESCONDIA NAS SOMBRAS, SOB A CURVA DA borda inferior da África ocidental, o Marrocos estava em plena luz, avançando como um rosto virado para o céu. As alamedas eram largas e planas, e o lugar todo parecia claro, arejado e limpo. Jane não sentia falta da lufada úmida das selvas da Libéria, que se comprimiam tão próximas da cidade. Não sentia falta dos arbustos emaranhados que, mesmo dentro da cidade, podiam ocultar cobras e insetos. Monróvia significava coisas escondidas que jaziam à espreita e sussurros de origem invisível. Rabat significava o chamado das mesquitas cinco vezes por dia, cujos minaretes, destacados e quadrados, pontilhavam o horizonte, e céus claros como vidro que faziam os muros da cidade antiga brilharem rosa e dourados.

Quando o avião deles aterrissou, o despachante da embaixada foi recebê-los no aeroporto. Segurava uma placa com o nome de Paul. A camiseta de Jane estava úmida da água que Grace derrubara pouco antes da aterrissagem, e seus olhos pareciam cheios de areia pela falta de sono. Grace se comportava bem em um avião. Ainda que só tivesse 10 anos, havia estado em tantos aviões que não dava para contar. Quando tinha 1 ano, Paul fora designado para um período de três anos na embaixada da Cidade do México. Depois disso, foram Lima, Peru e então Kathmandu, Nepal, onde ficaram por quatro anos. Grace amava as decolagens e as aterrissagens, mas aquela viagem tinha sido longa, e quando a aeronave taxiou na pista até o aeroporto, ela estava cansada e de mau humor. Nas últimas 24 horas, tinham voado de Washington para Paris e de Paris para Rabat, com quase dez horas de intervalo, vagando pelo aeroporto Charles de Gaulle.

— *Salaam a lekum!* — disse Paul em voz alta, e passou à frente de Jane para apertar a mão do despachante.

— *Mehreba!* — respondeu o homem. — Sou Tarik.

Jane sorriu para Tarik, e cutucou Grace para cumprimentar.

— Pode apertar a mão dele, Grace — murmurou.

Grace, obediente, estendeu a mão e cumprimentou o homem em voz baixa. Jane notou a careta da filha, por mais disfarçada que fosse. Perguntou-se se o ponto molhado no seu peito estaria evidente. Sentia-se suja, e a luz clara do meio-dia deixava-a mais consciente dos odores fétidos e suados do avião, que emanavam da pele e das vestes.

Tarik os levou de carro do aeroporto até a casa que a embaixada lhes designara. As alamedas ao redor da cidade antiga eram largas e agradáveis. Jane se sentou atrás de Paul, ao lado de Grace, que recostou a cabeça na janela e parecia ter adormecido. Acariciou o braço da filha distraidamente e contemplou a cidade que via.

Aquela era a primeira vez que retornavam à África, e Jane não conseguiu deixar de desencavar lembranças da última vez em que Paul fora designado para esse continente. Em Monróvia, as árvores e os arbustos se mesclavam em uma mancha verde. Jane nunca teve curiosidade sobre a flora daquele lugar. O Marrocos, no entanto, era mais parecido com o Quênia, lugar do qual ela lembrava com sentimentos conflitantes, mas sem a ansiedade que a Libéria lhe despertava. Aqui, ela podia discernir plantas conhecidas, densas bancadas de lavanda margeando uma calçada, clematites roxas subindo por um poste e enormes figueiras-do-egito lançando sombras imensas sobre as mesinhas de um café ao ar livre, onde homens bebiam em pequenas xícaras. O carro parou em um sinal vermelho, e Jane observou um grupo de crianças com o mesmo uniforme escolar atravessando a rua à frente deles. Uma garotinha, da mesma idade que Grace, olhou para ela e sorriu. Jane pensou nos pais da menina, em algum lugar da cidade, se despedindo dela com um beijo, naquela manhã, e mandando a filha para a escola, confiando que o mundo a devolveria a salvo. A ideia de Grace sozinha no mundo daquele jeito fez o coração de Jane bater mais rápido, e uma onda de calor passou por ela.

A casa era ampla e arejada, o lado de fora pintado da cor de grama seca, cercado por um grande jardim empoeirado. Jane imaginou lavandas ali, uma figueira que faria sombra para uma mesa do pátio. Paul tirou a bagagem do porta-malas, enquanto a esposa e a filha saíam do carro, levando bolsas e puxando malas. Tarik procurou as chaves da casa nos bolsos, e, quando as encontrou, sorriu e colocou-as na mão de Paul. A porta era de madeira maciça, entalhada com desenhos complexos. Linda! Quando Paul enfiou a chave na fechadura, Jane notou uma peça cintilante de metal gravada logo acima do batente. Tinha o formato de mão com dois dedos nas pontas, cada um esticado para um lado, e três dedos do meio apontando para baixo. Os desenhos eram detalhados e floridos, abstratos, mas, no meio da palma, havia algo que Jane reconheceu: o contorno de um olho escancarado, tendo ao centro um pontinho negro como pupila.

Jane se virou para Tarik e apontou para a mão de metal.

— O que é isso? — perguntou.

— É Hamsá... a mão de Fátima. — Ele sorriu, encabulado, como se estivesse constrangido em explicar o significado. — Os mais velhos acreditam que ela ajuda a manter a casa protegida contra os *djinn*, os bruxos.

Jane pensou na Libéria, no *juju* que matou o presidente e no demônio que espreitava na máscara que tanto odiava.

— O que os *djinn* fazem? — perguntou.

— Provocam loucura — respondeu Tarik com simplicidade. Depois, agarrou a alça de uma mala e a carregou para dentro.

Jane teve a sensação de uma pedra de gelo escorrendo pela parte de trás do seu pescoço. Virou-se e viu Grace parada na entrada da garagem, remexendo na sua mochila. À medida que a filha crescia, Jane foi se tornando mais atenta a indícios de que ela pudesse compartilhar da doença de Lance. A ideia a aterrorizava.

Voltando-se para a porta, estendeu o braço e correu o dedo pelos entalhes da Hamsá. Estavam gastos e lisos. Devia ser antiga. Quem a teria posto ali? E por quê? Especulou se a mão deveria ser pendurada e esquecida, como se a proteção dela fosse rodopiar pelo batente da porta e proteger todos que passassem por ali ou se seria algo parecido com as contas de um rosário ou uma roda de

oração, que precisasse ser tocada para funcionar. Jane pensou que não se arriscaria a tomar a decisão errada. Assim, esticou a mão e colocou a palma na peça de metal. Fechou os olhos e imaginou a filha.

— Fique bem — sussurrou —, fique bem.

Era função dela controlar o mundo ao redor de Grace, protegê-la das coisas ruins e o máximo possível da possibilidade de tragédia e trevas. Talvez o pai não pudesse ter ajudado Lance, mas talvez não tivesse tentado o suficiente. Por um instante, Jane imaginou se a ansiedade seria uma dádiva, o animal selvagem nas suas costas, as garras à mostra, um animal espiritual entregue a ela por algum motivo. Sua função era aceitá-lo, puxar todas as coisas ruins para si, como uma esponja, poupando Grace.

— Posso tirá-la se você quiser — disse Tarik, ao passar novamente por ela quando voltava para o carro. — É só uma velha superstição.

— Não — respondeu Jane, virando-se para olhar Tarik nos olhos. Precisava de toda ajuda que pudesse obter. Falou devagar e com clareza. Era importante que ele ouvisse. — Não. Quero que ela fique.

Doze anos de casamento. Havia vezes em que queria atacar Paul, vezes em que não suportava vê-lo. Não sabia se outras esposas sentiam a mesma coisa.

E mesmo que ainda pudesse se lembrar facilmente daquele primeiro momento em que se apaixonara por ele — a sensação, a maneira visceral e intensa com que seu coração foi preenchido quando ela recuou e olhou nos olhos dele —, já não conseguia invocar o mesmo sentimento.

Às vezes, sua raiva em relação a ele a pegava de surpresa. Não sabia de onde vinha ou onde estava escondida a nascente dentro dela. Tinha uma vida feliz, privilegiada. Depois de Muthega, não quis mais estudar elefantes, então, afastou aquele sonho para longe e, no lugar, seguiu o sonho da maternidade, e também se encarregou do sonho de Paul. Viajariam pelo mundo, ele ascenderia na hierarquia e, um dia, se tornaria embaixador. Ela poderia se manter ocupada com os filhos que teriam, ou com os trabalhos, em cada embaixada, reservados, especificamente para “cônjuges

dependentes”. O título era uma espécie de piada, pois eram sempre esposas. Esposas dependentes. Paul jamais a pressionou para assumir uma das funções, e Jane era agradecida por isso. Tinha mestrado em biologia da vida selvagem, usado por menos de um ano, mas, mesmo assim, não queria trabalhar a menos que fosse na sua área. No entanto, havia dias, depois que Grace cresceu e começou a frequentar a escola, que Jane se sentia como se estivesse vadeando por águas profundas ou como se uma cobra tivesse se enrolado no seu pescoço, sufocando-a aos poucos.

Jane engravidou apenas uma vez. Tentaram ter mais filhos, mas não aconteceu. Ela não se importou tanto quanto imaginava. Gostava de ter apenas uma filha. Adorava que fosse uma menina. Não se incomodava quando os três chegavam em algum país novo e acordavam em uma casa que nunca tinham visto, precisando se acostumar com uma nova cidade, conhecer novas pessoas. Desde o nascimento de Grace, a mãe sempre a tivera como companheira de aventura. Quando a filha era bebê, Jane procurava grupos de recreação em língua inglesa e fazia amizade com outras mulheres e seus filhos. Quando Grace foi para a escola, ficou fácil conhecer as outras mães estrangeiras em eventos, por meio da associação de pais e mestres, no campo de futebol, no grupo de escoteiras. Jane acreditava gostar da vida que eles tinham criado. A vida que Paul lhes proporcionava. Mas, em algum ponto do percurso, houvera uma mudança. Jane pensava muito nisso, mas não conseguia precisar o início. Só que, devagar, seu olhar passou de Paul para Grace. Era em torno dela que Jane orbitava, e Paul passou a desempenhar um papel secundário.

À medida que Grace foi crescendo, começou a passar noites em festas de pijama ou ia brincar em casas de amigos à tarde. Jane usava o tempo para atualizar a leitura, almoçar com amigas ou jantar fora com Paul e outros casais da embaixada. Grace sempre voltava e sempre precisava da mãe. Queria ficar mais com Jane do que com suas próprias amigas. O momento preferido de Jane eram os começos de tarde depois das festas do pijama. Buscava Grace e a ajudava a desarrumar a sacola de pernoite; depois as duas se aninhavam no sofá com uma xícara de chocolate, Grace ria contando a Jane o que haviam comido na festa, como tinham ficado

acordadas até tarde e quais meninas não aguentaram e dormiram antes. Às vezes, ela adormecia, e Jane sentia o peso da filha nas pernas. Grace relaxava no sono com tal profundidade que Jane podia mexer nela sem acordá-la. Exatamente como quando era bebê: depois de uma amamentação noturna, levava-a de volta ao berço, inclinava-se e a deitava de costas, observando suas pálpebras inquietas e tão rosadas quanto o interior de uma concha.

Foi em um final de tarde de domingo que Paul e Jane contaram à filha que estavam mais uma vez de mudança. Era hora. Já fazia três anos que estavam em Rabat, e o período de Paul ali tinha terminado. Grace passara o dia nadando com uma amiga no clube, e Paul e Jane a buscaram e foram para o seu café preferido, com portas que davam para um pátio com vista para o rio Bouregreg. Era uma tarde tranquila, ainda quente, e a brisa que vinha da água cheirava aos peixes que os homens puxavam dos barcos com listas vibrantes, em redes cor de areia.

— Grace — disse Jane, logo depois de o garçom colocar um copo de Coca-Cola suado e gelado em frente à menina. — A gente vai se mudar para Nairóbi, onde eu e seu pai nos conhecemos! — O tom de Jane era alegre porque ela realmente estava feliz. Sua família se mudava, era isso que eles faziam, o que sempre haviam feito. Esta era a sua vida. Como sempre, Jane e Grace arrumariam a casa, contratariam uma cozinheira, um empregado, talvez um jardineiro. No primeiro dia, Jane acompanharia Grace até a escola, conheceria a professora, avaliaria as outras mães. As duas eram um time, ainda ligadas, se não por carne e sangue, por devoção mútua e interesses comuns. Jane tinha boas lembranças de Nairóbi. As ruas largas, as fileiras de jacarandás ao longo das calçadas e o ar puro, fresco. Seria gostoso voltar. Pensou em como seria rever o Rift, ver se os rios estavam cheios. Não tinha certeza de querer rever Narok ou os lugares explorados por ela e Muthiga naquele Land Rover chacoalhante, mas visualizou as silhuetas de elefantes contra o céu vermelho do entardecer e, de repente, sentiu uma explosão de alegria sincera.

Portanto, quando Grace olhou para Jane e seus olhos mostraram, no mesmo instante, que estava zangada, ficou surpresa.

— Ah, querida, você sabia que a gente acabaria indo embora, a gente sempre vai — disse Paul. — Escuta, seu pai vai ser o segundo homem mais importante da embaixada! O que você acha?

Jane sorriu para ele de maneira vaga, e uma réstia de pensamento adejou pela sua mente: agora Grace tinha 13 anos, estava crescendo e se afastando. Jane ainda a via como a personagem principal na sua cena familiar, mas talvez a menina não visse mais a mãe, ou a si mesma, dessa maneira.

Jane tornou a olhar para a filha.

— Somos mulheres do mundo, Gracie. Não é?

No entanto, uma mudança reluziu no rosto da filha, e ela passou o resto da refeição cutucando a pizza, a boca caída, os olhos vazios.

Naquela noite, quando Jane foi até o quarto de Grace para lhe dar um beijo, tentou mais uma vez convencer a filha a sentir a animação que ela sentia, que Grace sempre tinha sentido. Mas a menina começou a chorar:

— Não quero ir para um lugar novo. Quero ficar em um lugar só. Quero parar. Você não entende? Quero parar. Quero uma casa de verdade dessa vez.

DEPOIS DISSO, GRACE FICOU CALADA, DE MAU HUMOR. OS DIAS QUE ELAS passaram preparando a mudança de Rabat foram cheios de lágrimas e raiva. Por mais que Jane se sentisse aborrecida e magoada com a mudança de comportamento da filha, também ficou apavorada. Vasculhou a memória para comparar o comportamento dela com o de Lance na mesma idade. Ele não tinha sido diagnosticado aos 13, mas talvez já houvesse indícios. Talvez Grace estivesse demonstrando esses sinais, e Jane só precisasse reconhecê-los.

Pela primeira vez, ela significava um estorvo para a filha, e sua perplexidade e ansiedade fizeram com que descontasse em Paul, em uma retaliação mal colocada. Os três rodopiavam como redemoinhos em uma lagoa: separados, divididos, puxados para baixo.

No primeiro dia de aula de Grace em Nairóbi, Jane acordou cedo, afastou o novo empregado e preparou ela mesma o café da manhã favorito da filha: rabanada e batatas fritas na manteiga. Quando

Grace apareceu, usava a roupa que as duas haviam separado juntas na noite anterior: uma saia cáqui na altura dos joelhos e uma blusa floral aberta sobre a camiseta lavanda preferida.

— Você está linda! — disse Jane.

A verdade, no entanto, era que Grace parecia outra menina. Seus olhos estavam apáticos, o cabelo não tinha volume, ainda que Jane o tivesse lavado e secado um dia antes, escovando-o para trás por um bom tempo com uma grande escova redonda, até ficar brilhando.

— Coma, querida! — disse Jane, na voz mais feliz que conseguiu, porque a tristeza da filha a chocou. Queria instilar em Grace o próprio otimismo, fazer seus olhos brilharem de novo.

Em algumas noites, Grace chorava até dormir. Nunca permitiu que Jane visse isso. Fingia estar dormindo, caso ela enfiasse a cabeça no quarto, e nunca chorava quando a mãe estava com ela no carro, ou mesmo durante o jantar, quando Paul e Jane conversavam sobre o dia. Os dois tentavam atrair Grace para a conversa, mas ela só acenava com a cabeça, em silêncio, quase sem falar. Jane disse a Paul para não se incomodar, que ela acabaria cedendo. Achava que isso aconteceria. Não era da natureza de Grace guardar rancor, ser tão arredia.

O curioso, também, é que a ausência emocional de Grace mudou a dinâmica familiar. Sem ela como força central para o foco dos pais, Jane e Paul se viram de novo reunidos de uma maneira estranha. Pela primeira vez em anos, falavam principalmente um com o outro durante as refeições. Depois do jantar, quando Jane e Grace costumavam se dedicar às lições de casa ou assistiam a um filme juntas, Grace desaparecia no quarto. Não queria ajuda, não queria se aconchegar junto à mãe no sofá e ver um filme. Em vez disso, Jane e Paul rodeavam-se com cautela à noite, tentando decidir como ficar a sós na companhia um do outro. Depois de um tempo, começaram a conversar mais, servindo-se de taças de vinho e compartilhando o espaço de um jeito mais confortável. Era agradável, Jane pensou certa noite, recuperar isso. Não tinha sentido a menor falta quando aquilo foi se afastando do seu casamento, quando uma distância que nenhum dos dois entendeu, ou soube como resgatar, floresceu entre eles. Grace fez isso por

eles. Quando deixou seu lugar no centro, as duas extremidades se aproximaram.

Isso não significa que Jane não ficasse preocupada. Ah, ela se preocupava. Constantemente. Pesquisou os primeiros sintomas de esquizofrenia e ficou de olho na filha. Reuniu-se com a professora de Grace para expor suas preocupações, pensou em ir até a enfermaria da escola. Mas não o fez, porque um dia, ao ir buscá-la, ela tinha um sorriso no rosto. Não quis falar muito e continuou mal-humorada todas as noites, ao jantar, mas quando Jane foi até o terraço, para contemplar o anoitecer, Grace foi se sentar com ela. Não durou muito. Algo que ela disse irritou a filha, que, então, voltou pisando duro para o quarto. Mas o tantinho de informação que soltou naquela noite fez Jane querer gritar de alívio. Uma amiga. Grace, enfim, tinha feito uma amiga na escola.

CORRENTEZA

A REVELAÇÃO COMEÇOU COM UMA LIGAÇÃO DE MANHÃ CEDO. ERA quinta-feira, dia de aula, e Adia estava acordada. Nunca dormia até tarde. Desde o seu nascimento, sua vida na *manyatta* a treinara a acordar com o amanhecer, e mesmo que agora morasse com a mãe em Nairóbi, esse hábito não tinha mudado. A casa estava silenciosa. Adia sabia que estava quase amanhecendo porque havia menos estrelas, a maioria já tinha voltado a cintilar onde quer que vivessem quando o sol nascia. Adia sempre acordava cedo, mas a sua mãe, não, e a menina sabia caminhar pela casa em silêncio, para não acordá-la. Naquela manhã, assim que saiu da cama, o telefone tocou. Levou um susto. O telefone delas nunca tocava muito. Às vezes, colegas de Leona ligavam, mas a família delas na *manyatta*, aqueles com quem Adia adoraria conversar nas semanas em que estava em Nairóbi, não usava telefone. Tão cedo pela manhã, o som era inesperado e agressivo. Adia saiu do quarto na ponta dos pés, e seguiu pelo corredor até o quarto da mãe. Ao chegar à porta, o telefone estrebuchava no chão. Do outro lado, a voz da mãe soava dura e irritada.

— Alô? Quem é?

Adia não conseguia imaginar quem telefonaria tão cedo e se inclinou para perto da porta para ouvir melhor. Fez-se uma longa pausa. Adia se perguntou se a mãe teria voltado a dormir.

— O quê? Aqui? Mãe... não.

Adia levou outro susto. Sua mãe estava chamando alguém de “mãe”. Isso era uma revelação. Aos 13 anos, Adia sabia, é claro, que em teoria todos tinham uma mãe e um pai, mas nunca, nem uma vez, tinha ouvido a mãe falar sobre a família dela. A menina

concluiu que ela e a mãe tinham isso em comum: sem ter um pai, não era difícil imaginar a mãe sem nenhum dos pais.

Pela porta fechada, Adia ouviu o fone bater de volta no gancho, e sua mãe gritar:

— Merda!

Depois, o ranger das molas da cama fez com que ela corresse, no maior silêncio possível, de volta para a própria cama. Não queria que a mãe soubesse que estava escutando.

Em geral, Adia se arrumava para a escola e tomava o café da manhã sozinha. Gakaki, o empregado, sempre colocava à sua frente uma xícara de chá quente, um ovo cozido e uma torrada com manteiga, e ela comia enquanto ele ficava de cócoras no degrau em frente à porta da cozinha, tomando chá e fumando um cigarro.

Naquela manhã foi diferente. Adia colocou a calça jeans, que reparou estar ficando apertada na bunda e mais curta na altura dos tornozelos. Não se incomodava com a aparência das suas roupas, mas detestava a sensação de estar sendo restringida. Jeans apertados demais e camisetas que repuxavam de um jeito esquisito faziam com que tivesse consciência de si mesma, que se sentisse como um cachorro em uma guia. Hoje, seria mais desconfortável do que o normal. Colocou o seu chapéu preferido, de couro com aba larga, usado pela mãe durante anos e depois passado para ela. Suas botas estavam ao lado da porta de entrada. Calçaria no último segundo possível, antes de sair correndo de casa para pegar o ônibus. Odiava sapatos, e só usava porque a escola não permitia que ficasse descalça.

Quando entrou na cozinha, a mãe já estava à mesa. Segurava uma grande xícara e aspirava o vapor lenta e regularmente. Não registrou a chegada da filha. Gakaki estava em silêncio; ele também sabia que, tão cedo assim, a mãe de Adia estaria rabugenta, e que deveria fazer o possível para ser discreto. Com delicadeza, colocou o prato de Adia na mesa, depois o chá, e então mostrou a língua para ela, e envesgou os olhos. Adia teve que tapar a boca com força para não rir.

— Vamos ter uma visita na semana que vem.

Adia observou a mãe, que agora tinha os olhos abertos e tomava o chá por entre os lábios comprimidos. Estremeceu um pouco

quando o líquido quente chegou à sua língua. Gakaki sempre fervia o chá por um tempo um pouco longo demais.

— Sua avó... a minha mãe. Ela quer conhecer você.

Adia parou com o garfo a meio caminho da boca. Havia tantas coisas sobre as quais queria conversar, perguntar para a mãe. Mas no caos súbito do seu cérebro, só escapou uma pergunta:

— Espere, o quê?

Ainda que tivesse escutado a própria mãe falar “mãe” ao telefone não conseguia acreditar que tivesse ouvido aquilo mesmo. “Eu tenho uma avó?” Nunca havia lhe ocorrido que poderia ter uma família nos Estados Unidos. Sua curiosidade tinha apenas um foco: seu pai. Essa nova informação era uma revelação.

Naquele dia, Adia andou distraída na escola. Imaginou há quanto tempo a sua vó sabia sobre ela. Desde o nascimento? Se fosse por todo esse tempo, por que não tinha vindo antes? A ideia de uma família, de pessoas ligadas a ela fora da minúscula e tranquila órbita que ela e a mãe formavam, deixou-a animada. Estremeceu com as possibilidades.

A lanchonete da escola não passava de uma pequena cantina que vendia refrigerantes e salgadinhos, ligada a um grande *rondaval* sem paredes, cheio de mesas e bancos longos. A maioria das crianças da escola tinha pais diplomatas, e suas lancheiras viviam cheias de queijos importados, creme de amendoim, biscoitos e salgadinhos inacessíveis a quem não fosse da embaixada. Adia desembrulhou seu sanduíche sem nem pensar. Em geral, tomava cuidado com o almoço e com a maneira como comia. Nunca sabia o que poderia acabar na sua lancheira. Uma vez, Gakaki tinha embalado um pequeno recipiente de plástico com ovos mexidos. Naquele dia, ela se debruçou bem na mesa, porque não queria que as outras crianças vissem. Era uma coisa muito esquisita comer ovos no almoço. Ele também tinha se esquecido de embalar o garfo, mas ela estava com tanta fome que pegou os pedaços com a mão. Apoiou um livro em pé, na mesa, e fingiu estar lendo, mas o livro caiu no chão, e quando ela estendeu o braço para pegá-lo, os ovos escaparam do recipiente e se espalharam na mesa. A menina sentada ao seu lado gritou:

— Caramba! É daí que vem o cheiro! Adia está comendo ovos!

As outras crianças riram e fingiram sentir enjoo, e uma das professoras de plantão no almoço deu uma espiada por cima dos óculos, e lhe disse para limpar tudo. Adia passou os cinco minutos seguintes recolhendo ovo com as mãos, prestando atenção para retirar cada pedacinho. Seu estômago roncou pelo resto da tarde. Depois daquele dia, ela tentou pular completamente o almoço, ignorando as pontadas de fome e tentando seguir em frente só com uma laranja ou uma banana. Comia um café da manhã mais reforçado e bebia bastante água para se manter cheia.

O almoço daquele dia era chapati, sobra do jantar da noite anterior, enrolado em um pedaço de queijo. O chapati estava rasgado e o queijo saía um pouco. Adia deu uma examinada e avaliou as chances de comer sem ser notada. Pelo menos não cheirava mal. Talvez ninguém notasse. Estava com fome.

— Isso é um pênis? — cochichou um menino por perto. As crianças que ouviram caíram na risada. — Adia está comendo um pênis!

Dessa vez, a professora nem levantou os olhos. Adia enfiou a bagunça de volta na lancheira e abriu o livro, mas não leu. Não conseguia se concentrar nas palavras de jeito nenhum. Em vez disso, procurou acabar com o rubor nas suas faces, pensando na avó. Sua avó queria conhecê-la. Sua avó queria conhecê-la desde que ela era bebê, a mãe dissera naquela manhã. Sua avó iria amá-la.

Adia não questionava os fatos básicos da vida. Não se perguntava por que ela e a mãe moravam em Nairóbi ou por que ela ia para a escola internacional com os filhos e as filhas de diplomatas e de agentes de desenvolvimento comunitário, e não para uma escola local com crianças mais parecidas com as que havia em casa, na *manyatta*. Não pensava na ideia do seu pai ter morrido havia muito tempo nem se haveria membros da família dele ainda vivos, que ela pudesse conhecer. Aceitava esses fatos sem questionar. Aceitava tanto a mãe americana em Nairóbi quanto a mãe massai em Loita. Aceitava as coisas que a mãe contava sobre o pai, que descendia do Quênia colonial, um “caubói queniano”, crescido no território massai como ela, e como ele tinha morrido quando Adia era pequena.

Às vezes, pensava se o fato de não ter pai era o que a tornava diferente das crianças da escola. Aquelas crianças não eram como Adia. Elas iam e vinham, conforme os pais eram transferidos para e de Nairóbi, como aves migratórias. Ela era uma galinha que nunca ia a parte alguma. Tinha se arrastado pela escola desde o jardim de infância, era uma das poucas alunas que estavam ali por um tempo tão longo, mas isso não tinha importância. Continuava sem conviver com nenhum dos colegas por mais de um ou dois anos, até eles desaparecerem para sempre. Ela era a fantasma silenciosa e invisível, sempre deixada para trás.

De qualquer modo, depois de um tempo, percebeu que suas roupas, sua comida e seu estilo de vida a tornavam diferente demais para que eles ficassem seus amigos. As outras crianças se vestiam com roupas da Europa ou dos Estados Unidos. Conversavam sobre filmes e programas de TV a que assistiam no seu país. Tinham mães que, nos aniversários, traziam bolos ou cupcakes para a classe. Falavam com saudade de lugares muito distantes, lugares que chamavam de lar. Adia não tinha nada disso. Suas roupas eram do mercado, feitas por alfaiates com tecidos que a mãe comprava na rua Biashara. A mãe dela nunca comparecia aos aniversários ou às cerimônias de premiação, nem mesmo às reuniões de pais e mestres.

Leona deixou Adia faltar à escola no dia da chegada da avó. As duas foram juntas de carro até o aeroporto. Esperando na área de desembarque, Adia observava as pessoas que passavam pela porta da alfândega. Eram muitas. Ela nunca tinha visto uma foto da avó, então não fazia ideia de quem deveria procurar. Em vez disso, alternava um olhar para o rosto da mãe com outro para os grupos de pessoas puxando malas. O rosto da mãe estava calmo até, de repente, não estar mais. Adia viu a boca da mãe se curvar em um sorriso forçado, e viu a luz natural dos seus olhos desaparecer um pouco. Ela tinha chegado! Quando se virou para ver para quem a mãe olhava, ficou perplexa. Não era a pessoa que Adia imaginara. A mulher alta que andava a passos firmes na direção das duas, com o próprio sorriso rígido colado no próprio rosto rígido era exatamente o oposto de quem ela imaginara como mãe da sua mãe.

Sua avó Joan chegou em um turbilhão de malas e um colete safári aberto, coberto de bolsos. Era alta e magra, com um cabelo perfeitamente branco, começando no queixo de um lado e fazendo toda a volta até o outro lado, sem que um fio saísse do lugar. As pontas eram exatamente do mesmo comprimento. Adia se perguntou se a avó usava régua para cortá-lo.

— Oi, querida! — disse Joan, ao esticar o rosto para a frente e dar um beijo em Leona. Adia notou que o beijo não chegou de fato a tocar a face da mãe.

— Oi, mãe — respondeu Leona. Depois, puxou Adia pelo braço, colocando-a entre ela e Joan. Adia se sentiu como um escudo. — Mãe, esta é a Adia — disse Leona.

— Bom, aí está ela! Igualzinha a um moleque! — disse Joan.

Adia não soube se ser igualzinha a um moleque era bom ou ruim aos olhos da avó. Joan se inclinou para beijar o rosto de Adia e, mais uma vez, a menina notou que o beijo não chegava a fazer contato.

A avó cheirava a flores, e os bolsos do seu colete estavam cheios de balas duras e lenços de papel. Suas mãos eram tão pálidas que a menina podia ver os ossos e as veias azuis. Um dos dedos tinha um anel brilhante do tamanho de um Band-Aid.

A melhor coisa em relação à vinda da avó foi que, na manhã da sua chegada, todas elas foram para Mombasa. Não pegaram o trem, como Adia e a mãe faziam quando iam. A garota ficou aliviada. O trem era lento e quente, e mosquitos entravam em ondas pelas janelas, banqueteadando-se nelas durante toda a noite. Adia não gostava da sensação íntima de respirar no pequeno compartimento para quatro pessoas, que elas sempre tinham que compartilhar com dois estranhos.

A avó comprou passagens para elas irem em um pequeno avião até Mombasa, e o solavanco na barriga de Adia quando o avião decolou pela pista, subindo, subindo, subindo, era uma mistura de euforia e medo com uma intensa alegria, e isso a atíçou por completo. Melhor ainda foi o hotel. Em geral, Adia e a mãe ficavam em uma pequena cabana com telhado de palha perto da água. As cabanas eram simples, mas tinham um lugar para cozinhar e tomar banho, eletricidade e água corrente. Adia as adorava porque era

como brincar de casinha e ela podia passar o dia todo correndo entre o mar e a varandinha.

O hotel que Joan reservou para elas era mais bonito do que qualquer lugar que Adia já tinha visto. Os corredores eram largos e abertos, cheios de poltronas enormes cobertas com almofadas. Por toda parte havia palmeiras em vasos e ventiladores de teto que faziam as folhas dessas árvores farfalharem. Todos os empregados do hotel usavam uniformes reluzentes de tão brancos, além de tênis de uma brancura impecável, e se moviam com rapidez, mas em tal silêncio que Adia imaginou que não estivessem de fato chegando a tocar o chão encerado e espelhado.

Um carregador levou a bagagem delas em um carrinho. As malas da avó de Adia eram limpas e sem arranhões, feitas de tecido estampado com flores rosadas. Adia desejou que a mala usada por ela e sua mãe fosse feita daquele tecido, mas era marrom e ondulada, com um zíper fechado por um clip de papel torcido. A avó Joan não era como a mãe dela, pensou Adia. Era mais como as mães da embaixada, que, às vezes, ela via na escola. Até o carregador era mais elegante do que a sua mãe, o ar sofisticado dele a deixou fascinada.

— Quando eu crescer, quero trabalhar aqui — disse Adia, imaginando o luxo de passar o dia inteiro naquele lugar lindo.

Sua avó parou na mesma hora e, inclinando a cabeça para trás, soltou uma risada que parecia pulseiras de prata tilintando em conjunto dentro da boca.

— Leona, querida, ouviu isso? Sua filha quer ser camareira em um hotel africano!

Adia sorriu, mas se sentiu abalada por dentro. Não entendeu onde estava a graça percebida pela avó. Viu a mãe se virar, olhar para ela e depois para a própria mãe.

— Ela pode fazer qualquer coisa que a deixe feliz, mãe.

Joan apertou os lábios e sacudiu a cabeça de maneira a mexer de leve o cabelo atrás do pescoço.

— Leona, querida, anime-se! É claro que queremos que a nossa menina seja feliz, mas ela é americana... Tem opções!

Joan se virou para Adia e colocou a mão no seu braço. Tinha os dedos macios e um pouco moles, como as lesmas que infestavam o

jardim quando chovia, só que com unhas compridas e pontudas, de um vermelho brilhante.

— Você vai ver — cochichou Joan para Adia. — Quando chegar em casa, você vai ver. Tem um mundo de coisas que uma menina como você pode fazer lá.

Adia tentou imaginar o que a avó queria dizer com aquilo. Tinha duas casas, uma em Nairóbi e outra em Loita, com Simi.

O carregador parou, e todas elas fizeram o mesmo. Ele usou uma chave grande, e depois levou o carrinho para um quarto que comportaria, com facilidade, na avaliação de Adia, toda a *inkajjik*. Ela pensou que se encostasse em uma parede, não conseguiria nem jogar uma bola com força suficiente para atingir a parede oposta. Havia duas camas de casal e um banheiro claro e cintilante atrás de uma porta alta e pesada. O carregador atravessou o quarto enorme e puxou um conjunto de cortinas, expondo portas de correr e uma varanda. Adia ficou sem fôlego. O oceano se estendia brilhante e azul até onde ela conseguia ver. Parecia muito próximo. Ela se perguntou se poderia pular dali e se jogar direto nas ondas.

— Bom, tenho uma interligação... — disse Joan, abrindo uma porta que Adia pensou ser um armário, mas que, na verdade, dava para outro quarto, do mesmo imenso tamanho, com outras duas camas. Joan remexeu na bolsa em busca de um punhado de notas e colocou-as na mão do carregador.

— Só deixe as malas rosa ali dentro, por favor.

Joan olhou para Adia e disse:

— Eles só trabalham em troca de gorjetas, querida. Você não precisa fazer isso, veja bem. Você tem opções. Quando chegar em casa, você verá.

Leona se virou de onde estava examinando folhetos na mesa e se inclinou para a frente. Apontou para o rosto de Adia, e disse:

— Porra, mãe, ela está em casa. Nairóbi é a casa dela. Ela só morou aqui, no Quênia. Isso é o que ela conhece e, por sinal, é um lugar maravilhoso para se chamar de lar.

Adia viu o rosto da avó ficar pálido. Joan não disse nada, mas se virou e sumiu no outro quarto, fechando bem a porta, ainda em silêncio. Leona entrou no banheiro e bateu a porta com força. Adia pôde ouvi-la xingando baixinho enquanto mijava. O estômago da

menina estava torcido como nunca antes. Isso a levou a pensar nas centopeias gigantes que se enrolavam em bolas pretas brilhantes quando eram cutucadas. Era assim que elas se protegiam, mas o estômago dela não parecia protegido. Doía. Queria bater na mãe por ter sido tão grossa com a avó. Como ela se atrevia a afastar a única família que Adia tinha? Adia olhou para cada uma das portas, cada uma com alguém que ela amava por trás. Não abriu nenhuma das duas; precisava de ar. Na varanda, debruçou-se na balaustrada e olhou as pessoas abaixo, em trajes de banho. Não estava acostumada a ouvir brigas. Não estava acostumada a ver a mãe brava, e se perguntou por quê, desde o momento em que Joan chegou, o clima entre as duas mulheres pareceu rígido, como papelão. Teve medo de que a avó fosse embora.

Mais tarde, na piscina, sob a superfície da água, estava tudo mais tranquilo. O espaço ao redor do seu corpo parecia suave, e estava com a temperatura exata para combinar com a sua; não havia limite entre a pele e a água. Só quando ela empurrava os pés com força no fundo da piscina e se atirava para cima para romper a superfície e inspirar o ar, voltava a sentir a própria pele, a brisa fria e cortante contra ela. Esses momentos de respiração e ar eram tão curtos quanto ela conseguia fazê-los. Empurrar, romper a superfície, exalar, inalar, exalar, inalar, segurar a respiração e mergulhar de novo, de volta à água, ao espaço abaixo, tranquilo e perfeito.

Nos breves segundos em que estava na superfície, Adia podia ouvir as vozes da mãe e da avó alternadamente, arranhando e batendo, como as ondas do oceano, logo depois do pátio da piscina. As vozes faziam o coração de Adia bater mais rápido no peito, e aquilo doía. Percebia que a mãe estava zangada. Suas palavras eram rápidas, curtas e espinhosas, seu rosto, duro e sombrio.

— Quero que Adia vá comigo para o mato — falou Joan. — Quero ver onde ela cresceu, onde vocês viveram.

— Mãe, você vai odiar aquele lugar. Só tem poeira e calor, e não dá para encontrar um dry martini em quilômetros.

— Não estou falando que vou levá-la para uma aldeia. Estou me referindo a um safári. Dá para reservar safáris. Safáris ótimos, com duchas quentes, lençóis e, sim, até dry martinis. — Joan levantou os

óculos escuros e franziu os olhos com a luz. — No saguão do hotel havia folhetos. Alguns pareceram muito agradáveis.

Adia estava na outra extremidade da piscina, parada com a mão esticada sobre a superfície da água. Fazia minúsculos borrifos com a palma da mão. Depois, desapareceu lá para baixo. Uma vez, ao emergir da água, ficou um pouquinho mais de tempo do que o necessário para pegar ar. Estava silencioso e ela ouviu a avó dizer:

— Lee, a gente precisa conversar sobre o motivo de você estar tão zangada comigo. Vim até aqui. Fiz todo este esforço para ver você e conhecer a minha neta. Achei que, mesmo depois de tanto tempo, a distância entre nós começaria a diminuir. Eu quero diminuir essa distância. Estou velha, e não quero morrer sem consertar a nossa relação. Você pode me dar isso?

O MAIÔ DE LEONA ESTAVA DESBOTADO E LACEADO. COM DELICADEZA, ELA cutucava, no pequeno pedaço de tecido, bolinhas que se aglomeravam no traje, onde ele se esticava no peito. As palavras da sua mãe fizeram a pele dos braços e das pernas se arrepiarem. Sentiu-se exposta e se envolveu com a grande toalha do hotel. Fingiu estar observando Adia subir e descer na água. A conversa era a abertura para o túnel tenebroso do passado. Sua respiração ficou acelerada, e as palavras que tinha ensaiado na cabeça, repetidas vezes ao longo dos anos, escapuliram. Procurou uma maneira de dizer o que queria de um jeito contido, mas só conseguiu encontrar fúria nos lábios. Aquele sentimento se agitava e espumava, um cachorro com raiva na sua garganta.

— Você sabia — disse, áspera. Nunca imaginou que algum dia fosse ter essa conversa com a mãe. Fantasiara a respeito, mas nunca pensou que se tornaria realidade. Agora, era como se ela não estivesse pensando em nada e que as palavras saíssem por conta própria. — Você sabia e deixou o meu pai fazer aquelas coisas comigo. Tentei contar e você me ignorou. Você deixou ele acabar comigo. Eu queria morrer. Queria me cortar em pedaços. Você destruiu a minha infância. Eu vi você sem levantar um dedo para me ajudar, e aí escapei. Escapei para meio mundo de distância e toquei a vida sozinha, sem qualquer ajuda. Agora você está aqui? Agora quer conversar? Sabe de uma coisa? Vai se foder!

A boca de Joan era um buraco negro aberto no rosto, e os óculos escuros tinham escorregado de volta até a ponta do nariz. Estava imóvel. Por um instante, Leona pensou ter matado a mãe ou a transformado em pedra; talvez ela fosse uma medusa com palavras de cobra. O sangue de Leona fluía com a adrenalina, e o coração estava desembestado. Durante a fala, ela se sentiu separada do corpo que habitava, apenas uma mente flutuando acima da mulher zangada e trêmula, que expelia sentimentos como pus de uma ferida. Agora, observando a mãe, as duas partes de Leona se fundiram aos poucos. Olhou em torno. Devia ter gritado. Não queria ter feito aquilo, não achava que estivesse fazendo, mas as pessoas em volta da piscina olhavam para elas. Leona teve a sensação de estar sendo observada, e, então, viu Adia, completamente imóvel na água, olhando para ela por debaixo do cabelo que pingava água.

De repente, ficou triste. Não tinha imaginado as coisas daquele jeito. Queria machucar a mãe, sim. Queria punir Joan pela conivência demonstrada durante todos os 42 anos de Leona. Mas não foi uma boa sensação gritar o que tinha segurado por tanto tempo. Não houve alívio ou uma ebulição de felicidade. Nada disso. Agora, havia apenas o vazio. Um vazio pesado. Leona não gostou de todos aqueles olhos sobre ela; não apreciava cenas dramáticas, e a ideia de que Adia pudesse ter ouvido, de que ela saberia... era demais. Tinha tomado cuidado para construir um relacionamento com a filha que jamais permitisse uma elucidação sobre a sua vida pregressa. Leona se levantou, enfiou os pés nas sandálias de dedo e saiu antes que a mãe pudesse dizer qualquer coisa.

O saguão estava fresco e deserto. Leona se sentiu cansada e tonta. Não era do seu feitio ser tão dramática. Avistou uma cadeira enfiada em um canto e se sentou. Queria se esconder, e foi agradável se ver encolhida naquela poltrona funda, de laterais grandes que a ocultavam dos outros. Fechou os olhos e se obrigou a pensar em algo além do que tinha acabado de falar.

Focou na mata. Deveria deixar Adia ir em um safári com Joan? A primeira reação tinha sido dizer não. Quando Adia nasceu, Leona jurou que faria qualquer coisa para não expor a filha aos seus pais. Mas, com o pai morto, o perigo tinha sumido. Joan fora conivente, mas não cruel. E Adia parecia feliz em conhecer a avó. Leona

formigou com um ciúme inesperado ao ver como Adia bebia cada palavra de Joan, desesperada pelo afeto da velha senhora.

A antropóloga abriu os olhos e viu que o saguão estava vazio. A estante de folhetos estava bem na frente dela, do outro lado do hall. Sabia que havia safáris em que a mãe se sentiria confortável. Sabia que alguns prometiam muito luxo, mas nunca tinha se interessado pelos detalhes. Deixando as sandálias para trás, foi descalça até o expositor. Havia vários para escolher. Ignorando os que ofereciam *parasail* em Lamu e exploração do monte Quênia, puxou todos os outros que pareciam adequados. Com a pilha nas mãos, voltou a se enrodilhar na poltrona.

Todos eram apenas variações sobre o mesmo tema: observação de animais selvagens de dentro do conforto de jipes com ar-condicionado e pernoite em lençóis de algodão egípcio, em tendas que mais pareciam Beverly Hills do que o meio o mato. A maioria dos safáris entrava em Tsavo e Amboseli. Se Joan quisesse chegar próximo do local de nascimento de Adia, essas não seriam boas opções. Notou apenas um mais próximo de Loita. Era um safári fotográfico, baseado próximo a um camping de luxo, perto da floresta Nguruman. Adia poderia até mesmo conhecer alguns dos guias massai. Era próximo o bastante da *manyatta* para que alguns deles pudessem trabalhar ali. Ela podia escapar e ir até a *manyatta*, se precisasse. Leona abriu o prospecto para analisar o itinerário. Antes de qualquer coisa, avistou um rosto no canto superior direito, que deduziu ser uma foto do proprietário. Olhou mais de perto e piscou para clarear os flashes de luz que explodiam na sua cabeça. Tentou acalmar a respiração, mas os flashes no cérebro eram tão violentos que pensou que fosse vomitar.

Ele não estava morto. Mesmo que o folheto fosse antigo, não poderia ser *tão* antigo. Quando foi que ela encontrara a mãe dele? Dez anos antes? E o rosto dele na foto estava diferente; estava com certeza envelhecido.

Não estava morto nem longe. O tempo todo estivera à vista. Talvez tivessem cruzado a mesma rua em direções opostas. Talvez tivessem estado no mesmo bar, uma noite, apenas com horas de diferença. Será que o teria visto e não o reconhecera?

Ouviu um barulho ao seu lado, e ela olhou para cima. Sua mãe estava parada ali, o rosto uma janela fechada.

— Preciso contar uma coisa.

— Meu Deus! — disse Leona em voz alta. Sua mãe pegara ela de surpresa, uma surpresa indesejável, que trespassava o choque. Mas Leona estava exausta demais para discutir ou para se levantar e ir embora. A foto a deixara atordoada, sem qualquer reação. A mãe, agora, era a menor das suas preocupações. Leona acenou com a cabeça na direção de outra cadeira, e olhou enquanto a mãe, magra como um palito, lutava para trazê-la para perto.

— Fui uma mãe ruim — disse Joan, erguendo a mão para impedir uma discordância inexistente de Leona. — Soube que era uma mãe ruim no momento em que você nasceu. Nunca foi uma coisa natural para mim. O tempo todo em que você era bebê, eu vivia apavorada. Mal pude sair de casa no primeiro ano, porque tudo me assustava. Minha mãe nem chegou a me ajudar nas primeiras semanas, e depois ela teve que ir embora. Aliás, ela também foi uma mãe ruim.

As palavras arranharam a pele de Leona. Não esperava por aquilo, um pedido de misericórdia, e não era o que queria. Ver a mãe tão vulnerável perturbava o equilíbrio das suas lembranças. Mas as palavras da mulher mais velha continuavam. Eram uma onda sob a qual Leona estava presa, e a única maneira de não ser sugada para o mar era deixá-la passar.

— Seu pai era um homem rígido, nem um pouco afetuoso. Estava sempre desesperado por ordem, queria que tudo estivesse sob controle. Em uma primavera, ficou furioso quando as fileiras de tulipas que eu tinha plantado na passagem de pedestres saíram rosadas e vermelhas. Queria só as rosadas. Me fez arrancar as vermelhas e ir até a floricultura comprar substitutas. Dá para imaginar? Mas foi o que eu fiz. Eu fazia tudo que ele pedia, porque não tinha mais nada. Para onde eu poderia ir? Meus pais ficariam horrorizados se eu voltasse para a casa deles. Eu não tinha emprego e não sabia fazer nada. E então você apareceu, essa filha com a qual eu me sentia totalmente incapaz de lidar. Contratamos babás e, depois de um tempo, relaxei um pouco... Eu precisava me manter ocupada o tempo todo, tinha que ficar fora de casa o máximo possível. Era ali que a minha liberdade estava. É, eu sabia.

Sabia, mas não queria acreditar. Não podia me permitir acreditar naquilo, porque e se eu acreditasse e permanecesse ao lado dele mesmo assim? No que isso me transformaria? Em um monstro.

“Uma vez, perguntei para ele. Esperava que, se ele soubesse que eu sabia, pararia com aquilo. Ele me disse que eu estava enganada, que estava imaginando coisas, que a depressão tinha voltado e estava me levando a ver coisas que não existiam.”

Ela fez uma pausa, e Leona olhou para cima. Os olhos da mãe estavam marejados, mas Leona reprimiu uma pontada de simpatia. Aquilo não mudava nada. Sua mãe poderia ter reunido coragem para ajudar e não o fez. Em algum lugar, porém, em algum lugar que Leona não conseguiu identificar, havia algo novo. Ser mãe era confuso e difícil. Às vezes, as crianças tiravam coisas suas que você queria ou das quais necessitava. Ela vinha de uma longa linhagem de mães ruins. Ainda não tinha rompido a sequência, e via, agora, que a própria mãe não era nada além de um ser humano com falhas que, no mar da maternidade, era pressionada por um albatroz só seu. A sensação era nova. Talvez não fosse o efervescer de alívio que desejava, mas havia um pontinho de luz.

— Quando você fugiu para a faculdade e para a pós-graduação, e depois veio até o Quênia, fiquei aliviada. Fiquei feliz por você. Mas você não fez isso sem ajuda, não é? Você tem vivido do dinheiro que ele deixou para você quando morreu. E acho ótimo.

Leona respirou fundo e soltou o ar. Não podia acreditar que a sua mãe, sua mãe reticente, que mal falava mais do que a básica troca de amabilidades enquanto ela era criança, estava dizendo tudo aquilo. Percebeu que não conhecia em nada a própria mãe.

— Quando o seu pai morreu, senti falta dele. Fiquei de luto. Mas também senti que um peso me foi tirado das costas. — A essa altura, Joan estendeu o braço e tocou a mão da filha de leve, a mão que ainda segurava o folheto. — Comecei a ir a um terapeuta. Dá para acreditar? Levei todo esse tempo, todos esses anos, para reunir coragem para vir até você.

Leona desviou o olhar. Ver a mãe tão exposta, tão crua... Era como se tivesse sido jogada em um novo país, onde não entendesse os costumes nem a língua. Não conseguiu encarar a mãe nos olhos. Aquela conversa era importante demais para ser

considerada de uma vez. Precisava deixá-la ir sendo absorvida aos poucos. Sua mãe ainda estava inclinada para junto dela, observando-a. Leona notou a rede intrincada de linhas nas faces de Joan, e as dobras na pele do pescoço. Na sua lembrança, o rosto da mãe era macio e sem expressão, sua maquiagem constante, uma máscara que encobria os pensamentos sempre indecifráveis.

— Bom, mãe. Não sei bem como responder — falou, e sua voz saiu mais incisiva do que pretendia.

Os olhos da mãe reluziram surpresos, e ela se inclinou para trás, tirando a mão do braço da filha. Na mesma hora, Leona soube que, em algum aspecto, tinha ofendido a mãe, e foi tomada por uma sensação desconcertante. Por que estava se sentindo culpada por ter ferido os sentimentos dela? Não se comparava, não chegava nem aos pés de como a mãe a machucara. Mesmo assim, o fato de ela admitir que havia cometido um erro, de certo modo, fez Leona corar, e para desviar a sensação, separou o folheto com a foto de John, e jogou o restante no colo da mãe. Enfiou o de John no espaço entre a lateral da almofada e o braço da cadeira. Levantou-se.

— Acho que você e Adia deveriam ir juntas no safári. Sinto muito por ter sido grossa com você. Eles parecem mesmo interessantes. Quero que vocês passem um tempo juntas.

Na próxima vez em que Adia tirou a cabeça de dentro d'água, na piscina, viu que a mãe e a avó tinham ido embora. Ficou satisfeita. Ouvir as duas brigarem a deixava desconfortável, e quando a mãe xingou Joan naquele tom agudo que não parecia nem um pouco dela, Adia se sentiu como se estivesse caindo no espaço. Mal tinha ganhado uma avó, não queria perdê-la tão rápido. Agora, as cadeiras onde elas se sentaram estavam vazias. O sol se afastara e se acomodava do outro lado do céu. A piscina, que antes estava ensolarada e clara, agora estava fria e sombreada. Adia saiu da água e desceu os degraus de cimento do pátio para a areia morna e macia. Lá embaixo, na arrebentação, algumas criancinhas corriam de um lado para o outro ao longo da linha de espuma onde o mar encontrava a areia, e subiam até onde os pais se esticavam em toalhas de praia de cores vivas. Adia chegou o mais perto que pôde da pequena família, sem ser notada, e se sentou na areia morna.

— Não vão para o fundo, crianças — gritou a mãe a certa altura.
— Pode ter correnteza.

A criança que parecia ser a mais velha, uma menina de cerca de 7 anos, se jogou na beirada da toalha da mãe.

— O que é correnteza? — perguntou.

Adia sabia. Tinha estudado isso na aula de ciências. Cochichou consigo mesma: “Um fluxo de água estreito que trafega rapidamente da praia para o mar.”

Ouviu a mãe dizer:

— Se você for apanhada por uma correnteza, é muito importante não lutar contra ela. O verdadeiro perigo não é a correnteza, mas sim a sua reação.

Adia se lembrava de que a professora havia dito para a classe que as correntes de retorno eram causadas pelo formato da própria orla costeira, não pela lua ou pelo sol, nem pelas ondulações específicas do fundo do mar. As marés reagem à maneira específica do comportamento da costa. Era ela que comandava toda a dinâmica.

Adia observou as crianças e seus pais por um longo tempo, tentando discernir o padrão que as crianças faziam entre água e família. Quem reagia a quem? Quem era a costa, as crianças ou os pais? E quem eram as marés? Se Adia tivesse um pai e uma mãe juntos, como aquelas crianças, sabia o que ela seria. Seria a água que reagiria à orla costeira dos seus pais. Rodopiaria ao redor das suas bordas, encantada por ser a terceira na dinâmica de dois. Eles seriam felizes juntos, exatamente como aqueles pais pareciam ser. Os pais de Adia ririam, ficariam de mãos dadas e seriam estáveis como a terra. Adia, então, estaria livre para ficar à deriva e voltar, ficar à deriva e voltar, sempre sabendo que tinha um lugar seguro e seco à espera.

Mais tarde, durante o jantar, ela observou o rosto da mãe com atenção quando a avó disse:

— Vou reservar o safári que Adia gostou mais. — As três estavam rosadas e exaustas do sol e da água. As pálpebras de Adia caíam, e ela mal conseguiu comer o hambúrguer que o garçom colocou à sua frente. Joan e Leona bebericaram vinho e pouco tocaram no peixe.

— Qual deles você escolheu? — perguntou Leona à filha, deixando o cansaço de lado e se concentrando no rosto de Adia.

— Esqueci o nome — disse Adia, baixinho —, mas escolhi aquele porque a vovó queria conhecer a nossa *manyatta*, e era o mais próximo.

— O quê? — perguntou Leona, a voz estridente no restaurante tranquilo. — Não vi nenhum mais próximo de Loita do que Amboseli.

— É mesmo? — comentou Joan. — Deve ter caído da pilha que você me deu. Achei ele na almofada da poltrona, depois que você foi embora. Parece uma maravilha. Perfeito para nós. Adia, você ficou com o folheto, não é? Preciso do número.

Adia assentiu. Mais cedo naquela noite, enquanto esperavam Leona tomar uma chuveirada e se vestir para jantar, as duas se sentaram no terraço do quarto de Joan, e deram uma olhada nas várias possibilidades. Adia escolheu a mais próxima da *manyatta*. Aquele foi seu único critério. Estava olhando as fotos, quando Leona as chamou, dizendo que já estava pronta. Elas não queriam descer para o restaurante? Adia precisava dos seus sapatos e encontrou-os debaixo da cama. Deixou os folhetos na mesa de cabeceira.

— Boa menina. Devolva ele para mim amanhã, e vou tentar fazer uma reserva para a semana que vem. Adia vai ter que perder alguns dias de aula, mas não tem importância. É claro que você é bem-vinda para vir conosco.

Leona sentiu o corpo todo tremer. Sentiu frio e, ao mesmo tempo, como se precisasse de grandes lufadas de ar fresco nos pulmões.

ADIA ADORMECEU LOGO, SUA MENTE SONHADORA CHEIA DE CORRENTES marítimas, puxando e empurrando para longe de uma ampla orla costeira. Ao acordar, piscou no escuro e sentiu que o seu corpo era uma longa porção de sargaço, ondulando nas profundezas de alguma massa de água escura.

As vozes vieram de detrás da porta fechada, que davam para o quarto da avó. Adia não conseguia ouvir as palavras, apenas o subir e descer de uma fala rápida e zangada. Ficou deitada quieta, por um momento, imaginando se aquilo iria parar. Quando isso não aconteceu, deslizou para fora da cama e foi de mansinho até a porta. Tinha aprendido uma porção de coisas nos últimos tempos ao chegar de mansinho em portas, pensou. Encostou o ouvido de leve

na madeira, mantendo o corpo imóvel, não se sentindo muito confortável, pronta para pular de volta na cama, caso ouvisse passos do outro lado.

— Não, agora me escute... — sibilou a avó. — Você não pode mantê-la longe de todos, nem de mim, nem dele.

Depois, a voz da mãe:

— Eu não estava mantendo ela longe dele. De você, talvez, mas não dele. Pensei que estivesse morto! Procurei por ele. Queria dar ela para ele. Mas ele estava morto. Isso foi um grande choque para mim, como vai ser para ela.

— Mas vai ver que esta é a melhor maneira de Adia conhecê-lo. De forma casual, não com um grande estardalhaço.

— Nossa, mãe! Não estou mandando a Adia para um safári para conhecer o pai. Como isso pode dar certo? — Ela fez uma voz infantil e disse: — “Obrigada por essa grande experiência e, a propósito, sou sua filha!”

O corpo de Adia enrijeceu com a palavra, e ela foi tomada pela sensação de ondular, zozna, debaixo d’água. *Pai*. Ela disse *pai*. Ao som de passos, Adia se afastou da porta, deu um pulo para debaixo dos lençóis e fechou os olhos. Ouviu a mãe passar no banheiro, acender a luz e dar descarga. Depois, ouviu a cama da mãe estalar, e o quarto voltou a ficar escuro e silencioso. Adia estava tão acostumada a ficar sozinha com o silêncio da mãe que a ideia de tentar rompê-lo nunca havia lhe ocorrido. Mas aquela pequena palavra permanecia no seu cérebro: *pai*.

A ideia de um pai dava uma sensação elétrica, e manteve Adia acordada por horas. Ela olhou para o teto, vendo as sombras se distorcerem e curvarem. Quando teve certeza de que a mãe dormia havia muito tempo, pegou os folhetos da mesa de cabeceira e os enfiou debaixo do travesseiro. Quando, por fim, adormeceu, a orla costeira se estendeu na sua mente, infinita e clara contra as ondas escuras que rodopiavam e batiam com correntes mortais. “Flutue”, a água sussurrou para ela no sonho. “Flutue.” E a orla costeira ficou cada vez mais ao longe.

Adia acordou. Seu cabelo estava todo embaraçado sobre o rosto, e a pele parecia quente e pegajosa. A respiração estava difícil e rápida, e, no escuro, ela mal conseguia ver os últimos resquícios de

seu eu sonhador, agora quase invisível no vasto mar, deslizando,
sozinho, para além da linha do horizonte.

NAKURU

ASSIM QUE A CONHECEU, GRACE NÃO SOUBE O QUE PENSAR DE Adia. Ela era estranha, isso era óbvio. O único lugar vago na classe, no seu primeiro dia — já depois de dois meses do início do ano escolar —, era ao lado de Adia, que parecia diferente das outras crianças, de todas as crianças que Grace conhecia. Tinha um cabelo loiro bagunçado e usava uma porção de adereços, contas e mais contas costuradas em pulseiras e colares de couro. Devia ter seis ou sete ao redor de cada pulso e também em volta do pescoço. Grace nunca tinha visto uma menina branca com tantas contas. Todas as outras crianças olharam para Grace quando a professora a apresentou, mas a menina loira só olhou para fora da janela e enrolou uma mecha de cabelo emplastrado no dedo. Quando Grace se sentou, reparou que as unhas da outra menina estavam sujas e lascadas em alguns lugares, e que ela mascava a cutícula, de modo que os dedos estavam cobertos de pequenos cortes, sangrando um pouco.

— Meu nome é Adia — disse ela, quando flagrou Grace olhando para os seus pulsos cheios de contas. — Minha família massai me deu este nome.

No almoço daquele primeiro dia, Grace se sentou em uma mesa vazia, mais para o fundo. No início, estava sozinha, mas depois viu a menina estranha vindo na sua direção.

— Normalmente, eu me sento aqui — disse a menina com contas. — Mas não me importo se você também se sentar.

Grace hesitou. Já tinha entendido que Adia era uma pária na hierarquia escolar, e que se sentar com ela poderia torná-la farinha do mesmo saco. Sempre fora popular nas suas escolas anteriores. Mas não se importava mais com isso. Estava cansada de tudo aquilo, das mudanças, das casas novas, de sempre ser a recém-

chegada. Não ia se dar ao trabalho de se levantar e se sentar em outro lugar. E daí se as outras crianças achassem que ela era esquisita?

Grace não falou muito naquele almoço. Só escutou. Adia falou como se estivesse segurando palavras dentro dela, como um balão cheio de ar que tivesse estourado. Não conseguia se conter. No início, Grace ficou incomodada. Queria ficar sozinha. Mas, à medida que Adia falava, foi ficando cada vez mais intrigada com sua história. Por fim, parou de comer e escutou. Adia era, praticamente, massai. Ela e a mãe passavam férias na *manyatta*. Tinha aprendido a pastorear cabras e a acender fogo usando apenas gravetos e o próprio fôlego. Tinha aprendido a agarrar uma cabra pelos pés e jogá-la de costas, para que um homem pudesse cortar sua garganta. Tinha aprendido a beber o sangue fresco e nutritivo de uma vaca, à maneira massai, furando a pele do pescoço do animal com uma haste afiada, e depois de beber sua porção, beliscar a pele para se juntar de novo, e a vaca poder ir embora com apenas umas gotas escorrendo pelo pescoço, e a sensação de uma picada de abelha. Tanto o pai quanto a mãe eram brancos. Adia contou que o pai era um caubói queniano de uma longa linhagem de quenianos. Mas ela, nas próprias palavras, era massai. Quando o sinal tocou indicando o fim do recreio, Grace sabia que Adia era a pessoa mais interessante que já tinha conhecido, e resolveu ser a melhor amiga dela.

AS NOITES EM NAIROBI ERAM FRESCAS, SOBRETUDO POR CAUSA DA ALTITUDE, e Jane frequentemente levava uma xícara de chá até o terraço, depois do jantar, envolvendo-se em um velho cobertor cinza e observando os morcegos deixarem suas camas de ponta-cabeça nas bananeiras para esvoaçar em círculos acima dela, enquanto as estrelas brilhavam. Durante as raras ocasiões em que Grace se juntava a ela, Jane queria chorar de prazer. Nessa noite, Grace estava deitada na espreguiçadeira ao lado da mãe, e estendeu a mão para ela.

— Posso dividir esse cobertor? — perguntou, e Jane teria dado à filha sua própria pele se achasse que isso voltaria a aproximar as duas.

Jane lhe estendeu o cobertor, procurando os dedos da menina quando ela o pegou. Queria tocá-la, provocar um desejo em Grace que a fizesse querer ficar ao lado dela, aninhar-se sob aquelas estrelas estrangeiras. Mas Grace apenas se recostou e se enrodilhou com o cobertor amontoado sobre ela.

— Adia diz que as pessoas como a gente se esforçam demais para criar os Estados Unidos aonde quer que vão. E é verdade, não é?

Jane estava gelada sem o peso do cobertor e os morcegos, de repente, soavam como camundongos, arranhando o céu atrás de comida. Não gostava de Adia. Não gostava da maneira furtiva que ela olhava por debaixo da franja descuidada nem das roupas horríveis que usava.

— Sei que você ainda é nova na escola e que leva um tempo para se adaptar, mas até agora a sua única amiga é Adia? Ela não se parece com nenhuma das meninas que você conhecia em Rabat. Quero dizer... Ela parece, sei lá, diferente de você. Como se precisasse passar um pente naquele cabelo. E o que faz com tantos adereços?

Jane queria que Grace risse com ela. Antes, era o que teria acontecido. Jane conhecia a sua Gracie. Grace e Jane eram a mesma coisa. Mas Grace não riu.

— Gosto dela, mãe. Ela é diferente, descolada e legal. Não me importo com o cabelo dela, e você também não deveria.

Depois disso, ela se levantou, jogou o cobertor de volta para a mãe, e entrou.

ALGUNS DIAS DEPOIS, JANE OFERECEU NAKURU COMO OFERENDA DE PAZ.

— Vamos passar o dia fora, Grace — disse Jane. — Eu dirijo. Vamos deixar o seu pai dormir até mais tarde. — E depois, acrescentou: — Traga a sua nova amiga. A gente busca ela quando estiver saindo da cidade. Uma viagem só com mulheres.

O rosto de Grace se iluminou, e Jane pensou: “Quem é essa garota?” Mas, Grace não queria mais ficar sozinha com a mãe. Adia era a única esperança de Jane passar um tempo com a filha.

Quando foram buscar Adia na saída da cidade, era de manhã cedo, e a menina estava na penumbra, acorada, no final da garagem.

— Cadê a sua mãe? — perguntou Jane, antes mesmo de Grace dizer oi.

— Está dormindo — respondeu Adia. — É raro ela se levantar antes das nove horas. — Adia se abaixou e pegou as alças de uma mochila de lona verde, cheia de calombos. — Minha mãe massai vai me encontrar em Nakuru. Tenho que dar umas coisas para ela. — Ela abriu a porta de trás do carro, jogou a mochila e entrou, batendo a porta.

— A sua mãe não quer me conhecer? — perguntou Jane, ignorando o seu instinto. — Sua mãe americana? Eu estava ansiosa por conhecê-la.

Jane estava chocada com uma mãe que dormisse até mais tarde, deixando a filha de 13 anos à espera, no escuro, de uma estranha que vinha apanhá-la para passar o dia fora. “Selvagem. Ela é como uma criança selvagem”, pensou Jane. A calça de Adia estava suja nas barras, e a camiseta manchada era, no mínimo, um número menor. Seu cabelo maltratado estava enfiado dentro de um chapéu enorme, de couro, que parecia ter visto mais do que algumas tempestades de poeira. Jane viu Adia se sentar no banco de trás, ao lado de Grace, que, com o rabo de cavalo castanho e limpo, jeans e tênis branco, parecia ser de uma espécie diferente quando comparada a amiga. Quando as meninas caíram nos braços uma da outra, Jane estremeceu.

Elas saíram da cidade em silêncio. As meninas ainda sonolentas, enrodilhadas, tinham a cabeça encostada em janelas opostas. O sol estava nascendo para o terço mais baixo do céu, quando a estrada subiu e, de repente, pareceu despencar abaixo delas. Jane virou para o acostamento, e todas elas saíram do carro para esticar as pernas. A estrada serpenteava, sempre para baixo, o tempo todo em zigue-zague, centenas de metros, em uma imensa cratera dentro da terra.

— Vocês nunca tinham visto o Rift Valley? — perguntou Adia, percebendo o espanto de Jane e Grace. Jane não falou nada. Nem Grace sabia que ela já tinha morado no fundo do vale. Mantinha-se vaga em relação a esse período da sua vida; não gostava de pensar muito a respeito. Adia acenou com ares de dona, em direção ao horizonte. — Minha família massai mora ali. — Jane olhou para Adia

e viu o sol nos seus braços bem bronzeados e nas suas roupas empoeiradas. Sob esse prisma, ela parecia pertencer ao lugar. Suas roupas, o chapéu, o cabelo e os adereços a faziam parecer um fragmento da savana abaixo em forma humana. Por um instante, Jane imaginou se teria essa aparência agora, caso tivesse permanecido ali. Se tivesse conhecido outra pessoa com quem se casasse, e Grace fosse filha desse homem, será que ela também teria esse aspecto? A estrada era precária e cheia de buracos, e, às vezes, a borda simplesmente sumia. Jane agarrou a direção com força, e seguiu bem devagar. De vez em quando, olhava no retrovisor para observar as meninas. Grace tinha voltado a fechar os olhos, e estava com a cabeça para trás, recostada no encosto.

Adia conduziu Jane para uma estradinha que parecia ir do nada para lugar nenhum.

— Elas vão vir por esta estrada — disse ela. — Se você parar aqui, a gente vai ver elas.

Estavam próximas ao lago. Jane imaginou poder sentir o cheiro da água salobra, de penas e guano. Estava ansiosa para chegar lá, mostrar para Grace o que esperava ser uma visão mágica e contar à filha quanto tempo tinha esperado para vê-la. Mas quando chegaram àquele ponto da estrada, e Adia disse para ela parar, Jane ficou igualmente chocada e fascinada. Viu a filha olhar para Adia com admiração, quando ela desceu do carro e usou o para-choque dianteiro para subir na capota do veículo, levando ao lado a sua mochila com calombos.

Jane se recostou na porta do motorista, bebendo água morna da sua garrafa Nalgene, e Grace se deitou no banco de trás, com os pés descalços saindo pela janela, e o braço cobrindo os olhos.

FINALMENTE, AS MASSAI SURGIRAM POR UMA BRECHA NA POEIRA. ERA como se tivessem aberto o zíper de uma barraca e saído; de um momento para o outro, estavam ali. Eram quatro, todas de cabeça raspada e descalças. Todas enroladas em tecidos de algodão frouxos, amarrados nos ombros, e usando uma grande quantidade dos mesmos adereços de contas que Adia. Uma das mulheres tinha um bebê preguiçoso amarrado às costas.

— Ali estão elas — disse Adia, ao pular do seu poleiro. Depois, seguiu pela estrada a passos decididos, em direção às mulheres.

Quando estavam bastante próximas, Adia tirou o chapéu e inclinou a cabeça para cada uma delas, que tocaram no seu cabelo, murmurando, baixinho, palavras enfumaçadas, como se cantarolassem. Adia conversou com elas na sua língua, e desamarrou o bebê das costas da mulher, segurando-o como uma mãe faria, enquanto falava. Ao ver o bebê, nu, empoleirado no quadril de Adia, Jane percebeu que era uma menina. O braço bronzeado de Adia pareceu pálido e anguloso junto à bunda arredondada e marrom. Grace saiu do carro e olhou Adia com o grupo de mulheres.

— Ei, Grace, pega o pacote para mim? — Adia olhou por cima do ombro, como se tivesse acabado de se lembrar que Grace e Jane estavam ali.

Jane viu Grace se ajoelhar na poeira, puxando as tiras para abrir a mochila e tirar coisas para entregar, ansiosa, para as massai, ávida pela atenção delas. Havia açúcar, chá, leite em pó, sabão em pó e o que parecia um grande tubo de gordura vegetal. As mulheres murmuraram e assentiram. Um a um, todos os mantimentos que Grace tirou foram enfiados nas dobras dos seus envoltórios. Adia devolveu o bebê para a mãe, que voltou a amarrá-la nas costas. Grace voltou para o carro, e observou, enquanto Adia e as mulheres agarravam as mãos umas das outras, se despedindo. Adia ficou parada, com a mão sombreando os olhos, vendo o pequeno bando de mulheres desaparecer na estrada, de volta pela cortina de poeira.

JANE FECHOU AS JANELAS DO CARRO E LIGOU O AR-CONDICIONADO. OUVIU a voz calma de Grace perguntar:

— Essas são as mulheres sobre quem você me contou? Sua mãe massai e as outras esposas?

— São — respondeu Adia, e a voz já não soou forte, mas triste.
— Simi é aquela de quem eu falei. É a minha mãe massai. Morei com elas até os 6 anos. Agora, só vejo elas nas férias e, às vezes,

em uns fins de semana prolongados, ou quando a minha mãe está viajando. Gostaria que ela viajasse mais.

Jane pensou nos parentes de Grace, avós, tias, tios e primos do lado de Paul, e o calado tio Lance, do lado dela. Grace nunca conhecera Lance, e só via seus outros parentes durante duas semanas no verão. Mal conhecia a sua família americana e, ao contrário de Adia, não tinha outra tribo. Jane pensou que ela e Paul nunca ficavam tempo suficiente em lugar algum para Grace estabelecer esses tipos de ligação. De certa maneira, Jane e Paul tinham roubado algo da filha que jamais poderiam devolver. Voavam para longe de tudo. Grace não tinha ninguém, além dos pais, nenhum lugar a não ser o lugar em que estavam, e mesmo este era sempre temporário.

NÃO ERA COMO JANE IMAGINAVA. SUA IMAGINAÇÃO ESTAVA TODA EQUIVOCADA. Ou talvez fosse apenas tarde demais. A seca tinha se estendido por muito tempo, as pessoas diziam. Agora, estava entranhada no Quênia. A população estava faminta. Os animais estavam morrendo. Os *shambas*, os cultivos familiares dos quais as pessoas dependiam, não passavam de pedras e poeira, e, quando a chuva realmente veio, caiu rápido e com força demais para ser absorvida pelo solo nu. Não havia plantas que se agarrassem à água, que a ajudassem a se infiltrar na terra; assim, ela escorreu para longe, sem deixar nada além de rocha vulcânica e calcário, o baixo-ventre da terra, que não podia cultivar nada substancial.

Quando Jane, Grace e Adia enfim chegaram lá, o lago Nakuru estava raso e lamacento, espalhando-se aos seus pés como tinta derramada em espirais marrons, verde-escuras e cinza. Parecia que os flamingos estavam morrendo em grandes ondas rosadas. Era além do que Jane tinha imaginado pelos artigos que lera. Os corpos dos mortos jaziam submersos na água fétida, suas costas expostas tostadas pelo sol, os pescoços sem vida, longos como caules de flores, vagueando de leve nas correntes superficiais e calmas, os olhos opacos vigiando ovos esquecidos abaixo deles. Os que ainda estavam vivos eram apáticos e decepcionantes. Encaixavam-se exatamente nas águas rasas pela seca, sobre os ovos dos antepassados. A terra estava mudando debaixo dos seus pés, a

água se transformando em lama, e a lama, em terra seca. Mas esses pássaros permaneciam mesmo assim, enraizados no seu lar.

A poeira que encobria suas penas cor-de-rosa entristeceu Jane, assim como a garrafa plástica que ela viu boiando na borda enlameada e as guimbas de cigarro enterradas nas algas viscosas e verdes que revestiam a praia. Jane teve uma súbita lembrança do seu pai parado perto do trepa-trepa do parque, tantos anos antes, contando a ela sobre a aceitação do momento em que eles perceberam que Lance tinha partido. As coisas desapareciam. Os momentos morriam. Talvez o pai dela estivesse certo em seguir em frente. Agora, Jane queria acenar os braços e gritar para os tristes flamingos deixados para trás, para vê-los levantar voo como os que já haviam partido, imaginar um novo lugar para eles. Aquilo não era o que ela esperava; não era o que ela queria que acontecesse.

Um grupo de turistas europeus desceu de um micro-ônibus pintado de zebra com teto solar. Eles encheram a trilha com seus rostos vermelhos, disparando as câmeras. Pareciam alienígenas naquela paisagem. Carnudos, pálidos, respirando com dificuldade, como larvas arrancadas de debaixo de pedras, piscando à luz do sol. Jane ficou imaginando se, aos olhos das massai, ela se pareceria com eles, ou se Grace pareceria, com seu cabelo sedoso e roupas limpas.

— *Comme c'est beau!* — disse uma mulher com um chapéu de palha de aba larga consigo mesma, respirando fundo de satisfação, entrecruzando os dedos de unhas feitas.

Jane ficou na dúvida do que a mulher estava falando. Nada ali parecia lindo para ela.

Levantou a mão por um instante, limpou a poeira da testa e, quando voltou a olhar para trás, Grace estava totalmente esticada, quase imperceptível ao lado de Adia que estava agachada, entediada e inexpressiva como uma concha, cutucando as unhas, o chapéu fazendo sombra no rosto, a pele dos braços tão escura e seca quanto a poeira aos seus pés. Adia, a única que pertencia àquela terra. Jane sentiu uma pontada de ressentimento. Estava feliz que a filha estivesse se sentindo melhor e atribuiu isso a Adia. Mas o que a filha dela via nessa menina? Ela não se parecia com

ninguém que Grace já tinha conhecido. Jane gostaria de poder entender o que ela via naquela menina esquisita.

Ali em pé, parada ao lado do lago em mudança, enviou uma prece ao céu para que sua filha não estivesse, de fato, desaparecendo.

— Não permita que ela me deixe — murmurou. — Não como Lance, e não de uma maneira que jamais, de modo algum, terá volta.

Tinha sido um erro ir até o lago, até o fundo do Rift. A paisagem era tão familiar que lhe era dolorosa, e as lembranças vieram com muita rapidez. Doía se lembrar de Muthega, das mulheres junto ao rio e das crianças empoeiradas. Doía se lembrar de si mesma naquela época e do quanto era mais forte que hoje. Mas ela ainda estava fraca demais para ficar, fraca demais para engolir o medo e continuar o trabalho. Depois do assassinato de Muthega, falou a si mesma, e também contou a Paul, que o que mais admirava nos elefantes era os seus instintos profundamente maternais. Disse que tinha perdido o desejo de trabalhar na mata com eles, e só queria imitá-los.

Na época, pareceu verdade, e não tinha sentido saudades do trabalho nos anos que se seguiram. Tinha escolhido outra trilha, ser mãe do seu próprio bebê, manter a criança por perto, abrigada em segurança na curva do seu braço, sua tromba metafórica. Mas as filhas elefantas viviam com as mães pelo resto da vida. As filhas humanas, não. Cresciam e se separavam dos pais, iam para longe, e as mães precisavam abrir bem os braços e soltá-las. Era preciso força. Jane se perguntou se algum dia seria forte o suficiente para deixar Grace partir.

A FLORESTA DA CRIANÇA PERDIDA

O

FILHO DO COMERCIANTE SEMPRE GRITAVA SUAS MENSAGENS BEM ANTES dos seus pés alcançarem a *manyatta*. Simi e as outras mulheres, reunidas junto ao fiozinho de água enlameada do rio, escutaram a voz dele e levantaram os olhos. Podiam ver uma pequena nuvem de poeira se movendo na sua direção.

— Esse menino tem a voz de um elefante passando mal — murmurou Loiyen. Ela não sorriu, embora as outras mulheres tenham feito isso.

Simi reparou no rosto contraído de Loiyen e se deu conta de que, nos últimos tempos, não a via se divertindo com as próprias piadas. Ficou em dúvida se a mulher estaria grávida de novo. Ela tinha três filhos que já eram *moran*, e uma filha que se casara recentemente e já estava grávida do primeiro bebê. Loiyen também tinha quatro crianças que ainda viviam na *manyatta*, todas meninas. Duas começavam a andar, uma era uma menina séria de 7 anos e a última era uma bebê que mal tinha sido desmamada. Durante as primeiras vezes em que engravidou, Loiyen florescia. Suas faces ficavam redondas, a barriga desabrochava e a pele brilhava. O nascimento de cada um dos três primeiros bebês foi rápido e fácil. Loiyen era boa em trazer crianças ao mundo.

Depois, houve um menino minúsculo, nascido cedo demais para viver, o corpo perfeito e coberto de vernix, imóvel. Foi então que Loiyen mudou. Só um pouquinho. Seu humor, pensou Simi, era sempre um pouco cáustico, a voz era sempre um pouco alta, e suas opiniões eram sempre um pouco importantes. Mas havia um brilho por detrás das suas farpas e ações. Ela era rápida e durona, e nunca tinha medo de nada. Depois do filho que nasceu morto, no entanto, sua personalidade ficou irregular, um pouco mais sombria,

um pouco mais irritada. Seu brilho diminuiu. Simi conhecia a dor de Loiyen; podia se lembrar das suas perdas como se ainda estivessem acontecendo. Mas em vez de isso facilitar a conversa com ela, tornou mais difícil. As duas nunca tinham sido próximas, mas o fato terrível que tinham em comum parecia afastá-las ainda mais. Loiyen já não provocava Simi; não se dirigia a ela de jeito nenhum.

A batida dos pés ficou mais próxima e, com ela, uma nuvem de poeira que baixou sobre as mulheres. O menino se curvou, respirando com dificuldade. Com uma das mãos, levou água do riacho à boca, com a outra, limpou a testa.

— Simi — bufou —, Adia vem para a cidade de Narok amanhã. Vai trazer coisas para você. Você pode se encontrar com ela lá, ao meio-dia.

Borrifou água no rosto e esfregou-o com força. O sol reluziu nas gotinhas como minúsculos cacos de vidro. Simi sorriu para o menino e agradeceu.

— Vá até a minha casa e espere. Eu chego logo. Vou fazer um chá para você. Não vá voltar para o seu pai com fome e cansado.

O telefone na lojinha onde o pai do menino trabalhava, tanto como comerciante quanto como carteiro, tocava com frequência. Agora havia uma quantidade tal de maridos e filhos em Nairóbi, que todos os dias alguém ligava, pedindo ao menino que levasse um recado a uma das *manyattas* próximas. Simi, contudo, era a única que tinha uma filha que telefonava.

Simi se virou de volta para o rio para enxaguar as poucas peças que ainda estavam ensaboadas. Notou Loiyen observando-a de esquelha. Mesmo com todos os seus filhos, jamais seria feliz, Simi pensou. Loiyen era uma mulher ciumenta. E por algum motivo que não conseguia explicar, isso fazia Simi ter pena dela. Antes de saber que palavras saíam da sua boca, disse:

— Loiyen, venha comigo amanhã. Adia trará coisas para todas nós.

Loiyen baixou os olhos para a água que descia lenta e chupou os dentes, mas Simi sabia que ela concordaria.

Simi estendeu as roupas molhadas em rochas nuas e quentes, e correu para casa para fazer o chá do filho do comerciante. Sabia

que a sua família tinha pouca coisa naqueles dias. A seca perdurava, e havia crianças nascidas agora que não conseguiriam se lembrar de um dia ter visto a terra verde. As descrições feitas pelos pais não passavam de ficção. Mas as famílias que ainda tinham criações estavam conseguindo o suficiente para se alimentar. Leona mantivera sua promessa aos massai; em certas situações, por determinados períodos de tempo, as pessoas podiam levar vacas, bois e cabra para se alimentar no planalto, onde ainda havia capim para comer e água para beber. Nos meses mais secos, isso deixava as *manyattas* cheias de mulheres e crianças. Mulheres e crianças que não tinham dinheiro para comprar coisas do comerciante. Mulheres e crianças que se viravam sem açúcar no chá, e cujas barrigas frequentemente roncavam durante a madrugada.

Simi tinha sorte. Sua filha em Nairóbi nunca deixava passar um mês sem levar sabão, chá, açúcar e gordura para cozinhar. Adia era generosa, e todos na *manyatta* se beneficiavam. Isso deixava Simi orgulhosa.

No dia seguinte, Simi e Loiyan começaram a caminhar para Narok. A primeira esposa, Isina, também foi, bem como a filha adulta dela, Nalami, que estava visitando a mãe. As duas outras esposas sentiam falta de Adia quase tanto quanto a própria Simi. A caminhada da *manyatta* para Narok era longa, fazia calor, e Loiyan levava a filha mais nova nas costas, embrulhada em um pedaço de tecido. Mesmo assim, Simi ficou surpresa ao ver como ela caminhava devagar, como a sua respiração estava pesada e se perguntou mais uma vez se a mulher estaria grávida. Preocupou-se de que pudessem perder Adia. Quando o sol estava quase a pino, Isina tinha tirado a bebê de Loiyan e a amarrado com segurança nas próprias costas. Loiyan não discutiu; abriu mão do seu fardo calada. Só isso já fez Simi ficar preocupada. Loiyan não era alguém que se esquivasse facilmente de uma discussão.

As mulheres pararam para tomar água de uma nascente minguada nas cercanias de Narok. Isina passou o bebê para Loiyan, que se sentou, largada e respirando com dificuldade, em uma pedra chata. A bebê tinha fome e queria mamar. Loiyan colocou a filha no

peito, mas, mesmo enquanto puxava e sugava, Simi percebia que ela não estava conseguindo muito leite

— Loiyan, você está doente? — perguntou Isina. Isso, de certo modo, confortou Simi, o fato de as outras mulheres também notarem. Simi reparou que gotas de suor salpicavam o contorno do cabelo de Loiyan, juntando-se e escorrendo pelos lados do rosto.

— Só cansada — respondeu Loiyan, e se levantou, um pouco desequilibrada. Passou a bebê para Isina. — Me ajude a carregar ela.

Não demorou muito mais para que notassem o contorno de Narok no horizonte, as construções acachapadas, as linhas de telhado desiguais, e então surgiu um carro branco, novo e brilhante sob a película de poeira. Simi pôde ver duas figuras: uma sentada na capota, outra recostada no carro. Forçou a vista para enxergar Adia, e então viu a filha escorregando do teto do veículo e caminhando firme até elas. Sua filha. Como Adia sempre parecia adorável! E em seguida, elas estavam paradas juntas, conversando. Até Loiyan parecia melhor. Ela sempre tinha tido um lugar para Adia no seu coração. Todos os membros da *manyatta* tinham.

— Yeyo, tenho coisas para vocês — disse Adia, enquanto pegava a bebê de Isina. Segurou a criança junto ao quadril, e a bebê estendeu a mão e agarrou um punhado do cabelo de Adia, rindo. — Minha mãe está preocupada com a pastagem. Os homens já voltaram? Ela me pediu para perguntar. É importante que eles fiquem lá apenas o tempo permitido. Se ainda estiverem lá, se ficarem mais do que é permitido, da próxima vez podem não receber autorização para voltar.

Isina respondeu:

— Eles ainda estão lá. Nenhum deles voltou até agora. Só temos algumas cabras aqui para comer, nenhum boi. Não podemos vender elas; se fizermos isso, não teremos carne, e aí não vamos poder comprar as outras coisas de que precisamos.

Adia se virou e acenou com os braços:

— Ei, Grace, pega o pacote para mim? — Virando-se de novo para Simi, ela disse: — Tenho sabão em pó, leite em pó, açúcar e *kimbo*. E um pouco de chá, também. E a minha amiga. Quero que ela conheça você, yeyo.

A outra menina começou a tirar os itens de uma mochila e a entregá-los às mulheres. Simi a observou com atenção. Era parecida com Adia, a mesma cor de pele, a mesma textura de cabelo, mas também diferente. Seu rosto era pálido, seus olhos grandes e, de certo modo, mais redondos, as unhas estavam limpas e brancas. Simi achou que a menina parecia ter um pouco de medo.

— Não podemos ficar por muito tempo — disse Adia em maa, e Simi sentiu uma pontada de decepção. Teria que se despedir de novo, tão rápido. — A mãe de Grace está esperando. Ela é impaciente. — Adia sorriu ao dizer isso, mas fez com que Simi ficasse zangada com a outra mulher, aquela figura parada, recostada no carro. Imaginou se ela teria experimentado aquele tipo de tristeza algum dia. Enquanto Simi olhava, a mulher distante levou uma garrafa de água à boca e jogou a cabeça para trás, dando um longo gole. Simi podia imaginar a sensação de água limpa e fresca na boca. Fazia muito tempo que os rios não eram limpos e frescos. — Mas eu volto logo, yeyo.

Adia beijou o rostinho da bebê e a devolveu para Isina.

Simi viu o carro se afastar. Pensou ter visto o rosto pálido e redondo da amiga de Adia pressionado na janela, olhando-a de volta. Mas Loiyen, então, soltou um leve som e dobrou os joelhos. Estava tão perto de Simi que o cabelo dela raspou na sua panturrilha quando ela caiu.

— Loiyen! — gritou Nalami, e se ajoelhou para segurar a cabeça da amiga no seu colo. Tocou a sua face e disse: — Ela está fervendo. É uma febre alta.

Simi desejou que tivessem água, mesmo que fosse um pouco, para passar no rosto de Loiyen, para refrescá-la e espremê-la nos seus lábios quentes e secos. Mas a seca tinha feito as nascentes por perto diminuírem, secarem e desaparecerem.

Simi carregou Loiyen nas costas da mesma maneira que Isina carregava a bebê. Nalami também estava sobrecarregada, com as latas de *kimbo*, a banha e todas as outras coisas que Adia dera. As mulheres andavam devagar e Simi precisava parar com frequência, escorregando Loiyen com delicadeza até o chão, para depois endireitar o corpo, recuperar o fôlego e alongar as costas doloridas. A *manyatta* de Nalami não estava longe, mas a caminhada era lenta

e a tarde estava quente e parada. Simi também sucumbia ao peso da preocupação. Nunca tinha visto uma pessoa desmaiar e não voltar a si logo. Loiyen continuava inerte, seu coração batia e a respiração era uniforme, mas os olhos estavam abertos e sem foco, o queixo caído e frouxo.

Quando as mulheres chegaram à *manyatta* de Nalami, já era final da tarde. O céu estava púrpura, e o sol, vermelho opaco. Parecia um céu infeliz, um céu preocupado e contundido. A essa altura, a bebê de Loiyen, tendo dormido durante a maior parte do percurso, estava acordada e faminta, chorando por leite. O marido de Nalami tinha três esposas, uma bem grávida, e outra com filhos além da fase do desmame. A mulher grávida poderia ter leite. Caso contrário, a bebê teria que comer *ugi*, e talvez tomar um pouco de leite de vaca, se houvesse algum disponível. Esse seria um problema a ser resolvido por Nalami. Enquanto isso, Simi carregou Loiyen até a cabana de Nalami e a deitou na cama. Então, o *laiboni* ajudaria.

Simi não dormiu bem. Estava escuro demais para ela e Isina caminharem para casa, então as duas dormiram na cama de couro cru na casa da sogra de Nalami. Simi não estava acostumada a dormir tão perto de outro adulto, e todas as vezes em que Isina se mexia, o movimento a acordava. Ainda era noite quando ela desistiu. Fora da cabana, o céu começava a passar da escuridão para o amanhecer, e uma luz laranja pálida, quase imperceptível, era a única indicação de onde a terra e o céu se juntavam.

Simi e Isina partiram para casa antes de o sol ter nascido completamente. Simi levava a bebê de Loiyen, que, ainda faminta com a súbita e indesejável transição do leite materno para mingau, adormeceu na hora com o rosto apoiado no ombro de Simi. Ela pensou nas outras filhas de Loiyen, que esperavam a volta da mãe. Ficariam tristes e assustadas. Mas Isina levava todas as coisas dadas por Adia, e talvez Simi pudesse animar as crianças com chá doce. Havia muito tempo que nenhuma delas tinha o chá adoçado.

Dois dias depois, Simi se deitou com a bebê de Loiyen à sombra de uma acácia. A criança tinha começado a se acostumar a comer *ugi*. Era uma coisinha feliz. Nos últimos dois dias, Simi andara cuidando de todas as filhas de Loiyen. Aquelas quatro menininhas

precisavam de atenção, e Simi interveio para resolver isso. A bebê dormia ao seu lado à noite, e as três pequenas dormiam por perto, como um bando de cachorrinhos aninhados junto ao calor do fogo latente. Simi adorava escutar o ressonar delas, sempre que acordava.

Agora, a bebê estava sentada ao seu lado, passando as mãos rechonchudas pela terra. Simi começou a cantar uma música que tinha inventado quando Adia era bebê. Tentava buscar as palavras na memória, quando escutou um grito. Sentou-se e encobriu os olhos com a palma da mão. Havia poeira, muita poeira no horizonte. Movimento. Uma criança disparou de detrás de uma árvore próxima e passou desabalada por Simi, indo até um grande afloramento rochoso que tinha uma visão do vale. De lá, ela poderia conseguir ver o que vinha dentro de toda aquela poeira. Outras mulheres, outras crianças, surgiram ao lado dela. Olharam para a nuvem amarronzada. Então, o menino sobre a rocha gritou. Pulava sem parar, sacudindo os punhos no ar. Era uma dança de vitória. Tinha visto a causa da poeira: os homens e meninos, o gado. Estavam voltando.

Naquela noite, uma vaca foi abatida. Os *moran* dançaram e, depois de tanto tempo em silêncio, a *manyatta* se encheu de barulho e movimento, pessoas, animais e atividade. Simi assistiu à dança com a bebê de Loiyen no colo, as duas meninas que mal andavam encostadas nas suas coxas. Não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira tão feliz, tão plena.

Vários dias depois, Simi e algumas outras mulheres estavam de volta ao rio. As crianças se aglomeravam ao redor delas, algumas ajudando a socar sabão nas roupas sujas, outras respingando água em si mesmas e rindo. Simi ficou feliz ao ver que a filha de 7 anos de Loiyen brincava com uma amiga, e as meninas que aprendiam a andar chapinhavam na água. Às vezes, elas perguntavam sobre a mãe.

— Não se preocupem — dizia Simi—, vou cuidar de vocês como se fossem minhas filhas até ela voltar. Não se preocupem.

Depois, o grito de novo, o bater dos pés de um menino, e o filho do comerciante apareceu, respirando com dificuldade e se curvando com as mãos nos joelhos.

— O *laiboni* mandou notícia — disse o menino. — É Loiyen. Ela morreu.

Simi levantou os olhos para ver se as filhas de Loiyen tinham escutado e ficou aliviada ao ver que as crianças estavam longe. Tinham ido brincar mais longe no rio. *Etwaltwa*, morte — era mau agouro alguém tão jovem quanto Loiyen morrer.

— Eles levaram ela para fora da *inkajjik* — disse o menino. — O *laiboni* viu que a morte estava chegando. Eles não queriam trazer coisas ruins para a *manyatta*.

Simi concordou. Esse tipo de coisa era comum. Ter uma morte em casa significava ter que mudar toda a *manyatta* para um lugar diferente. Em geral, isso era evitado movendo o moribundo para mais longe.

— Cadê o corpo? — perguntou Simi ao menino.

— Está lá — respondeu ele.

Simi não acompanhou o marido ou as outras esposas até a *manyatta* de Nalami. Ficou para trás com as filhas de Loiyen. Não quis ver o corpo ser esfregado com gordura e levado até a floresta. Não queria se lembrar de Loiyen desse jeito. Bem no início da noite, os animais noturnos famintos saíam das suas tocas. Se Loiyen tivesse sorte e gordura suficiente para preparar o seu corpo, as hienas seriam as primeiras. Iriam se banquetear. Assim como a árvore *oreteti*, as hienas eram mensageiras entre N'gai e o povo, e devolveriam o corpo de Loiyen à natureza. Da sua parte, Simi manteria Loiyen viva da melhor maneira que sabia: cuidando das filhas dela. Afinal de contas, uma mulher com filhos viveria para sempre.

JACARANDÁ

ADIA ESTREMECEU DE EXPECTATIVA E UMA VONTADE DESESPERADA DE mijar. O movimento do seu corpo fez os galhos balançarem, e as folhas penugentas do jacarandá farfalharem. Algumas flores cor de lavanda adejaram por ela ao caírem no chão. Adia pegou uma e esfregou-a entre os dedos até a pétala se transformar em um sumo roxo; depois, esfregou-o nos lábios. Às vezes, a mancha durava um tempo, como batom, a não ser que ela se esquecesse e se deixasse morder o lábio inferior, hábito que tentava largar. Adia se inclinou para a frente e esticou o corpo o máximo que conseguiu sem cair da árvore. Daquele ponto, podia ver a estrada. Naquele momento, estava vazia. Grace ainda não havia chegado.

Nunca recebera a visita de uma amiga e mal conseguia esperar. Tinha imaginado qual seria a sensação de ter mais alguém ali, além da mãe e de Gakaki, mas, em vez de passar os finais de semana com amigos, subia no jacarandá e ficava bem acima das folhas e das flores cor de lavanda pelo tempo que aguentasse. Alguns dias, depois de ficar horas na árvore, Gakaki ia até o jardim e gritava o seu nome.

— Srta. Adia — dizia. — Está aí? — Mas nunca a via em cima da árvore e nem procurava muito. Chamava uma vez e depois voltava para dentro. Se Adia subisse o bastante, podia espiar pela janela do escritório da mãe. Tinha que inclinar todo o corpo sobre um galho grande e recostar o queixo nos braços. Era confortável ficar assim, e podia observar a mãe digitando os seus trabalhos — ou seria um livro, agora? Com frequência, a mãe parava de digitar para pensar e enrolar uma mecha de cabelo nos dedos. Adia procurava olhar bem fixo para ela, deixando os olhos perfurarem a sua cabeça. Tentava não piscar e se concentrava tanto que tremia, mas nunca dava

certo. A mãe nunca sentia a presença dela, nunca se virava, pressentindo os olhos nela, descobrindo o rosto da filha.

Nesses dias, no entanto, em vez de tentar encarar a mãe para ser notada, Adia imaginou o pai. Tinha o rosto dele sempre no fundo da mente. Memorizou a foto no folheto e, repassou-a repetidas vezes, procurando se ver nele. Manteve o prospecto escondido na maior pilha de roupas na gaveta mais funda da cômoda.

Sua mãe ainda não lhe contara a verdade. Logo depois da partida da avó, Adia trouxe o pai para a conversa. Perguntou à mãe se ele tinha hobbies. Ele pintava? Andava a cavalo? Tirava fotos? Na época, achava que era ousado da sua parte fazer essas perguntas. Ousado demais, talvez. Com certeza, a mãe perceberia a intenção por trás disso. Mas ela respondeu com uma abrupta fidelidade à história que sempre tinha contado.

— Você não tem pai, Adia. Ele morreu. Não o conheci muito bem para saber se tinha hobbies.

Quando Adia era pequena, sua mãe lhe contou que o seu pai era queniano, fazendeiro — ou um “caubói queniano”, como eram conhecidos os descendentes dos colonizadores britânicos. Isso deixou a menina orgulhosa. Ela imaginava o pai com frequência. Fez dele um homem corajoso, vivendo na paisagem que Adia amava mais do que tudo, a região arbustiva perto de Loita. Imaginou um homem que a levaria em um safári, onde dormiriam em barracas e juntos contemplariam o céu ficando laranja e o sol imenso mergulhando atrás do horizonte. Acenderiam uma fogueira e não se deixariam assustar pelos olhos brilhantes dos animais curiosos. Ela queria ser tão corajosa e selvagem quanto esse pai imaginário e queria imaginá-lo como o oposto da mãe. Ele não seria taciturno, calado, nem estaria sempre trabalhando. Gritaria o nome dela e subiria na árvore com ela. Sorriria toda vez que a visse. Olharia para ela quando entrasse na sala. Ficaria interessado no que ela tivesse para contar.

Agora, Adia tinha um rosto de verdade sobre o qual pensar. Seu pai era guia de safári, um homem da terra, exatamente como ela esperava.

Tinha sido apenas por causa da vó Joan que Adia sabia a verdade sobre o pai. Mas Joan também nunca tocou no assunto.

Nem quando ela e Adia foram no safári em Tsavo, tão longe da *manyatta* em Loita quanto possível. Como explicação, Joan apenas dissera que os outros safáris já estavam lotados; aquele era o único que tinha duas vagas nas datas que elas precisavam.

— Da próxima vez — garantiu Joan —, da próxima vez, nós vamos para a sua terra. — Ela e Adia se falavam toda semana por telefone, desde que Joan tinha ido embora, mas o pai também nunca surgiu nessas conversas. O fato de ele estar vivo, em algum lugar, era um segredo que as três carregavam separadamente.

QUANDO GRACE VEIO VISITÁ-LA PELA PRIMEIRA VEZ, ADIA FICOU ESPANTADA ao ver Jane com ela. A própria mãe de Adia esperava que a filha fosse onde precisasse de ônibus ou usando os abarrotados e baratos *matatus*. Adia sentiu uma onda de vergonha ao ver a mãe de Grace sair do carro, bater a porta e depois ficar parada, olhando a casa de cima a baixo, virando-se devagar para ter uma visão do jardim seco, dos trechos de terra, do velho balde quebrado tombado de lado e da mesa e cadeiras de vime. Adia estava no jacarandá e se sentiu perplexa demais para se mexer, quando viu Grace e a mãe se aproximarem da frente da casa e depois sumirem de vista. Ouviu as duas chamarem, e depois espiou a mãe pela janela. Daquele lado do vidro, Adia não pôde ouvir se a mãe disse algo como resposta, mas viu que pareceu irritada e se levantou da cadeira. Adia desceu da árvore, então. Não queria que a mãe de Grace conhecesse a sua.

Quando Adia deu a volta na casa, viu a mãe de Grace inclinada para a frente, a ponta das suas sandálias de couro mal passando do limiar da porta de entrada, e seu pescoço esticado ao redor da soleira.

— Oi! Trouxe Grace para brincar com Adia.

Adia chegou até elas sem fôlego.

— Oi, Grace! Eu estava em cima do jacarandá. Venha, vou mostrar para você.

— Espere. — A mãe de Grace estendeu a mão para tocar no braço da filha. — Primeiro quero conhecer o adulto responsável. Adia, por favor, chame a sua mãe.

— Ela está trabalhando.

— Bom, então eu trago Grace de novo depois de conhecê-la. Grace, vamos...

— Não, mãe! — Grace tentou se desvencilhar da mãe, mas a mão no seu braço estava firme, os dedos deixando a pele branca.

— Não! — pediu Adia. — Não vá. Vou buscar a minha mãe.

Adia deixou Grace e a mãe dela à porta, e desapareceu na escuridão da casa. Pensou em mentir, dizer que a mãe tinha saído, que Gakaki era o responsável, que ele estava de babá. Mas ouviu a porta do escritório da mãe se abrindo e o som de passos no corredor. Adia nunca tinha refletido sobre a aparência da mãe, mas agora a olhou criticamente. Seu cabelo era castanho-escuro raiado de prata. Usava-o em duas tranças malfeitas, com um halo de fios soltos levantando-se em uma porção confusa no topo da cabeça. Seu rosto tinha linhas finas agrupadas ao redor dos lábios e no canto dos olhos. Estava descalça, envolta em uma saia de algodão, encimada por uma camiseta branca que tinha uma minúscula gota de café exatamente onde ficava o mamilo esquerdo. Ao passar, olhou de relance para Adia, sorriu de leve e seguiu para a porta da frente. Adia correu para alcançá-la.

— Oi — disse Leona. Sorriu e usou as costas da mão para esfregar uma mancha no rosto. — Sou a mãe de Adia. Leona. Prazer em conhecê-la. — Acenou vagamente. — Grace é bem-vinda aqui. Estarei em casa o tempo todo.

A mãe de Grace permaneceu rígida, com a mão ainda no braço da filha. Ela fez Adia olhar para a própria casa de um jeito diferente. A casa de Grace era impecável, e a de Adia era tudo menos isso. A pessoa passava pela porta da frente e dava em um corredor cheio de sapatos, botas e chinelos. Três caveiras de búfalos africanos estavam pregadas na parede, os chifres usados como cabides descompensados, onde estavam penduradas pilhas de casacos velhos, camisas de flanela e chaveiros. Às vezes, havia torrões de barro vermelho seco do jardim, esmigalhados pelos seus pés, caso pisasse neles, que depois cobriam seus calcanhares com uma poeira fina e vermelha.

Leona não limpava muito a casa. Nem pensava nisso. Gakaki (“Esse nome soa como um gato tossindo uma bola de pelos”, disse Grace com uma risadinha, no dia em que o conheceu) era quem deveria limpar, mas nunca pareceu capaz de fazer grande progresso

nisso. Pequenas teias de aranha decoravam os cantos dos tetos, papéis e livros se empilhavam em todas as superfícies.

Para Adia, era mais confortável ir à casa de Grace. Ainda que a mãe da amiga, com seu rosto tenso e suas perguntas, deixasse-a nervosa, adorava ir à casa dela. Cada vez que passava pela porta da entrada, sentia-se como uma antropóloga entrando em um mundo novo, e isso fazia com que sentisse a atração no trabalho pelo qual sua mãe era tão apaixonada. Ser diferente, entrar em uma cultura desconhecida e exótica, era empolgante.

Todas as vezes em que Adia ia à casa de Grace, descobria novos mistérios: as pilhas de caixas e pacotes de cores vivas de alimentos para o corpo diplomático, importados dos Estados Unidos, DVDs com programas de TV e filmes que mostravam a Adia aspectos da vida americana que ela jamais tinha imaginado: famílias felizes reunidas em cozinhas tão resplandecentes que pareciam nunca ter sido usadas; cachorros enormes e peludos sem sinal de sarna e que dormiam em camas especiais; pilhas de neve que as crianças atiravam umas nas outras, e com as quais faziam bonecos. Ela mal conseguia acreditar no aspecto das pessoas nos vídeos: perfeitamente limpas, perfeitamente vestidas e perfeitamente felizes.

No entanto, o maior mistério, a maior atração para Adia, era o pai de Grace. Na maioria das vezes em que ela estava lá, ele não estava. Viajava muito, segundo Grace, e trabalhava à noite quase todo dia. Mas quando ele estava, Adia ficava fascinada ao observá-lo. Ele não se parecia com o que ela imaginava do próprio pai. Não tinha ombros largos nem era loiro. Não tinha cicatrizes nas mãos por abrir caminho no mato nem pescoço vermelho de queimado. O pai de Grace era franzino. Parecia-se muito com a filha, com cabelo escuro, nariz estreito e reto e maçãs do rosto oblíquas. Usava camisas de botão brancas engomadas, com abotoaduras reluzentes. À noite, nas poucas vezes em que Adia estava lá quando ele chegou em casa, reparou que a primeira coisa que o homem fazia ao entrar era pousar sua pasta, tirar as abotoaduras e jogá-las em um pratinho de cerâmica em uma mesa no hall de entrada.

Abraçava muitas vezes Grace e a mãe dela. No início, Adia achou aquilo desconfortável. Não estava acostumada a ver famílias

interagirem daquele jeito. Mas depois notou que as famílias da TV nos Estados Unidos também agiam dessa forma: sorridentes, conversando, abraçando e beijando. Adicionou isso à lista de como seria seu próprio pai. Ele a abraçaria, beijaria seu rosto quando chegasse e quando saísse, olharia para ela como se fosse a coisa mais maravilhosa do mundo. Era assim que o pai de Grace agia com a filha.

Quando todos se sentavam para jantar, ele fazia perguntas a Grace sobre a escola, sobre coisas que ela estava estudando e do que mais gostava. Na primeira vez em que Adia jantou com a família, o pai de Grace serviu água da jarra em todos os copos e disse:

— Grace, querida, como foi a prova de matemática hoje? — Adia não conseguia se lembrar de quando sua mãe havia se mantido suficientemente inteirada das suas lições de escola, para perguntar coisas desse tipo, ou sequer se alguma vez já o havia feito. Olhou para a amiga. Grace revirou os olhos.

— Vamos, Grace. — O pai parecia desconfortável, ainda parado atrás da filha com a jarra suada em uma das mãos. Inclinou-se para colocar a outra no ombro da filha. — Eu sei que você estava tendo dificuldade com a multiplicação de frações. O que eu expliquei ajudou?

Grace deu um safanão com o ombro e a mão do pai foi sacudida como um inseto.

— Caramba, pai! Dá para não falar em matemática agora? — Por debaixo da mesa, ela deu um chute no tornozelo de Adia e fez uma careta. A amiga compreendeu que deveria se solidarizar com a amiga, contra os pais irritantes e intrometidos, mito que tinha escutado, mas nunca vivido em pessoa. Adia olhou de relance para o pai de Grace e viu que ele estava sentido. Mas o homem encontrou seu olhar e sorriu.

— Nos últimos tempos, nosso apelido para ela tem sido Grace Rabugenta.

Adia caiu na risada, e riu um pouco mais quando deparou com a expressão sombria da amiga olhando para ela. Adia sabia que tinha passado do ponto; deveria ter ficado ao lado dela, não do pai, mas era bom para Grace aprender, pensou Adia. Ela tinha um pai. Tinha

um pai bondoso e interessado, que lhe fazia perguntas e sorria para ela. Deveria tratá-lo melhor.

Grace gostava que Adia passasse a noite na sua casa, mas não gostava de dormir na casa dela. Adia não a culpava e, na verdade, desejava poder passar mais tempo na casa da amiga. Gostaria de poder ficar lá para sempre. Até a mãe de Grace acabou ficando menos assustadora. Às vezes, levava as duas em viagens de carro, em finais de semana prolongados, e deixava que cantassem em altos brados, enquanto sacolejavam pela estrada até Rift, as janelas de trás escancaradas, e o vento fustigando-as, forçando-as a fecharem os olhos e puxando as palavras dos seus pulmões.

À noite, quando Adia ficava para dormir, a mãe de Grace fazia com que desligassem a TV às onze horas da noite e fossem para a cama. Às vezes, Grace resmungava e xingava baixinho, mas sempre fazia o que mandavam. Encontrava os pais na sala de visitas, onde estariam aconchegados em cantos opostos do sofá, cada um lendo um livro. Grace se inclinava e deixava ambos lhe darem um beijo e um abraço. Adia ficava parada ao lado da mesinha de centro, sem saber onde colocar as mãos. O que a deixava constrangida não era o afeto que a amiga recebia, mas, sim, a dor desesperada que sentia. Seu pai também faria isso, depois que ela o encontrasse. Agora, isso estava na lista, na sua imaginação. Ele lhe daria um abraço e um beijo antes de dormir todas as noites. Ela dormiria bem, sabendo que ele estava em casa, protegendo-a.

Certa noite, Grace contava sobre um menino de quem gostava na escola. Era tarde, e ela ria de alguma coisa que o menino havia dito; assim, Adia ouviu aquilo antes dela, o crescer e diminuir das vozes dos pais de Grace no outro quarto.

— Shhh — cochichou Adia do seu refúgio no chão. — Que barulho é esse?

No escuro, a voz de Grace foi se calando e ela ficou em silêncio. O código Morse da voz da mãe emitia uma fala constante, enquanto o pai interrompia com fortes batidas intermitentes, as palavras parecendo coisas atiradas na parede, abafadas e cruéis.

— Acho que são os meus pais falando — resmungou Grace. — Eles só estão conversando.

— Para mim, parece que estão brigando — respondeu Adia. Não conseguiu deixar de se sentir apavorada (que a sua ideia de uma família perfeita incluísse pais que brigassem) e, ao mesmo tempo, alegre (porque o brilho da vida de Grace em casa tinha um amassado, afinal). Mas escondeu a possibilidade de alívio de que a vida de Grace não fosse incrível e se sentou. Procurou a mão da amiga e apertou-a.

— Grace — disse, empolgada com a ideia que acabara de lhe ocorrer —, se os seus pais se divorciarem, talvez seu pai se case com a minha mãe. Aí, a gente viraria irmã!

Grace ficou calada. Adia podia ouvi-la respirando, e ela também podia ouvir que as vozes zangadas do quarto distante tinham se acalmado. Possivelmente, a briga havia terminado. Adia soltou a mão de Grace e se deitou de volta no chão. Agarrou o travesseiro, e se ajeitou mais para dentro do saco de dormir. Estava se embalando no sono, listando na cabeça, como fazia todas as noites, as qualidades que sabia que o pai teria, mas ouviu o que Grace disse. Ouviu a vozinha chocada vinda das cobertas na cama acima dela, e deixou a mensagem se instalar à sua volta como poeira. Não respondeu. Esperou que Grace deduzisse que estivesse dormindo, que não tivesse escutado.

— Eu prefiro não ter mãe nenhuma a ter a sua.

No escuro, Adia foi tomada pela vergonha de saber que entendia perfeitamente o que Grace queria dizer.

Sabia que ela estava brava, e isso a assustou. Adia adorava ter Grace como amiga, e não queria perdê-la. Vasculhou a mente à procura de algo que pudesse falar para melhorar as coisas, para fazer Grace voltar a gostar dela. E então, a coisa escapou, o segredo que não tinha certeza de estar pronta para contar:

— De qualquer maneira, meu pai não está morto. Ele poderia se casar com a minha mãe. Sei onde ele está.

Funcionou.

— Puta merda! — Grace se virou para encarar Adia, inclinando-se na beirada da cama. — Como foi que você descobriu? — Seu rosto estava tão próximo ao de Adia que ela pôde sentir o hálito quente no seu rosto.

Adia se afastou de Grace e se sentou. O saco de dormir escorregou pelas suas costas e se amontoou no chão. O ar estava gelado, e Adia puxou o saco novamente sobre os ombros. Hesitou em explicar. Sabia que a história fazia sua mãe parecer desonesta, e não queria dar munição para Grace que aumentasse o desagrado dela em relação a Leona. Mas não conseguiu pensar em uma mentira que funcionasse.

— Só ouvi a minha mãe e a minha vó conversando sobre ele.

— E elas disseram onde ele mora? — Grace estava ofegante. — Por que a sua mãe não contou antes?

— Minha mãe viu o retrato dele em um folheto. Ele dirige uma empresa de safári. Ela também não sabia, pensava que ele tinha morrido.

— Será que eles se casariam se voltassem a se encontrar? — perguntou Grace. E essa ideia fez Adia estremecer com o anseio.

Grace se virou de costas e ficou calada por um tempinho. Adia ficou na dúvida se ela já estaria dormindo. Mas, então, a voz surgiu mais uma vez, mais calma agora, firme, menos esbaforida.

— Você tem que achar ele, Adia! Eu ajudo você!

Adia não dormiu bem, e quando viu que o céu estava clareando, levantou-se devagar. Não queria acordar Grace. Vestiu-se e enfiou o pijama na mochila. Foi até a escrivaninha de Grace e escreveu um recado: *Me esqueci! Minha mãe quer que eu vá tomar o café da manhã em casa! Me liga mais tarde!* Não sabia se Gracie acreditaria na mentira. Achava que ambas sabiam que a mãe dela dormiria até o meio-dia; que, de qualquer maneira, ela nunca tomava café da manhã, muito menos se preocupava se Adia tomava o seu.

Adia passou de mansinho pela porta fechada do quarto dos pais de Grace e desceu a escada. Esperava que Selestenus ainda não estivesse na cozinha; não queria arriscar que Grace ou os pais dela ouvissem os dois conversando. Mas teve sorte, todo o andar térreo estava em silêncio e vazio. Nada, ainda, de café sendo coado, nenhum cheiro de ovos e torradas.

Adia colocou a mochila no ombro e puxou a tranca da porta de entrada. Haveria um guarda-noturno de plantão; ela teria que passar por ele, mas, se o cumprimentasse baixinho, ninguém dentro da casa ouviria. Abriu a porta e estava prestes a sair para o ar gelado

da manhã, quando se deparou com o brilho de algo na mesa ao lado da porta. Exatamente onde ele sempre as deixava, as abotoaduras de prata do pai de Grace estavam no prato de cerâmica. Adia olhou para elas por um instante, pegou-as só para sentir a suavidade do metal, correu os dedos sobre o desenho gravado na superfície, tocou o ponto onde elas poderiam roçar o pulso do pai de Grace.

Ouviu um barulho e se virou. Da cozinha, a cafeteira gorgolejava de volta à vida. A porta dos fundos se abriu e voltou a se fechar. Os passos de Selestenus ecoaram macios pelo corredor. Não querendo ser vista, então, Adia saiu e fechou a porta em silêncio.

O guarda-noturno estava no portão. Alguém, talvez Selestenus, havia lhe trazido uma xícara fumegante de chai, e ele sorvia fazendo barulho, enquanto abria o portão para Adia. Respondeu ao seu cumprimento com a cabeça, e sorriu como se não houvesse nada de incomum, nada mesmo, em uma menina branca andando sozinha pela rua ao amanhecer.

Adia olhou para trás, para ver se as luzes já estavam acesas na casa de Grace, se havia alguém que já pudesse saber que ela tinha ido embora e ficar preocupado. Mas as janelas estavam escuras. Até o guarda-noturno tinha desaparecido de volta às sombras. Adia se virou para a rua. Enfiou a mão no bolso e sentiu o metal frio das abotoaduras, liso e firme. A sensação era boa debaixo dos dedos. Se algum dia encontrasse o pai, talvez as desse de presente para ele. Tinha certeza de que ele ia gostar delas.

Quando Adia viu Grace de novo, na segunda-feira de manhã cedo, na escola, já tinha quase esquecido o segredo compartilhado, mas Grace não. Adia estava sentada a uma mesa na cantina aberta quando viu o carro da mãe da amiga parar no acesso circular, em frente ao prédio da administração. O carro mal tinha freado quando a porta de trás se abriu com força, e Grace pulou para fora. Gritou uma despedida para a mãe e bateu a porta. Ao ver Adia, saiu em disparada.

— Adia, tive uma ideia ótima! — Grace jogou a mochila na mesa ao lado de onde Adia estava sentada, e respirou fundo. — Tenho certeza de que vai dar certo. — Parou para recuperar o fôlego e

notou a expressão vazia de Adia. — Seu pai! — falou. — Para quando a gente for procurar o seu pai.

Adia adorava ter uma amiga. Uma melhor amiga. Acima de tudo, sentia que faria qualquer coisa para manter Grace feliz e a amizade, intacta. Não queria jamais voltar a comer sozinha, ver as outras crianças revirarem os olhos à sua passagem. Não reparava mais nessas coisas desde a chegada de Grace. Pela primeira vez desde que a tinha conhecido, entretanto, Adia se arrependeu de ter se aberto. Não sabia se queria encontrar o pai agora. Ainda não. E tinha certeza de que queria fazer isso sozinha ou com a mãe, quando chegasse a hora. Mas ali estava Grace, ansiosa e animada, tendo planejado tudo.

— Então — disse Grace —, convenço a minha mãe a me deixar passar a noite na sua casa... Acho que ela já está se acostumando o suficiente para dizer sim. E aí a gente sai de mansinho e pega um ônibus até a casa do seu pai. Você pode descobrir se existe um ônibus, não pode? Você conhece essa tralha toda.

O rosto de Grace estava brilhante e esperançoso. Para Adia era impossível decepcionar a amiga.

— Bom, eu conheço o ônibus até Narok. — Adia hesitou, pensando. Seria divertido apresentar Grace a Simi. — Depois, em geral, pego um *matatu* de lá até Loita. Não sei onde o meu pai mora, mas ele faz os safáris meio que perto de Loita. De qualquer maneira, o pessoal de lá deve ter ouvido falar nele. — Adia sabia que isso lhe daria tempo. Talvez, quando chegassem em Loita, Grace não quisesse ir mais longe. Talvez ninguém na *manyatta* soubesse como ou onde encontrar seu pai. Sempre havia essa possibilidade. — Mas a gente precisaria de mais de uma noite — disse Adia a Grace. — Peça para a sua mãe deixar você ficar comigo o fim de semana todo. De sexta depois da escola até segunda.

Adia poderia ter contado o plano para a mãe, não o plano inteiro, mas a parte de levar Grace para conhecer Simi. Talvez ela até desse uma carona para elas até a *manyatta*. Mas o segredo que Grace incutiu ao plano a dissuadiu disso. De qualquer maneira, por que a sua mãe se importaria? Talvez ela nem notasse; Adia fora sozinha até a *manyatta* inúmeras vezes.

Estava escuro quando ela acordou Grace com uma sacudida, na manhã escolhida, algumas semanas depois. Precisavam pegar o ônibus cedo para conseguir chegar antes de escurecer. Tinha deixado Grace ficar com a sua cama e se acomodara no chão do quarto, em um saco de dormir. Sabia que Grace não ficaria confortável no chão, embora também soubesse muito bem que as aranhas e os besouros da casa poderiam subir na cama com a mesma facilidade. Porém, o que os olhos de Grace não viam, seu coração não sentia. Adia imaginou o que a amiga acharia da vida na *manyatta*. Sentiu enjoo ao pensar que ela poderia detestar aquilo, achar que era sujo e diferente demais. Se Grace ficasse desconfortável ali, Simi ficaria magoada, e a única pessoa que Adia queria magoar menos do que Grace era Simi.

As duas tinham dormido de roupa, então, quando Grace enfim acordou e se arrastou para fora da cama, elas não tinham muito a fazer antes de descer a escada na ponta dos pés e sair pela porta. Estava escuro e frio, e as meninas, em silêncio, caminharam pela rua da casa de Adia até o ponto de *matatu* mais próximo, onde poderiam arrumar uma condução até a rodoviária. Como por milagre, ou talvez apenas por ser muito cedo, o *matatu* que encontraram não estava lotado. Cada uma delas conseguiu um lugar para se sentar e, pouco depois, o cobrador entrou na van, batendo do lado para alertar o motorista, e eles partiram.

Grace não pareceu se importar com o *matatu* ou com a multidão no terminal de ônibus, onde Adia comprou as passagens para o ônibus de Narok, e depois encontrou um quiosque vendendo chai e *mandazis*.

— Temos uma hora — disse Adia, conduzindo Grace para um muro baixo, onde puderam se sentar. Passou para Grace um copo de chá adoçado e um *mandazi* embrulhado em jornal. — É como uma rosquinha — disse. — Você vai gostar.

As meninas não conversaram. Ainda era cedo. Balançaram as pernas de encontro ao muro, e beberam o chá. Adia se perguntou se a sua mãe já estaria acordada, se notaria que as meninas tinham saído.

O ÔNIBUS SAIU NO HORÁRIO, O QUE ADIA GARANTIU À AMIGA SER MUITO raro e uma grande sorte, mas estava cheio. Adia empurrou a amiga em meio a uma multidão e

depois se enfiou para dentro, levando Grace a um assento na janela e depois se sentando às pressas. Os corredores também ficariam cheios, com pessoas e possivelmente animais domésticos e galináceos, explicou a Grace; assim, sentando-se na janela, ela estaria protegida da possibilidade de ter uma galinha no colo ou um bebê de nariz escorrendo.

— Entendo por que você me disse para não trazer nada que não coubesse na mochila — disse Grace, à medida que mais e mais pessoas enchiam o ônibus. Não havia espaço para se mexer. Adia estava pressionada contra Grace, que estava pressionada contra a janela. Ambas agarravam as mochilas junto ao peito.

— É por isso que eu levei tanta coisa para Simi quando a sua mãe veio de carro com a gente até aqui. Quando vou de ônibus, não dá para trazer nada, na verdade.

Quando o sol estava a pino, o ônibus lotado tinha serpenteado pela escarpa do Rift Valley e seguia pelo asfalto esburacado em direção a Narok. Grace tinha adormecido, sua cabeça batendo contra a janela todas as vezes em que o ônibus atingia uma cratera. Adia vacilava entre a expectativa de rever os amigos e Simi, e apresentar Grace para todas as pessoas que mais amava, e o terror de que aquilo não desse certo. Não deixou que a sua mente vagasse para o motivo da viagem. Encontrar o seu pai, conhecê-lo em pessoa, parecia uma ideia tão absurda que não conseguia nem ao menos se permitir imaginar como a coisa transcorreria.

GRACE SE LEMBRAVA DA MÃE MASSAI DE ADIA, DA VEZ EM QUE SE ENCONTRARAM em Narok. Ela estava esperando na encruzilhada da estrada, a cerca de um quilômetro e meio, quando o *matatu* de Narok as deixou. Grace não conseguiu entender como ela sabia a hora em que as meninas chegariam, mas Adia disse que, provavelmente, ela estava esperando havia um tempo. Quando Simi viu Adia, seu rosto se encheu de uma expressão que Grace não podia imaginar ver em Leona; era um rosto tomado de total devoção. Grace notou semelhança no próprio rosto de Adia. Era óbvio que Simi e Adia se adoravam.

Grace abaixou a cabeça ao ser apresentada, exatamente como Adia havia lhe ensinado, e Simi tocou no topo da cabeça dela, dizendo, depois, em inglês:

— Você é bem-vinda aqui, como outra filha. — Grace percebeu por que Adia amava tanto Simi; ela emanava algo que fez Grace se sentir segura na mesma hora, mesmo naquele mundo completamente estranho.

GRACE ACORDOU NO NEGRUME DE UMA NOITE DENSA, ANTES DO AMANHEcer. Na noite anterior, a família, o marido de Simi e algumas outras pessoas — Grace não conseguiu estabelecer a relação — cozinham uma cabra para celebrar a visita de Adia. Sua amiga ajudou. Segurou os quatro pés da cabra, para que quando estivesse deitada de costas e prostrada, não pudesse dar coice e escapar. Um homem tinha cortado a garganta do animal com delicadeza, e depois o segurado de cabeça para baixo, de modo que o sangue enchesse uma grande panela. Mais tarde, o mesmo homem tirou a pele da cabra de uma vez só, e a cortou em pedaços retangulares. Depois, abriu uma fenda no meio dos retângulos, e enfiou um no braço de Grace, como um bracelete. Ela ainda podia sentir o cheiro de fumaça de lenha no seu cabelo, e, quando mexia o braço, podia sentir a pele de cabra agarrando-se ao seu pulso. Ao estender a mão para tocá-la, percebeu que ainda estava ligeiramente úmida e maleável. Depois de seca, ficaria mais apertada e rígida, e abraçaria o seu pulso. Simi lhe contou que trazia má sorte cortá-la fora. Os braceletes de pele de cabra tinham que ser usados até se romperem sozinhos.

Grace se espreguiçou e puxou a *shuka* de tecido fino sobre si. Ela e Adia dormiram na plataforma de couro cru, na pequena cabana onde Adia nascera. Grace não tinha dormido bem. Adia adormecera na mesma hora, e sua respiração pesada e os sons dos animais domésticos logo em frente à cabana mantiveram Grace acordada. Ela poderia jurar que, em algum momento no auge da noite, tinha escutado leões.

As pessoas na pequena aldeia começavam o dia cedo. Antes de o sol se agarrar ao céu e se arrastar para cima para iluminar as Loita Hills e as primeiras gramíneas da primavera, Grace ouviu movimentos em frente à cabana. Havia vozes e sons de alguém conduzindo o gado para fora do cercado para pastar, um bebê chorava, e as panelas de metal tinham ao serem enchidas com água para o chá. Mas, então, Grace também ouviu a voz da amiga lá fora. Ali, Adia era uma pessoa diferente. Grace não podia acreditar na

maneira harmoniosa com que ela se integrava à língua e à vida massai.

— Oi, Grace! Bom dia! — Ela se virou ao som da voz de Adia. — Vamos lá, Simi está fazendo chá.

Grace se sentou e esfregou os olhos. Tirou um elástico do pulso e fez um rabo de cavalo. Depois, saiu com Adia para o sol da manhã.

A casa de Simi era esfumaçada e quente. Grace podia vê-la através da iluminação turva. Estava assoprando as brasas do fogo da noite anterior e jogando punhados de folhas de chá na grande *sufuria* amassada. Quando o fogo reacendeu, acrescentou leite fresco e açúcar às folhas ferventes de chá. Ao lado do fogo havia uma panelinha cheia de mingau branco. Enquanto o chá fervia, Simi colocou colheradas da papa em vasilhas esmaltadas e entregou uma para cada menina. Grace viu Adia devorar aquilo. Usava os dedos para retirar a coisa e enrolá-la em porções do tamanho de bolas de golfe que, então, jogava na boca. Fazia com que comer com as mãos parecesse elegante e fácil. Grace tentou imitá-la, mas o mingau era grudento e ela acabou com as mãos todas lambuzadas.

— Você perguntou sobre o seu pai? — indagou Grace. Depois, sorveu o chá que Simi lhe entregou, tentando encobrir o gosto desagradável do mingau.

Simi deixou de olhar para o chá que servia na xícara de Adia. Seus olhos estavam arregalados.

— Adia — disse, hesitando nas palavras. — Seu pai não está vivo.

Adia falou em maa. Grace queria lhe dizer para falar em inglês, para que ela pudesse entender. Mas, em vez disso, interrompeu, dizendo:

— Ele não está morto. Dirige uma empresa de safáris. Adia acha que ele pode ter contratado guias daqui. Você sabe de algo?

Adia ficou chocada. Ela e Simi se encararam e então, devagar, cada uma delas se virou para olhar para Grace. De repente, Grace se sentiu desconfortável. Teria quebrado alguma regra cultural que não conhecia?

Simi agarrou o braço de Adia, que parecia querer chorar. As duas conversaram rápido em maa. Grace se recostou. Deu outro gole no

chá, tentando fingir que não estava ali. Era óbvio que a pergunta dela era indesejável.

Adia olhou para Grace. Por um lado, estava zangada com a amiga. Não era da conta de Grace se envolver nisso. Aceitara levá-la até ali porque imaginou poder dizer que ninguém conhecia seu pai, e então as duas poderiam voltar para Nairóbi. Mas uma pequena parte sua, bem lá no fundo, estava empolgada. Grace a pressionara para isso, e agora, talvez, fosse a coisa certa a ser feita.

— Grace, tive que explicar a Simi que ele não está morto.

A menina ficou aliviada. Não tinha quebrado regra nenhuma, apenas trouxera uma boa notícia. Pensava que Adia já tinha contado a Simi. Adia não poderia culpá-la por não saber, sobretudo quando ela e Simi conversavam, durante a maior parte do tempo, em maa.

— Seja como for — falou Adia —, ela de fato conhece alguns *moran* que trabalharam para um *muzungu* uns dois anos atrás. Não sabe se é ele ou não, mas vai procurá-los e me apresentar.

LEONA DETESTAVA O TELEFONE. SEMPRE SIGNIFICAVA MÁS NOTÍCIAS. ESPECIALMENTE quando tocava cedo assim, de manhã. Abriu os olhos. Jesus! Eram apenas 9h30. E também domingo. Merda! Provavelmente era a sua mãe. Joan nunca parecia se lembrar da diferença de horário. Na maioria das vezes, ligava no meio da noite, o que não tinha problema, já que Leona ficava acordada até tarde, mas, de vez em quando, havia um toque de despertar.

— Alô, mãe? — Ela tossiu, e repetiu para si mesma que tinha que parar de fumar. Mas a voz do outro lado não era da sua mãe.

— Leona? Oi, é Jane, mãe de Grace.

Leona esfregou os olhos e suspirou. Era uma mãe, mas pelo menos não era a sua mãe.

— Só estou ligando para combinar com a Grace, ver a que horas ela quer que eu vá buscá-la.

— Hum, tudo bem. — Leona suspirou. Suspeitou de que seria mais fácil fazer exatamente o que Jane estava pedindo, em vez de tentar adiar a coisa, ou perguntar se Grace poderia ligar mais tarde.

— Vou ver. — Pousou o fone e seguiu pelo corredor até o quarto de Adia. A porta estava fechada e o quarto estava em silêncio. Leona bateu e escutou. Nada. Esperando ver as meninas dormindo

pesado, entreabriu a porta. O sol jorrava pela janela. A cama de Adia estava desfeita, como sempre, e o saco de dormir amontado no chão, mas não havia ninguém dormindo. As meninas tinham saído.

— Merda — murmurou Leona. Não estava tão preocupada com Adia e Grace quanto com o que Jane ia dizer.

GRACE NÃO CONSEGUIA TIRAR OS OLHOS DOS HOMENS QUE CRUZAVAM o terreno em largas passadas — era como se estivessem flutuando — para conversar com Adia sobre o homem para quem trabalharam certa vez. Adia traduzia de vez em quando, mas Grace mal escutava. Observava os longos dedos brincando nas extremidades claras do *rungu* que cada um deles carregava, um bastão de madeira bem polido que portavam enfiado em um cinto de couro ao redor da cintura. Cada um estava envolto em panos de um vermelho vivo: duas peças, uma amarrada ao ombro, como uma capa lateral, e a outra enrolada na cintura. Usavam sandálias feitas com tiras de pneus de carro e traziam tiras de couro adornadas com contas coloridas ao redor dos pulsos e do pescoço. Grace já tinha visto os massai em livros, mas as fotos não tinham cheiro, e os homens cheiravam a barro e ocre com os seus longos cabelos firmemente trançados. Ao chegar, abaixaram a lanças e Grace viu como as pontas eram afiadas, como eram longos os cabos de ébano. Escutou Adia dizer:

— Sim, sim, John. — Então, os homens desdobraram as longas pernas e foram embora flutuando de novo. Grace desejou que ficassem mais tempo. Tê-los tão perto era emocionante, era como viver em um livro exótico, e ela sentiu um vazio no peito ao vê-los partir.

— Ok, acho que é ele. — Adia parecia cansada. — Se for para a gente ir, tem que ser agora. O ônibus para Solai parte de Narok de tarde.

— INFELIZMENTE, NÃO VAI DAR PARA GRACE FALAR AO TELEFONE AGORA. As meninas já saíram.

Leona disse isso com firmeza. Queria transmitir um clima de autoridade, de confiança na sua capacidade de supervisionar a filha e saber que estava tudo bem. Jane não pareceu convencida. Na

verdade, desabou em um pânico com uma rapidez que chocou Leona.

— Ah, tudo bem — respondeu. — Para onde elas foram?

Antes que Leona pudesse pensar em uma boa mentira, disse a verdade:

— Não sei. Adia tem uma lista enorme de lugares que gosta de visitar.

— Você não sabe onde elas estão? Qual foi a última vez em que viu as duas?

Leona se deu conta de que não sabia. Achava que elas estavam em casa na noite anterior. Quando estava no quintal, aninhada na cadeira que tinha levado para lá, a fim de ver as estrelas e fumar, achava que tinha ouvido as duas. Não tinha?

Leona garantiu a Jane que logo retornaria a ligação. Mas ao desligar o telefone, não tinha ideia de como proceder, do que fazer a seguir.

Alguns minutos depois, enquanto se servia de chá na cozinha, viu Gakaki sair do quarto. Suas dependências ficavam ao lado da casa, um anexo de concreto, construído quando era comum os funcionários da casa morarem no local. Leona havia lhe oferecido os cômodos assim que se mudou para lá. Na época, Adia era pequena demais para ficar sozinha, e ela queria que ele estivesse ali quando ela precisasse sair de repente. Bateu com o nó do dedo na janela e acenou para que ele entrasse.

— Adia estava embalando coisas para comer — disse ele, quando Leona perguntou quando tinha visto as meninas pela última vez. — Estava pondo comida na mochila. E garrafas d'água.

Leona ficou aliviada. Sabia o que aquilo significava. Em geral, Adia acordava cedo nos finais de semana para pegar o ônibus até Loita. Quando fazia isso, procurava na cozinha lanchinhos para comer no trajeto.

— Ah, elas foram para Loita — disse em voz alta.

— Srta. Leona, eu ouvi Adia e a amiga conversando sobre o pai. Sobre o pai de Adia.

A cabeça de Leona flutuou, e as mãos dela começaram a tremer. Como Adia sabia? E por que ela não tinha percebido que isso jamais poderia ser mantido em segredo? Leona ligou de volta para

Jane e manteve a voz leve. Não havia motivo para preocupar essa outra mãe que parecia se preocupar com qualquer coisa.

— É, elas só foram conhecer a amiga de Adia. Sim, sim, estão bem. Vou mandar a Grace telefonar assim que elas chegarem.

Depois de desligar, pediu ao funcionário:

— Gakaki, se elas telefonarem ou voltarem, diga para entrarem em contato imediatamente com a mãe de Grace.

Leona não perdeu tempo em mijar ou encher uma garrafa d'água. Simplesmente pulou para dentro do carro e dirigiu na direção de Solai. Se parasse para pensar, nem que fosse por um segundo, perderia a coragem.

BÚFALO

DOMINGO ERA DIA DE COMPRAS, E **J**OHNN PAGARA O COMERCIANTE muçulmano pelos mantimentos, levando-os para a sua caminhonete. O básico: leite, ovos, chá, um pouquinho de açúcar, e alguns luxos, como cerveja e uísque escocês.

Virou-se para abrir as portas do armazém com os ombros, mas deu um ligeiro tropeção quando a porta foi aberta pelo outro lado.

— Perdão, John!

Era o irmão da esposa de Daniel. John já o encontrara várias vezes, mas não conseguia se lembrar do seu nome. No entanto, era uma pessoa bem-sucedida, proprietário de um lindo pedaço de terra, logo na saída da cidade, onde, segundo diziam, planejava construir uma pousada. John pretendia falar com ele sobre polinização cruzada: trazer os seus clientes a Solai em troca de descontos nas taxas do hotel. Mas não poderia começar a conversa agora, porque o homem entrou na loja, dizendo:

— Vi que você tem visitas. Acabei de passar por lá e vi uma *muzungu* ali. Seria uma parente?

Chocado, John se atrapalhou com uma das sacolas, e o jovem ajudante do comerciante correu para junto dele:

— Sr. John, *pole, pole...* — murmurou enquanto pegava algumas sacolas de John.

John levantou os olhos e viu o homem ainda sorrindo para ele.

— É — respondeu, sem saber o que dizer. — É uma prima. Distante. Mora em Uganda.

Colocou as sacolas na carroceria da caminhonete, escorando-as com o estepe e um velho encerado, para que não escorregassem demais na volta para casa. “*Muzungu*”, o homem dissera. Uma mulher branca. Quem poderia ser?

John não pretendia ficar em Solai. Depois da noite em que a sua mãe confessou a verdade sobre o seu irmão mais velho e ainda relevou ter contado à mãe da sua filha que ele estava morto, ia e vinha entre Karen e Solai a cada duas semanas. A necessidade constante de voltar a Solai dificultou a administração do seu negócio a partir de Nairóbi. Assim, acabou ficando ali. Transferiu a empresa para Solai, e dividia o tempo entre ela e os cuidados com a mãe.

A estrada que ia da cidade até a sua casa estava acidentada, cheia de costelas e buracos provocados pelas últimas chuvas. As garrafas de cerveja e uísque chacoalhavam no bagageiro da caminhonete, e a estrada ia piorando conforme ele se aproximava da fazenda. Quanto mais barulho elas faziam, mais nervoso John ficava. Sabia bem quem ele queria que fosse a mulher, mas quais eram as chances? Ela estava nos Estados Unidos havia anos. Deus era testemunha de que ele não havia estado com muitas outras mulheres desde que ela se mudara para lá, e as que ele achava tempo para seduzir eram clientes, todas de volta na segurança do seu lugar de origem, América ou Europa, longe demais para fazê-lo se sentir confinado. Provavelmente, essa visita era apenas alguma Testemunha de Jeová ou qualquer outra boa samaritana. John passou a mão no queixo e sentiu a barba por fazer. Olhou para o seu reflexo no retrovisor. Na última vez em que se barbeara, tinha visto alguns pelos brancos entre os loiros. Uma imagem do seu pai passou pela sua cabeça... cabelo e barba totalmente brancos, uma versão mais nova de Deus.

A tarde estava caindo, e as sombras começavam a se alongar. John estacionou ao lado de um carro parado no seu lugar costumeiro. Era um Renault 4, um carro comum por ali. Mas ele teve que se recompor ao sair do Land Rover; quase tropeçou e caiu. Aquele carro era velho e gasto, enferrujado e amassado. Sua respiração e a pulsação se aceleraram. Inclinou-se e colocou as mãos nos joelhos. Sentiu que poderia desmaiar. Ou vomitar. Lembrava-se daquele carro. Lembrava-se de como ele saiu em disparada, deixando-o parado, sozinho, sufocando na poeira em frente ao Chabani Guest House. Agora, era como se cada célula do seu corpo estivesse tremendo. Pensava em Leona com frequência. Sonhava com a filha e queria muito vê-la. Mas a esperança de que

isso pudesse sequer acontecer morrera dentro dele muito tempo antes.

John quase nunca trancava a casa, e ficou surpreso ao ver o lugar vazio.

— Alô? — chamou, só para ter certeza.

Fazia seis meses que Ruthie morrera, mas o silêncio ainda parecia uma novidade para John. No seu declínio, ela não tinha feito muito barulho, mas ele sentia a presença de outro ser humano na casa. Sentia falta disso.

O motorista do carro, fosse quem fosse, não estava em lugar algum ali dentro, e era preciso descarregar as compras. Ao passar mais uma vez pelo carro amassado, seu coração bateu de expectativa. O que ele estava fazendo ali e onde estaria a pessoa que o dirigia?

John pegou as sacolas, as caixas e o uísque e colocou na bancada da cozinha. Eram pesados, e ele parou e olhou para cima. No alto da colina com o baobá, distinguiu o formato de uma pessoa. Havia alguém ali, uma pessoa sentada no banco que dava para as lápides.

Não levou muito tempo para que ele subisse o morro a passos largos, mas, ao chegar mais perto, sentiu que estava ficando cada vez mais nervoso. Estava perto o bastante para tocar nas suas costas, quando parou. Deveria falar? Sentar-se ao lado dela no banco?

Então, a mulher se virou. John teve um sobressalto. Ela não parecia a mesma. Seu rosto estava liso e modelado com altas maçãs do rosto; os olhos eram claros, mas a definição da boca, o movimento da mão ao peito, quando o viu... John percebeu que ela estava igualmente chocada ao vê-lo. Ela se levantou do banco com hesitação e ficou parada. Era quase tão alta quanto ele, e John quase nunca encontrava uma mulher a quem pudesse olhar nos olhos sem curvar a cabeça.

— John — disse ela, o sotaque americano suavizando e arredondando a vogal.

— O que você está fazendo aqui?

Era uma pergunta idiota, ele se recriminou. Houve dias em que a fantasia de voltar a encontrá-la evoluía ternamente; eles se

avistavam em algum lugar, e ela pedia desculpas, arrependida. Tinha cometido um erro, dizia a mulher naqueles devaneios, e queria consertar a situação. Em outros dias, sua imaginação ficava toldada pela ira, e ele a via em algum lugar e gritava, exigia respostas e a sacudia, caso precisasse. Tinha encenado todas as possibilidades existentes. Exceto essa. Estava completamente vazio de emoções, e isso o deixou sem fala.

— Visitei a sua mãe aqui, anos atrás. Esperava que ela ainda vivesse neste lugar — disse Leona. Sua voz soava a cigarros, lembrando um pouco a voz do pai. Ele sentiu uma pitada de emoção, raiva. E depois ressentimento.

— Você está cerca de seis meses atrasada. — Acenou com ênfase em direção à lápide mais nova, ainda clara e lustrosa, sem o registro de fungo ou de tempo.

— Esperava que ela ainda morasse aqui, aí eu poderia perguntar onde você estava. Mas encontrei um homem ao chegar, Daniel... Ele me contou sobre ela e disse que você logo voltaria, que eu poderia esperar.

— Bom, você me achou. Por que está me procurando?

— Sua filha, Adia, fugiu. Achei que ela pudesse ter vindo atrás de você.

John sentiu a boca frouxa e a pele formigar. Não sabia como parar o turbilhão de pensamentos por tempo suficiente para formular uma pergunta.

— Não — disse, finalmente. — Não a vi.

Leona suspirou.

— Então, ela deve ter ido até Simi. — A voz de Leona era clara, ela não parecia nem um pouco nervosa ou chocada pelas circunstâncias.

Antes de qualquer coisa, John se perguntou como uma mãe conseguia ficar tão controlada assim. Depois, sentiu o borbulhar de raiva chegando à garganta, e o grito veio rápido e alto:

— Eu nem sei como ela é. Não a vejo desde que nasceu.

— Bom, ela se parece com você — disse Leona, ainda fria, ainda firme. — Preciso encontrá-la. Está com uma amiga, e os pais da menina estão ansiosos.

Ela baixou os olhos, remexeu em uma bolsa de couro pendurada no ombro, e tirou de lá um chaveiro.

John ficou perplexo com a onda de calor que subiu ao seu rosto. Ela estava de brincadeira? Os dois se encontraram depois de todos esses anos, e a única coisa que ela conseguia dizer era oi e tchau?

— Porra, mulher! Vai simplesmente se mandar de novo? Passei anos querendo ver você, ver a menina. Nem mesmo sabia que você continuava no país, mas, mesmo assim, todas as vezes em que vejo uma criança que poderia ter a idade dela... Todas as vezes em que vejo uma mulher branca que poderia ser você, ainda mais por aqui... — Ele fez uma pausa. Odiava estar sendo tão emotivo. Reprimiu uma mistura de lágrimas e raiva. — Não vou deixar você ir embora. Quero conhecer a minha filha.

Leona olhou para ele. Seus olhos estavam escuros e contornados por linhas minúsculas. Ele quis tocar no seu rosto. Ou estapeá-la sem parar. Ainda não conseguia decidir.

— Bom, então, pode me ajudar. Preciso dirigir até a *manyatta* e ver se ela está lá. Quer vir?

John ainda não sabia o que pensar. Não havia decidido a emoção correta para a situação, mas sabia que não queria deixar Leona ir embora de novo, não sem algumas respostas. E se pudesse encontrar a filha? A ideia fez percorrer um arrepio pela espinha. Tinha esperado tempo demais.

— Vamos na minha caminhonete, vai ser melhor naquela estrada.

Ao deixarem os portões da fazenda e se colocarem a caminho, o sol estava baixo no céu para brilhar direto pelo vidro da frente. Era impossível enxergar, e John seguiu, sobretudo, pelo instinto.

— Pensei que você estivesse nos Estados Unidos — disse ele. — E se não estava, por que demorou tanto para me procurar?

— Ela me disse que você tinha morrido — respondeu Leona.

John olhou de relance para o seu perfil. Viu-a ficar assustada e berrar:

— Merda! Cuidado, John! — Atirou os braços para cima, por instinto, procurando algo em que se agarrar.

Com o susto, o homem entrou em estado de alerta, e pisou no freio, fazendo a caminhonete parar com um guincho. Ali, a uns cinco metros à frente, estava um grande búfalo africano. O bicho estava

completamente imóvel no meio da estradinha de terra, sua cabeça enorme baixa e pesada. Mantinha uma das pernas dianteiras ligeiramente erguida, com delicadeza. John notou que a perna sangrava.

O búfalo resmungou e sacudiu os chifres grandes e pesados. Depois, saiu correndo e, em segundos, tinha jogado todo o seu peso e a cabeça de aríete contra a frente da caminhonete, sacudindo a carroceria, levando Leona a soltar outro grito.

— Puta merda! — falou John, e desligou o motor. Observou enquanto o búfalo se virava e galopava de volta para o ponto de partida (“Rápido para quem está com uma perna machucada”, pensou John), e depois se virava de novo, com a cabeça baixa, para uma segunda investida contra o veículo.

John se contorceu e pegou o rifle atrás do banco. Com um movimento rápido, checkou se havia uma bala no tambor, posicionou a arma e deslizou para fora da caminhonete.

— O que vai fazer? — perguntou Leona.

— Fique aqui.

Ele avançou em direção ao búfalo, enquanto o bicho corria na direção deles.

John atirava muito bem. Essa era uma das coisas valiosas que o seu pai lhe havia ensinado. Era uma habilidade necessária ali. Seus pais o proibiam de sair no campo sem o rifle, e John já o tinha usado inúmeras vezes, nunca pelo prazer da caça, que, na verdade, não lhe dava prazer algum, mas pela sua própria segurança. Tinha acertado cabeças de cobras e matado uma hiena que, em uma tarde, se aproximara dele rápido demais. Tinha até chegado perto, apenas uma vez, de atirar no próprio pai. Lembrava-se de como tinha se sentido poderoso, ao ter a cabeça do velho na mira. Sabia que poderia acertá-lo com um tiro, e sabia que estaria tudo bem se o fizesse, pois o argumento de legítima defesa não seria uma mentira. Mas John acabou abaixando a arma e, em vez disso, correu para a casa de Daniel, deixando a mãe sozinha em casa, para suportar o fardo do humor do pai.

A primeira bala acertou o peito do búfalo, tirando um naco de carne, e levando o animal a tropeçar, grunhir de agonia e se virar na direção da dor. Devia ter visto John se mexendo, e John escutou o

grito de Leona quando o animal, incitado pela dor e pelo medo, precipitou-se para longe da caminhonete, indo para cima do homem.

John recuou o mais rápido que pôde. Reposicionou o rifle — Deus, como desejou ter contado as balas no tambor enquanto ainda estava na segurança da caminhonete — e caiu para trás. Viu uma muralha de búfalo preto chegando perto o suficiente a ponto de, mais tarde, descobrir o sangue do animal na sua bota. Disparou outra vez, e o búfalo caiu. Na mesma hora, fez-se um silêncio pesado. O único som era o de uma brisa por entre o capim, e o eco tênue da arma de fogo, onde antes havia cascos golpeando o chão, e a respiração apavorada de John e do búfalo.

Era um animal lindo. Imenso e saudável, exceto pela perna quebrada. Era lamentável que tivesse que morrer.

Leona apareceu ao seu lado. Ficou parada junto à cabeça do búfalo, olhando para baixo.

— Cacete! Pensei que você fosse ser pisoteado até a morte.

John ergueu os olhos e viu que as mãos de Leona tremiam. Com os óculos escuros pousados no alto da cabeça, seus olhos estavam arregalados de choque. Ela se ajoelhou e afagou a orelha do búfalo.

— Mas é uma beleza.

— Você viu a perna dele? — John esperava que a voz ficasse firme. Na sua cabeça, ainda podia sentir o chão tremendo debaixo dele, enquanto o pesado animal vinha disparado na sua direção. O medo e a adrenalina enfraqueceram os seus músculos e o sangue latejava nas veias. Mal podia acreditar que o tivesse abatido com aquele último tiro. — Estava quebrada. Ele ia morrer logo, de qualquer jeito... Um leão o pegaria, uma hiena. Seria comida vivo...

Ficou calado. Leona já sabia. Estava no Quênia havia tempo suficiente para saber. A vida era difícil ali para os inaptos e os doentes. Uma morte rápida com uma bala no cérebro era a melhor alternativa. Não precisava contar a ela que, na sua própria vida, aprendera que, com frequência, a morte é a opção mais gentil.

Naquela seca, o búfalo morto daria a todos os necrófagos uma refeição rara. No dia seguinte, só restariam ossos. Talvez ele voltasse e recuperasse o crânio como uma lembrança daquela tarde. Começaria um futuro em breve, que escreveria para si

mesmo. Estava vivo e, pela primeira vez em décadas, parecia que isso poderia ser uma sorte.

O ÔNIBUS DE NAIROK PARA SOLAI ESTAVA BEM MAIS CHEIO DO QUE O QUE elas tinham pegado em Nairóbi, seguindo pelo Rift, no dia anterior. Adia entrou primeiro, e ficou no corredor, procurando dois assentos juntos. Grace subiu atrás dela, e parou tão perto que Adia pôde sentir sua respiração atrás do pescoço, quando a amiga disse:

— Podemos nos sentar separadas. Eu não ligo.

O ônibus estava lotado. Só restavam alguns assentos, e com a dezena de pessoas atrás de Grace tentando embarcar, Adia soube que elas teriam que pegar qualquer lugar que desse. Seriam ocupados em minutos.

— Tudo bem, você se senta aqui. — Adia apontou um lugar junto à janela, logo atrás do motorista. Uma senhora empertigada, de meia-idade, sentou-se no assento do corredor. Adia sabia que Grace estaria livre de mãos bobas, homens que achavam que seria divertido apalpar uma garota. — Vou pegar aquele no fundo.

Grace deslizou para o assento e acomodou a mochila no colo.

— Tudo bem — disse, e abriu um sorriso radiante para Adia. — Vejo você do outro lado!

Adia se espremeu em um assento do corredor, no fundo do ônibus. Uma mulher enorme, em um vestido rosa e sapatos de plástico da mesma cor ocupava o assento da janela. Segurava no colo um bebê enrolado em um pano.

— *Jambo* — disse Adia, cumprimentando a mulher em suaíli. Depois se recostou para trás, fechando os olhos. Não queria começar uma conversa. Por esse motivo, achou bom que ela e Grace tivessem que se sentar separadas. Queria pensar, acalmar os nervos e tentar imaginar o que dizer se, quando, visse o pai.

O ônibus chacoalhou e pulou ao longo da estrada acidentada até Solai. A senhora de vestido rosa adormeceu, e sua cabeça pendeu para o ombro de Adia. Adia, então, abriu os olhos e olhou para baixo. Sorriu para o bebê que a encarou de volta com olhos grandes e luminosos. Ela levantou o olhar e viu o rabo de cavalo castanho e comprido de Grace balançando de acordo com as sacudidas do ônibus. Ficou orgulhosa da amiga. Ela não tinha reclamado dos ônibus ou do *matatus* nenhuma vez, e parecia confortável na

manyatta. Adia ficara apavorada de apresentar Grace àquela parte da sua vida, e o alívio que sentia, sabendo que a coisa tinha transcorrido muitíssimo melhor do que previa era agradável. Observou pela janela o deslizar da terra dourada. Não podia estar ali, no fundo do Rift, sem sentir que tinha sorte. Aquele era o seu lar. O lugar mais bonito do mundo.

De repente, Adia viu a cabeça da mulher de vestido rosa pular para a frente e bater com força no assento adiante. Viu o bebê saltar e, sem pensar, jogou-se de cabeça, abaixando o peito e os braços, cobrindo o bebê e prendendo o corpo minúsculo no colo da mãe. Sentiu uma dor no crânio, e percebeu que a sua cabeça também tinha batido na barra de metal no alto do assento. Registrou o vidro que voava acima da sua cabeça, e o movimento horroroso e descontrolado do ônibus, mas, curiosamente, não sentiu medo. Mais tarde, reproduziria esse momento na cabeça, até poder nomear o que sentiu: aceitação absoluta. Ia morrer. Foi isso que mais a apavorou nas semanas e nos meses seguintes. A facilidade com que desistiu. O clima, as pessoas, o veículo, todos os pensamentos de Adia estavam imóveis e silenciosos. Nada se movia.

Adia sentiu gosto de sangue e passou a língua nos dentes. Um deles estava pontiagudo e quebrado, e logo sua boca se encheu de sangue. Viu o sangue cair no chão sujo do ônibus, e formar uma pequena poça. Ninguém falava, ninguém respirava. Adia olhou para cima e viu as luzes verdes do painel cintilarem e diminuir. Não conseguiu ver o rabo de cavalo de Grace. Esperava que a amiga não estivesse assustada.

Olhou para a senhora de vestido rosa, e viu que ela também estava imóvel, com a cabeça jogada para trás e apoiada na janela quebrada do ônibus. Havia sangue na janela. Então, o pânico se precipitou, um tsunami de terror, e Adia pôde ouvir a si mesma gritando. Sob seus braços, algo se mexia. Lá estavam aqueles olhos brilhantes e aquela boca do bebê, aberta como a da própria Adia, berrando sem parar, alto e demorado, pela janela quebrada, sobre a esburacada estrada de terra, sobre o mato seco balançando ao vento, como se nada tivesse acontecido. Então, Adia percebeu que eles não eram os únicos que choravam e gritavam, que outros

também, gemiam e soluçavam de onde estavam, em direção ao céu claro e escancarado do Quênia.

Aí, a mãe do bebê se mexeu, levantou devagar a cabeça da janela, e Adia viu seus olhos mudarem de confusos e aturdidos para horrorizados, ao se dar conta do que tinha acontecido, e depois, serem tomados de alívio, ao notar Adia inclinada no seu colo, ainda agarrada ao bebê. Adia se sentou, então. Sua cabeça doía, assim como as costas e a boca, que ainda sangrava. Conseguiu se abaixar, estender o braço e puxar a mochila de onde tinha se encravado sob o assento à sua frente. Depois, foi pisando com cuidado em direção à frente do ônibus. Passou por cima de corpos, alguns quebrados, outros sangrando. Alguns se mexiam um pouco, outros faziam sons terríveis, mas os piores eram os que estavam completamente parados. De início, Adia não conseguiu ver Grace. Avistou a mulher empertigada que estava sentada ao lado da amiga, imóvel, jogada como uma boneca sobre o assento visível do outro lado do corredor. Seus olhos estavam arregalados e ela parecia perfeita, mas Adia reparou na aparência um pouco torta das suas costas. Costas não se curvavam daquela maneira.

Então, Adia viu Grace, encolhida como um inseto, perto do banco do motorista, seu rabo de cavalo sedoso estendido sobre o chão sujo do ônibus. Adia se ajoelhou para colocar o cabelo de Grace sobre o seu ombro. Inclinou-se para baixo e cochichou no ouvido da amiga:

— Grace. Grace, está tudo bem. Estou aqui. — Os olhos de Grace estavam fechados. Talvez estivesse dormindo. Adia também teve vontade de dormir. Curvou-se sobre a amiga como tinha feito com o bebê. O bebê sobrevivera. O bebê estava bem. Passou a mão na face de Grace, e depois fechou os próprios olhos. Talvez nada disso estivesse acontecendo de verdade.

O ônibus balançou, e as vozes das pessoas se entremearam ao redor da consciência de Adia. Homens gritavam, pessoas erguiam corpos dos assentos, passando com eles por Adia e Grace. Agora, o ônibus estava lotado, muito lotado e barulhento. Depois de um tempo, um homem se inclinou e agarrou Adia pelos ombros. Disse alguma coisa. Suas mãos eram ásperas, e ele segurava com força. Adia se desvencilhou dele e tornou a agarrar Grace. Não a deixaria.

Aquele não era o mundo dela, a amiga ficaria assustada quando acordasse cercada por rostos desconhecidos e uma língua que não entendia. O homem disse mais alguma coisa, retirou Adia à força de cima de Grace, levantou-a bem acima da amiga e do chão sujo do ônibus, das pessoas quebradas que ainda estavam ali, espalhadas. Desceu os degraus do ônibus carregando-a, levando-a para a luz do sol.

— Você tem sorte, *toto!* Tem sorte de ter sobrevivido.

Adia escutou o que ele dizia, mas as palavras chacoalharam no seu cérebro sem encontrar lugar. Não faziam sentido. Tentou passar pelo homem e entrar de novo no ônibus, mas ele era grande, tinha braços compridos e um rosto passivo. Gesticulou para uma mulher que estava por perto, e a mulher se aproximou, pegando Adia pela mão.

— Venha se sentar comigo. Logo vai chegar ajuda.

Adia se deixou levar. Estava cansada, mais cansada do que jamais estivera. Queria se sentar debaixo de uma árvore, com a cabeça no colo dessa bondosa mulher, e adormecer até tudo voltar ao normal.

Adia e a mulher se sentaram. Adia estava com sede e tentou abrir as tiras da mochila para pegar água, mas, por algum motivo, não conseguiu. Seus dedos tinham se esquecido de como lidar com elas. Outra mulher se aproximou. Era a mãe com o vestido rosa, segurando o bebê. Um dos seus olhos estava emplastrado por uma grossa camada de sangue.

— Precisamos de lençóis ou qualquer coisa assim — disse a mãe para a mulher que estava ao lado de Adia. — As moscas estão terríveis demais. É preciso cobrir os mortos.

Os mortos. Os mortos. Essas palavras também saltaram para o cérebro de Adia, sem se enraizar. Ecoaram, ecoaram, e ela levantou os olhos e viu que, sim, havia fileiras de pessoas deitadas na terra, como se estivessem tomando sol em uma praia. Aqueles eram os mortos. Duas mulheres tinham juntado tecidos extras e sacolas de compras, e cobriam os corpos com cuidado, para evitar que as moscas lambessem o sangue que secava. Uma das mulheres, que tinha acabado de estender um pano sobre alguém, levantou-se e se moveu, e no espaço que deixou aberto, Adia viu um braço claro

apontando de debaixo de uma sacola plástica. Não. Aquilo estava errado. Levantou-se e caminhou até a fileira de pessoas, puxando a sacola de cima da menina. Era um engano. Grace não estava morta. Grace não estava morta. Adia desabou e se esticou ao lado da amiga.

— JESUS! — BLASFEMOU JOHN EM VOZ ALTA, E LEONA LEVANTOU OS óculos escuros, olhando para onde ele apontava. Lá na frente, a estrada fervilhava de gente. Uma multidão. De onde teriam vindo? Leona especulou por uma fração de segundo, até registrar a fumaça negra ondulando para cima, e ouvir as pessoas gritando e chorando. A essa altura, eles estavam perto o bastante para ver que um ônibus grande e lotado tinha colidido com um caminhão sobrecarregado de mantimentos que ia de Nairóbi para Narok, pesado demais para ser manobrado com facilidade. Ambos os veículos tinham sofrido danos sérios. A frente do ônibus estava amassada e o para-brisa, estilhaçado. Havia sangue no vidro, e diversas pessoas, as sobreviventes, retiravam freneticamente corpos do ônibus, alguns aparentemente vivos, alguns mortos, mas todos destroçados.

John desviou a caminhonete para o acostamento da estrada e parou de uma vez. Leona e ele saíram desabalados do carro e correram para o ônibus. Viram o corpo *muzungu*. Depois outro. Uma menina com o cabelo emplastrado de sangue, os membros imóveis, e outra menina loira, deitada tão perto da primeira, tão parada que, juntas, pareciam uma escultura. Algo parecido com eletricidade estalou no cérebro de Leona, e um choque profundo de medo a percorreu com tal violência que ela tropeçou e caiu. Não conseguiu juntar forças para se levantar, então apenas viu John seguir em frente, falando rápido em suaíli, pedindo informações, perguntando se alguém teria chamado uma ambulância. Leona fora uma mãe distante, fria, mas conhecia a curva singular do formato daquela menina loira, conhecia aquele corpo quase tão bem quanto conhecia o seu. John não sabia, ela pensou. Não sabia que aquela menina era a sua menina, que a maneira como as suas expressões cruzavam no seu rosto, às vezes, faziam Leona se lembrar dele. Que o sangue no seu rosto, o sangue salgado que ele estava limpando com um lenço eram tanto dele quanto dela. Aquela menina era eles dois, espiralados juntos.

Leona não rezava. Não tinha paciência para o conceito de Deus. Mas só então, naquele momento, fechou os olhos e murmurou um desejo: “Por favor, deixe que eles tenham uma chance de se conhecer. Por favor, não permita que ela morra.” E imaginou o desejo, seu hálito transformado em um sussurro, flutuando para os limites externos do céu, onde, talvez, apenas talvez, Deus pudesse ouvi-la.

MENINA NO FORMATO DA ÁFRICA

SOLTAR UM POUCO TINHA SIDO IDEIA DE PAUL, MAS JANE CONCORDOU. Em parte, ela sabia que prendia demais Grace. Paul e Jane tiveram uma infância americana e comum; portanto, a independência fazia parte dela. Seus pais não foram amigos dos filhos, não como Jane era de Grace. Quando ela e Paul cresceram, aprenderam sozinhos a andar de bicicleta e passavam todos os finais de semana só vendo os pais na hora das refeições. Era isso que acontecia com todas as crianças naquele tempo. Jane dizia a si mesma que era mais protetora com Grace porque eles moravam no exterior, Grace não estava em casa, e ali os perigos eram diferentes. Mas ela sabia que a verdade não era bem assim. Afinal de contas, aquela era a casa de Grace, Jane é que estava em território estrangeiro. Agarrava-se a ela porque precisava mais da filha do que a filha precisava dela.

Quando Adia começou a passar a noite na casa deles, chegando depois da escola para fazer a lição de casa, Jane se sentiu como se estivesse prestando um serviço para a menina, alimentando-a com produtos nutritivos, certificando-se de que tivesse boas maneiras. Não confiava em Adia, que vasculhava a despensa atrás de comida sem pedir licença; além disso, ela se perguntava se teria sido a menina quem havia levado as abotoaduras de Paul. Mas Jane achava melhor, muito melhor, abrir a casa para Adia do que ver Grace indo para a casa da amiga mais do que já fazia. Jane ficava arrepiada ao pensar naquele lugar sórdido.

No entanto, quando Grace enfim pediu para passar o final de semana com Adia, Jane permitiu. Sabia que não haveria tanta supervisão quanto ela mesma dispensaria. Tinha presenciado a forma de criação distraída de Leona, a maneira como deixava a filha passear pela cidade de *matatus*. E Grace tinha até mencionado que,

às vezes, Adia pegava o ônibus até o Rift Valley, para visitar seus amigos massai. Completamente sozinha. Jane não podia se imaginar fazendo isso adulta, muito menos permitir que a filha o fizesse. Mas disse a si mesma para confiar em Grace. Tinha educado bem a filha, não tinha? Grace faria escolhas responsáveis no final de semana, porque era uma menina responsável.

Caía a tarde, e o terraço estava fresco. Jane estava sentada na espreguiçadeira, tentando não se preocupar com o fato de ainda não ter recebido notícias da filha, e de Leona também não ter ligado de volta. Paul apareceu ali e lhe entregou uma taça de vinho.

— Os morcegos — disse ele, e Jane concordou. Estavam brotando dos ramos mais internos das bananeiras, como flores de veludo, e disparando pelo céu.

Paul se abaixou e acariciou o ombro de Jane. Quase nunca ficavam a sós, e, mesmo com o medo, uma centelha de gratidão se acendeu dentro da mulher. Não queria chorar agora, nem de medo, nem de agradecimento pela ternura do marido. Quando o toque do telefone abalou o silêncio, Jane teve um sobressalto tão violento que a mão de Paul foi sacudida do seu ombro.

— Você está nervosa demais — disse ele. — Eu atendo.

Durante anos, o barulho, o ofegar transformado em grito dado pelo marido visitaria Jane nos sonhos, acordando-a de susto no mínimo uma vez por semana, roubando o sono pelo resto dessas noites. Sempre pensou que, se houvesse um momento na sua vida em que escolheria ser surda, seria aquele. Nunca tinha ouvido Paul soar tão desamparado, tão destroçado. Era como se ela fosse uma testemunha auditiva do segundo em que a vida dele mergulhou nas trevas.

CORRERAM ATÉ A ALDEIA MAIS PRÓXIMA PARA BUSCAR TRANSPORTE PARA Narok. Por sorte, alguém ali tinha uma moto e saiu em disparada para alertar a clínica de que mortos e feridos estavam sendo transportados para lá. Outro caminhão surgiu no horizonte, com espaço para os corpos. Os mortos foram colocados no caminhão, e os feridos que podiam se sentar também se curvaram na carroceria. Depois, parou um carro menor, um jipe. John estava ocupado, orientando os sobreviventes

restantes nos espaços do caminhão, então Leona apenas gesticulou para ele, gritando em uma voz rouca que levaria aquela menina para a clínica no jipe. Ele não precisava saber. Não agora. Pela primeira vez desde que tinha tirado Adia de Simi, todos aqueles anos antes, Leona quis a filha para si.

O motorista e os dois turistas no jipe estavam calados. Os estrangeiros tinham os rostos lívidos, chocados, e os olhos fixos se voltavam a toda hora para a menina estranha e ensanguentada. Leona precisou fechar os olhos por medo de repentinamente dar um salto e estapeá-los. Seus rostos tristes e sua piedade. Ela os odiou. De vez em quando, Adia ficava emocionada e se inclinava para a frente, o rosto nas mãos, se lamentando. Uma respiração assobiada escapava dos seus lábios, e ela se embalava para a frente e para trás, gemendo mais do que soluçando. Era um chamado seco, ofegante, algo de outro mundo.

QUANDO OS PAIS DE GRACE CHEGARAM, ESTAVA ESCURO. VIERAM COM UM pequeno grupo de pessoas da embaixada americana. A essa altura, Adia estava em posição fetal em um canto da sala de espera da clínica lotada, dormindo. Leona estava sentada em um banco que balançava em pernas irregulares, e de vez em quando se levantava, forçando-se a ir para fora e comprar chá em uma barraca, onde o leite era fervido em um braseiro de carvão que conferia ao chá um gosto defumado. Leona tinha acabado de voltar para o banco com uma nova xícara, e se sentou, exausta, com a cabeça voltada para trás, encostada na parede, os olhos fechados. Imaginava onde John estaria.

Uma voz de mulher, tensa e rouca de soluçar, interrompeu os seus pensamentos.

— É isso que acontece... É isso que acontece quando a pessoa não tem cuidado!

Leona ergueu os olhos e viu um rosto pendendo acima dela, grande, vermelho e cru como carne. Levou um instante para reconhecer o rosto como o da mãe de Grace. Agora, ele estava tão inchado e atormentado quanto o de Adia antes de dormir.

— É isso que acontece!

A mulher soluçava em meio a arfadas, lágrimas e muco que escorriam pelo seu rosto e sufocavam as palavras, de modo que saíam aos poucos, limitadas por sua respiração rápida e ineficiente.

Os sons pareciam pedras batendo nos ouvidos de Leona. Ela se levantou com as pernas bambas. Viu que o barulho tinha acordado Adia, e agora a menina tentava se levantar, o rosto contrito e pálido.

— Elas eram jovens demais para esse tipo de liberdade. Você pode não se preocupar com a sua filha, mas eu me preocupo com a minha. Sou uma mãe de verdade!

Adia se levantou do chão e foi até o lado de Leona. Pegou na mão da mãe e apertou-a. O aperto foi bem-vindo, mas estranho. Elas não se davam as mãos, Leona e Adia. Mal se tocavam.

Agora, havia um homem atrás da mulher que gritava. Moreno e franzino, ele não chorava, mas parecia vazio como uma casca. Leona pensou que deveria ser o marido, o pai de Grace, que ela nunca tinha visto. Seu rosto estava flácido pelo choque, os olhos congestionados e perplexos. Ainda assim, estava calmo. Apertou as escápulas da mulher e cochichou no seu ouvido, até ela se virar e sair aos tropeços por uma porta, para uma sala atrás dela. As pessoas que tinham vindo com ela a seguiram. Mais tarde, Leona descobriu que eram o médico da embaixada, o representante consular e o oficial de serviço.

DEPOIS DA CHEGADA DOS PAIS DE GRACE, NÃO HAVIA MOTIVO PARA LEONA e Adia ficarem ali. Leona seguiu com Adia pelas ruas, à noite, até o Chabani Guest House. Mal podia acreditar que estivessem de volta àquele lugar, ilhadas, depois de todo esse tempo. Sem um carro, teriam que depender do mesmo ônibus para Solai que Adia e Grace haviam tomado. Mas Leona não conseguia analisar as suas opções nem estabelecer um plano. Estava exausta. Enfiou a filha na cama e foi até o bar em busca de uma cerveja. Matthew, o barman, estava ali, e seu rosto familiar foi reconfortante. Depois de esvaziar a garrafa, rápido demais e com estômago vazio, Leona pediu a Matthew que, caso visse John, dissesse a ele que ela também estava hospedada lá. Depois, tonta, desceu do banquinho. Já não estava no controle. Também não queria estar. Era difícil e solitário demais. Sob a luz fluorescente em frente à porta do quarto, Leona olhou para baixo e notou que havia sangue, sangue de Adia, na sua camiseta. Lutou contra a vontade de levá-la até os lábios e sentir o seu gosto.

Pela manhã, John estava lá. Leona saiu do chuveiro e se vestiu em silêncio. Não queria acordar Adia, que tinha tido um sono

agitado, chegando a acordar uma vez, aos soluços. Agora, embora em um sono relaxado, seu rosto ainda estava inchado e vermelho. A leve batida na porta assustou Leona. Vestiu a camiseta suja e abriu uma fresta, sem saber o que esperar. O rosto de John estava limpo e rosado, o cabelo penteado. O ar de esperança no seu rosto contou a Leona tudo que ela precisava saber.

— Sinto muito — murmurou ele, quando Leona saiu para o corredor e fechou a porta. — Nunca me passou pela cabeça que fosse ela. — Tinha o rosto tão empolgado quanto o de um menino. — Entrei na hora em estado de emergência e não me ocorreu. Matthew me contou ontem à noite. Não consegui dormir. Ela está bem?

Leona estava preparada para ficar, esperava ficar, irritada com aquela visita de manhã cedo e seu impacto emocional, mas, em vez disso, sentiu-se estremecer com uma onda de alívio. Estava compartilhando o fardo de algo intenso.

— Ela só quer dormir — cochichou Leona. — Desde que a gente a encontrou, está dormindo e acordando sem parar, mas passa a maior parte do tempo dormindo.

— Que coisa devastadora para acontecer com uma criança. — Os olhos de John estavam velados de tristeza. — Isso vai ficar para sempre na consciência dela. E a outra menina? Os pais... — John se calou por um momento. Depois disse: — Não consigo nem imaginar. — Pensou de repente na própria mãe, que também perdera um filho. Como tinha superado aquilo? Como os pais da menina morta, que ele tinha colocado na carroceria da caminhonete na noite anterior, superariam aquilo? O corpo que carregara era muito leve, o rosto, ensanguentado como estava, macio e jovem.

John olhou para Leona. Seu cabelo estava molhado do chuveiro, mas as roupas estavam amarrotadas e sujas, e um pouco ensanguentadas.

— É claro que vamos voltar para Solai hoje — disse John. — Ela vai se recuperar na minha casa. Nairóbi fica longe demais para ela ir nessas condições.

A VIAGEM DE NAROK ATÉ SOLAI FOI SILENCIOSA. LEONA ESTAVA CERTA; Adia se enrodilhou no banco de trás com os olhos fechados, e não disse uma palavra o tempo todo. John não sabia se ela estava dormindo ou apenas evitando a

dor excruciante da sua nova realidade. Compreendeu esse desejo de se esconder. Ele mesmo já tinha sentido aquilo, uma ou duas vezes.

Diminuiu a velocidade ao passarem pelo corpo do búfalo. Aquilo tinha acontecido no dia anterior mesmo? Parecia anos antes. Não parou. Ainda havia carne nos ossos do animal, e abutres se banquetavam. Não queria mais o crânio. Hoje era o verdadeiro início da sua vida.

Quando John parou o Land Rover na última colina, Adia se levantou.

— Onde estamos? — sussurrou.

— Em casa — respondeu John.

Leona se virou no banco do passageiro para olhar para a filha. Observou o rosto, as faces bronzeadas, o queixo forte, os olhos tristes e fundos. Leona não se lembrava de já ter visto olhos tão tristes. Eram um enigma, duas peças que nunca pareciam se encaixar. A culpa era dela mesma. Leona sabia disso. Nunca tinha tentado ser uma mãe decente. Respirou fundo e a conhecida sensação de culpa deslizou sob a sua carne como cacos de vidro. Ela não era, não tinha sido, corajosa o bastante para ser uma boa mãe. Esperava ter coragem suficiente para o que precisava fazer agora.

Leona fechou os olhos com força. Tinha consciência de que John ainda estava ali, os ombros largos quase roçando nos dela. Mas ele era a terceira parte daquele triângulo, o pai da sua filha, e tinha o direito de estar ali quando ela contasse a verdade.

— Guardei um segredo de você, Adia — disse ela.

— Eu já sei, mãe — disse Adia, baixinho. — Meu pai não está morto. Grace e eu estávamos tentando encontrar ele.

Leona agarrou a mão da filha.

— Pois encontrou, Adia.

O rosto de Adia estava calmo, e ela se virou para olhar para John, que tinha virado de frente para ela. Adia não tirou a mão da mão de Leona, mas seus lábios se curvaram para cima, na mais explícita demonstração de um sorriso, e ela encarou John, enquanto dizia:

— Grace e eu estávamos indo procurar você. Ela ia ficar tão feliz.

— Então, seu rosto desmoronou mais uma vez, e ela começou a

chorar. — Não dá para acreditar.

Leona ficou ali, segurando a mão da filha com firmeza. Gostaria de saber o que fazer.

— Vamos entrar e comer alguma coisa — falou. Foi a única coisa em que conseguiu pensar.

Leona se lembrava de onde ficava a cozinha, e logo começou a abrir armários e a tirar coisas da geladeira. Pegou uma frigideira e ovos, e começou a quebrá-los, misturando-os com um pouco de leite.

Foi assim que John as encontrou. Adia sentada à mesa, e Leona junto à bancada.

— Como é a comida dela? — perguntou John a Adia.

Adia olhou para ele, depois para a mãe, a quem nunca tinha visto agindo de maneira tão maternal.

— Não sei — respondeu. — Não consigo me lembrar da última vez que ela cozinhou alguma coisa.

John sorriu para ela e pegou três copos em uma prateleira. Depois, abaixou-se e pegou uma garrafa de uísque em um armário.

— Então, é provável que a gente precise de uma bebida.

Encheu a metade de dois copos com uísque, e colocou um na bancada para Leona. Derramou um pouco de uísque no terceiro copo e depois acrescentou água. Colocou-o na mesa em frente a Adia.

— Vai ajudar um pouquinho — disse.

Olhando pela janela, o céu estava dourado. Leona viu sombras brincando na grama sob o magnífico baobá.

— Eu me sentei debaixo daquela árvore com a sua mãe — disse ela. — Anos atrás. Ela me disse que você tinha morrido. Eu acreditei.

— Ela ficou confusa antes de morrer. Alzheimer — respondeu John. — Ela me disse que contou para você que eu tinha morrido. E, depois disso, falou que você decidiu ir para casa, para os Estados Unidos. Por isso, nunca procurei você. Nunca pensei que a encontraria. Mas mesmo assim... alguma coisa... alguma coisa me fazia olhar duas vezes, manter a esperança, sempre que via uma mulher ou uma menina que pudesse ser você e... — Agora ele se voltou para Adia. — Adia. Um bom nome massai.

Então, Adia falou:

— Estávamos em Nairóbi o tempo todo. Faz pouco tempo que minha mãe descobriu que você estava vivo, só alguns meses. Seu folheto estava em um hotel. Mas ela não me contou.

Leona estremeceu e virou os ovos nos pratos que John tinha colocado ao seu lado.

Eles se sentaram juntos à mesa da cozinha, e comeram as omeletes com torrada em silêncio. Depois disso, Adia falou que queria dormir. John a levou pelo corredor até um quatinho de hóspedes e mostrou onde ficava o banheiro.

— Espero que durma bem — disse. — Amanhã ou quando estiver disposta... Estou ansioso para começar a conhecer você.

Leona lavou os pratos e limpou as migalhas da mesa. Estava surpresa consigo mesma; em geral, não gostava das tarefas domésticas, mas ali, naquela casa, com a savana se estendendo pela janela e o único som sendo o de vozes baixinhas no rádio, sentiu-se relaxada.

Quando o último prato foi lavado e colocado no escorredor, Leona saiu da cozinha. Lembrava-se de, anos antes, ter subido a trilha até o baobá, vendo Ruthie e Adia de mãos dadas e caminhando juntas. Agora, Leona subia sozinha o morro até a árvore. A brisa estava fresca e com força suficiente para fazer o capim assobiar um pouco. Atravessou o alto da colina, onde as lápides projetavam sombras vespertinas.

— Acho que precisamos de outra bebida.

Leona levou um susto ao ouvir a voz de John atrás dela.

— Não pretendia assustá-la — disse ele —, mas um leão tem andado por aqui nos finais de tarde.

Leona viu que ele estava com o rifle debaixo do braço e uma garrafa em uma das mãos.

— Armas e bebidas — disse ela. — Que combinação.

Sob o baobá, o banco estava frio e a luz fraca e esverdeada, como se a pessoa estivesse debaixo d'água. Quando eles não estavam falando, o silêncio caía pesado à sua volta.

— Vamos ter que dividir — disse John, e torceu a tampa da garrafa. — Uísque.

ELE ABRIU A GARRAFA E ENTREGOU-A A LEONA. SENTARAM-SE LADO A LADO, e a friagem do concreto se infiltrou pela calça dele. Sempre era gelado ali, e a luz nunca era clara. Leona cutucou o ombro dele com o dela e lhe passou a garrafa. Mais uma vez, reparou no fato de que os ombros dos dois tinham quase a mesma altura, e que eles podiam ficar cara a cara, sem esforço. Gostava disso nela.

Beberam em silêncio, vendo as folhas acima escurecendo com a chegada da noite. Depois de um tempo, Leona deixou de estremecer a cada gole, e ele deixou de se envergonhar ao virar a garrafa. Tinham esvaziado mais da metade, quando falaram.

— Então, estes são os seus mortos — disse Leona, enfim.

Esticou uma perna à frente e, com a ponta do pé tocou na lápide maior. John sabia que o álcool estava realizando sua mágica no cérebro e na língua dela. Leona abriu um sorrisinho perante as três lápides aos pés deles.

— Tem uma pequena e duas grandes. É muito triste que tenha uma pequena.

Ele limpou a garganta. Mais uma vez, viu-se dizendo coisas que nunca havia falado.

— A maior é do meu não tão querido pai, a mais nova é da minha mãe e a menor, do meu irmão mais velho, que morreu quando criança. Mal me lembro dele.

Pensou em reprimir o restante da história, mas foi em frente, penetrando na concha de segredos que marcava a sua vida.

— Na verdade, minha mãe matou ele. Só descobri isso há pouco tempo. Foi um acidente. Ela atropelou o meu irmão.

O álcool agitou o horrível absurdo no seu cérebro. Não era divertido. Nada em sua infância era divertido. Era a porra de um pesadelo atrás do outro, pensou. Mas sentiu uma risada no peito. Tudo era terrível demais.

— Ah, meu Deus! Não é engraçado, é?

Leona observou o rosto dele com atenção. Pareceu bastante amável, então, muito jovem e franca. Ele se perguntou se ela teria essa aparência quando a conheceu. Da última vez em que a vira, não tinha. Nem perto disso. Nunca havia contado a ninguém sobre a sua infância. Nem ao menos para as mulheres que quiseram se casar com ele. Mas aquela mulher era diferente; era a mãe da filha

dele. E agora, não havia nada que ele quisesse mais do que extrair a doença de dentro de si, tirar tudo das trevas e atirar para o mundo. Não queria mais aquilo.

— Ela atingiu Thomas, porque estava fugindo do meu pai. Ele era um bêbado terrível e mau. O desespero para ir embora era tanto que ela ia deixar nós dois, eu e Thomas.

Ele deu um último gole na garrafa e depois a arremessou com toda força. Ela se espatifou na maior das três lápides. Ele sentiu Leona estremecer ao seu lado.

— Não é preciso dizer que foi uma infância triste.

John olhou para Leona de relance e viu que seus olhos estavam firmes e sérios. Ela não estava recuando de horror, como ele achou que faria. Sorria gentilmente para ele, e seus dentes eram brancos e brilhantes, até no cair da noite, e perfeitamente alinhados. Dentes americanos, ele pensou. Leona tocou na sua mão.

A mão dela o trouxe de volta para onde estavam. Acendeu um desejo nele que fez com que se sentisse mais solitário do que nunca. As mulheres com quem tinha estado nos últimos tempos, as turistas com jeito de boneca, vistosas, eram apenas um paliativo. Não as conhecia, e pareciam mais interessadas nele enquanto novidade. Agora, fazia anos que estava em Solai, e a não ser os grupos de turistas que pegava no aeroporto e levava em safáris, mal via qualquer outra pessoa. Pelo menos, não alguém com quem não tivesse crescido. Tinha afastado a sua necessidade de toque e compreensão, cuidando da mãe.

— É, e estamos bêbados, menina. Mas não se preocupe, esse lugar viu mais bêbados do que dá para contar.

Ele fez uma pausa antes de continuar. Pareceu importante contar a história, pôr aquilo para fora. Queria que Leona o conhecesse, as partes sombrias, as partes tristes que nunca tinham visto luz.

— Antes de o meu pai ser enterrado debaixo dessa árvore, quando eu ainda era criança, costumava subir aqui o tempo todo. Xingava o meu irmão morto por ter sido o que conseguiu dar o fora. Eu queria ser o morto. Queria ser aquele que não tivesse que ver o meu pai quebrando os ossos da minha mãe, nem ver a minha mãe deixando isso acontecer o tempo todo. Não queria pensar que a minha mãe fosse o tipo de pessoa que teria me deixado, caso

pudesse, com aquele filho da puta. Eu era apenas um bebê. Eu achava que ele era o sortudo, o sortudo e falecido Thomas. Aí, o meu pai morreu. Eu mesmo cavei a cova. Queria pôr ele no chão. Fiquei feliz em saber que estava morto.

John pensou na morte lenta do pai, no alívio que sentiu quando o homem foi enterrado, incapaz de machucar mais alguém.

— Também fiquei feliz quando o meu pai morreu. — A voz de Leona era clara e livre de culpa. — Ele também era um escroto. De um jeito diferente. — Ela não entrou em detalhes. Aquele ainda era um assunto muito desconfortável. Não falou sobre ele. Nada. Mas queria conceder isso a John: uma dádiva de compreensão.

Dessa vez, foi fácil conversar com Leona. John viu o que havia reconhecido nela todos aqueles anos antes. Os dois eram pessoas destroçadas. Destroçadas em aspectos que podiam reconhecer um no outro. Podiam ver os pedaços de cada um enterrados do outro lado dos muros que tinham erguido. Como em um país estrangeiro, onde a língua é incompreensível àqueles que nunca a ouviram, os dois compartilharam um entendimento que nenhuma das outras pessoas presentes nas suas vidas fizeram. Eram os únicos habitantes daquela terra, falantes de uma língua singular. Podiam ver as falhas e o potencial um do outro. Era inevitável.

John teve vontade de falar. Sentiu como se as palavras que compartilhasse, enfim, fossem encontrar um lar, um lugar onde se acomodariam e depois se extinguiriam, como brasas. Não eram duras e permanentes. Poderiam escapar no céu noturno e nunca mais voltar a incomodá-lo.

Quando voltaram para casa, era tarde. Leona parou em frente à porta de Adia por um momento e depois abriu-a devagar, querendo dar uma olhada na filha. Deduziu que Adia já estaria dormindo, esgotada e exausta pelas lágrimas e pelo terror. Duvidou de que teria entrado se soubesse que Adia estava acordada; sentia que não estava qualificada para orientar a filha. Por muito tempo, Leona se orgulhara de manter o próprio pesar contido, embalado e reservado. Todas as suas emoções eram controladas, pelo menos na maior parte do tempo. Andou de mansinho pelo quarto escuro até a cama. Sentou-se na beira do colchão e depois se deitou ao lado da menina. Estava tão perto que podia sentir os braceletes massai nos

pulsos dela, sentir os ossos sob a pele e até a pulsação pelas veias da filha.

— Adia — cochichou no escuro —, eu te amo.

Leona se surpreendeu quando Adia virou no colchão e afundou o rosto no braço da mãe. Não estava dormindo, afinal, e Leona ficou constrangida. Tinha dúvidas se já havia falado aquelas palavras para a filha. Tinha dúvidas se já havia sentido aquilo com tanta intensidade quanto agora. Naquele momento, passaria por tudo novamente só para ter a chance de ser outro tipo de mãe.

Fechou os olhos com força e viu luzes disparando por dentro das pálpebras. O silêncio que a tinha infectado desde a infância agora era um hábito, entranhado no seu sangue, inscrito no seu DNA, encravado na sua carne. Não queria que a filha vivesse assim. Queria que Adia encontrasse conforto em relacionamentos, que sempre sentisse o aconchego de compartilhar tempo, espaço e seu eu mais profundo com outras pessoas. Percebeu que, para isso acontecer, teria que deixar o próprio silêncio se esvair. Teria que se abrir para que a filha pudesse vê-la por dentro.

Naquela noite, Leona dormiu na mesma cama que tinha usado havia anos. Não foi um sono bom. Sua mente rodopiou com imagens de John. Surpreendeu-se por se lembrar tão bem do seu cheiro. Ele cheirava a poeira seca, sol e suor, uma combinação inebriante. Sua cabeça se encheu de lembranças do primeiro encontro que tiveram, da sensação do braço dele roçando no dela, enquanto cozinhavam mais cedo, naquela tarde. Revirou inúmeras vezes na mente os segredos que ele tinha contado a ela debaixo do baobá. Quase nunca se sentia atraída por homens, mas John era diferente. Durante todo o tempo em que estiveram sentados sob aquela árvore mais cedo, teve vontade de tocar na sua pele, de sentir o calor nos seus dedos.



PARTE III

A ESPOSA DE MOFFAT

A MORTE NO QUÊNIA — NA VERDADE, EM TODA A ÁFRICA — É COMUM. Após anos no continente, Jane sabia disso. O gado é levado até o açougueiro e, sem preâmbulos, bem na calçada em frente ao açougue, o pescoço do animal é cortado e a carcaça é pendurada de cabeça para baixo, para que o sangue escorra. Fazer compras em feiras significa caminhar em um chão escorregadio de sangue, por corredores e corredores de cabeças decepadas e corpos sem cabeça, enfileirados em mesas, com moscas lambendo, laconicamente, os olhos vazios e vidrados dos animais mortos.

Logo depois da sua chegada a Nairóbi, Jane saiu pelos subúrbios com outra esposa de embaixador. A mulher descrevia a Jane uma loja que ela adorava e como precisava mostrar a ela os tecidos tingidos de forma tradicional que vendiam ali. Era muito mais rápida no volante do que Jane. De repente, uma sombra escura passou em frente ao carro, e Jane ouviu um baque.

— Caramba! — murmurou a outra mulher. — O cachorro apareceu do nada!

Jane se virou e viu a mancha de sangue na rua onde então jazia o cão morto, sua pelagem estourada como uma fruta madura caída.

Ela não era ingênua. Quando Grace morreu, Jane estava na África havia tempo suficiente para saber que os animais não eram os únicos seres vivos que desapareciam do mundo do nada. Os humanos também morriam bastante. Morriam de doença, de fome, de velhice, de um milhão de maneiras diferentes. Morriam em acidentes de *matatu* e em aviões. Morriam nas mãos de outras pessoas, como aqueles homens que ela havia espionado em segredo na praia na Libéria. A vida, especialmente naquele

continente, era fugaz e frágil. Mas nunca pensou que fosse acontecer com ela.

Os dias e as semanas após a morte de Grace foram enevoados. Jane não se lembrava daqueles dias em que os fantasmas vinham vê-la; seria aquela a sua madrasta? Seu pai? Aquela sombra era a sua amiga mais antiga? Quem teria dado a notícia a eles? Não conseguia se imaginar usando um telefone, muito menos dizendo as palavras terríveis em voz alta. Eles passavam as mãos pelas faces de Jane, acariciavam o seu cabelo, perguntavam se estava com fome. Como ela poderia ter fome quando a sua filhinha estava morta? Como seu corpo poderia precisar de comida, de água ou de sono? Jane não conseguia se imaginar querendo qualquer coisa nunca mais. Estava morta também. As semanas se transformaram em meses. Foram para os Estados Unidos, para descansar e se recuperar, e então voltaram. Nairóbi não era o seu lar, mas ela não se importava. Não tinha mais lar.

Depois de a filha ter sido cremada, Paul quis levar as cinzas para a América. Dessa maneira, segundo ele, Grace estaria em casa.

— Podemos visitar o túmulo — disse.

Jane não conseguia comer, não dormia e mal falava. Queria sumir. Mas estava firme em uma coisa: nenhum deles tinha um local como lar. Eram nômades havia muito tempo. Grace ficaria com eles.

Durante as longas tardes em que o sol se inclinava por entre a árvore-de-fogo na beirada do jardim, iluminando a poeira no ar, Jane sentia seu coração disparar e a respiração travar na garganta. A ansiedade era quase diária, mas, ainda assim, a surpreendia. O formigamento nos seus membros disparava dos dedos das mãos até os ombros, dos dedos dos pés até as coxas, e explodia em flashes de luz por detrás dos olhos. Esforçava-se para sair da cadeira, agarrando-se à beirada da mesa como apoio e para sentir a dureza debaixo dos dedos. Agarrar-se à mesa parecia trazê-la de volta à terra, à realidade, e então, tão repentinamente quanto vinha, o pânico desaparecia. Ela voltava a se sentar, colocava as pernas debaixo da cadeira e dava um gole no chá morno.

No entanto, piores do que os ataques que a acometiam à tarde eram as lufadas sombrias de desespero que se infiltravam nela enquanto dormia, enrolada como uma folha ao redor do marido, no

meio da noite. Agarravam-se a ela vindas do nada, seus sonhos atirados às trevas, e ela acordava com dificuldade de respirar. Ainda não conseguia acreditar que Grace se fora. Supunha que fosse melhor ser acordada pela ansiedade do que a outra possibilidade que de vez em quando acontecia. Logo após a morte de Grace, Jane dormia e depois acordava com a sensação de calma, até de felicidade, por ter esquecido. O impacto da lembrança, ao se dar conta de novo, era devastador. Isso era um pouco melhor. Porém, as noites em que acordava assim eram tenebrosas e longas. Odiava ouvir a respiração regular de Paul naqueles momentos, tão contente e relaxado que estava. Odiava a facilidade com que ele adormecia.

Quando ela dormia, podia escapar da realidade, mas, ao acordar, era amassada por ela como se fosse papel. Vivia uma dor física constante, uma sensação de agonia profunda.

— Vamos até Nakuru — disse Paul certa noite, ao jantar. — Vamos fazer um safári, rever o lago. — Uma distração para o luto.

Fazia um ano que Grace tinha morrido, e as cinzas dela seriam a única coisa que Jane pegaria se houvesse um incêndio na casa. As pessoas sempre costumavam fazer essa pergunta. Tinha sido até mesmo uma das opções no ensaio de inscrição para a sua faculdade. Já havia respondido aquela questão antes, mas não se lembrava do que havia dito. Os dias em que precisava pensar — pensar de verdade — qual seria a sua escolha do que salvar tinham acabado. Agora, sua resposta estava pronta, sempre na ponta da língua. Deixaria tudo para trás, até Paul, e só levaria a filha.

Odiara o lago quando esteve lá com as meninas. Mas talvez ajudasse, pensou, ver se o lugar, agora, parecia mais saudável; se, de certa forma, tinha mudado para melhor. Talvez rever os pássaros ajudasse. A maneira solitária com que flutuavam sobre os ovos perdidos lembrava a Jane de si.

PAUL PAROU ATRÁS DE JANE NA BEIRADA DA ÁGUA. ELA O OUVIU LIMPAR a garganta e mexer as botas na terra. Desde a morte de Grace, Jane o odiava mais a cada dia. Odiava como ele tentava consolá-la e como não atribuí-a culpa. Jane queria ser punida. Nunca deveria ter ignorado os seus instintos. Estava certa o tempo todo; o mundo era um lugar perigoso e terrível e tudo poderia acontecer. Amaldiçoava-se todo dia por ter baixado a guarda, mas Paul se recusava a feri-la.

— Quero ficar sozinha um minuto — disse ela, e percebeu que sua voz estava mais estridente do que pretendia, a raiva sempre próxima demais da sua superfície.

Paul não respondeu, mas se afastou. Jane pôde escutar a mudança no ar às suas costas e sentiu a ausência do marido. Não tinha sido o seu desejo deixar a casa, ir até ali. Nem mesmo para passar o dia, como Paul planejava. Ela era um caramujo arrancado da concha, mole e exposto. Jane odiava Paul por ter achado mais fácil do que ela chegar à estrada do Rift Valley e dirigir, trocar o conforto do luto pela distração daquele lugar selvagem e desolado.

Havia uma rocha plana por perto, e Jane se sentou nela. A superfície estava morna. Teve vontade de deitar e se deixar absorver até sumir. Porém, sendo salgada, a água acenava. Jane tirou as botas e enrolou a calça até os joelhos. A lama debaixo dos dedos era viscosa e mais fria do que ela esperava. Arrastou os pés com cuidado, meio esperando sentir a redondeza macia de ovos por debaixo, sem querer quebrá-los. Os pássaros cacarejaram e grasnaram, nervosos, conforme ela se aproximava.

Um lampejo rosa atraiu o olhar de Jane e ela levantou os olhos. Um pássaro solitário, perto da beirada do lago, erguera as asas. Ficou parado por um instante e depois começou a correr, as pernas espigadas e as juntas dos joelhos levando-o com rapidez pela água rasa. Depois, uma fração de segundo de imobilidade, e ele pareceu estar suspenso no ar, suas longas pernas agora esticadas, cheias de graça. E lá se foi, as asas silenciosas no céu, poderosas. Em segundos, o pássaro fugitivo não era nada mais do que um ponto escuro, alto demais, longe demais para continuar sendo visto. Jane ficou imaginando se aquele pássaro teria deixado algo para trás.

Ela se virou para buscar o olhar de Paul. Queria que ele tivesse visto o voo do pássaro. Era lindo. Ele sorriu para ela de volta, lá da praia. Tinha visto. Jane entrou um pouco mais na água turva. Paul era o tipo de pássaro que teria coragem de voar para longe. Sabia como abrir as asas e pairar, em silêncio, no ar. Jane se perguntou se ele a deixaria para trás, preservada, ainda que vazia. Havia vezes, nos meses que se sucederam ao acidente de Grace, em que desejou que ele partisse. Ela era um fantasma, e como tal, queria

ser invisível, nutrir a própria dor sozinha, deixar que ela a encobrisse como névoa, para poder desaparecer dentro dela.

Agora, naquele lugar, a água lambia as suas panturrilhas. Não sentia nada além da sensação física do sol nos ombros, o vento ligeiro que fustigava uma mecha de cabelo na face. Tirou o chapéu e inclinou a cabeça para trás. O céu estava branco e uniforme. Não havia chuva ali, apenas nuvens altas e finas, e, em algum lugar, algum lugar longe o bastante para que ele só pudesse olhar em frente, e não para trás, estava o flamingo que ela vira partir.

De repente, ela quis correr pela água com a mesma rapidez do pássaro. Quis abanar os braços e gritar para os pássaros débeis e remanescentes até eles voarem de susto. Quis vê-los ganhar o ar, embebedar-se na novidade do céu e imaginar um novo lugar para si mesmos.

Desejou ter trazido a pequena urna de prata. Pensou nela, colocada na mesinha de cabeceira ao lado dos livros, dos óculos de leitura e de um vaso cheio de rosas do jardim. Achou que Grace gostaria de lá, de ser polvilhada na superfície da água e de se infiltrar, devagar, até o fundo, para se aninhar no lodo. Descansaria entre os outros ovos perdidos e seria protegida pelos pássaros. Talvez a chuva voltasse e despejasse do céu por dias e dias sem fim. Se isso acontecesse, o Nakuru encheria. Os flamingos que ainda não tivessem partido tirariam a chuva das suas penas e levantariam o pescoço de modo a terem o bico virado para o céu. Grace rodopiaria ao redor dos pés deles, e eles cuidariam dela.

NA MENTE DE JANE, A ÁFRICA TINHA SE CONSOLIDADO EM UMA TERRA DE sombras, soturna, velada e fervilhante de coisas que lhe davam medo: insetos, cobras e imagens no noticiário de guerras civis e inanição, de armas, fome e doenças, de acidentes que aconteciam em um piscar de olhos, acidentes que mudavam tudo. Agora, no entanto, ela estava ligada àquele lugar, de forma profunda e irremediável, e não conseguia encarar uma volta aos Estados Unidos. Quando chegou a hora de Paul passar para um novo posto, disse que tentasse outro país africano. Sabia que eles não poderiam ficar no Quênia para sempre, o trabalho do marido não permitiria isso, mas também não estava pronta para deixar o lugar da filha. Agora, Grace também era a África, e Jane não estava preparada para tornar o continente nada

além de um tema de conversa em coquetéis. Estava presa, ligada ao lugar pelo pior momento da sua vida. Assim, quando ofereceram Lusaka a Paul, eles aceitaram sem vacilar.

Contudo, Jane não esperava o choque que a mudança causou ao seu organismo. Não esperava a ansiedade, o instinto visceral que sentiu; seu corpo, as veias e os tecidos, tudo se afastando dali, encolhendo-se para longe daquele lugar estranho, sempre puxando os seus pensamentos de volta ao conhecido. Ela era como uma planta, que, em um quarto sombrio, se curva e se estica para o distante e almejado fecho de luz. Jane sentia fisicamente o anseio pela filha, pelo passado, quando as coisas ainda estavam bem. Não avançava, não estava começando a aceitar. Sabia que corria risco de se sedimentar nisso, um besouro fundido em âmbar, para sempre preservada em um momento terrível.

Tentou explicar os sentimentos ao marido; tentou contar a ele o quanto estava atordoada pela estranheza das coisas com que se deparava. Tudo era diferente, agora que não tinha Grace para explorar o novo lugar com ela. O próprio ar tinha um cheiro repugnante, e a comida e a água, um gosto empoeirado e velho. Não sabia se era o novo país ou o seu luto que dava aquela coloração ao local. Paul sorriu com tristeza, quando ela lhe contou tudo isso. Segurou a sua mão e disse:

— Você vai se acostumar. Vai ficar menos difícil, juro.

E que escolha Jane tinha? Agora, o trabalho do marido era ali, e, para ele, aquela era uma distração que funcionava. Seus pés estavam encontrando o chão. Se ela fosse embora, iria sozinha.

As outras esposas da embaixada americana eram muito diferentes dela. Tinham filhos ou empregos, coisas com que se envolver. Pareciam descontraídas, confiantes e confortáveis ali. Falavam de Lusaka como falavam dos filhos: irritativa e frustrante, mas amada. No início, Jane tentou se socializar; esforçou-se para invocar a pessoa que fora, mas, quando ia aos chás oferecidos pelas esposas ou aos encontros do Grupo Internacional de Mulheres, sentia que as palavras ficavam entaladas atrás dos lábios. Suas raízes haviam sido cortadas, não tinha nada ali, nem trabalho, nem amigos, nada que fosse só dela. Até suas palavras foram podadas. Tinha consciência de que algumas das outras

famílias da embaixada sabiam do acidente. As comunidades diplomáticas eram muito próximas, e ainda que os seus integrantes estivessem constantemente se mudando, isso significava que eles conheciam pessoas em comum. Notícias de tragédias se espalhavam rápido pela videira dos expatriados. Jane nunca falou sobre isso com ninguém, e ninguém tocou no assunto com ela. Paul a incentivou a conversar com o médico da embaixada; ele poderia arrumar uma terapia, talvez um antidepressivo. Mas Jane não conseguia se imaginar chorando e conversando sobre isso com um estranho.

O ÚNICO PROPÓSITO DE JANE, ENQUANTO PAUL ESTAVA TRABALHANDO, passou a ser evitar o empregado. Seu nome era Moffat. Moffat soava como chinelos velhos se arrastando pela casa. Seus maneirismos traziam uma similaridade desconcertante com os de Muthega; ele falava do mesmo jeito e desempenhava um serviço parecido, ajudando Jane em coisas para as quais ela não precisava de ajuda. Ele também era gentil, assim como Muthega, dando carona às mulheres e doces às crianças que se amontoavam em volta da caminhonete. A bondade de Moffat zangava Jane. Às vezes, pessoas vinham até a casa vender fruta ou peixe, e Moffat sempre abria a porta. Jane nunca lhe deu dinheiro para comprar nada daquilo, mas ele sempre se agachava junto à entrada e conversava.

Jane percebeu que nunca tinha passado tanto tempo em casa. Antes, era ocupada, ajudando nas escolas de Grace e se exercitando nas academias de ginástica da embaixada. Não se sentia como agora desde o nascimento da filha, com medo de sair de casa, forçada a ficar enclausurada, como um animal acostumado demais ao cativeiro para criar coragem de escapar, mesmo com a porta da jaula escancarada. E, embora sempre tivessem tido empregados domésticos, pela primeira vez, Jane achou desconcertante ter um estranho aos seus pés o dia todo. Tentava evitá-lo, mas era difícil.

A casa tinha apenas dois andares. O de baixo era um vão aberto com sala de visitas, sala de jantar e cozinha; o de cima era apenas uma sequência de três quartos arejados e um banheiro, ligados como contas ao longo de um corredor largo e vazio. Moffat parecia decidido a espanar e esfregar cada canto. Jane queria se tornar

invisível quando ele estava em casa; assim, quando Moffat chegava todas as manhãs, fingia estar ocupada e distraída, e cumprimentava-o enquanto juntava livros, papéis, canetas e uma grande caneca de chá. Depois de ter pegado tudo que conseguia carregar, livros e papéis em um braço dobrado, a caneca de chá na outra mão, fugia para a mesa do quintal dos fundos, onde se sentava remexendo na sua pilha de romances e livros sobre a flora nativa, ou se agachava junto às ervas daninhas e cutucava a terra com a pá, tentando tirar da cabeça a imagem de um par de mãos minúsculas nas suas. Grace ajudava no jardim desde que conseguira se sentar.

U^M DIA, M^{OFFAT} NÃO VEIO. J^{ANE} PERCEBEU QUE ELE ESTAVA ATRASADO sem precisar olhar para o relógio. Sentiu que tinha esperado mais tempo do que o normal para juntar os livros e o chá; notou uma ligeira diferença na intensidade da luz que se infiltrava pela janela da cozinha. Imaginou o que teria acontecido. Pensou que deveria tentar contatá-lo. Mas como? Só tinha estado na casa de Moffat uma vez, quando ela e o marido o deixaram lá de carro, em uma tarde chuvosa, quando a corrente da sua bicicleta estava quebrada.

Era quase final da manhã quando Jane escutou o clique familiar do trinco do portão e depois o metal raspando no concreto da passagem. Levantou-se do seu canteiro de ervas daninhas no quintal, colocou a pá de lado e limpou a terra das mãos. Viu Moffat e uma mulher que não reconheceu andando devagar até a porta de entrada.

A mulher era alta e vigorosa e, sob as mangas bufantes da blusa, seus antebraços nus eram magros e musculosos. Usava uma peça de tecido colorido, envolta firmemente ao redor da cintura, como uma saia, que cingia a dura expansão da sua barriga grávida. Jane foi ao encontro deles pela lateral da casa.

— Entrem — disse ela, gesticulando para Moffat, como se ele fosse um hóspede inesperado. Ficou em dúvida quanto a como alguém deveria conversar com o empregado quando ele surgisse tarde, à porta de entrada, trazendo uma convidada. Deveria ser dura? Agradável? Levou o casal até a sala de visitas e se sentou em uma poltrona. Ficou constrangida com a lama nas suas pernas e sob as unhas.

Moffat e a mulher se aninharam no sofá.

— Esta é a minha esposa, madame — disse Moffat.

Jane ficou surpresa. Moffat parecia antiquado e tímido; a esposa parecia elegante e perspicaz, e, sentada reta no sofá, ficava mais alta do que ele.

Fez-se uma pausa, e Jane se perguntou se deveria oferecer chá. Pensou que sim e começou a se levantar. Justo nesta hora, Moffat e a esposa se agitaram e falaram entre si baixinho. Olharam para Jane com expectativa, e ela voltou a se sentar.

A esposa de Moffat se inclinou para remexer em uma bolsinha ao seu lado e então tirou um envelope branco. Entregou o envelope a Jane e voltou a recostar. De súbito, pareceu cansada. Jane teve um repente de empatia. Nunca tinha se sentido tão cansada como na gravidez. Poderia dormir por horas a fio.

Jane segurou o envelope por um momento. Parecia vazio, exceto por um calombinho em um canto.

— Madame — disse Moffat —, tivemos ladrões na nossa casa ontem à noite.

Jane escutou o desenrolar da história, o envelope frio entre os dedos.

Uma dupla de ladrões se infiltrara na casa de Moffat antes do amanhecer daquela manhã. Entraram pelo pedaço de plástico que cobria a parte inacabada do telhado. Jane ficou curiosa em saber o que os ladrões procuravam. Já tinha visto a casa de Moffat. Não havia nada para roubar ali.

— Minha esposa escutou os ladrões antes de mim e os enfrentou. — Jane olhou para a mulher alta no sofá. — Houve uma luta, madame, e um dos ladrões mordeu a minha esposa. — Moffat apontou para o envelope na mão de Jane.

— Ah, sim — Jane respirou e o abriu com um dedo, despejando o conteúdo na palma da mão. A esposa de Moffat estava imóvel e calma. Seu corpo magro, reto, exceto pelo ventre redondo e pelo nó de algodão vivo na sua cabeça, fazia com que parecesse uma flor murchando.

Jane olhou para o que havia na sua mão, confusa. Era um cogumelo pequeno, do tamanho da ponta do seu polegar, cor de terra. Não soube o que dizer. Por que eles lhe dariam um cogumelo

marrom? E o que o cogumelo tinha a ver com a história dos ladrões? Levantou a cabeça para perguntar, e quando o fez, viu Moffat se virar para a esposa e assentir. A esposa puxou a lateral do tecido colorido da cabeça, revelando a parte superior do pescoço. Estava raiada de sangue. Moffat disse:

— A orelha dela, madame.

Jane olhou para a esposa de Moffat e depois de volta para o cogumelo na sua mão. Não era um cogumelo. Era o lóbulo carnudo da orelha da esposa de Moffat.

Jane engoliu em seco e tentou não estremecer, enquanto recolocava o pedaço mordido da orelha dentro do envelope. Sua mão parecia ter sido queimada no lugar onde a orelha estivera por aqueles longos segundos. Teve vontade de chorar.

— Madame, precisamos de uma carona até o hospital. Minha esposa precisa ver um médico. Achamos que, na luta, o bebê pode ter se machucado.

— Por que vocês guardaram a orelha? — Os pensamentos de Jane estavam confusos; ela não conseguia entender o que Moffat estava pedindo. Pensou na carne na palma da sua mão e engoliu em seco, tentando não empalidecer.

— A orelha é a prova da briga, madame. Posso mostrar para a polícia. Posso mostrar para a senhora, assim a senhora sabe que eu não estava mentindo quando não vim trabalhar de manhã, na hora certa.

— Hum... E o bebê? — perguntou Jane, engolindo as lágrimas de horror e desejando a cadeira no quintal, a pá e as ervas daninhas. Esfregou, inutilmente, a terra nas mãos.

— Sim, madame, minha esposa está preocupada com o bebê. Os ladrões chutaram ela.

— Ah, meu Deus! — disse Jane. Sua voz soou alta demais. Moffat e a esposa estavam calmos demais. Ela, por sua vez, sentia-se descontrolada, como se estivesse tremendo de dentro para fora. Tinha acabado de segurar o pedaço da orelha de alguém. Tentou ponderar a sua resposta, calibrar a voz para se igualar à das visitas. — Claro — murmurou. — Vou pegar as chaves.

O HOSPITAL-ESCOLA FICAVA NOS ARREDORES DE LUSAKA. JANE DIRIGIU COM insegurança. Agora, detestava dirigir. Estava nervosa. As ruas eram cheias de buracos,

peessoas, animais e outros carros, que costumavam surgir sem aviso. Como era fácil causar acidentes! Sentou-se rígida e agarrou a direção, tensa, inclinando-se para a frente, concentrada.

O sol batia nos seus olhos e ela se atrapalhou para abaixar o quebra-luz. Foi-se arrastando em meio ao tráfego, sem saber ao certo aonde ir, em que rua virar. De vez em quando, Moffat, sentado no banco de trás com a esposa, se inclinava para a frente, e apontava um ou outro caminho, e Jane obedecia e virava.

Os corredores do hospital estavam cheios. Jane sentiu a náusea subir. Aquele lugar era tão parecido com o lugar onde tinha visto Grace quebrada e morta. Achou que não conseguiria ficar. Mas Moffat a levou, com a esposa, até um espaço em um banco de madeira encostado na parede. Fez sinal para que se sentassem.

— Vou tentar achar o médico, madame. Vocês podem se sentar aqui.

Jane e a esposa de Moffat se sentaram. O espaço no banco era pequeno. De um lado, Jane tinha a esposa de Moffat pressionando-a, do outro, havia um velho com um braço mirrado. Ele parecia estar dormindo, a cabeça caída na parede, a boca um pouco aberta e os olhos fechados. Jane se sentou rígida, tentando não sentir a proximidade da gravidez da esposa de Moffat. Não podia suportar a ideia desse espaço oco no seu próprio corpo.

Conforme outras pessoas foram se sentando, o espaço entre as mulheres foi ficando cada vez menor, e Jane se sentiu sendo esmagada. O braço murcho do velho jazia como uma flor junto à perna dela; o cotovelo da esposa de Moffat estava quase no seu colo. O corredor foi ficando cada vez mais quente, e o ar, mais denso, cheirando à pele não lavada e ao hálito fétido dos doentes.

Jane sentiu que estava ficando zozza e brava. Aquele lugar fazia a sua ansiedade subir. Isso não fazia bem a ela, lembrar de tudo. Por que Moffat a levava a fazer isso? Por que estava presa no corredor daquele hospital horroroso, prensada pele a pele com todos aqueles estranhos? Os zambianos olhavam para ela de maneira descarada. Era provável que imaginassem, assim como ela, o que estaria fazendo ali. Ocorreu a Jane que ela deveria estar com medo; afinal de contas, a África era perigosa, mas estava irritada demais para ficar assustada.

Uma vibração no seu braço a distraiu. A esposa de Moffat olhava para ela, tamborilando os dedos de leve no seu braço para chamar atenção.

— Sim? — perguntou Jane, de um jeito mais ríspido do que pretendia.

A mulher falou palavras que Jane não entendeu.

— Sinto muito — murmurou. — Não falo nianja. — A mulher apontou para o banco onde elas estavam sentadas e depois fez um gesto de sair e voltar. — Ah, sim, você quer que eu guarde o seu lugar. Vou tentar. — Jane não conseguia pensar em uma maneira de fazer isso. Deu de ombros. — Vou tentar.

Depois que a esposa de Moffat saiu, Jane se espalhou. Escorregou para baixo e deixou os joelhos abertos. Colocou os cotovelos para trás, de modo a tocarem a parede atrás dela. Tornou-se maior. Combinava com o seu humor, cutucar o lado do velho de braço morto e olhar zangada para a senhora em pé que segurava um bebê largado nos seus braços, encarando o espaço vago com olhos grandes e vidrados. Era um efeito colateral do luto, essa raiva, esse envolvimento. Antes, ela teria se sentido triste ao ver aquela mulher e sua criança doente; agora, não podia desperdiçar a emoção na dor de outra pessoa. Ela mesma sofria demais. Mas sentia uma estranha espécie de afinidade com a esposa de Moffat, cuja orelha tinha segurado na mão, e que lhe havia confiado seu valioso lugar naquele banco.

Exatamente quando pensou que já não poderia mais deter a pressão das pessoas, viu a esposa de Moffat voltando. Ela avançou pela multidão com a barriga à frente, e buscou o olhar de Jane. Sorriu e ergueu a mão. Nela, havia uma laranja madura e lisa, uma bolha de cor vibrante no corredor escuro. Jane sorriu de volta e se encolheu para que a mulher pudesse voltar a se sentar ao seu lado.

A esposa de Moffat começou a descascar a laranja, soltando leves borrifos perfumados no ar. Que perfume delicioso! Jane tentou não encarar, mas a sua boca se encheu de água. De repente, estava com sede e fome. A mulher de Moffat a cutucou com o cotovelo. Jane levantou os olhos e viu a laranja descascada na sua mão estendida. A esposa de Moffat sorriu.

— Não — disse Jane, hesitando —, vá em frente, a gravidez dá fome.

Sabia que a mulher não poderia entender as suas palavras, mas pareceu pior ficar calada. A esposa de Moffat retirou a mão, e, em um movimento rápido, partiu a laranja ao meio. Colocou uma das metades na mão de Jane. Ela olhou para a metade fria e carnuda que tinha em mãos. Perguntou-se se a laranja estaria suja. Viu a mulher de Moffat usar o polegar para separar um gomo da metade que segurava e enfiá-lo entre os lábios. Jane quase pôde sentir o sumo doce e a polpa escorrendo pela garganta, enquanto a esposa de Moffat engolia. A esposa de Moffat estendeu o braço e, antes que Jane pudesse recusar, agarrou a sua mão e a pressionou, com a palma virada para baixo, na elevação esticada da carne do seu ventre. Jane fechou os olhos e sentiu o bebê chutar. Ao abrir os olhos de novo, a esposa de Moffat sorria para ela.

— Eu também tive um bebê — disse Jane. Sabia que a esposa de Moffat não poderia entender, mas ajudou dizer as palavras em voz alta, afirmá-las, depois de tanto tempo. — Mas perdi o meu.

Os olhos de Jane marejaram, e sua respiração ficou curta. O pânico voltou a crescer no seu corpo, ativando os flashes de luz na cabeça, e a sensação sufocante de afogamento. Jane fechou os olhos e tentou regular as inspirações e expirações. Sentiu a esposa de Moffat tirar a metade da laranja da sua mão. Depois, sentiu a beirada macia de um gomo junto aos lábios. A esposa de Moffat segurava o pedaço de laranja perto da boca de Jane, seus dedos delgados e escuros tão perto do seu rosto que, quando ela abriu os olhos, pôde ver a pele áspera dos nós dos dedos dela.

A laranja estava fria e doce. Encheu a boca de Jane de suco. Ela abriu os olhos e tentou sorrir.

— Obrigada — murmurou.

Naquele exato momento, Moffat abriu caminho em meio à multidão e pegou a mão da esposa. A esposa de Moffat se levantou, e Jane viu a maneira que os dois se olhavam. Será que ela e Paul já tinham se olhado com aquela expressão? Aquele olhar de compreensão e devoção imediatas? O momento, tantos anos antes, quando ela se sentou no carro soluçando, enquanto Paul a

abraçava, cintilou na sua mente. Naquela época, sim. Houve um tempo, não tão longe, em que os dois se compreendiam.

Moffat falou rápido com a esposa em nianja e depois se virou para Jane:

— Madame, eles vão ver a minha esposa agora.

Jane tirou da perna o braço flácido do velho adormecido, onde jazia pesado e imóvel. Levantou-se. Como água em direção a um buraco, todos os corpos do banco escorregaram para preencher o espaço deixado por ela. Jane respirou fundo para afastar o medo que fervilhou ao pensar em sair do hospital lotado, encontrar o carro e depois o caminho de casa, sem Moffat e a esposa para ajudá-la.

A esposa de Moffat olhou para o marido e cochichou alguma coisa para ele.

— Madame — disse ele —, podemos levá-la até o carro. Talvez o médico espere a gente.

Jane sorriu de alívio e concordou. Não teria que abrir caminho, sozinha, em meio à multidão do corredor. Mas quando se virou, viu de relance o pescoço da esposa de Moffat, a extensão de pele marrom nua e a mancha de sangue seco visível sob o lenço de cabeça colorido. Percebeu o ar de preocupação no rosto de Moffat. Lembrou-se da sensação do corpo por nascer deslizando sob a sua mão, quando a esposa de Moffat apertou os dedos na barriga, e se lembrou, com um espasmo de tristeza, da sua empolgação ao sentir o movimento do seu próprio bebê dentro dela, e de como aquele bebê cresceu e se tornou a sua filha, que sempre seria a sua filha. Pensou na esposa de Moffat, tão grávida, lutando contra os ladrões à noite. Como era corajosa!

— Não, eu me viro. — Olhou direto nos olhos de Moffat. Achou que era a primeira vez que faziam contato visual. Os olhos claros dele desmentiam seus ombros curvados de velho, as rugas da sua testa.

Depois dos cheiros e das multidões do hospital, o carro de Jane estava silencioso e imóvel. Ela respirou fundo e fechou os olhos. Seu coração batia rápido, e ela sentiu o suor escorrendo pelas costas. Ela era uma mulher adulta. Se a esposa de Moffat conseguia lutar com ladrões, Jane poderia ir dirigindo sozinha para casa. Poderia fazer isso. Dirigiu devagar e concentrada para não se

perder; reparou no lixo nas ruas, nos animais vagando e nas crianças, descalças e imundas, de nariz escorrendo. Foi cuidadosa. Prestou atenção nas possibilidades de seres vivos surgirem de qualquer canto. Quando, enfim, estacionou na sua garagem, teve vontade de comemorar. Levou os dedos ao nariz e sentiu o perfume da laranja que perdurava ali. Era um aroma maravilhoso e familiar.

Jane trancou o carro e seguiu o caminho ao redor da casa, até o quintal. Não se deu ao trabalho de entrar. Não queria se esconder nos cômodos escuros. Era agradável sentir o sol nos seus ombros e o ar tinha um cheiro doce. As ervas daninhas ainda sufocavam os canteiros de flores; os trechos nus de grama ainda pareciam sarnentos na luz de final de tarde. Os livros de Jane e a sua xícara de chá ainda estavam na mesa. Mas ela não se sentou. Teve uma sensação de energia que não sentia havia anos. Tirou a tesoura de poda do estojo, enfiou as luvas, e aspirou o aroma da terra rica e perfeita nos seus pulmões. Sabia que o bebê de Moffat ficaria bem. Tinha sentido a criança sob a sua própria mão. Agora, queria garantir que teria flores para levar quando o bebê nascesse.

Levaria tempo, ela sabia, para arrancar todas as pragas e preparar o solo. A jardinagem era um processo; era preciso dar um passo de cada vez. Como na gravidez, pensou, ou no luto. Poderia levar muito tempo, mas ela faria o jardim florescer, e, mais tarde, quando Paul voltasse do trabalho, não a encontraria presa dentro de casa. Ele a encontraria lá fora e olharia para ela como se Jane fosse real, como se a conhecesse e estivesse festejando a sua volta para ele. Dessa vez, ela cuidaria disso. Deixaria que ele olhasse intensamente para ela e também olharia assim para ele.

UMA ZEBRA LEVA SUAS LISTRAS PARA ONDE QUER QUE VÁ

— V
ÃO ME MANDAR EMBORA.

Adia e Simi estavam sentadas juntas, debaixo da acácia.

— Minha vó acha que está na hora de eu morar nos Estados Unidos, de aprender a ser americana. Mas não é nem perto de onde ela mora. É o lugar onde ela cursou o ensino médio, há milhões de anos. Na costa Leste. Então, nem vou estar perto da única pessoa que conheço no país todo. — Adia pegou um seixo e o atirou longe. — Ela está preocupada, porque não vou para a escola desde que Grace morreu.

Dizer isso em voz alta fez os olhos de Adia marejarem, as lágrimas ameaçarem.

— Não dava para eu voltar para a escola, não sem ela.

Simi já conhecia aquela história. Leona havia escrito de Nairóbi, semanas depois do acidente, perguntando a Simi o que fazer, contando que Adia não saía da cama e se recusava a ir para a escola. Por algumas semanas, Adia foi ficar ali, na *manyatta*. Uma mudança de cenário faria bem, foi o que todos pensaram. Leona, porém, também tinha telefonado para Joan, que sugeriu uma mudança mais drástica de cenário, um mundo todo de mudança. Até John, quando Leona mencionou a possibilidade de mandar Adia para longe, tinha concordado.

— Não vejo como isso possa fazer mal — falou, ainda que reticente. Não sabia se seu voto chegaria a valer, e ficou aliviado quando Leona disse que Adia voltaria nas férias e que logicamente viria para Solai. Ela queria John na vida da filha. Não era mais uma questão.

Noni, a bebê, agora com 18 meses, estava no colo de Adia, mascando o cabelo dela. Não muito longe, as gêmeas Naeku e Naisiae, que começavam a andar, desenhavam na terra com gravetos.

— Ela disse para a minha mãe usar o dinheiro do meu falecido avô. Acho que ele deixou um monte para a mamãe, e ela ainda tem bastante. Minha avó a convenceu a usar o dinheiro na minha educação.

Desde a sua visita ao Quênia, Joan telefonava para Adia todo mês.

— Você é a minha única neta e quero você na minha vida — disse, quase severa. Mas Adia sentia carinho sob aquela formalidade, e aguardava ansiosa as ligações. — Você vai se acostumar com os Estados Unidos — disse Joan. — Vai fazer novos amigos e vai amar a escola, é absolutamente fantástica. — Contou a Adia histórias sobre como era no tempo em que havia estudado lá, anos e anos antes, e tentou convencê-la de que seria divertido.

Naeku gritou, e Simi e Adia olharam a tempo de ver Naisiae puxando o graveto de Naeku.

— As crianças são uma bênção — disse Simi, com ironia.

E Adia riu.

— Você adora isso, yeyo!

Aquela adoção nunca tinha se tornado oficial. Depois da morte de Loiyen, Simi simplesmente continuou cuidando das crianças. Nenhuma das outras esposas se incomodou; todas elas também tinham filhos e, algumas, até netos.

Hoje, Kiserian, a de 8 anos, estava na escola. Simi não esperou para matriculá-la. Não pediu ao marido. Simplesmente levou a criança até a escola alguns dias após a morte de Loiyen e pagou as taxas. Era uma história que Simi não tinha revelado nem a Adia. Estava decidida a mandar as crianças para estudar, e não quis pedir dinheiro ao marido, porque isso daria chance a ele de recusar.

Simi fez uma promessa a si mesma no coração daquela *oreteti* muito tempo antes. Achou o colar naquela noite, e não foi mordida por uma cobra, nem comida por um leopardo. N'gai a encorajara. Ela não arriscaria que o marido impedisse seu sonho de se tornar realidade. Em vez disso, deixou as meninas com Isina, em uma

manhã bem cedo. Não tinha dinheiro para pagar a escola. Só havia uma maneira de consegui-lo.

A duas horas de caminhada seguindo o rio Mara, havia um hotel *muzungu*. Simi o tinha visto várias vezes. Era uma construção grande, que se estendia ao longo do rio, como uma cobra. Havia mais janelas de vidro cintilante do que ela poderia contar e um grande terraço de pedra em uma ponta, com várias mesas e cadeiras. Foi para lá que Simi seguiu. Caminhou até estar próxima o suficiente para ver o terraço com as mesas e as cadeiras, e os turistas comendo coisas que ela nunca tinha visto. Bebiam drinques coloridos em copos altos. Simi parou. Os turistas *mzungus* se sentavam às mesas e as pessoas lhe traziam coisas para comer e beber. Não tinha certeza de já ter visto tantos *mzungus* em um único lugar. Qualquer coragem que tivesse sentido naquela manhã foi embora. Mas ela não poderia se deixar deter pelo medo. Sabia que naquele hotel havia uma loja. Anos antes, tinha conversado com algumas mulheres que viviam ali perto, e elas haviam contado que as lojas vendiam até joias. Riram quando lhe disseram que poderiam passar apenas uma hora fazendo uma pulseira ou um colar, poderiam usar as contas mais baratas, criar os desenhos mais simples, e aquelas lojas lhes dariam dinheiro. Eles colocavam os colares feios em mesinhas, e os turistas compravam.

— Os *mzungus* não ligam se é barato e malfeito. — Uma das mulheres riu. — Eles compram qualquer coisa.

Simi esperava que aquilo fosse verdade. Sem levantar os olhos, e tentando fingir que nenhum deles poderia vê-la, contornou o terraço de pedra. Os turistas falavam em voz alta. Ao redor do outro lado da construção, Simi se viu parada em uma grande via circular, com vans listradas de zebra estacionadas em fila. Eram as vans das quais ela se lembrava da infância, aquelas para as quais acenava, esperando que os rostos nas janelas a vissem, gritassem para ela palavras inglesas pelas quais tanto ansiava naquela época. Dois homens em uniforme cáqui fumavam em um lugar sombreado, próximo ao prédio. Cumprimentaram-na em suaíli.

— Estou aqui para vender uma coisa na loja — disse Simi. — Vocês podem me dizer para onde ir?

Um dos homens riu.

— Eles não vão gostar que você entre lá, irmã. Mas posso dizer ao lojista para vir falar com você.

Os homens jogaram os cigarros no chão e os esmagaram com as botas. Depois, deram meia-volta e caminharam para uma porta de vidro imensa, à sombra de árvores e flores em vasos maiores do que qualquer um que Simi já tivesse visto. Um dos homens se virou de volta para ela, fez sinal para que esperasse, e depois eles abriram a grande porta e desapareceram.

Simi esperou. Agachou-se na sombra onde os homens haviam estado e analisou as vans estacionadas com perfeição em um lado do acesso. Além delas, ao longe, havia colinas púrpuras que escondiam o horizonte. Simi imaginou quão distante estavam aquelas colinas. Esperou mais um tempo e começou a sentir sono. Era meio-dia. Pensou nas meninas de Loiyen lá na *manyatta* e naquilo que tanto queria fazer por elas. Naquele momento, a porta se abriu e várias pessoas saíram. Um dos homens com quem ela havia falado passou pela entrada principal, levando vários turistas pelo acesso. Dentre eles havia duas mulheres, ambas com pele cor de noz, do mesmo tom da de Simi, dois eram homens e havia também um menino mais ou menos da idade de Kiserian.

Simi chamou o homem. Ele olhou para ela e depois falou com o grupo de pessoas. Ela não conseguiu ouvir o que ele dizia, mas ele se virou de volta e gritou para Simi:

— Eles não querem comprar nada hoje. Você deveria voltar para casa.

Simi se levantou. Já não tinha sono. Estava com fome e sede, e estava ali por um motivo. Não iria embora enquanto não conseguisse o que queria. O homem e os turistas estavam começando a entrar em uma das vans. O motorista segurou a porta aberta, e o menino foi o primeiro a entrar. Simi não queria que o homem partisse antes de falar com ele. Correu para perto e ele levantou os olhos. Uma das mulheres também olhou para Simi. Disse algo para o motorista, que respondeu.

Depois, se virou para Simi e disse:

— Vou levar estas pessoas em um passeio para ver animais selvagens. Foi para isso que elas vieram. Não desperdice o nosso tempo.

Simi olhou direto nos olhos do homem, mas escolheu as palavras e a língua para a mulher parada logo atrás dele. Falou em inglês no tom mais claro e ousado que pôde encontrar:

— Tenho um colar raro para vender. Minha mãe foi a melhor joalheira da *manyatta*. O colar é antigo, e é mais lindo do que qualquer coisa que tiver na loja. Se você não tiver dito a eles que estou aqui, você é um mau funcionário. Este será o melhor colar da loja.

Esperava que o homem fosse se chocar com as suas palavras, talvez ficar envergonhado. Sabia que ele estava mentindo. Mas o motorista sorriu e disse:

— Vá embora, mulher. Este lugar não é para você.

— Espere um pouco, Jackson — disse a mulher ao motorista, que pareceu surpreso. Seus olhos estavam em Simi. Ela prosseguiu: — Você tentou ver se eles venderiam o colar dela?

O homem pareceu irritado, não envergonhado.

— Eles não vendem este tipo de coisa aqui — falou alto, fingindo autoridade.

— Eu vi as joias lá dentro. — A voz da mulher lembrava a voz de Leona. Ela sorriu para Simi. — Posso ver a peça?

Simi levou as mãos ao pescoço e soltou o colar da mãe. Ergueu-o. Estava quente, por ter estado junto ao seu corpo. A mulher o pegou das mãos dela com delicadeza e olhou para a peça com atenção.

— É lindo — disse, enfim. — Sua mãe era uma artista. — Sorriu com simpatia. — Deve significar alguma coisa para você. Por que quer vendê-lo?

Simi esperava que a mulher entendesse o motivo que ela deu. Estava sendo uma esposa desonesta por não pedir ao marido o dinheiro da escola e talvez ela desaprovasse.

— Tenho quatro filhas. Elas agora são minhas, porque a mãe delas morreu. A senhora vê, quero mandá-las para a escola, mas preciso de dinheiro para as taxas escolares. Se pedir ao meu marido, ele pode recusar. Se fizer isso, minhas filhas jamais vão ter uma instrução. — Ela desviou o olhar. Dividir tudo isso com uma estranha fez com que se sentisse exposta. Mas estava

desesperada. Contemplou aquelas colinas púrpuras distantes e fingiu estar longe.

— Qual é o seu nome? — perguntou a mulher.

— Simi — respondeu.

— Simi, acho que as suas filhas têm sorte.

A mulher se virou e enfiou a cabeça na van, onde os outros turistas estavam sentados. Passou pela cabeça de Simi que a mulher pularia para dentro do carro e iria embora, com o colar da mãe ainda nas mãos. Mas a mulher não entrou na van. Estava conversando com os homens. Simi pôde ouvir a própria história sendo recontada na voz da mulher. Então, um deles falou. Simi ouviu a voz grave, mas não entendeu o que dizia.

— Ok — disse a mulher, e puxou algo de um dos assentos da van. Depois, ressurgiu e sorriu para Simi. — Quero comprar o seu colar.

Simi olhou para o motorista. O homem tinha se sentado no banco do volante, e ela podia ver o rosto dele pela janela. Parecia zangado.

A mulher voltou a falar.

— Você poderia me dizer o valor das taxas da escola?

Simi fez um cálculo rápido de cabeça.

— Duzentos xelins por um ano — disse.

— E são quatro meninas? Isso dá oitocentos xelins por ano. É menos do que uma compra semanal de supermercado em Atlanta.

— A mulher abriu a carteira e olhou dentro. Depois, inclinou-se de volta para a van e falou com os outros. Simi viu as pessoas se remexendo. Eles deram algo para a mulher.

Quando ela se voltou de novo para Simi, segurava um punhado de dinheiro.

— Vamos pagar por cinco anos para cada menina.

Simi olhou o dinheiro. Era muito.

— É um preço bom pelo colar? Dá 4 mil xelins. — A mulher parecia um tanto preocupada. Simi sentiu tontura. Era mais dinheiro do que jamais tinha visto na vida. Esperava vender o colar pelos duzentos xelins necessários para o primeiro ano de Kiserian. Agora, poderia mandar todas as meninas durante cinco anos. Sentiu tontura e encarou a mulher. Queria tranquilizá-la.

— É demais. — Simi tomou fôlego. — É dinheiro demais.

A mulher sorriu. Parecia feliz.

— O colar é lindo, e quero que essas meninas frequentem a escola. Por favor, aceite.

Simi amarrou o dinheiro em um nó da sua canga.

— Posso ajudar a senhora a colocar ele — disse ela, e a mulher lhe entregou o colar de volta e se virou, levantando o cabelo para não atrapalhar o fecho. Simi prendeu o colar no pescoço dela. Nunca tinha tocado em uma pessoa estrangeira além de Leona e Adia. A pele da mulher era macia, e embora o cabelo fosse liso, notou alguns cachinhos exatamente iguais aos dela na sua nuca. Depois de Simi prender o colar, a mulher se virou para encará-la. As contas azuis e verdes eram lindas.

— Obrigada — disse a mulher. — Vou cuidar bem dele. — Depois, sorriu mais uma vez e entrou na van ao lado dos outros. Deslizou a porta para fechar, e o motorista, ainda irritado, como Simi deduziu, partiu cantando pneu.

Simi foi rápido para casa. Estava animada e feliz, mas também apavorada que alguém fosse roubá-la. Mas não conseguia deixar de sorrir. Sentiria falta do colar, mas quando o tinha dado a N'gai, na primeira vez, ele não o quis. Devolveu-lhe por um motivo. Ela precisava garantir que o sonho se tornasse realidade.

Agora, sentada debaixo daquela árvore com Adia e três das suas outras filhas, teve uma sensação profunda de orgulho. Olhou para Adia e disse:

— Você é corajosa. E tem sorte. Tem essa chance de ir para os Estados Unidos e receber uma boa educação. É uma chance que as outras meninas nunca vão ter. Precisa aceitar. Mas você não vai sozinha, Adia. Estaremos na sua mente. E você vai aprender todas essas coisas americanas para nós também. Traga isso de volta para a sua yeyo e para as suas irmãs.

— Não é só isso — disse Adia. — Estou com medo de ir. Não sou corajosa. Nunca estive em nenhum outro lugar além daqui. E acabei de conhecer o meu pai. Se eu for, vou ficar sem ver ele durante um ano todo... — Ela foi se calando, e depois disse: — E Grace. — A voz de Adia falhou e os olhos marejaram. — Sinto como se, deixando o Quênia, também estivesse deixando a Grace.

Simi deu um tapinha no braço de Adia e murmurou:

— Você sabe que os mortos não morrem se a gente se lembra deles, Adia. A Grace também vai estar sempre com você.

Mais para o final da tarde, duas cabras foram sacrificadas. Adia estava indo para a América, e isso era motivo de comemoração. A menina se sentou com as outras crianças da *manyatta*. Agora, era a mais velha. A maioria das garotas massai da sua idade já tinha sido circuncidada e estava casada. Os meninos com quem crescera agora eram *moran*. Simi viu a filha mais velha ajudando Kiserian com o dever de casa. As duas estavam com as cabeças inclinadas juntas, sobre o livro de exercícios de Kiserian, Adia mostrando-lhe como escrever as letras do alfabeto. Simi sentiu um orgulho profundo. Houve vezes, anos e anos antes, em que jamais poderia se imaginar sendo abençoada com uma criança, muito menos cinco. Houve vezes em que pensou que não poderia nem mesmo ter a permissão para permanecer na comunidade, uma mulher estéril como ela. Mas todos aqueles anos tinham terminado, e agora tudo era diferente, tudo tinha mudado. Às vezes, Simi acordava pensando que aquilo não podia ser real, que deveria ser um sonho. Mas era um sonho tingido de tristeza. Nunca pensou que Loiyan seria alguém em quem pensaria com carinho, mas descobriu que sentia falta dela. As gêmeas não falavam muito na mãe, e Noni, provavelmente, jamais se lembraria dela, mas Kiserian se referia à sua memória com amor e, às vezes, com lágrimas. Loiyan tinha sido uma mãe dedicada e amorosa.

As meninas mais novas dormiram cedo, com as barrigas cheias de carne. Simi e Adia se sentaram junto ao fogo. Não conversaram muito. O fato de Adia partir no dia seguinte, de volta a Nairóbi, e depois em um avião para os Estados Unidos, pairava entre elas. Simi pensou no que havia dito a Adia mais cedo, naquele dia — que ela deveria festejar a mudança, que deveria ficar feliz por receber uma educação tão boa. A verdade era mais turva. Adia não tinha saído do corpo de Simi, mas a sua existência, desde o nascimento, alterara a vida de Simi em aspectos que ela jamais previra. Detestava saber que não veria Adia por tanto tempo e que ela estaria tão longe.

— Yeyo — disse Adia. — Estou muito triste de ir embora. Vou sentir saudades suas e de todo mundo aqui. Vou sentir saudades das Loita Hills, do céu e do cheiro do mato. Perdi Grace, e agora estou perdendo vocês.

Simi se levantou e fez sinal para Adia segui-la para fora. Caminhou até o limite da *manyatta*, onde a luz das fogueiras nas casinhas não alcançava. O ar estava gelado. As estrelas brilhavam. A noite estava clara, e a lua era quase um círculo perfeito. O ar cheirava a uma mescla de gado com poeira, fumaça de lenha e carne tostada.

— Gosto tanto deste cheiro! — disse Adia. — Jamais quero esquecê-lo.

Simi suspirou.

— Você não pode se preocupar com isso — falou. — Você conhece o ditado. “Uma zebra leva suas listras para onde quer que vá.” Uma pessoa jamais deixa, de fato, sua casa para trás. São as listras da zebra... Ela vai seguir você como se fosse a sua própria pele.

Simi olhou para a lua e se lembrou, de novo, de como a mãe dizia que uma educação jamais poderia ser tirada de você. Lembrou-se da tristeza depois que Leona levou Adia, e como ela olhou para a lua, uma noite, e sentiu que, ainda que tivesse essa educação, tudo o mais lhe fora tirado. Nessa noite, a lua a observava de novo, e, dessa vez, ela não estava triste. Adia era a sua filha mais velha, só que não mais a única.

Pela manhã, Simi e as meninas levaram Adia até a estrada, onde ela poderia pegar o *matatu* até Narok e depois o ônibus para Nairóbi. Simi sentiu que a espera tinha sido curta demais e logo Adia estava enxugando as lágrimas e se despedindo.

Simi empurrou a filha loira para que subisse e entrasse. Tinha feito uma promessa para a outra mãe de Adia e a honraria. Mas era difícil sentir a coluna de Adia através da camiseta fina, sabendo que estava empurrando a filha para algo que nenhuma delas queria de verdade. Então, Adia estava dentro da van, empoleirada em um assento perto da janela, o rosto contra o vidro. Simi viu as manchas rosadas na pele dela e pensou que ia morrer pelo peso da tristeza.

Adia também pensou que ia morrer. Lutou contra o desejo desesperado de mandar o motorista parar e deixá-la saltar. Em vez disso, viu Simi e as suas irmãs pela janela empoeirada e acenou até não conseguir mais. Depois, apenas olhou a paisagem passar voando. Queria se embeber dela, ingeri-la. Queria enfiar toda a vasta savana nas suas células, no seu cérebro, onde poderia se lembrar dela para sempre.

Algumas horas depois, quando o ônibus trepidava subindo a lateral do Rift Valley, ela se virou e olhou para trás, para a vasta extensão da terra bem abaixo. A luz estava perolada no final da tarde, e ela mal conseguiu discernir a mancha cinza-esverdeada que assinalava a floresta Nguruman e, logo abaixo, o lugar onde ficava a *manyatta*. Adia suspirou e se virou para olhar em frente, na direção de Nairóbi. Queria ser como a zebra, levar sua casa com ela, onde quer que fosse, nos próprios poros da pele.

CATIVEIRO

O

ANIMAL ERA SELVAGEM. ADIA PERCEBEU ISSO DE IMEDIATO, EMBORA nunca tivesse visto nada igual.

Era maior do que um serval, talvez do tamanho de um guepardo, só que mais encorpado, de certo modo leonino, com uma grande cara amarela e pelagem branca revestindo as orelhas. Era um felino predador: movia-se como um leão pela folhagem, os ombros girando a cada passo, os olhos focados à frente, a cabeça um pouco abaixada, de modo que a coluna formasse uma linha, reta como um horizonte. Adia assimilou os detalhes sem, de fato, pensar. Quando criança, seus amigos massai lhe ensinaram a dividir espaço com criaturas indomáveis. Estivera tão perto de leões e leopardos que podia acariciá-los, se fosse estúpida o bastante de tentar. Estivera perto de hienas o suficiente para sentir o cheiro de carne podre no seu hálito e o sangue úmido de zebra nos focinhos. Por instinto, Adia diminuiu sua própria respiração, inspirando com cuidado, ficando tão imóvel quanto possível. Sabia como se comportar na mata.

O animal parou. Olhava algo que Adia não podia ver. Achatou o peito junto à terra, deixando as costas imóveis como pedra e mostrando a Adia que tinha uma cauda longa e grossa. Estava perseguindo alguma coisa. Adia já vira mortes antes. Na verdade, ela mesma já tinha matado animas. Os massai comiam cabras e vacas ocasionalmente, mas, quando o faziam, cortavam as gargantas do bicho, recolhendo cada gota de sangue e cada apara de carne, utilizando todas as partes. Até mesmo os menores pedaços de pele úmida eram abertos ao meio e usados como braceletes, que secavam em um couro indistinto, ao redor do pulso ou do tornozelo. Adia não tinha melindres quanto a esse tipo de coisa; então foi com curiosidade, e não horror, que observou a

criatura fulva dar um salto repentino e atacar. Os arbustos eram altos demais para que ela pudesse ver exatamente o que ela tinha matado, mas podia ouvir seus grunhidos e a luta da presa.

Os arbustos pararam de se mexer, os sons diminuíram e o felino surgiu novamente. Um grande coelho cinza estava preso nas suas mandíbulas. O felino não parou para comer. Adia ficou surpresa. Perguntou-se se seria mais como um leopardo. Eles gostavam de arrastar as conquistas até as árvores, antes de se banquetear. O coelho era enorme, e o felino parou para soltá-lo e reposicioná-lo entre os dentes. Agora, estava perto de Adia, apenas a alguns metros de distância. A brisa estava a seu favor, e o animal não percebeu que a menina estava ali. Estava invisível. Com uma visão perfeita do perfil do animal, Adia pôde ver com clareza que suas laterais arfavam com o esforço que fazia. Viu também a saliência reveladora da sua parte inferior, a maneira como a barriga alargava-se e se esticava. Viu as tetas inchadas do felino. O que quer que fosse aquele animal, era fêmea e estava prenha.

— VOCÊ É ADIA? — PERGUNTOU A MULHER QUE FOI BUSCÁ-LA NO AEROPORTO da Filadélfia. Mas pronunciou “Ei-dai-a”. E como seus lábios grossos se curvaram em um sorriso, Adia engoliu a correção. “Não, é A-di-a”, quis dizer, mas não pôde. Não corrigiu a mulher, a encarregada do dormitório, como Adia soube depois, durante os 45 minutos de ida até a escola, e assim o nome ficou. Ali nos Estados Unidos, ela entendeu na hora que já não era si mesma; o nome que lhe foi designado era estranho e feio aos seus ouvidos. Nunca tivera vergonha de falá-lo. Mas agora não sabia, exatamente, o que acontecia naquele lugar desconhecido, e aquilo a fazia se sentir muda. Só sabia que ali ela também era diferente.

— Você veio da África? — perguntou um grupo de meninas que ela conheceu no primeiro dia, os olhos arregalados de curiosidade. Aí, a menina cor de cacau, que era a sua colega de quarto, perguntou: — Então, como você é branca?

A pergunta fez Adia gaguejar, e ela detestou como a sequência de palavras saiu aos tropeços da sua boca, como se estivesse pedindo desculpas:

— Sou americana. Minha mãe é americana... quer dizer... meu pai é queniano... queniano de ascendência britânica... ele é

queniano, mas, sabe, é branco... tenho passaporte americano... mesmo que nunca tenha estado aqui. Também nunca estive na Inglaterra. Minha casa de verdade é em Nairóbi, mas prefiro ficar com os massai, na *manyatta*.

— Na *manyatta*? — perguntou a menina cor de cacau, e a voz fez a palavra, a palavra que Adia mais amava no mundo, soar feia em sua boca. — O que é uma *manyatta*? — Só que ela jogou a cabeça para trás e saiu rindo antes que Adia pudesse explicar.

Não era apenas o nome dela que era diferente ali. A luz também era diferente. De certo modo, era fina e dura, como uma vidraça. Adia estava acostumada com um tipo diferente de luz, uma versão mais suave. No seu país, a luz envolvia você como uma folha de palmeira. Mantinha-a próxima, mas era dócil. Você podia passar por ela, puxá-la à sua volta e considerá-la um aconchego. Aquela luz nova, aquela luz americana, não olhava para as pessoas que iluminava. Não se movia como a luz queniana, que sempre mudava e se alterava como algo vivo.

Os sons também eram diferentes. Adia estava acostumada com o silêncio. Às vezes, em casa, subia no jacarandá, e não escutava nada além do farfalhar das folhas e dos estorninhos. Não havia silêncio naquele internato. Os corredores de madeira ecoavam os passos e as vozes, desde o começo da manhã até o apagar das luzes nos dormitórios, às dez horas da noite. E então também havia outros barulhos, o barulho das colegas de quarto se virando na parte de cima do beliche e fazendo as molas rangerem, e as pernas irregulares do beliche balançarem e golpearem o chão. Havia estrépitos e tinidos do radiador, tarde da noite, e os vagos sons de trânsito, vindos da rua onde ficava a escola.

Esses novos sons — as risadas altas dos outros quartos, o riscar dos lápis nos cadernos na sala de estudos, as vozes baixas e abafadas da TV da encarregada do dormitório passando pela parede —, tudo isso fazia Adia se sentir solitária e mais estranha do que jamais havia se sentido. Os sons a faziam odiar um pouco as próprias origens. Não queria se acostumar com aquelas pessoas, aquelas vidas, aquelas meninas limpas e brilhantes. Não queria se tornar uma delas. E, no entanto, estava solitária.

Ouvia sempre a voz de Grace na cabeça, e chorava até dormir com a dor da falta da amiga. Detestava como as lembranças não davam folga. E aprendeu algo sobre o qual Grace estava enganada, algo importante, e o fato de não poder contar a ela acentuou seu pesar, o fato de nunca poder dizer a Grace o que, enfim, sabia ser verdade: que não era melhor não ter mãe nenhuma do que ter Leona. Adia daria qualquer coisa agora para estar no alto do jacarandá vendo a mãe pela janela ou escutando o digitar rápido do teclado através de uma porta fechada. Daria qualquer coisa para ver Simi agora, para se enrodilhar ao seu lado na sua casa escura e esfumaçada, ouvindo os sons de hienas ao longe e a respiração pesada de Simi durante o sono.

Era difícil estar longe de casa, e o que piorava as coisas era o silêncio que a encobria por dentro. Mal conseguia se obrigar a abrir a boca; sentia-se derreter para dentro das paredes, do chão, até do ar. As pessoas olhavam através dela, não a escutavam nem notavam sua ausência ou presença. Apenas as cartas da mãe e de John, de Simi e até de Joan a tornavam visível. Quando uma carta chegava, ainda que fosse apenas pelo tempo que levava para lê-la, Adia se sentia ela mesma.

No tempo ocioso entre as aulas, as refeições e a sala de estudos, Adia escapava para o ar livre. Ficava mais confortável sem as paredes ou a agitação de outras pessoas à sua volta. Na primeira vez em que descobriu aquele caminho até o laguinho, no bosque contíguo ao campus, teve vontade de nadar, como fazia em Mombasa. O ar no bosque era como água fazendo o seu cabelo rodopiar ao redor do rosto, e o silêncio era um bom silêncio, pesado e infinito, pressionando-a como braços que a abraçavam com força. Ali, o ar cheirava a umidade e frescor, e a luz era enevoadada e verde. Podia escutar a brisa no alto das árvores e o chamado de pássaros desconhecidos; podia sentir o cheiro das folhas se decompondo no caminho, e a terra úmida, que se comprimia contra as botas, conforme caminhava. Podia deixar de lado a sensação de ser invisível, estender o braço e tocar em coisas que não recuavam perante ela: a casca áspera das árvores, as pinhas que tinham um aroma acentuado, cheirando a sabão. Ali, podia respirar sem o caos

de todos aqueles olhos e vozes que nunca olhavam para ela ou falavam com ela.

Três semanas depois de estar lá, Adia acordou em um sábado antes do amanhecer, e ficou deitada na cama, observando o céu pela janela. Percorreu o dedo pelo cobertor de lã, trazido com cuidado de casa. Mal pôde trazer qualquer coisa com ela, apenas duas malas, mas insistiu naquilo. O cobertor estivera com ela a vida toda, e nas suas fibras estava o cheiro de fumaça e o leve odor de carneiros. Adorava que ele cheirasse como a sua casa na *manyatta*. Escutou a companheira de quarto reclamar com outra menina sobre como Adia e sua tralha “cheiravam a estábulo”, e uma vez voltou para o quarto e encontrou seu material escolar, as pastas, o grampeador e o mata-borrão que tinha comprado na loja da escola, empurrado para o canto da longa mesa compartilhada, que se estendia pela parede debaixo da janela. Constrangida, cheirou todos os seus pertences, mas não conseguiu descobrir o que cheirava mal. Tentou tornar suas coisas, e a si mesma, menores, ainda mais invisíveis, pois assim sua presença não incomodaria a colega de quarto. Entulhou todas as roupas na sua cômoda e tirou todas as suas coisas do armário compartilhado. Guardou, meticulosamente, seus livros e papéis nas gavetas do seu canto da mesa, e deixou-as bem fechadas. Manteve o cobertor de lã ofensivo dobrado do menor tamanho que conseguiu, e empurrou-o para debaixo do seu travesseiro.

Tomando o cuidado para não acordar a colega de quarto, ao sacudir a estrutura da cama, Adia desceu do beliche, vestiu um jeans e um moletom, pegou as botas e fechou a porta devagar ao sair. O largo corredor do dormitório estava vazio e silencioso, e Adia respirou fundo, descendo a escada descalça, sem fazer barulho, até a porta da frente. Percebeu que a entrada estava destrancada, e um rompante surpreendente de felicidade a levou a sorrir. Calçou as botas e correu. Estava livre. Passou correndo pelo campo de esportes e seguiu pela trilha em direção ao lago.

As árvores tornavam o amanhecer mais escuro, mas Adia não teve medo. Correu até não conseguir respirar sem arfar. Depois parou e olhou ao redor. Sua respiração era barulhenta no silêncio matinal do bosque. À sua esquerda, o lago cintilava sob o sol que

mal se erguia. Adia se virou e descobriu uma árvore com raízes grandes o bastante para ela se sentar. Inclinou-se para trás, apoiando-se na árvore e fechou os olhos. Queria se imaginar em um lugar diferente. Quando a felina apareceu, fazia horas que a menina estava sentada entre aquelas raízes.

Ao vê-la, Adia se levantou devagar, agarrando-se ao tronco da árvore para ter equilíbrio. Foi quando a felina fez a sua matança. Agora, o animal cor de poeira segurava o coelho com firmeza entre os dentes e começava uma caminhada lenta, ondulando os ombros, em direção ao lago, esgueirando-se entre dois arbustos e saindo da vista. As folhas se fecharam atrás dela como se fossem uma porta. Adia sabia que era idiota, principalmente por estar sozinha, mas agora estava entediada e dolorida por ficar tanto tempo sentada. Além disso, o animal já tinha feito a sua refeição, e os grandes felinos eram menos perigosos quando não estavam com fome. Adia seguiu sorrateira pela mesma trilha do animal. Rastreou-o com facilidade. A gravidez avançada da felina a tornava mais lenta. Adia tinha consciência da brisa, e mudava de posição de acordo com o vento, assegurando-se de que o animal não sentiria o seu cheiro. Esqueceu a colega de quarto e seu silêncio interior, a sensação de ser completamente invisível. Ao ouvir os gritos, o sol estava alto no céu.

Adia avançou pela vegetação rasteira em direção às vozes. A julgar pelos gritos, algo terrível havia acontecido. O lago estava calmo e liso, o sol iluminava a superfície. Algumas crianças em canoas deslizavam pela água, soltando mínimos salpicos que reluziam ao sol a cada remada. O longo embarcadouro e a casa de barcos estavam frenéticos de gente. Os poucos professores de plantão no final de semana conduziam as crianças que ainda não estavam em canoas para a extremidade do deque. Uma professora acenava os braços para cima, chamando de volta as canoas do outro lado do lago. Adia se perguntou por que todos estavam assustados. Quando a professora no embarcadouro a viu, gritou:

— Tem uma onça-parda à solta! Saia daí.

— Você soube? — perguntou a sua colega de quarto naquela noite, pouco antes de as luzes se apagarem. — Uma onça no bosque. Um monte de pessoas a viu perto do lago.

Adia levantou os olhos do seu livro. Nunca tinha ouvido sua colega de quarto falar com ela, pelo menos não sem escarnecer ou cortar as suas palavras, furiosa. Imaginou se aquela mudança seria um truque cruel, como alguém estendendo um biscoito a uma criança para depois puxá-lo de volta.

— É, eu sei. Ela está prenha.

— Prenha? Como você sabe?

— Eu estava lá fora bem cedo de manhã. Ela deu um bote e, depois, chegou mais perto, então eu vi. Está prenha. Pode parir a qualquer momento.

— Você viu ela? Chegou perto? Você é maluca, porra. Maluca ou mentirosa.

Ali estava, o biscoito arrancado da mão. Ela deveria saber. Mas Adia ficou surpresa com a sensação boa de falar com a colega de quarto, de falar com alguém. Sua voz gostou do ar por onde se deslocou, fora do corpo, e o rosto gostou de ser olhado. Algo bem lá no fundo dela despertou.

— Posso levar você até ela, se acordar bem cedo amanhã. Não é difícil encontrar o rastro.

Era estranho andar pelo mato com mais alguém. Adia viu que era uma caminhada mais lenta; sua colega de quarto tropeçava no escuro e ficava agarrando o braço de Adia, com medo. Era barulhenta, e Adia imaginou o quanto os seus amigos massai provocariam sem piedade essa menina que tropeçava e fazia barulho.

— Como foi que você aprendeu a fazer isso? — perguntou ela uma vez, e Adia estava prestes a responder, quando ouviu um leve rumor, um som abafado de bufo. O som de respiração.

— Shhh! — cochichou o mais baixinho que conseguiu. Levou o dedo aos lábios, e fez sinal para a colega parar e ficar onde estava. O bufo era claramente audível. Adia testou o vento com o dedo. Sabia que seria imprudente ir além. Os massai, por mais corajosos que fossem, não eram idiotas, e rastrear um predador no escuro jamais aconteceria na sua terra. Suspeitava que o animal estivesse comendo, o que era bom e ruim ao mesmo tempo. A onça-parda não estaria faminta o bastante para ver as meninas como alimento, mas protegeria a presa.

— A gente deveria voltar. Ela está logo depois daquele arbusto — disse Adia, baixinho.

— Que porra, Adia? A gente já veio até aqui! Você está arregando ou tirando sarro da minha cara?

Adia sentiu o hálito úmido da colega no ouvido. Algo se retesou bem no fundo do seu peito, e ela teve a sensação de uma precipitação de água gelada pelo seu sangue. Foi essa sensação que fez com que ignorasse os seus instintos, respirasse fundo e avançasse o mais devagar possível.

— Tudo bem, vamos lá. — Adia passou com cuidado por entre os galhos, afastando-os com as mãos e movendo-se devagar. — Olha ali. — Agora, Adia estava do outro lado do aglomerado de arbustos e tinha uma visão clara. Sua colega de quarto chegou mais perto e, para surpresa de Adia, procurou seu braço e apertou-o.

— Puta que pariu! — sussurrou a colega de quarto.

A onça-parda estava a cerca de dez metros, e, na luz indistinta da madrugada, as duas podiam vê-la claramente. Estava deitada de barriga para baixo, na base oca de uma árvore podre. A cabeça repousava no chão, e as pernas estavam esticadas. Os sons não eram os bufos e grunhidos de um felino desfrutando da sua vítima, mas sim de dor. A felina ergueu a cabeça e roncou. Rolou e se esforçou para ficar em pé. Levantou-se tremendo, com a cabeça baixa e as pernas abertas.

— Eu falei. Ela está prenha. Está tendo os bebês.

Os olhos da sua colega de quarto se arregalaram, e as duas meninas se ajoelharam na terra, com as mãos agarradas, enquanto observavam.

Nos Estados Unidos, havia regras que Adia precisava aprender. Regras sobre quando estar em certos lugares, quando comer, quando estudar e quando apagar a luz à noite. Adia tinha que limpar o quarto de determinada maneira e em determinado dia, e estava proibida de sair das dependências da escola sem autorização. Não podia esquecer as regras impostas pelo lugar. Esquecer significava que ela seria destacada e lembrada, ou que teria que ficar um tempo extra na sala de estudos, ou que receberia uma advertência como castigo. As regras oficiais da

escola eram muito difíceis de ser entendidas e seguidas, mas as regras sociais não escritas eram bem mais complicadas e perigosas. Havia certas linhas invisíveis que mudavam e se moviam, nas quais era preciso ficar de olho. Cruzar essas linhas significava o castigo de olhares de lado, o sutil afastamento no refeitório de corpos em blusões de moletom e a sensação penetrante que fazia a pessoa sentir que o seu próprio corpo, qualquer toque seu, era veneno para os outros.

Depois de observarem a felina juntas e se esgueirar a salvo de volta para o quarto antes que a encarregada do dormitório as flagrasse, Adia teve uma sensação de camaradagem, de ter compartilhado um perigo com a colega de quarto e sobrevivido. Naquela manhã, quando o sino tocou para o café da manhã, ela estava ansiosa para, enfim, ter um lugar para se sentar, para conversar com as outras meninas e comer comida quente, tomar chocolate e suco de laranja, em vez de escapar do refeitório com os bolsos cheios de pães e frutas. Fazia dias que não comia uma refeição quente. Seguiu o grupo de meninas para a sala enorme e circundou as cadeiras que estavam sendo puxadas e os pratos de ovos e panquecas carregados precariamente por entre as mesas. Ali estava ela! Adia caminhou em direção à mesa onde viu que a colega de quarto tinha acabado de se sentar. Havia até uma cadeira vazia. Foi em busca dela, e agarrou o seu encosto, pronta para puxá-la e se sentar. Uma menina de rosto magro e cabelo loiro liso ergueu os olhos.

— Calma aí, domadora de onças. Essa cadeira está reservada.

Adia olhou para a sua colega de quarto, que tomava suco e sorria, recusando-se a olhar para Adia.

— Esse lugar não é para guardas de zoológicos — disse a loira.

A colega de quarto de Adia riu.

Adia ficou paralisada de constrangimento, sentindo esvair toda a esperança e a centelha de felicidade. Deu meia-volta, mordeu o lábio para impedir qualquer lágrima de sair, e nem tentou pegar um iogurte ou uma garrafa de água. Só queria ir embora. À porta do refeitório, virou-se uma vez para verificar se alguém estava a vendo sair. Naquele momento, a diretora se levantou. Colheres bateram

em copos e fez-se silêncio. Agora estava quieto demais para Adia abrir a porta que rangia sem ser notada.

— Algumas de vocês sabem que uma onça-parda foi vista na mata. Está tudo bem, ninguém se machucou, e ela não quer machucar vocês. Esses animais têm muito mais medo de vocês do que vocês têm deles. Dito isso, somos responsáveis pela sua segurança, portanto, por enquanto, ninguém, *absolutamente ninguém*, deve ir ao lago ou à mata até que o animal seja capturado — falou a diretora. — Chamamos o serviço de resgate de animais, que vai fazer o possível para remover a onça.

Adia se perguntou se aquilo significava que eles caçariam a felina para matá-la ou simplesmente a capturariam e a levariam para outro lugar. A onça tinha bebês recém-nascidos. Quatro haviam nascido enquanto Adia e a colega de quarto observavam, três saudáveis e um morto. Os olhos de Adia se encheram de lágrimas e ela ficou com o peito apertado.

O lago brilhava sob o céu claro, e a lua estava quase cheia. Adia ficou agradecida. Tinha se esquecido de trazer uma lanterna, e embora a onça-parda não a preocupasse, pensava na possibilidade de cobras. Não tinha certeza de quantas cobras venenosas poderia haver naquela parte dos Estados Unidos; não gostava da ideia de se arriscar com isso. Encontrou o deque e caminhou sobre ele, os passos nas pranchas de madeira soando monótonos e ociosos. Deitou-se na madeira e olhou para as estrelas, imaginando que horas seriam em Nairóbi, em Loita. O que as pessoas que ela amava estariam fazendo? Estremeceu. Ali era frio em setembro. Sentou-se e puxou a mochila para mais perto. Queria o cobertor.

O tiro foi alto, perto o bastante para fazer Adia soltar um grito de surpresa. Deu um pulo, mas manteve o corpo abaixado e imóvel. Outro tiro soou. Então, ela ouviu passos e uma voz vinda da mata, logo atrás do embarcadouro onde estava agachada.

— Pegamos ela!

O coração de Adia golpeava no seu peito, e a adrenalina disparou dentro dela. Não parou para pensar. Puxou a mochila para os ombros e correu na direção do som das armas e das vozes. Sentiu dedos agarrando o seu braço e a proximidade de corpos, ao passar

pela fina praia e entrar pelos arbustos baixos que bordejavam o lago. Livrou-se da mão e continuou correndo.

Disparou em meio às árvores fechadas, em direção ao lugar onde tinha visto a mãe felina pela última vez. Sentiu-se mais uma vez grata pela lua que iluminava as raízes das árvores e as pedras, e saltou sobre elas, correndo até a árvore oca.

Sua respiração estava entrecortada e dolorosa no peito, e ela parou logo depois da pequena clareira onde ficava a árvore. Não havia sinal da felina. Manteve os olhos bem abertos e tentou olhar em todas as direções ao mesmo tempo. Se estivesse errada, a mãe poderia atacar. Nada era mais perigoso do que uma mãe com bebês, e ela poderia estar à espreita em qualquer lugar, pronta para pegá-la de assalto.

Os três filhotes estavam aninhados em uma pequena pilha de pelos, na curva mais distante do tronco da árvore. Ainda estavam cegos pelo nascimento, miavam e esticavam os braços minúsculos, as patas se abrindo com garras afiadas como agulhas. Adia se ajoelhou e enfiou a mão na árvore. O pelo deles era muito macio. Um dos filhotes, às cegas, pegou a ponta do indicador dela e começou a sugá-lo. Pensamento mágico, achou Adia.

Os homens logo a encontraram. Fazia poucos minutos que ela estava ali, quando eles irromperam dos arbustos próximos.

— Você poderia ter morrido! — Um dos homens levantou Adia pelo ombro, e ela viu que eles usavam uniformes. Os mesmos chapéus e casacos, os mesmos distintivos no peito. As lanternas cortavam a escuridão suave como faca.

— Vocês mataram ela! Mataram ela, e ela tem bebês!

— Como é? — disse um deles, e o outro se ajoelhou no chão e iluminou com a lanterna a parte oca da árvore.

— Meu Deus, dê uma olhada! — disse, baixinho. — É verdade. Temos alguns filhotes aqui.

— É melhor tirá-los daí. Vamos ter que lidar com isso. Fazer alguns telefonemas ao voltar.

Ele olhou para Adia e falou:

— É, a gente teve que tirar ela daqui para vocês poderem ter o seu bosque de volta. De qualquer forma, nos últimos tempos, isso tem sido um problema nessa região. Uns dois cachorros sumiram na

semana passada de casas no final da rua. A gente não quer que vocês acabem se machucando.

A luz subia devagar, estendendo-se acima das árvores, preenchendo os espaços entre os galhos escuros e colorindo a mata com um cinza aguado. A luz ali, no meio daquelas árvores, não era a luz dura como vidro a que Adia ainda não se acostumara. Era o tipo de luz que ela compreendia, maleável e suave. A menina viu os homens enfiando luvas grossas nas mãos, e, estendendo o braço para pegar cada um dos filhotes, um por vez. Eles os levaram para a caminhonete estacionada na estrada do lago. Um dos homens puxou um cooler pequeno e vazio de detrás do banco de passageiro e abriu. Os dois homens aninharam os filhotes juntos, no fundo. Ao abrirem a parte de trás da caminhonete para colocarem a nova carga, Adia viu o corpo da mãe onça largado em uma lona. Aproximou-se o bastante para ver as marcas dos orifícios no pelo curto das faces, e ao redor dos seus olhos escancarados, verdes como contas.

— A gente vai levar eles para um lugar bom, menina — disse um dos homens. — Eles vão ser bem tratados, prometo.

Adia pensou naqueles filhotes crescendo sem mãe e começou a chorar. Depois que a tristeza foi exposta ao ar livre, não conseguiu contê-la. Soluços enormes e dolorosos a percorreram como ondas. Achou que nunca tinha chorado tanto, tão de repente e tão alto. Desejou que os bebês não fossem levados para um zoológico ou santuário animal. Desejou que fossem soltos. Selvagens. Desejou que eles nunca mais voltassem ali, que encontrassem um lugar longe, bem longe das pessoas. Enxugou as lágrimas e limpou o rosto com as mangas, mas os soluços continuavam vindo.

— Eles vão ficar bem — falou um dos homens, mudando o peso de um pé calçado com bota para o outro. Olhou constrangido para o colega. — Agora se cuide, menina!

— Esperem — disse Adia, e a voz dela estava falhando. — Deixe eu embrulhá-los.

Ela escorregou a mochila pelo braço até o chão e tirou o cobertor de lá. Cheirava a tudo que ela amava, e ela sabia que sentiria falta dele. Os homens viram enquanto ela se inclinava para dentro da caminhonete e, com cuidado, envolvia os gatinhos com o pano

áspero. Eles se agitaram, miaram e se aconchegaram. Teriam que ser alimentados em breve.

Adia viu os homens subirem na caminhonete e sumirem pela estrada de terra, afastando-se do lago. Quando já não podia mais ouvir o motor, pegou a mochila murcha e caminhou devagar pelo caminho de madeira até o grande gramado vazio que se estendia ao longo do prédio principal da escola. Luzes se acendiam nas janelas, ela podia ouvir vozes e outros sons, secadores de cabelo e risadas. Deu as costas para o prédio e se sentou na grama úmida. Logo descobririam que ela não estava onde deveria.

A amplidão verde se estendia à sua volta, acima até a construção imponente atrás dela, e abaixo até o bosque onde, agora, o sol abria uma fresta no céu, e os raios eram longos por entre as árvores.

Seu rosto estava inchado e rosa, e ela sabia que as lágrimas ainda não tinham sumido. Não se importou. Estava cansada da invisibilidade. Estendeu-se de costas e contemplou o sol que continuava a subir. Sentia frio sem o seu cobertor, mas já não precisava dele. Apertou as mãos nuas contra a grama e enfiou os dedos na terra. Mordeu o lábio e sentiu gosto de sangue. Ele se misturou com as lágrimas remanescentes que entupiam a garganta. Os soluços voltaram, e ela não tentou impedi-los. Não se incomodou com quem a visse. Não se incomodou com quem ouvisse. Era um ser selvagem, testando as suas presas.

UM PAI DESCOBERTO

LEONA AMAVA AQUELE PRIMEIRO MOMENTO EM QUE PODIA VER A CURVA da colina até a casa, em Solai. Fazia tempo desde a primeira vez em que estivera ali, mas como a terra era familiar! Havia os pilares de concreto lascados, que marcavam a estrada; lá estava a colina e a silhueta do enorme baobá. Depois de todos aqueles anos no Quênia, Leona ainda ficava impressionada com o tamanho da árvore. Nunca tinha visto um tão grande.

Elas contornaram a última curva do caminho e pararam ao lado do pátio de pedra.

— Chegamos. — Leona desligou o motor e limpou as palmas suadas no jeans. — Seu pai deve estar lá dentro.

— É estranho — falou Adia, hesitante, mas com um sorriso que acusava a empolgação. — Muito estranho ter um pai.

Durante todo aquele ano em que esteve nos Estados Unidos, Adia vivia pelas cartas que recebia da mãe, de Simi, de Joan e John. As de John eram as suas preferidas. Ele lhe contava lembranças divertidas do seu tempo no colégio e descrevia os turistas que levava nos safáris. Adia escrevia de volta, contando sobre como sentia falta do Quênia. Guardava todas as cartas que recebia de lá. Enfiava-as em uma caixa escondida no fundo de uma gaveta da cômoda. A ideia de que a sua colega de quarto pudesse encontrá-las e lê-las lhe dava medo. Quando se sentia mais sozinha, Adia pegava a caixa e a levava até o lago. Às vezes, até no meio da noite. Lia e relia as cartas com tanta frequência que quase conseguiu decorá-las. As de John eram as primeiras a serem relidas.

Mas agora, com ele saindo da casa e indo para o pátio em direção ao carro de Leona, Adia ficou tímida. Abriu a porta e saiu

com hesitação. John não percebeu o estranhamento. Enlaçou Adia com tal força que os pés dela saíram do chão.

“É esta a sensação.” O pensamento passou pela sua cabeça. “É esta a sensação de ter um pai que ama você.” E ela agradeceu em silêncio a Grace. Tudo aquilo se devia a Grace, e Adia nunca, nem uma vez, deixou passar um dia sem agradecer à amiga.

NAQUELA NOITE, ACONCHEGADA NA CAMA ESTREITA ONDE ANTES HAVIA dormido duas vezes, Leona não conseguiu adormecer. Estava acostumada com Nairóbi e os sons noturnos urbanos. Ali, tudo era diferente. Escutava elefantes bramindo baixo e grave enquanto subiam a colina e a risada das hienas em algum lugar longínquo. Por fim, ela saiu da cama e foi até a cozinha. Talvez um chá ou leite morno a ajudasse a dormir. Adorava a vista daquela janela; como o mundo parecia amplo e aberto olhando dali. Na escuridão prateada da meia-lua, tudo parecia mágico: o mato e as árvores, os cupinzeiros que se erguiam da terra, estreitos e da altura de um homem. Nos últimos tempos, Leona se sentia inquieta. Seu trabalho como professora não era mais tão empolgante quanto havia sido no começo, e o trabalho pelo qual ela fora apaixonada — a preservação dos rebanhos massai, aumentando as áreas de pastagens — tinha alcançado o seu limite. As coisas ainda estavam muito ruins, a terra continuava seca e os animais continuavam famintos, mas não havia mais para onde irem, as terras férteis se encolhiam e as terras secas cresciam.

Mexeu o chá na sua xícara e pensou em Adia, em como ela havia sido arrancada do Quênia e mandada para viver uma vida em um lugar que lhe era tão estranho quanto a lua. Não tinha certeza, caso os papéis fossem inversos, de que seria capaz de fazer a mesma coisa. Mais tarde, ao ir para a cama, se encolheu debaixo do cobertor e, naquele segundo entre estar desperta e dormir, teve um rápido pensamento: nunca tinha sido tão corajosa quanto a filha. Passara toda a vida adulta se escondendo das coisas que mais a assustavam. Não os animais ou a solidão, mas o risco bem mais perigoso de uma ligação, de se permitir conhecer e ser conhecida por inteiro, até as partes mais sombrias.

Na manhã seguinte, zozza pela falta de sono, Leona atravessou o pátio e foi até uma espreguiçadeira de vime. As pedras que pavimentavam o chão estavam lisas sob os seus pés descalços, e

ela levava uma caneca de café nas mãos. Quase nunca acordava cedo e queria ter a chance de ver o nascer do sol. Não viu John até se sentar. Quando ele falou, ela teve um sobressalto de surpresa, derramando um pouco de café no suéter.

— Ah, merda! Desculpe, não queria assustar você. Pensei que tivesse me visto! — Remexeu nos bolsos da calça, tirou um lenço e o entregou a Leona. Depois, recostou-se na cadeira e ficou calado.

Leona contemplou o globo laranja sair de detrás do horizonte e subir no céu, lançando uma luz amarela pela vasta terra, enquanto subia cada vez mais alto. Ficou aturdida, e sem parar para pensar, disse:

— Vi uma foto sua quando vim aqui pela primeira vez. Estava na cômoda do quarto de hóspedes. Uma foto de dois meninos pequenos. Deduzi que um deles fosse você. Mas talvez fosse Thomas. Naquela época, eu não sabia sobre ele.

— Você viu aquela foto?

— Sim, na cômoda do quarto de hóspedes. Também tinha umas roupas de bebê lá dentro. Coisas lindas. — Ela fez uma pausa e olhou para John, e depois para a base da colina, onde as girafas começavam a morder o seu café da manhã de folhas de acácia, e uma águia-rapace gritava de algum lugar que ela não conseguia enxergar.

— Onde está aquela foto agora? Pode ser que Adia queira ver. Ela deveria conhecer as histórias da família.

John concordou, mas não respondeu. Leona foi em frente, esforçando-se contra a própria resistência em conversar, o próprio desconforto em sondar com perguntas as partes mais profundas de outras pessoas. Era boa, muito boa em fazer isso na sua vida profissional, mas ficava apavorada quando significava algo pessoal. Mesmo assim, estava decidida a abrir caminho para que a filha tivesse um relacionamento verdadeiro com John, e, já que Adia ainda não sabia o que perguntar, tinha que fazer isso por ela.

— Se for possível, adoraria que ela visse aquela foto. Ou qualquer outra que possa ter de quando era pequeno, ou dos parentes do seu lado.

— Tenho todas essas coisas em algum lugar. Empacotei tudo quando a minha mãe estava morrendo. Não queria olhar para aquilo

naquela época, e deduzi que levaria a tralha sentimental para a minha casa em Karen. Nunca me passou pela cabeça que eu ficaria aqui.

— Por que ficou? — perguntou Leona. — Foram os negócios? — Ela sabia que ele tinha se saído bem, e a cidade de Solai se tornara um lugar movimentado, com atenção aos mercados da indústria turística que, embora não fosse grande como em outros lugares, devia-se bastante ao trabalho de John.

— Não — disse ele. — Os negócios vão bem, mas iriam melhor em Nairóbi ou em outro lugar, talvez Tsavo ou Amboseli. Fiquei porque, depois que cheguei aqui, depois que soube sobre a minha mãe e a vida horrorosa que ela viveu aqui... Não quis deixar ela sozinha de novo. Sabe como ela ficou por Thomas? Acho que foi por isso que eu também fiquei. Por ela.

ADIA ACORDOU TARDE, UMA MISTURA DE JET LAG E ADOLESCÊNCIA, E, quando foi até a cozinha procurar café da manhã, John estava sentado à mesa, passando manteiga no pão para seu almoço.

— Você acordou! — Ele sorriu. — Bela Adormecida.

— Cadê a minha mãe? — perguntou ela. Uma coisa era ler as cartas de John e escrever cartas para ele, imaginar como seria estar com ele, pai e filha, mas agora, ali, Adia se sentia tímida e desconfortável. O único pai que ela já tinha visto sendo pai era o de Grace. E ele e John não eram nem um pouco parecidos.

— Foi até Solai, para comprar mantimentos e pôr gasolina no carro. Quer que eu faça uma torrada?

Adia estava morrendo de fome, mas era esquisito sentar-se ali, só ela e John. Não saberia o que conversar.

— Estou bem. Acho que vou dar uma volta. — Ela apontou a janela. — Talvez até aquela árvore.

— Perfeito — disse John. Jogou o último pedaço de pão na boca, e limpou as mãos na camisa. — Vou junto.

Adia não tentou conversar enquanto eles caminhavam e nem John. Não de verdade. De vez em quando, ele contava alguma lembrança da infância, como subia nos cupinzeiros e corria até a casa do amigo Daniel, tentando bater seu recorde contando os passos em voz alta para afastar qualquer animal do caminho e dando saltos cada vez maiores pela terra vermelha. Adia não

respondia, mas escutava e tentava imaginar aquele homem quando menino, até mais novo do que ela era agora.

No ALTO DA COLINA, NO ENTANTO, ADIA SE VIROU PARA JOHN E SORRIU.

— Eu adoro esta árvore — disse ela.

Correu os dedos pela madeira polpuda. O baobá, a “árvore da vida”, era tão poroso quanto um talo de grama. Suas raízes absorviam água em lugares secos, buscando nas profundezas do solo, e a madeira fibrosa conservava-a com firmeza.

— Eu também — disse John. — É uma das maiores que eu já vi. Quando eu estava no internato, sonhava com ela. E quando me mudei para Nairóbi, para começar a trabalhar, sentia falta dela. Todas as vezes em que eu voltava para fazer uma visita, tirava uma foto. Agora, devo ter centenas delas, todas tiradas de diferentes ângulos, em diferentes horas do dia. Se conseguir encontrá-las, você pode levar as que quiser, quando voltar para a escola. Vai ajudar a se lembrar, como aconteceu comigo.

Depois da morte da mãe, John se sentiu inerte. Tinha esperado se sentir da forma contrária, finalmente livre de qualquer obrigação, sem família, só ele. Imaginara-se voltando para a cidade, conhecendo mulheres, talvez até encontrando uma por quem se apaixonasse. Achou que, talvez, estivesse pronto para o casamento. Mas não foi isso que aconteceu, e, quando Ruthie morreu, foi como se, por dentro, não fosse nada além de um buraco vazio. Vazio e estático. Passou por ondas de pesar que subiam e desciam como o oceano, e tão imprevisíveis quanto. No safári, certo dia, com uma família de britânicos que tinha vindo passar as férias, sentira-se forte, controlado. Mas depois viu o garotinho olhar para o pai com uma expressão que fez com que John se sentisse como se estivesse estilhaçado.

— Achei que fosse sair daqui — disse ele. Adia ainda estava parada ao lado da árvore, cutucando a cortiça com o dedo. — Mas foi exatamente naquela época que a sua mãe apareceu e eu encontrei você.

— Quando Grace morreu — disse Adia.

— Quando Grace morreu — falou John. — E isso é o tipo de coisa que torna a vida tão confusa, não é? Porque aqui está essa tragédia horrorosa, você sofrendo com a perda da sua melhor

amiga, mas eu encontrando a minha filha, aquela que eu quis desde o nascimento.

Adia deixou de inspecionar a cortiça e encarou John.

— Eu também queria você. Sempre me imaginei tendo um pai.

— E agora você tem. — John sorriu. — A gente quis um ao outro, e encontramos um ao outro. Isso não apaga o fato de a Grace ter ido embora. Nada jamais fará isso.

Ele deu um tapinha no banco frio de pedra ao seu lado.

— A gente tem um monte de coisas para aprender um sobre o outro, não tem? Não tenho prática em ser pai nem um modelo em que me basear. — Ele sorriu e pôs a mão grande e quente no ombro de Adia. — Mas a gente vai aprender como estar junto.

Adia sentiu o aperto do peito desafogar só um pouquinho, e as costas relaxarem. Seu estômago roncou alto, e John riu.

— Já estou pisando na bola! Qualquer pai que se preze teria feito questão que a filha comesse alguma coisa antes de arrastá-la em uma caminhada e fazer um discurso!

Estava quase escuro quando o carro de Leona, aos solavancos, subiu de volta a passagem de carros. Tinha esticado ao máximo as suas incumbências. Parou e tomou chá em uma padaria, fez hora em uma livraria minúscula e imaginou como Adia e John estariam se virando. Não tinha contado a John que ficaria tanto tempo fora, ou o verdadeiro motivo de estar saindo, mas queria passar um tempo sozinha, em silêncio. E achava que John e Adia conseguiriam conversar com mais facilidade se ela não estivesse lá. Agora, ao fechar a porta do carro e tirar as sacolas do porta-malas, ficou em dúvida se teria sido um erro deixar os dois juntos sozinhos. Talvez tivessem se evitado o dia todo, sem conversar nada. Pior, talvez tivessem descoberto que tinham tudo em comum e não quisessem que Leona voltasse, pois não precisavam dela sob nenhum aspecto.

Leona empilhou as sacolas no pátio. Ainda não estava preparada para entrar. Contornou um lado da casa e subiu parte da colina. A escuridão que se aproximava tornava perigoso caminhar para longe sozinha. Ouviu uma hiena por perto. Havia animais à solta agora; era a hora deles. Virou-se em direção à casa e viu que, no escuro, as janelas iluminadas brilhavam.

Teve uma súbita lembrança da sua casa de infância; às vezes, depois da escola, no inverno, ela subia a rua a partir do ponto de ônibus e desejava ver as janelas da sua casa iluminadas, calorosas e receptivas, com alguém ali dentro para recebê-la.

Parou e virou-se para voltar a olhar para a colina, onde a silhueta do baobá se delineava contra o céu. O céu se fechava ao redor da árvore enorme e ia escurecendo cada vez mais, até Leona não conseguir ver mais nada, nem os galhos, nem as folhas, nem as lápides. Naquele momento, até o próprio céu estava invisível para ela. Erguera-se como uma tampa, e o ar entrou.

Leona virou para a casa. À luz da janela da cozinha, viu John e Adia. Estavam sentados à mesa. John tinha uma caixa aos seus pés e o que pareciam fotos, algumas emolduradas, outras não, estavam espalhadas na mesa entre eles. Adia segurava uma, grande, em uma moldura dourada, e John apontava para ela. Leona o imaginou contando à filha as histórias daquelas pessoas, a família dela e dele. Ela só conhecia as histórias mais tristes da vida de John, mas com certeza ele também tinha histórias felizes. E se não tivesse, talvez fosse porque os momentos felizes da sua vida ainda estivessem por vir, espalhando-se como o céu. Talvez o mesmo acontecesse com ela. Abraçou-se para se proteger do frio e começou a caminhar de volta. Seu percurso fora longo, assim como o de Adia, de Simi e de John. De todos eles. Havia partes quebradas e feias na vida de todos, mas novas surgiam. Adia tinha duas mães e um pai agora; Simi tinha mais filhas do que jamais sonhara que poderia ter.

Leona pensou nela, na filha e em John, os três juntos de maneira inconcebível naquele momento, naquela vasta terra que todos eles tanto amavam. As coisas se encaixavam nos lugares onde deveriam se encaixar, e, apesar dos seus medos e da sua recusa em amar, vezes sem conta, estava ali. Estava ali e podia sentir que estava se abrindo. Era preciso coragem para reaprender tudo, para deixar os espaços mais escuros abrirem uma fresta para a luz. Era preciso valentia.

Leona sorriu no escuro e apressou o passo. Respirou fundo. Estava pronta para ser corajosa.

POR TRÁS DO LIVRO: COMO A NOSTALGIA DEU VIDA A **O SOL MAIS BRILHANTE**

ADRIENNE BENSON

NO FINAL DA VERSÃO CINEMATOGRAFICA DE **ENTRE DOIS AMORES**, quando Karen Blixen está deixando o Quênia, ela diz: “Se eu souber uma canção da África, da girafa e da lua nova africana deitada nas suas costas, dos arados nos campos e dos rostos suados dos colhedores de café, a África saberá uma canção sobre mim?”

Sempre choro nessa parte, pois sei exatamente o que ela quer dizer. Deixando de lado os clichês sobre esse grande continente, a paisagem do Quênia é de tirar o fôlego, mudando com as estações e com o humor do céu.

Minha família deixou os Estados Unidos quando eu tinha 4 anos, e, com exceção de um breve período, tínhamos ficado na África por um total de dez anos, quando voltei aos Estados Unidos, vinda do Quênia, aos 16, por causa do trabalho do meu pai, assistente social internacional do governo dos Estados Unidos.

Vivemos em dois outros países africanos, na Zâmbia e na Libéria, mas foi no Quênia que fiquei mais tempo, cinco anos, e foi o lugar ao qual me senti mais ligada. Foi lá que comecei a individualização adolescente, libertando-me dos meus pais, onde primeiro reivindiquei experiências próprias e comecei a ver os primeiros sinais da adulta que, mais tarde, me tornaria. Tudo isso significa que o Quênia foi o lugar mais encravado no meu coração, quando voltei

aos Estados Unidos para começar uma vida em um “país natal” que eu, na verdade, não conhecia.

Pessoas como as personagens Grace e Adia, assim como eu mesma, são chamadas de Third Culture Kids (TCKs), crianças que passam uma significativa parcela dos seus anos de formação fora do país dos seus pais. Não são imigrantes, pois sempre se espera que se repatriem para o país do seu passaporte. No mundo das TCKs, despedidas e partidas não são apenas algo natural, mas também motivo de empolgação. A cultura das TCKs engole o pesar. A mudança para um lugar novo é considerada uma aventura, não um fim que deveria ser lamentado; o pesar é desencorajado. Bom, como aprendi, quando a perda é sublimada e as lembranças envelhecem, a nostalgia surge.

Assim como Adia nasceu do tipo especial de solidão que os expatriados sentem, *O sol mais brilhante* nasceu de uma dor nostálgica com a qual lutei nos 31 anos desde que parti. A própria palavra *nostalgia* é um híbrido das palavras gregas *nostos* (volta para casa) e *algos* (dor). Como escritora, minha escolha terapêutica para a dor mental é capturar coisas que me ferem e colocá-las no papel. Descobri que isso ajuda a clarear os espaços mais sombrios dentro de mim e esvaziar as pequenas palpitações que se juntam na minha mente, como bolas de poeira debaixo do sofá. Assim, quando escutei a voz de Leona na minha cabeça, soube que ela era apenas o buraco da agulha e que a linha que ela puxaria ao longo da história também me livraria da nostalgia que abrigava por tanto tempo, como um membro fantasma. Dessa forma, coloquei-a na mesma paisagem deslumbrante que me era impossível esquecer, e lhe dei um bebê, Adia, uma pequena TCK, para observar o seu crescimento em meio a duas culturas.

Conheci crianças como Adia, claramente estrangeiras, mas autorizadas a se enraizar durante toda a infância em um único cenário. Mesmo sabendo que teriam que partir, e que ainda precisariam enfrentar a luta de encontrar um lugar, demonstravam um sentimento mais profundo de pertencimento do que aquelas que se mudavam com mais frequência. A história de Adia não é a minha; portanto, depois que a invoquei, visualizei um lugar para algo mais parecido com a minha própria história. Foi então que surgiu Grace

— sua experiência como TCK é mais alinhada com o que vivi. Mas você não tem uma TCK sem que um pai ou uma mãe decida se desenraizar. Grace deu origem à sua mãe, Jane, que deixou de lado as próprias necessidades e desistiu de uma carreira para acompanhar o marido, um diplomata, nos seus vários postos internacionais. Além disso, não se podem ter expatriados sem uma nação estrangeira onde vivam, povoada com indivíduos que tenham, cada qual, uma história complexa e profunda, e uma cultura própria. Esta é Simi, a que tem consistência e nunca escolhe ser estrangeira, mas torna-se estrangeira apenas pela incapacidade em ser o que a comunidade exige.

As batalhas enfrentadas pelas três mulheres e pelas duas meninas em *O sol mais brilhante* é, de fato, a batalha pela definição, e é uma batalha universal: definição pessoal como mãe ou filha, definição pessoal em relação ao lugar em que se vive, e definição do lugar da pessoa no mundo, literal e figurativamente. É essa luta, enfim, que eu assumi, e foi ela que inspirou o livro.

Não sou Karen Blixen. Sei que a África não tem uma canção sobre mim. Sei que a nostalgia profunda que sinto em relação a aspectos da minha infância não se reflete dos lugares onde vivi, das sombras debaixo dos baobás ou dos amanheceres delicados, em que as gramíneas cintilam com o orvalho. Qualquer vestígio meu no Quênia, na Libéria, em Zâmbia ou na Costa do Marfim já se foi há muito. Mas fundir essas lembranças com nostalgia e imaginação neste romance foi parte da minha jornada pessoal. Eu sabia que precisava reivindicar aquele espaço intermediário, a lasquinha no diagrama de Venn, onde os “americanos” e os “outros” se encontram. Esse é o meu lugar. Sabia que queria trazer a vida daquelas crianças expatriadas “intermediárias” para as páginas, organizá-la e apresentá-la a pessoas que não as conhecem. Afinal de contas, essas crianças e os adultos que se tornaram são a minha gente.

E embora a África jamais vá cantar sobre mim, sinto-me tranquila em relação a isso; seja como for, minha canção não é puramente africana nem americana. É o hino do peregrino, de todas as crianças sem lugar fixo, cujo lar fica em toda parte e em lugar algum. É a canção das crianças que sonham com aromas

estrangeiros e línguas estrangeiras e que, quando o avião que as leva embora se inclina e vira, desenhavam na janela as formas escuras de colinas que talvez nunca voltem a ver.

AGRADECIMENTOS

As pessoas dizem que escrever é um ato solitário. Mas escrever um livro para ser publicado e fazer desse livro algo tangível e real com uma boa história, personagens críveis, ortografia correta e todas as vírgulas no lugar certo, leva um bom tempo. Tenho sorte de ter sido, de certo modo, adotada em uma aldeia literária cheia de profissionais criativos, inteligentes, dedicados e gentis; pessoas sem as quais este livro não existiria.

Desde os meus 7 anos tive vontade de escrever um romance, mas tentei apenas no verão em que fiz 40 anos. Naquele verão, abri por acaso um envelope endereçado ao proprietário anterior da minha casa, ato involuntário que mudou a minha vida. O folheto tinha o logo da George Washington University e divulgava o workshop, patrocinado pela universidade, da Jenny McKean Moore Community, um seminário de redação, conduzido por escritores verdadeiros e atuantes. Inscrevi-me, fui aceita e fiquei tão nervosa na primeira noite que quase vomitei.

O sol mais brilhante nasceu naquele primeiro workshop e foi aprimorado em um segundo seminário que frequentei três anos depois. Nasceu graças ao incentivo dado por meus dois instrutores, os primeiros escritores de verdade que conheci, e à fé que eles tiveram na minha capacidade. Seu apoio me sustentou, me surpreendeu e me inspirou.

Também conheci e mantive contato com outra participante, Terri G. Scullen. No decorrer dos quatro anos seguintes, Terri leu rascunhos e mais rascunhos deste livro, e não apenas teve a generosidade de permanecer minha amiga, como também me deu ideias valiosas, ajudou-me a enfrentar a história e me incentivou a seguir em frente. Terri, ela mesma uma escritora incrível, foi a apoiadora mais constante e mais entusiasmada deste livro.

Os escritores precisam de leitores para os primeiros rascunhos, leitores de olhar crítico que possam ver o que têm de bom e ajudar a indicar o ruim. Tive sorte. Encontrei um grupo de mulheres inteligentes que deram nome aos bois, foram generosas com o seu tempo, compartilharam feedbacks excelentes e sempre tinham bons aperitivos: Lisa Burke, Justine Hedgepeth, Laura Kaiser e Heather Prichard, devo a vocês inúmeras margaritas. A Sharon Samber, devo uísque (e provavelmente dinheiro). Carol Hawk, amiga desde o terceiro ano e leitora de olhar aquilino, por sua paciência e insights, também lhe sou devedora.

Por fim, os profissionais que me puxaram para o clube ao qual ansiei tanto por me juntar. Matt DiGangi, da Brenick Weil Literary Agency, apostou em mim, fez com que eu me sentisse uma profissional, me ajudou a manter a fé durante o processo de avaliação, me fez rir e, por fim, vendeu o livro para a incrível (e possivelmente mágica) editora Liz Stein, da Park Row Books. Liz percebeu o potencial do livro e gentilmente encaminhou minha escrita para lá. Sou bastante grata a ela pelas horas incontáveis de trabalho que dedicou a este projeto. Também sou grata ao restante da equipe da Park Row por realizarem com tanto profissionalismo e harmonia o outro lado árduo do trabalho, necessário para dar vida ao livro: da revisão à impressão, do marketing e publicidade ao desenho de uma capa tão bonita que me deixou sem fôlego.

Para mim, este é um sonho que se torna realidade. Um sonho que precisou de adesão e fé de inúmeras outras pessoas, e é isso o que mais me surpreende, a disposição de tantas outras pessoas em ajudar para que o livro acontecesse. Meu agradecimento a todos vocês é bem maior do que poderão avaliar. Obrigada. Obrigada. Obrigada.

Table of Contents

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Sumário](#)

[Parte I](#)

[De uma tribo diferente](#)

[Uma mulher igual a uma região selvagem](#)

[Água em um lugar seco](#)

[Narok](#)

[Juju](#)

[Deus é a chuva, Deus é o céu](#)

[Os filhos se tornam eles mesmos](#)

[Solai Valley](#)

[As crianças são a lua clara](#)

[O baobá em solai](#)

[Parte II](#)

[Hamsá](#)

[Correnteza](#)

[Nakuru](#)

[A floresta da criança perdida](#)

[Jacarandá](#)

[Búfalo](#)

[Menina no formato da África](#)

[Parte III](#)

[A esposa de Moffat](#)

[Uma zebra leva suas listras para onde quer que vá](#)

[Cativeiro](#)

[Um pai descoberto](#)

[Por trás do livro: como a nostalgia deu vida a o sol mais
brilhante](#)

[Agradecimentos](#)